Thulio Pereira Dias Gomes

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes: uma biblioteca na universidade pública brasileira

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Thulio Pereira Dias Gomes

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes:
uma biblioteca na universidade pública brasileira

Versão corrigida

São Paulo
2020

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Thulio Pereira Dias Gomes

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes:
uma biblioteca na universidade pública brasileira

Versão corrigida
(versão original disponível na Biblioteca da ECA)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências.

Área de concentração: Cultura e informação
Linha de Pesquisa: Apropriação social da informação

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

GOMES, Thulio Pereira Dias. **A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes**: uma biblioteca na universidade pública brasileira. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Capa externa:
Coletivo Paula Helena, por Thulio Gomes, 2019.

Dados de catalogação na publicação (CIP)

G633b

Gomes, Thulio Pereira Dias

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes : uma biblioteca na universidade pública brasileira / Thulio Pereira Dias Gomes - 2020.

317 p.: il. col.

Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

Orientador: Marco Antônio de Almeida.

Bibliografia: p. 288-313.

Versão corrigida.

1. Bibliometria 2. Biblioteca universitária 3. Campos dos Goytacazes (RJ) 4. Mediação cultural 5. Universidade pública (Brasil) I. Almeida, Marco Antônio de, orient. II. Universidade de São Paulo III. Uma biblioteca na universidade pública brasileira. IV. Título.

CDD 027.70853

Elaborada por Thulio Pereira Dias Gomes (CRB-07 6762)

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Thulio Pereira Dias Gomes

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes:
uma biblioteca na universidade pública brasileira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovada em 05 de junho de 2020.

Comissão Julgadora:

Marco Antônio de Almeida (orientador)

Doutor em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

Antônio José Barbosa de Oliveira

Doutor em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Elaine Rosangela de Oliveira Lucas

Doutora em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo
Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina

Elis de Araújo Miranda

Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense

Giulia Crippa

Doutora em História Social, Universidade de São Paulo
Dipartimento di Beni Culturali, Alma Mater Studiorum - Università di Bologna

Marielle de Barros Moraes

Doutora em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo
Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense

Aos filhos e aos netos do REUNI

Agradecimentos

Esta tese, além de representar um trabalho acadêmico, materializa o encerramento de um ciclo da carreira escolar. A seção dos agradecimentos me convida a refazer o percurso do doutorado e reencontrar na memória quem fez parte dessa trajetória. Porém, não é simples identificar o início desse trajeto nem elencar todos que contribuíram. Dá vontade de agradecer a todos, mas não cabe. Então, segue um reconhecimento especial às instituições e às pessoas que contribuíram diretamente nesse percurso.

À **CAPES** pela bolsa de estudos durante os primeiros anos do doutorado. Espero responder à demanda social que justificou o investimento na pesquisa (código de financiamento 001).

Agradeço à **Universidade de São Paulo** pelos outros horizontes apresentados. A **Marco de Almeida** pelas parcerias na orientação da tese e na organização do seminário de pesquisa em ciência da informação do PPGCI. Também pelas aulas de mediação, tecnologia e estratégias. Especialmente, pelo encaminhamento final deste trabalho. A **Marilda de Lara** por sempre alertar a não jogar fora as nossas escadas e pelo crédito aos meus rascunhos. Também, pelas aulas de documento, instituição e linguagem. A **Nair Kobashi** pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. A **Asa Fujino, Cibele Santos, Giulia Crippa, Lúcia Oliveira, Fernando Modesto, Marcelo dos Santos, Marivalde Francelin, Rogério Mugnaini e Vânia Lima** e aos demais professores do PPGCI por todas as trocas em aulas, seminários, reuniões e conversas de corredor. Estendo o agradecimento a **Izabela Oliveira** e a **Bruno Ribeiro** pela dedicação na secretaria acadêmica. Às **equipes das bibliotecas** da ECA, FAU, FE, FEA e FFLCH por serem referências em bibliotecas universitárias para os meus estudos. Aos **colegas da USP** por todas as trocas: Aline Franca, Ana Biscalchin, André de Araújo, Andrea Britto, Bernardo Galegale, Bianca Santana, Camila Silva, Carina Shimizu, Carolina Ito, Eduardo Sena, Emanuel Guedes, Fernanda Ferreira, Fernanda Zanelli, Guilherme dos Santos, Israel Batista, Lilian Viana, Luciana Mendes, Marcos Passos, Silvana Arduini e Thaís Silva. E, também, a Alexandre Martins, André Cardoso, Gabe Veríssimo, Juliana Delmonte, Laura Haddad, Mardem Junior, Myriam Rouquet e Vítor Barroso, que não foram estudantes do meu curso, mas são parte das melhores vivências na USP.

Agradeço à **Universidade Federal Fluminense** pelas oportunidades de trabalho e pelo acolhimento desta pesquisa. A **Superintendência de Documentação** nas pessoas de **Deborah Ambinder** e de **Sandra Coelho** pelo apoio a esta pesquisa. Aos meus colegas na **Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes** pelo apoio e pela participação na construção cotidiana deste trabalho: **Crediston Ferreira, Giovanna Paes, Grasiella Monteiro, Juliana Motta, Oraildes Reis** e

Rafael Soares. Agradeço à toda comunidade universitária do **Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional** pelo apoio e pela participação no desenvolvimento deste trabalho. A **Elis Miranda** pela parceria, cooperação e contribuições com este projeto de pesquisa e com o trabalho na biblioteca. Também, pelas aulas de geografia, planejamento e carpintaria. *Deu na telha* essa tese. Aos **estudantes das turmas de Geohistória** pelo compartilhamento de conhecimentos e de vivências. Às colegas **Cassiana Simões, Micheli Borowsky e Thaís Koch** pela interlocução no trabalho e na pesquisa sobre a UFF Campos.

Aos meus orientadores de outrora e de sempre: a **Rosali Fernandez** pelo incentivo a usar outras caixas para classificar. Também pelas aulas de organização, ciência e sistemas. A **Paulo Sgarbi** pelas aulas de desenho, cotidiano e educação. Também, por me lembrar de ler e ver as palavras. A **Vânia Guedes** pelas orientações na navegação pelas comunidades discursivas da universidade. Também pelas aulas de interdisciplinaridade, metodologia e indexação automática. A **Maria José dos Santos**, a Mazé, pela inspiração na cultura bibliotecária e universitária.

A **Antonio de Oliveira** pelas preciosas participações no exame de qualificação e na defesa de doutorado. Também, por todas as aulas sobre documento, memória e universidade. Ainda particularmente pelas indicações de leitura de Alain Coulon e de Ítalo Calvino. Estendo esta gratidão a **Elis Miranda, Giulia Crippa, Lani Lucas e Marielle de Moraes** que também compuseram a banca de defesa e levantaram um instigante debate sobre este estudo além de contribuições para a versão corrigida e outros horizontes para as próximas pesquisas.

A cinco professores-amigos que fizeram parte no início, no fim e no meio deste percurso. A **Anderson Batista** pela acolhida mineira na selva concreta paulistana. Também, por todas as aulas de bibliotecas, cultura e educação. Ainda, por todos doces, queijos e tindoias. A **Arthur Monteiro** pelos colóquios nos mercados e esquinas da planície. Também, pelas aulas de dança, linguagem e literatura. Ainda, pelas traduções do inglês, do francês e do goytacá. A **Felipe Maciel**, colega de colégio e de universidade, amigo na biblioteca e na pista, pelas conversas sobre as biblioteconomias. Ainda pelas aulas de culinária, fotografia e jardinagem. Ainda pelos cafés da manhã mais bonitos que os das novelas. A **Paulo Sobrenome** pelo onipresente abraço. Também pelas aulas de remixes, teatro e desenho. Ainda pelas observações sobre as texturas sonoras. A **Tiago Maciel** pelo porto em Niterói. Também, por todas as aulas sobre planejamento, cidade e universidade. Ainda, pelas dicas sobre escala.

A **Ayrton Badriyyah** pela minuciosa revisão textual. Também, pelas aulas de literatura que me incentivam a olhar e a tecer bibliotecas, cidades e palavras. Ainda por me apresentar Zila Mamede.

A **Gilda Queiroz** pela cuidadosa e crítica revisão do manuscrito da tese. Também, por todas aulas de associações, profissão e mídias sociais. Ainda, por lembrar que às vezes é necessário comer azeitonas.

A **Helena** e a **Ana Paula Custódio**, o Coletivo Paula Helena, pelos encantos de fada. Também pela fotografia da capa desta tese. Ainda, por anunciarem outros futuros possíveis.

A **José Queiroz** pelo serviço de referência nos dias da conclusão da redação da tese. Também pelas aulas de filosofia, ópera e obras raras. Ainda por me apresentar Juanjo Sáez.

A **Lara Frigotto** pelos primeiros roteiros deste percurso de doutorado. Também pelas aulas de cinema, música e empreendedorismo. Ainda por me indicar filmes bons aos quais eu ainda não assisti.

A **Natália Nascimento** pelas incontáveis conversas sobre esta pesquisa. Também, pelas aulas de expressão, psicanálise e tecnologia. Ainda pela escuta atenta às emoções.

A **Renan Meira** pela doce companhia em São Paulo e pelas conversas sobre tantos interesses, inclusive, os assuntos da firma. Também pelas aulas de cultura paulista, quadrinhos e xadrez. Ainda por me apresentar Neil Gaiman.

A **Thalita Gama** por todos encontros que tivemos aqui, ali e acolá com as bênçãos das santidades da biblioteconomia. Também pelas aulas de comunicação, cultura carioca e fotografia. Ainda por me apresentar **Talita James**, outra santa da biblioteconomia a quem também agradeço pelas dicas de revisão de literatura.

A **Nelma Gomes**, mamãe, por me apresentar o mundo das letras e das palavras, e a **Arnaldo Gomes**, papai, pela cantoria. A **Thuany Gomes**, maninha, pelo incentivo à minha imaginação.

Às cidades que fizeram parte deste período: a **São Paulo** pelo avesso do avesso do avesso; a **Niterói** por ser um porto acolhedor; ao **Rio de Janeiro** que é um porto que está logo ali e deixa tudo mais encantado; a **Campos dos Goytacazes** pelas lendas que me contou.

Às **deusas**, aos **deuses** e aos **deusos** e, também, às **deusis** e aus **deus** pelos conhecidos e pelos desconhecidos, pelo que está à luz e à sombra.

Agradecimentos (*in memoriam*)

A vovó **Olivia Pereira Dias Gomes**, de quem herdei o sobrenome e a tranquilidade.

Aos tios **Carlos** e **Mário Gomes** que se foram alguns dias depois de sua mãe.

À tia **Nádia Sampaio**, que tornou mais expressivos os dias de conclusão deste trabalho.

A **Mariza Russo**, minha primeira orientadora acadêmica e grande inspiração para a biblioteconomia universitária.

A **Gabriela Previdello**, colega de doutorado, pela acolhida na USP.

Esta tese, mais ou menos, tem a ver com as memórias que deixaram comigo.

“Uma grande biblioteca não precisa ser extensa ou bonita. Não precisa ter as melhores instalações, o pessoal mais eficiente ou o maior número de usuários. Uma grande biblioteca toma providências. Está sempre emaranhada na vida da comunidade de um modo que a torna indispensável. Uma grande biblioteca nunca é notada, porque sempre está lá e sempre tem o que a comunidade precisa.”

(Vicky Myron, em *Dewey: um gato entre livros*, p. 120)

Resumo

O foco da pesquisa é a Universidade Federal Fluminense, localizada em Campos dos Goytacazes, na região Norte Fluminense, que atua através da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCCG) e do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR). O objetivo geral é caracterizar a UFF em Campos dos Goytacazes e seus contextos a partir dos documentos bibliográficos da biblioteca universitária. Os objetivos específicos são: 1) identificar situações em que a biblioteca, a biblioteconomia e seus profissionais contribuíram para a universidade pública alcançar seus objetivos institucionais; e 2) mediar documentos bibliográficos produzidos pela UFF Campos para lhes atribuir novas camadas de sentido para a comunidade universitária. O referencial teórico baseia-se nas noções de biblioteca e documento. Nesse contexto, duas ferramentas da biblioteconomia e da ciência da informação foram utilizadas: a mediação de documentos e a observação da frequência de palavras em textos suficientemente longos. A mediação articulou a biblioteca universitária no ensino de metodologia de documentos, com foco em trabalhos de conclusão de curso (tcc), na divulgação científica e a graduação. A observação de frequência de palavras em textos suficientemente longos produzidos pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) articulou os estudos bibliométricos e da linguagem e a história das ciências com foco nas dissertações de mestrado, na comunicação científica e na pós-graduação. Desse modo, conclui-se que a biblioteca e a universidade, concebidas como interdisciplinares, contribuem para o desafio de articular disciplinas, instituições e regiões tão diferentes uma das outras. A biblioteconomia crítica apresenta-se como uma opção teórica vantajosa para análise da biblioteca no contexto das transformações da universidade no início do século XXI. Os tcc e as dissertações da UFF Campos exemplificam as funções comunicativa e constitutiva do documento, ao apresentarem evidências da atividade da instituição na região em que está localizada. A universidade vive um momento em que deve perseguir a indagação sobre seu papel e relevância para o presente. A biblioteca universitária, a biblioteconomia e o bibliotecário devem inserir-se nesse debate urgente e necessário.

Palavras-chave: Bibliometria. Biblioteca universitária. Campos dos Goytacazes (RJ). Mediação de documentos. Universidade Pública.

Abstract

This study takes place in the *campus* of the Universidade Federal Fluminense (Federal Fluminense University, UFF) located in the city of Campos dos Goytacazes, Brazil, and aims to analyse how the university influences its surroundings by the means of the Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (Campos dos Goytacazes' Academic Library, BUCG) and the Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (Institute of Social Sciences and Regional Development, ESR). The main goal is to characterize the UFF Campos dos Goytacazes and its contexts based on bibliographical documents from its own academic library. Other goals include: 1. identify situations in which the library, its workforce and library science have helped the university to reach its institutional goals; 2. describe how the library mediates in the process of producing bibliographical documents inside the *campus*. This work is based on the notions of library and document. It makes use of two instruments of Library and Information Science's (LIS): mediation of documents and the use of frequency of words in long texts. The first one articulates the academic library function as a learning institution, with its focus on methods for documents created by students, such as final works (tcc) of undergraduate's degrees and its role as an agent of scientific popularization. The second instrument observes the frequency of words in texts produced by the Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (Postgraduate Program in Regional Development, Environment and Public Policies, PPGDAP). It articulates bibliometric studies, linguistics and science history focusing on master thesis, scientific communication and graduate courses. This thesis concludes that the cross-curricular relationship between library and university contributes positively to the challenge of articulating disciplines, institutions and regions that differ from each other. Critical library and information studies emerge as a theoretical option for analysing academic libraries in the early 21st century. Undergraduate and graduate works from the UFF Campos dos Goytacazes posit an evidence of scientific deeds in the region and depict the communicative and constitutive functions of a document. The contemporary university must question itself about its own relevance and its role in this time. Academic libraries, LIS and the professional librarians must take part in this urgent debate.

Keywords: Academic library. Bibliometrics. Campos dos Goytacazes (RJ). Mediation of documents. Public university.

Resumen

Esta investigación tiene como marco de estudio el campus de la Universidade Federal Fluminense ubicado en la ciudad de Campos dos Goytacazes, Brasil, donde dicha institución actúa a través de la Biblioteca Universitaria de Campos dos Goytacazes (BUCCG) y el Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (Instituto de Ciencias de la Sociedad y Desarrollo Regional - ESR). El objetivo general es evaluar la UFF Campos dos Goytacazes y, asimismo, su entorno desde los documentos bibliográficos de su propia biblioteca universitaria. Los objetivos específicos, a su vez, son: (1) identificar situaciones en las que la biblioteca, la biblioteconomía y sus profesionales han contribuido a que la universidad pública cumpla sus objetivos institucionales e (2) mediar documentos bibliográficos producidos por la UFF Campos para dotarles de nuevos matices de significado teniendo en cuenta la comunidad universitaria. El marco teórico de este trabajo se basa en las nociones de biblioteca y documento. En este contexto, se utilizan dos instrumentos de la Biblioteconomía y de la Ciencia de la Información: la mediación de documentos y la observación de la frecuencia de palabras en textos largos. La mediación articuló la función de la biblioteca universitaria en la enseñanza de la metodología de producción de documentos, con enfoque en los trabajos de fin de grado (TFG's), la difusión científica y el grado mismo. La observación de frecuencia de las palabras en textos largos producidos por el Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Meio Ambiente e Políticas Públicas (Programa de Posgrado en Desarrollo Regional, Medio Ambiente y Políticas Públicas – PPGDAP), ha estructurado estudios bibliométricos y lingüísticos y la historia de las ciencias con enfoque en los trabajos de fin de máster (TFM's), en la comunicación científica y el posgrado. Se concluye que la biblioteca y la universidad, concebidas como interdisciplinarias, contribuyen al desafío de coordinar asignaturas, instituciones y regiones bastante diferentes entre sí. La biblioteconomía crítica se presenta como una opción teórica ventajosa para el análisis de la biblioteca en un contexto de transformaciones de la universidad, que data de principios del siglo XXI. Los TFG's y TFM's de la UFF Campos ejemplifican las funciones comunicativas y constitutivas del documento, ya que presentan evidencias de la actividad de la institución en la región en que está localizada. La universidad atraviesa un momento en el que se deben abordar las cuestiones relativas a su papel y su relevancia para la actualidad. De esa forma, la biblioteca universitaria, la biblioteconomía y el bibliotecario deben formar parte de ese debate urgente y necesario.

Palabras clave: Bibliometría. Biblioteca universitaria. Campos dos Goytacazes (Brasil). Mediación de documentos. Universidad pública.

Lista de abreviaturas e siglas

ABL	Academia Brasileira de Letras
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABPESS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
ADUFF	Associação de Docentes da UFF
Art.	Artigo
ASCEF	Associação de Servidores da Caixa Econômica Federal
ASCOM	Assessoria de Comunicação
ASR	Análise de redes sociais
avi	<i>audio video interleave</i>
BAC	Biblioteca de Administração e Ciências Contábeis
BAU	Biblioteca da Escola de Arquitetura e Urbanismo
BAVR	Biblioteca do Aterrado - Volta Redonda
BCG	Biblioteca Central do Gragoatá
BCPE	Biblioteca do <i>Campus</i> de Petrópolis
BEE	Biblioteca da Escola de Engenharia e do Instituto de Computação
BINF	Biblioteca do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior
BFM	Biblioteca da Faculdade de Medicina
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BFK	Biblioteca Francisca Keller
BMAC	Biblioteca de Macaé
BML	Biblioteca Monteiro Lobato
BMN	Biblioteca do Museu Nacional
BNF	Biblioteca de Nova Friburgo
BRO	Biblioteca de Rio das Ostras
BSC	Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos
BSUFF	Boletim de Serviço da UFF
BUGG	Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes
C	constante
CA	Centro acadêmico
CANP	Colégio Agrícola Nilo Peçanha
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAR	Coordenação de Arquivos

CCVM	Casa de Cultura Villa Maria
CBI	Coordenação de Bibliotecas
CCP	Comissão Coordenadora de Programa de Pós-Graduação
CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDI	Centro de Documentação e Informação
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CE	Ceará
CEP	Conselho de Ensino e Pesquisa
CEPERJ	Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
CEPEX	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CFE	Conselho Federal de Educação
CGDI	Coordenação de Gestão e Difusão da Informação
CLAF	Centro Latino-Americano de Física
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
Coseac	Coordenação de Seleção Acadêmica
COVID-19	Doença do coronavírus 2019
CPAD	Comissão Permanente de Avaliação de Documentos
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CUR	Conselho de Curadores
CURO	Centro Universitário de Rio das Ostras
CUV	Conselho Universitário (UFF)
D	Dom
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DF	Distrito Federal
Dr	Doutor
Dra	Doutora
DSSC	Departamento de Serviço Social de Campos
DVD-ROM	Digital Versatile Disc-Read Only Memory
EaD	educação a distância
ECA	Escola de Comunicações e Artes

ed	edição
EdUFF	Editora da UFF
EEES	Espaço Europeu de Ensino Superior
EJA	Educação de jovens e adultos
Encceja	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ES	Espírito Santo
ESR	Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional
etc	<i>et cetera</i>
EUA	Estados Unidos da América
exe	<i>executable file</i>
f	frequência
FABERJ	Faculdade Batista Fluminense
FACC	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FCC	Fórum de Ciência e Cultura
FCJOL	Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima
FE	Faculdade de Educação
FEA	Faculdade de Economia e Administração
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FG	Função gratificada
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior
flv	<i>flash video</i>
FMC	Faculdade de Medicina de Campos
FONAPRAC E	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
Fuvest	Fundação Universitária para o Vestibular
GAR	Gabinete da Reitoria
gif	<i>graphics interchange format</i>
GRC	Departamento de Geografia de Campos
HCTE	Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia

HMSDS	Hospital Maternidade São Domingos Sávio
HPC	Hospital Plantadores de Cana
html	<i>hypertext markup language</i>
HUAP	Hospital Universitário Antonio Pedro
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de educação superior
IFES	Instituição federal de educação superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IFF	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
IFs	Institutos Federais de Educação
ISBN	International Standard Book Number
ISECENSA	Instituto Superior de Educação do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora
ISO	International Standard Organization
LBA	Legião Brasileira de Assistência
km	quilômetro
m²	metro quadrado
MARC	Machine Readable Cataloging
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
MHCG	Museu Histórico de Campos dos Goytacazes
MHNJB	Museu de História Natural e Jardim Botânico (UFMG)
MN	Museu Nacional (Rio de Janeiro)
MP	Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
mp3	MPEG-1/2 Audio Layer 3
MT	Mato Grosso
N.	Número
NBR	Norma brasileira
NCE	Núcleo de Computação Eletrônica
NDC	Núcleo de Documentação
ONG	Organização não-governamental
OPAC	Online Public Access Catalog

p	página
p. e.	por exemplo
PA	Pará
PC do B	Partido Comunista do Brasil
pdf	<i>portable document format</i>
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PLIN	Coordenação de Gestão Institucional
PMCG	Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PP	Progressistas
PPG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGDAP	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas
pps	<i>PowerPoint 97-2003 show</i>
PR	Paraná
PROAS	Projeto de Orientação para Alunos e Servidores
PROS	Partido Republicano da Ordem Social
Prof	Professor
Profa	Professora
PROPLAN	Pró-Reitoria de Planejamento
Prouni	Programa Universidade para Todos
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUCG	Polo Universitário de Campos dos Goytacazes
PMCG	Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes
r	<i>rank</i>
R\$	real

REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RFFSA	Rede Ferroviária Federal S. A.
RIUFF	Repositório Institucional da UFF
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SA	Secretaria Administrativa
SC	Santa Catarina
SDC	Superintendência de Documentação
SEGES	Secretaria de Gestão
SEI	Sistema Eletrônico de Informações
SEMEAR	Seção de Memória e Arquivo (MN)
SINTUFF	Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFF
SFC	Departamento de Fundamentos de Ciências da Sociedade
SiBI	Sistema de Bibliotecas e Informação
SIORG	Sistema de Organização e Inovação Institucional do Governo Federal
SIPAD	Seção de Informação e Publicações Administrativas
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
swf	<i>Shockwave Flash</i>
TAE	Técnico administrativo em educação
ToT	Transferência de tecnologia
txt	arquivo de texto
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
Uerj	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAPE	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
UFASA	Unidade federal administrativa e acadêmica de salas de aula
UFCat	Universidade Federal de Catalão
UFDPAr	Universidade Federal do Delta do Parnaíba
UFE	União Fluminense de Estudantes
UFERJ	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira do Sul

UFJ	Universidade Federal do Jataí
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFR	Universidade Federal de Rondonópolis
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional de Estudantes
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIFLU	Centro Universitário Fluminense
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UORG	Unidade organizacional
USP	Universidade de São Paulo
WFC	Hermetic Word Frequency Counter
wmv	<i>Windows media video</i>
xls	<i>Excel Binary File Format</i>

Lista de fórmulas

Fórmula 1	Primeira lei de Zipf	229
Fórmula 2	Segunda lei de Zipf revisada por Booth	229
Fórmula 3	Ponto de transição de Goffman	231

Lista de gráficos

Gráfico 1	Vagas ofertadas na graduação presencial nas universidades federais de 2003 a 2017	69
Gráfico 2	Quantidade de cursos de graduação na UFF (2000-2018)	118
Gráfico 3	Oferta de vagas em cursos de graduação na UFF (1997-2017)	118
Gráfico 4	Número de matriculados em cursos de graduação na UFF (2008-2017)	119
Gráfico 5	Qualificação do corpo docente da UFF (2007-2017)	119
Gráfico 6	Distribuição de estudantes de graduação por <i>campus</i> na UFF (2018)	120
Gráfico 7	Estudantes de pós-graduação da UFF (2013-2018)	120
Gráfico 8	Relação das bibliotecas com a SDC e as unidades acadêmicas na UFF	131
Gráfico 9	Matrículas no ESR/UFF por modalidade de acesso	134
Gráfico 10	Total de cancelamentos e trancamentos matrícula por semestre/ano e município de origem no ESR/UFF	136
Gráfico 11	Totais de palavras nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)	252
Gráfico 12	Totais de palavras na região de transição nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)	252

Lista de ilustrações

Figura 1	Salão de leitura da BUCG/UFF	47
Figura 2	Museu Nacional, por Nico (2018)	55
Figura 3	Sala de exposição permanente no Museu Nacional da UFRJ	60
Figura 4	Rafael Saraiva e Hísis Rangel, estudantes da UFF Campos	62
Figura 5	Marcos Soares, estudante da UFF Campos	67
Figura 6	Coleção de teses e dissertações na BUCG/UFF	75
Figura 7	Estante da BUCG/UFF	85
Figura 8	"Campos depois do centenário", de Waldir Carvalho	90
Figura 9	"Os momentos decisivos da história de Campos dos Goytacazes", de Osório Peixoto Silva (1984)	97
Figura 10	Regiões do Governo e Municípios do Estado do Rio de Janeiro	99
Figura 11	Espacialização dos equipamentos públicos de cultura de Campos dos Goytacazes (2010), I	102
Figura 12	Espacialização dos equipamentos públicos de cultura de Campos dos Goytacazes (2010), II	102
Figura 13	Espectáculo "Hediondez", da companhia Moinho Cênico no Teatro de Bolso Procópio Ferreira	103
Figura 14	Registros da 2ª Meia-Noite no Museu Histórico de Campos dos Goytacazes	105
Figura 15	Mariana no festival Soma+Villa	106
Figura 16	Centro de Convenções Oscar Niemeyer (UENF)	107
Figura 17	Sinalização no <i>campus</i> da UFF Campos	111
Figura 18	Unidades da UFF no estado do Rio de Janeiro	116
Figura 19	Homenagem aos docentes durante Celebração dos 10 anos de REUNI na UFF Campos	122
Figura 20	Cartazes na UFF Campos	123
Figura 21	Organograma da SDC em 2018	129
Figura 22	Organograma da SDC em 2020	130
Figura 23	Módulos habitacionais da Bloco H da UFF Campos	138
Figura 24	Área externa do Galpão da sede da UFF Campos na Beira Rio	140
Figura 25	Manchete no Jornal Terceira Via sobre a UFF Campos (03/05/2019)	143
Figura 26	Reunião de colegiado do ESR em 02/05/2019	143
Figura 27	Abertura da celebração dos 10 anos de REUNI na UFF Campos	145
Figura 28	Deputado Federal Wladimir Garotinho	145

Figura 29	Slam das Pocs na Feira das Delicadezas	146
Figura 30	Armários da BUCG	150
Figura 31	Planta baixa da BUCG/UFF (1986)	154
Figura 32	Planta baixa do primeiros pavimentos do bloco b do <i>campus</i> da XV de Novembro	156
Figura 33	Homenagem a Oraildes Reis, funcionário da biblioteca, durante a celebração dos 10 anos do REUNI na UFF Campos	161
Figura 34	Confecção do mural do salão de leitura da BUCG/UFF	162
Figura 35	Balcão de atendimento da BUCG	166
Figura 36	Trabalhos de conclusão de curso	177
Figura 37	Professora Elis Miranda e bibliotecária Juliana Motta	192
Figura 38	Documentos para reparo	198
Figura 39	Pipoqueira na Praça São Salvador (Campos dos Goytacazes, RJ)	206
Figura 40	I Ciência na Rua, em 14 de maio de 2019, na Praça São Salvador (Campos dos Goytacazes, RJ)	216
Figura 41	“Políticas públicas de educação e as sensorialidades do lugar”, de Elis de Araújo Miranda (org.)	225
Figura 42	Bicicletário da UFF Campos	242
Figura 43	Chaves de armário da BUCG	261
Figura 44	Trabalhadora terceirizada na UFF Campos	271
Figura 45	Revista Serviço Social & Sociedade	277
Figura 46	Intervenção no Bloco C da UFF Campos em homenagem a Marielle Franco	282

Lista de quadros

Quadro 1	Instituições de educação superior integradas à UFF (1960)	110
Quadro 2	Unidades da UFF por município (2020)	114
Quadro 3	Cursos de graduação e suas modalidades de formação no ESR (2020)	135
Quadro 4	Cursos de pós-graduação e suas modalidades de formação no ESR	135
Quadro 5	Espaço físico da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes	155
Quadro 6	Quadro de pessoal da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes	160
Quadro 7	Lista de tcc defendidos por estudantes que atualmente integram o quadro docente do instituto (2018-2019)	181
Quadro 8	Ficha da disciplina Geohistória (UFF Campos)	185
Quadro 9	Distribuição de tcc entre as turmas e os grupos na atividade de Geohistória	188
Quadro 10	Dados coletados na análise dos tcc da UFF Campos	194
Quadro 11	Variações na descrição do nome de orientadores e avaliadores em trabalhos de conclusão de curso	215
Quadro 12	Dissertações defendidas no PPGDAP/UFF em 2018	245
Quadro 13	Análise bibliométrica na dissertação de Duque-Pereira (2018)	248
Quadro 14	Palavras na região de transição da dissertação de Duque-Pereira (2018)	249
Quadro 15	Palavras relevantes na região de transição das dissertações defendidas no PPGDAP/UFF em 2018	255
Quadro 16	Distribuição em categorias de palavras relevantes na região de transição nas dissertações do PPGDAP/UFF (2018)	259
Quadro 17	A observação da frequência de palavras relevantes em teses de doutorado brasileiras	267

Lista de tabelas

Tabela 1	Número e taxa de crescimento das instituições federais de ensino superior e de <i>campi</i> , por regiões geográficas, 2002 e 2017 - Brasil	70
Tabela 2	Expansão de indicadores acadêmicos na educação superior - universidades federais por região - 2002-2017	70
Tabela 3	Total de palavras nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)	251

Sumário

	Apresentação, 29
1	Introdução, 35
2	Bibliotecas em chamas, 53
2.1	<i>Contexto sócio-histórico da universidade pública brasileira, 54</i>
2.2	<i>Bibliotecas e documentos, 72</i>
2.3	<i>A terra goitacá, 94</i>
3	A universidade, a cidade e a biblioteca, 108
3.1	<i>A Universidade Federal Fluminense, 109</i>
3.2	<i>A Superintendência de Documentação, 126</i>
3.3	<i>A UFF em Campos dos Goytacazes, 132</i>
3.4	<i>Na última porta do corredor há uma biblioteca, 147</i>
4	Mediação de trabalhos de conclusão de curso, 164
4.1	<i>Metodologia e mediação de documentos, 165</i>
4.2	<i>A coleção de trabalhos de conclusão de curso da UFF Campos, 174</i>
4.3	<i>Ensino, pesquisa e extensão com trabalhos de conclusão de curso, 184</i>
4.4	<i>Discussão de resultados, 205</i>
4.5	<i>Considerações, 217</i>
5	Estudo de dissertações de mestrado, 221
5.1	<i>A frequência de palavras relevantes em textos longos, 226</i>
5.2	<i>As dissertações de mestrado do PPGDAP, 241</i>
5.3	<i>Procedimentos metodológicos, 244</i>
5.4	<i>Discussão de resultados, 250</i>
5.5	<i>Considerações, 263</i>
6	Conclusão, 273
	Referências, 288
	Anexo - Dados históricos da Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos

Apresentação

“Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?”

(Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 17)

Apresentação

Esta tese é uma representação, documentária, de um tumultuado percurso de doutorado. Costumo dizer que, ao realizar a inscrição na seleção do curso, eu estava em um país bastante diferente daquele Brasil de quando eu ingressei no doutorado. Outras mudanças desde então não deixaram de acontecer, não só no Brasil, mas também no mundo. Diversos acontecimentos implicaram em mudanças e em rupturas ambientais, culturais, emocionais, econômicas, éticas, institucionais, morais, políticas e sanitárias vividas pela sociedade brasileira entre 2016 e 2020. A minha intenção não é abordar esse contexto, contudo o texto não deixa de ser produto e reflexo do período que, talvez, tenha iniciado quando escrevi o projeto para seleção e, quiçá, termine após a defesa da tese. Inevitavelmente, o texto a seguir reflete a instabilidade característica deste contexto de produção textual, uma vez que é parte de um movimento histórico em andamento.

A universidade brasileira, em específico, viveu e ainda vive um momento conturbado de sua história. Ou talvez seja razoável dizer que a universidade nunca tenha vivido um momento de estabilidade no Brasil, porque mesmo os momentos mais prósperos foram marcados por grandes desafios. Atualmente, vivemos os efeitos das políticas públicas de educação superior das últimas décadas que propõem ao presente o desafio de estruturação após expansão. A universidade ampliou a oferta de vagas e de cursos e a presença no território brasileiro. Após esse momento de expansão, a universidade sofre o enxugamento de verbas públicas e é questionada pela sociedade quanto à sua finalidade e ao seu papel.

Seja qual for o lugar institucional, fazer parte da universidade não foi simples em um momento em que os cuidados de si, do outro e da vida coletiva foram tarefas tão complicadas e necessárias. Os desafios, as tensões e os efeitos do cenário geral, sobretudo, os relacionados às políticas científicas e de educação, puderam ser sentidos nas minúcias cotidianas das universidades brasileiras. Vale também dizer que as universidades públicas são órgãos diretamente afetados pelas diversas mudanças de políticas de Estado e de governo durante o período de realização desta pesquisa, entre 2016 e 2020.

Nesse cenário, vivi as tensões típicas de um curso de doutorado de maneira a ampliar ainda mais as angústias, as frustrações e as realizações. Os desgastes emocional, financeiro e físico fizeram parte de todo processo. Foram incontáveis, longas e cansativas viagens entre Campos dos Goytacazes, Niterói, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, foram intensas atividades e vivências em, ao menos, duas universidades com duas culturas bastantes diferentes, a UFF e a USP, além das questões das outras esferas da vida que, indiretamente e, também, diretamente, fazem parte de todo o processo.

A mudança para São Paulo foi o primeiro desafio. Na época, eu deixei toda uma rede profissional e de afetos no Rio de Janeiro para construir um novo ciclo em um outro lugar, desta vez na cidade do avesso do avesso. Os estranhamentos não foram poucos e, muitas vezes, traduziram-se em dificuldades de inserção nos círculos da nova cidade.

A experiência como estudante da Universidade de São Paulo (USP) foi tão grande como a própria universidade. A vivência na cidade universitária, com sua infraestrutura, agenda de eventos, acesso às bibliotecas e aos museus, os restaurantes universitários, o conjunto residencial, a experiência de morar em repúblicas estudantis no Butantã e as trocas com estudantes de outros cursos, faz parte da condição de muitos estudantes da USP e, por isso, não deixa de fazer parte da minha experiência na universidade. A agenda de eventos acadêmicos, científicos e culturais da USP traz a possibilidade de intercâmbio com pesquisadores e estudantes de diversas áreas do conhecimento e de instituições de todo o mundo. Logo nas primeiras semanas, durante uma conversa despretensiosa no restaurante universitário, um estudante de geografia comentou que a USP é uma das maiores radiações da cultura de São Paulo e que ali produzem-se discursos e propagandas a respeito dos valores paulistas. O resultado esperado é a manutenção da hegemonia paulista, completou. A fala do colega pareceu exagerada ao ouvido fluminense de quem acabava de chegar à USP, mas, ao avançar do curso e da pesquisa, passou a fazer sentido pensar a USP como tradutora dos valores paulistas. Da mesma forma, mais tarde, fez sentido pensar as universidades fluminenses como produtoras de discursos sobre o Rio de Janeiro.

Em São Paulo, eu fui eleito pelos meus colegas como suplente de representante discente na Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Informação (CCP). A titular foi a colega Fernanda da Silva Ferreira, com quem mantive uma preciosa parceria na representação discente. Como tal, atuei em Comissões de Seleção de Bolsas e nas reuniões da CCP, mais ou menos equivalentes às reuniões de colegiado em outras universidades. A participação nessas comissões trouxe a oportunidade de conhecer a gestão do programa de pós-graduação, bem como as dimensões políticas da carreira acadêmica que também fazem parte do vivenciar e fazer a universidade. Além disso, a experiência contribuiu para a visão do programa de pesquisa do PPGCI numa perspectiva mais ampla, como deve ser em um curso de doutorado.

Na condição de representante discente, eu tive a oportunidade de participar da comissão organizadora de duas edições do Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação do PPGCI. Além de mim, participaram da comissão organizadora os estudantes Bernardo Galegale, Carolina Ito, Fernanda Ferreira e Silvana Arduini, sob a supervisão dos professores Cibele dos Santos e Marco de Almeida. A programação das edições do seminário abrangeu palestras, oficinas, mesas-redondas e lançamento de livros. Os professores Asa Fujino, Edmir Perrotti, Marco Antonio de Almeida, Marilda Lopes Ginez de Lara e Rogério Mugnaini participaram como palestrantes internos. Na segunda edição, foram convidados Ana Carolina Simionato (UFSCar), Elizabeth Adriana Dudziak (USP), Maria Eduarda dos Santos Puga (UNIFESP) e Sérgio Amadeu da Silveira (UFABC). Além disso, organizamos oficinas temáticas para a apresentação das pesquisas em andamento do programa, mediadas por docentes, por recém doutores egressos do PPGCI ou por pesquisadores convidados. A experiência de compor a comissão organizadora do seminário contribuiu para uma visão panorâmica das pesquisas em desenvolvimento do PPGCI/ECA/USP.

O percurso do doutorado tomou outra direção quando fui nomeado como bibliotecário-documentalista da Superintendência de Documentação (SDC), da Universidade Federal Fluminense (UFF). A nomeação ocorreu próxima do vencimento do concurso em que eu estava na lista de cadastro de reserva. Eu pensava que o concurso já havia expirado e não contava mais com a nomeação. A

oportunidade de trabalho surpreendeu pela localização. Apesar de ter me candidatado a uma vaga em Niterói, a oportunidade aberta foi para atuar na Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes. Sem perspectiva de concursos e bolsas a médio e a longo prazo, eu aceitei a vaga apesar de vislumbrar os desafios que apresentariam-se com a nova mudança. Mais uma vez, eu deixei uma rede de contatos e de afetos para começar outro ciclo em uma cidade onde eu nunca havia pisado antes para atuar em uma universidade ainda desconhecida por mim. A realidade universitária em Campos dos Goytacazes tem sido bastante diferente das vivências anteriores e, desta vez, em uma instituição ainda em construção e em luta por consolidação e por continuidade.

Os desafios da nova mudança trouxeram a necessidade e a possibilidade de rever o projeto de pesquisa antes orientado para um debate teórico sobre a noção de documento sem aplicação efetivamente prática. Na condição de bibliotecário em uma biblioteca de uma universidade pública, eu vi o horizonte desafiador de conciliar as atividades de estudante de doutorado na USP e as de técnico-administrativo da UFF com o objetivo de superar os limites de um trabalho de teoria pela teoria ou da prática pela prática.

Em Campos dos Goytacazes, eu conheci uma densa rede de pesquisa em escala regional. A professora Elis de Araújo Miranda, entusiasta da cultura universitária, foi um importante nó nessa rede ao abrir caminhos para o desenvolvimento desta pesquisa e por ser uma grande parceira da biblioteca. Seu apoio traduz-se, ao menos, em duas frentes. A primeira foi a institucionalização do programa de extensão “Divulgação da memória científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional”, do qual foi a coordenadora. Esse programa que articulou pesquisa, ensino e extensão trouxe resultados que são parcialmente apresentados nesta tese, sob o ponto de vista da biblioteca universitária. A segunda foi pelas oportunidades de participar de atividades no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas (PPGDAP). A minha participação deu-se na forma de oficinas e de palestras para os estudantes sobre currículo Lattes, elaboração de fichas catalográficas e normalização de trabalhos acadêmicos. O contato com os estudantes e os docentes do programa tornou mais vítreia a visão do campo e do *corpus* analisados.

Além disso, eu contei com o apoio das chefias mediata e imediata na SDC. Deborah Ambinder, superintendente de documentação, Sandra Lopes Coelho, coordenadora de bibliotecas, e Juliana Farias Motta, chefe da biblioteca, foram fundamentais nesse processo ao me darem espaço e liberdade para propor ideias e ações na biblioteca, além de demonstrarem interesse no desenvolvimento e nos resultados deste trabalho. Não teria sido possível conciliar as atividades de estudante e as de técnico sem esse apoio.

O texto que segue nas próximas páginas é um reflexo desse tempo de muitas mudanças na vida individual e coletiva. Trata-se de um esforço para representar a realidade universitária que encontrei em Campos dos Goytacazes a partir dos elementos teóricos e metodológicos adquiridos com as minhas experiências acadêmicas anteriores. Espero que o leitor encontre questões que lhe despertem para o valor das bibliotecas e da expansão das universidades públicas brasileiras nas primeiras décadas do século XXI.

Introdução

Amor pelo país

O país está dividido em distritos da memória e regiões da esperança,
seus habitantes misturam-se uns aos outros,
como se voltassem de um casamento
junto com quem retorna de um funeral.

O país não está dividido em áreas de guerra e áreas de paz.
Quem escava um abrigo contra bombas,
retorna e deita-se nele com a sua garota,
se viver para a paz.

O país é belo.
Mesmo inimigos ao redor o enfeitam
com um arma brilhante ao sol
como um colar no pescoço.

O país é um pacote:
ele está bem amarrado e tudo o mais: amarrado fortemente,
os nós às vezes doem.

O país é muito pequeno,
eu posso contê-lo dentro de mim.
A erosão do solo erode também o meu descanso
e o nível do Lago de Genesaré sempre está na minha mente.
Portanto, eu posso senti-lo por inteiro ao fechar os olhos. Mar-vale-monte.

Portanto eu posso lembrar de tudo o que aconteceu nele
de uma só vez, como um homem que lembra
toda a sua vida no instante de sua morte.

(Yehuda Amichai, em *Terra e paz*, p. 54)

1 Introdução

Esta pesquisa faz parte de um movimento histórico em andamento em que as universidades brasileiras vivenciam grandes transformações em função das políticas públicas para a educação nas primeiras décadas do século XXI. Tais transformações anunciam o desejo de mudanças sociais e introduzem outros horizontes ao futuro da nação brasileira. Por outro lado, existe um contexto político e econômico que não oferece estrutura para esses anseios realizarem-se.

A análise aqui traz o foco sobre as universidades públicas, embora reconheçamos que no período também ocorreram mudanças em instituições do setor privado e de outras organizações acadêmicas. As mudanças que destacamos estão relacionadas, sobretudo, ao projeto de expansão das universidades federais associado à ampliação do acesso à educação superior e à extensão da presença dessas instituições no território brasileiro. Não é exagero dizer que o Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) renovou o cenário universitário brasileiro, embora as críticas ao projeto divirjam sobre o valor positivo ou negativo dos efeitos da política educacional.

A despeito de seu crescimento nos últimos anos, a universidade pública enfrenta grandes desafios na sociedade brasileira. Roberto Leher (2018, p. 137) indica uma "'condensação' de eventos, sentimentos, práticas que anunciam que as universidades precisam repensar seu lugar na sociedade de modo radical, perseguindo a indagação sobre o sentido da universidade pública no presente". De acordo com o autor,

A universidade como instituição estatal, pública e gratuita, autônoma, voltada para a ciência, dotada de leis próprias e de autogoverno compartilhado, na avaliação dos aparelhos de hegemonia do bloco de poder, simplesmente não é considerada uma opção realista (LEHER, 2018, p. 137).

Leher (2018) alega que a universidade brasileira defronta-se com a falta de apreço por parte dos governos e dos blocos de poder. Evidência disso ocorreu em 2018, quando o bloco de poder no Brasil excluiu a universidade pública, gratuita e autônoma do rol de instituições estratégicas para o porvir do povo. O bloco de poder governamental e econômico tem tomado medidas que incentivam as universidades a tornarem-se organizações calibradas pelo capitalismo dependente

e pelo crescimento do setor mercantil. Contudo, é preciso reconhecer que esse quadro não começou a ser construído na última década. Desde os anos 1990, há uma ofensiva neoliberal que tem ameaçado os valores da universidade pública brasileira como a gratuidade, o governo democrático, o pluralismo político, a autonomia, a liberdade de pensamento e de expressão e a natureza pública dos processos institucionais. Marilena Chauí (2004) sinaliza que as universidades têm sido pensadas em prol das organizações e não das instituições sociais. Esse contexto conduz a universidade a operar segundo uma lógica racional e produtivista que a afasta de sua pertinência com os interesses para o futuro do bem viver dos povos.

Nesse cenário, fatores diversos confluem para uma sensação de inadequação nas universidades. Podemos citar alguns deles a partir de Leher (2018):

- Ocorrem descontinuidades e seletividade de financiamento, que desfavorecem, principalmente, áreas das ciências básicas, das humanidades e das ciências sociais.
- É possível observar uma deterioração estrutural da infraestrutura de ensino, pesquisa e extensão.
- O estabelecimento de métricas de produtividade pelas agências de financiamento e a regulação estatal da pós-graduação intensificam o trabalho docente.
- Os programas governamentais demonstram desvalorização da importância da ciência para os problemas da sociedade.
- Há uma queda e até mesmo ausência de postos de trabalho para segmentos mais qualificados.
- As políticas governamentais e econômicas têm atribuído à universidade o desenvolvimento de atividades de inovação e tecnologia. Nos países centrais, os departamentos de pesquisa e desenvolvimento de empresas são os principais responsáveis pela inovação tecnológica. Assim, grupos de pesquisa das universidades dos países de capitalismo dependente tendem a tornarem-se prestadores de serviço (LEHER, 2018).

Por outro lado, a comunidade universitária não se depara apenas com a falta de apreço dos blocos de poder. Há, dentro da própria universidade, grupos favoráveis à lógica administrativa e racional. Afinal, não há por que supor que ideologias dominantes não circulem nos ambientes universitários também. Ademais, há uma ausência de segmentos da sociedade dispostos e interessados na defesa da causa das universidades. Nesse contexto, a universidade tem sido questionada quanto ao seu papel e à sua finalidade pela sociedade nos últimos anos. Podemos falar que há um descolamento da universidade da sociedade. Não são incomuns as situações em que os discursos universitários referem-se à sociedade como se a universidade não fizesse parte dela. Leher comenta:

Se os setores ditos modernos não reivindicam a agenda acadêmica universitária, é preciso indagar se existem forças sociais dispostas a defender essa causa. A resposta a tal questão é difícil em virtude do fato de que a agenda da universidade pública, embora valorizada por largos setores sociais, não encontra apoio sistemático na ação organizada e massiva dos não possuidores de bens. Assim, muitas vezes, a comunidade universitária parece estar pairando sobre as classes fundamentais da sociedade. Resulta desse sentimento uma busca permanente de justificação iluminista da relevância da universidade para a sociedade, por meio de notas e documentos reivindicativos, argumento que aumenta a sensação de descolamento (LEHER, 2018, p. 138).

Talvez, seja razoável dizer que há um ressentimento dos grupos sociais mais pobres em lutar por uma instituição que até pouco tempo tinha pouca pretensão de lhes estender a possibilidade de frequentar suas salas de aula. Frente aos primeiros contatos com a universidade, estas camadas sociais podem até ver-se frente a um projeto iluminista que lhes oferece a salvação de problemas que para elas ainda não existiam. Assim, a universidade encontra-se em uma situação e momento em que torna-se necessário e urgente repensar a si mesma e sobre a sua relevância e papel na sociedade. Não é sensato, contudo, pensar que esse impasse é uma exclusividade brasileira. As universidades em diferentes lugares do mundo são desafiadas a reposicionarem-se em relação à sociedade e a estabelecerem um outro vínculo com os agentes sociais externos.

Todavia, as recentes políticas educacionais para a expansão da educação superior, por mais que esteja carrilhada nos ideais neoliberais, favoreceu uma alteração irremediável das universidades brasileiras. A realidade anterior da

universidade frequentada por poucos e sem pretensão de expansão não existe mais e não é mais possível retornar a ela. Por outro lado, as pessoas que ingressaram recentemente na universidade encontraram a instituição no contexto de desamparo pelos blocos de poder. Deparam-se com a universidade sem a possibilidade de oferecer condições adequadas para a realização de um percurso formativo comprometido com a qualidade de ensino. O contexto é muito propício para uma insatisfação não só dos estudantes, mas também dos docentes e dos técnicos que compõem os quadros da universidade.

É com referência a essa conjuntura nacional que propomos uma análise da universidade em uma escala regional relativamente mais estreita. O REUNI contribuiu para que universidades e *campi* universitários fossem instalados em regiões onde não havia nenhuma instituição universitária. Neste contexto, analisamos a região Norte Fluminense, especificamente Campos dos Goytacazes. O foco de análise é a Universidade Federal Fluminense (UFF) que atua na cidade através da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG) e do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR).

Esta pesquisa se justifica na carência de narrativas sobre esse processo de expansão e transformação da universidade pública brasileira sob o ponto de vista da biblioteca universitária. Então, interessa-nos investigar as transformações porque passaram a biblioteca universitária nesse contexto de expansão causada pelo REUNI. Por um lado, propomos uma reflexão sobre a universidade a partir da biblioteca e, por outro lado, buscamos inserir a biblioteca no debate urgente e necessário da universidade sobre seu papel e função na sociedade.

As questões de pesquisa que orientam a análise e os argumentos deste trabalho estão estruturadas em cinco perguntas: Como é a realidade universitária em Campos dos Goytacazes, especificamente da UFF? Quais são os espaços e lugares de ação do bibliotecário e de aplicação da biblioteconomia na universidade? Como a biblioteca, a biblioteconomia e seus profissionais podem contribuir para que a universidade alcance seus objetivos institucionais? O que as bibliotecas têm reunido em seus acervos durante essa expansão universitária, sobretudo, a respeito das instituições em que estão instaladas? E que trabalho as bibliotecas têm feito com esses acervos?

A partir dessas questões, propomos como objetivos da pesquisa:

- Objetivo geral:
 - Caracterizar a UFF em Campos dos Goytacazes e seus contextos a partir dos documentos bibliográficos da biblioteca universitária.
- Objetivos específicos:
 - Identificar situações em que a biblioteca, a biblioteconomia e seus profissionais contribuíram para a universidade pública alcançar seus objetivos institucionais.
 - Mediar documentos bibliográficos produzidos pela UFF Campos para lhes atribuir novas camadas de sentido para a comunidade universitária.

Foi necessário enfrentar, ao menos, quatro desafios que trouxeram a necessidade de estratégias para o alcance dos objetivos da pesquisa. O primeiro desafio refere-se à necessidade de atribuir relevância a saberes locais e não hegemônicos. O segundo desafio é a articulação de teorias e métodos de pesquisa em contextos interdisciplinares da universidade. O terceiro é a informalidade e a oralidade que caracterizam o regime documental da UFF. O último, mas não menos desafiante, diz respeito ao envolvimento do pesquisador com o seu campo.

O primeiro desafio traduz-se na necessidade de atribuir relevância a saberes locais e não hegemônicos. A chamada sociedade da informação e do conhecimento não é homogênea. Néstor García Canclini (2005) alerta que os aspectos cognitivos e socioculturais estão distribuídos e são apropriados de diversas maneiras, de modo a gerar diferenças, desigualdades e desconexões. Por isso, é arriscado generalizar o conceito de sociedade do conhecimento à totalidade do planeta, incluindo centenas de etnias e nações. É necessário reconhecer, então, que os saberes científicos e as inovações tecnológicas estão desigualmente repartidas entre países ricos e países pobres. Mesmo nos países, quando analisados individualmente, e nas cidades que os compõem, há uma dinâmica interna de distribuição desigual de informação e conhecimento nos territórios. Na mesma direção, Sarita Albagli e Maria Lucia Maciel (2004) declaram que cada local ou região dispõem de diferentes combinações de características e bens coletivos que influenciam sua capacidade de produzir conhecimento, de aprender e de inovar. Para as autoras, o conhecimento

não inscreve-se apenas na dimensão tempo/história, mas também na dimensão espaço/território. Essas diferenças, desigualdades e desconexões sinalizam a necessidade de evitar categorizações e padrões de análise que hierarquizam as condições de produção e apropriação de informação e conhecimento. A utilização de categorias e hierarquias de saberes pode nos conduzir a universalismos que nos levam a identificar nossa comunidade acadêmica como cientificamente favelada, usando a expressão da epistemografia de Antonio García Gutiérrez (2006).

A universidade é um equipamento relativamente recente na região analisada e a sociedade local tem condições particulares de apropriação e produção de informação e conhecimento. A estratégia, nesse ambiente, está em reconhecer os fluxos locais de conhecimentos e suas condicionantes socioculturais. Porém, a estratégia não reduz-se a apenas analisar fluxos de conhecimento em escalas locais como Campos dos Goytacazes, mas usar referências de escalas regionais mais amplas. Mesmo ao olhar sobre o Brasil, é necessário reconhecer que as condicionantes para produção e apropriação de conhecimento no país são muito diferentes dos países desenvolvidos. Essas diferenças apontam assimetrias a serem consideradas na análise dos dispositivos de informação e conhecimento em escala regional.

A estratégia para superar esse desafio baliza-se no que Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009) sugerem como epistemologias do sul. A proposta assenta-se em três orientações: aprender que existe o sul; aprender a ir para o sul; aprender a partir do sul e com o sul. Assim, buscamos interpretar o campo de análise com base em autores do sul e, estrategicamente, pesquisadores vinculados a universidades públicas brasileiras. A estratégia também representa um esforço de análise pensada em português brasileiro a partir de textos escritos em português brasileiro. Dessa forma, o leitor está convidado a: aprender que existe Campos dos Goytacazes; aprender a ir a Campos dos Goytacazes; e aprender a partir de e com Campos dos Goytacazes. Assim, a nossa intenção vai em direção de uma reflexão que pretende ir à universidade em Campos dos Goytacazes e dela para além de Campos dos Goytacazes, estendendo-se a saberes de outras localidades, instituições e áreas do conhecimento.

O segundo desafio desdobra-se do primeiro, mas não restringe-se a ele. Além das diversidades regionais que insinuam diferentes dinâmicas de informação e conhecimento, a pesquisa se articula em contextos institucionais distintos. O *locus* institucional deste trabalho é o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). É um truísmo dizer que esse *locus* institucional exige de nós a adesão ao programa de pesquisa do PPGCI e do contexto mais amplo de investigação do domínio da ciência da informação, dentro dos critérios e princípios da ECA/USP. Porém, este trabalho analisa a atividade da UFF em Campos dos Goytacazes através da Biblioteca Universitária (BUCG) e do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR). No contexto analisado, a ciência da informação e, acrescento aqui, a biblioteconomia ainda são áreas desconhecidas ou pouco conhecidas pela comunidade acadêmica local. Assim, por um lado, uma ciência da informação e uma biblioteconomia que dialogam apenas entre seus pares têm pouca possibilidade de ser apropriada pelos agentes do campo investigado. De outro lado, se o foco estiver apenas no campo investigado não atende-se às exigências do *locus* institucional da pesquisa. Logo, o desafio consiste em alcançar as comunidades acadêmicas da ciência da informação e da biblioteconomia e da ciências da sociedade em Campos dos Goytacazes.

A estratégia para superar esse desafio é perseguir as interfaces interdisciplinares. Todavia, Johanna Wilhelmina Smit e Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo (2007) sinalizam que a interdisciplinaridade é mais uma afirmação do que uma discussão ou uma explicação na ciência da informação. A interdisciplinaridade na área acaba por ser uma maneira de abordar o seu objeto considerando a complexidade da informação. Porém, as autoras trazem a questão sobre o tipo de interdisciplinaridade presente na ciência da informação. As autoras observam que a ciência da informação importa muitos termos, teorias e métodos e exporta pouco para outras áreas do conhecimento. O *déficit* as leva a questionar se a interdisciplinaridade ocorre de fato na área. Frente a esse impasse, Smit e Tálamo sugerem que a ciência da informação retorne ao seu caráter de ciência social aplicada cujos enunciados enfatizam mais a solução de problemas do que a identificação de um objeto.

É preciso reconhecer a impossibilidade de estabelecer um diálogo formal entre áreas do conhecimento, regiões e instituições tão diferentes entre si. Portanto, as nossas intenções interdisciplinares por melhores que sejam podem ser vãs. A estratégia para responder a esse desafio não é pela via da descrição do conhecimento interdisciplinar e do nosso objeto. A abordagem desta pesquisa evita operar teorias e métodos em busca de uniformização e generalização. A nossa estratégia está em reconhecer que as questões feitas em uma área do conhecimento dão sentido às de outras áreas. Dito de outra forma, buscamos na interdisciplinaridade uma atividade tradutora, fundada em diversas linguagens, sobre um determinado tema. Perseguimos o sentido das questões da ciência da informação ao analisar as questões das ciências da sociedade e vice-versa. Dessa maneira, busca-se provocar a imanência disciplinar da ciência da informação, bem como das ciências da sociedade. Mais uma vez, em outras palavras, temos a intenção de traduzir e provocar questões à ciência da informação a partir dos saberes das ciências da sociedade, assim como instigar questões a estes domínios a partir da ciência da informação.

As concepções de universidade e de biblioteca contribuem para encarar o desafio de articular disciplinas, instituições e regiões tão diferentes umas das outras. Leher (2018) alega que a universidade não comporta uma única ideia acadêmica e de uma missão institucional, aprisionando o diverso no *uno*. Ao contrário, argumenta o autor, as universidades caracterizam-se pela unidade do diverso. Podemos afirmar o mesmo sobre a biblioteca, uma vez que reúne polifonias de vozes de autores, de profissionais e de usuários. Propomos ilustrar esse contexto com a imagem de uma encruzilhada a partir da qual estendem-se ramos para áreas geográficas e do conhecimento e para espaços institucionais diversos uns dos outros. Identificamos no ponto de encontro dessas ramificações a biblioteca como um espaço privilegiado para a pluralidade não apenas teórica e metodológica, mas, também, linguística, lógica e política dentro da universidade.

O terceiro desafio apresenta-se na própria UFF que se caracteriza por algum grau de informalidade nas suas rotinas administrativas e documentais. Para ilustrar a situação, vamos recorrer a um episódio na abertura da X Semana de Ciências Sociais da UFF Campos, em 30 de setembro de 2019. Na ocasião, docentes e

técnico-administrativos foram convidados a apresentar narrativas sobre os dez anos do curso de ciências sociais da UFF Campos. Em uma mesa do evento, participaram o coordenador do curso, uma assistente social, um bibliotecário e uma pedagoga. Cada palestrante apresentou números diferentes de estudantes concluintes do curso de ciências sociais. As informações discrepantes geraram um mal-estar entre os palestrantes que se estendeu ao auditório. O desconforto foi amenizado quando uma professora de métodos quantitativos, que estava na plateia, observou que a discrepância tem a ver com as fontes utilizadas para responder a perguntas diferentes. O coordenador utilizou informações dos próprios registros da secretaria acadêmica. A assistência estudantil considerou apenas o número de estudantes bolsistas. A pedagoga utilizou informações do sistema de gestão acadêmica da UFF. E o bibliotecário lançou mão do número de tcc que integram a coleção da biblioteca. Os dias seguintes sucederam entre os setores da universidade uma discussão para identificar a verdadeira quantidade de estudantes de ciências sociais por ela diplomados.

Esse caso exemplifica a instabilidade das informações institucionais da UFF. Explicar por que a instituição funciona desse jeito é uma questão difícil e até mesmo comprometedora. Ainda assim, atrevemo-nos arriscar uma hipótese. A UFF é uma instituição que aglutinou muitas outras na sua fundação. Daí recorremos a Frohmann (2008) que, ao abordar a vida institucional dos documentos, destaca que cada instituição cria suas próprias práticas documentárias balizadas em disciplina e vigilância. Quando os documentos passam de uma instituição a outra integram-se a outras operações e estratégias nas quais a sua identidade se mantém ou se apaga. É possível, então, que a UFF carregue no seu regime documental a herança desse passado que agregou diferentes rotinas e práticas documentárias de instituições diferentes.

Desde o início, a nossa pesquisa tinha o objetivo de analisar os documentos institucionais da UFF. Porém, devido a essa informalidade, foi muito difícil construir uma narrativa sobre a universidade com base em documentos administrativos e institucionais, pois encontramos muitas inconsistências e lacunas. Por exemplo, a Superintendência de Documentação (SDC) aprovou o seu regimento em 2019, enquanto o ESR até hoje não conseguiu sancionar um regimento interno para si.

Esse cenário institucional trouxe a necessidade para selecionar documentos mais estabilizados para a análise da instituição. O foco estratégico de nossa metodologia foram os trabalhos de conclusão de curso e as dissertações de mestrado. Esses documentos exprimiram estabilidade suficiente para a análise e demonstraram-se vantajosos pela sua natureza bibliográfica.

Por último, mas não menos desafiante, é a impossibilidade de afastamento entre o pesquisador e a realidade pesquisada. Assim como Antonio José Barbosa de Oliveira (2011) reconhece o apreço e a familiaridade com o objeto estudado quando se debruçou sobre a memória institucional da UFRJ em sua pesquisa de doutorado, o mesmo posso dizer sobre a minha relação com a UFF e também com o referencial teórico-metodológico desta investigação. Nas palavras do autor:

O “objeto” de pesquisa deste trabalho nos é muito caro e familiar: trata-se da instituição na qual nos formamos intelectualmente nos níveis de graduação e mestrado. Isso não é pouco: sabemos o quanto as instituições nos formam e moldam nossos pensamentos e até mesmo nossas visões de mundo. Acrescente-se a isso o fato de trabalharmos na instituição, o que aumenta exponencialmente os cuidados a serem observados para que não nos tornemos objeto daquilo que tomamos por objeto, numa paráfrase a Pierre Bourdieu. Os diversos olhares para a instituição, bem como as diversas experiências vivenciadas na instituição foram constitutivos das próprias indagações formuladas a seu respeito, que subsidiaram os nossos anteriores trabalhos desenvolvidos na Especialização e no Mestrado, bem como as questões reformuladas e atualizadas no processo de doutoramento. Sabe-se que um trabalho de pesquisa não é algo isento de intenções e de subjetividades e que as questões que formulamos dizem muito também a respeito de nós mesmos. Sabe-se, também, que a formulação das questões e os conceitos utilizados para a tentativa de respostas a essas questões são historicamente constituídos; ligam-se a experiências concretas de vida, a filiações ideológicas determinadas, a regras e procedimentos e características das instituições onde se desenvolvem os trabalhos. Enquanto operação, um trabalho acadêmico se constrói mediante a utilização sistemática, contínua e sujeita a regras, dos diversos instrumentos que o caracteriza (OLIVEIRA, 2011, p. 17-18).

Nesse sentido, não posso e não devo ignorar que trata-se de uma análise de uma instituição que me é familiar e à qual não busco isenção de intenções e subjetividades. Logo, a observação participante, uma das principais técnicas utilizadas nesta pesquisa, se aproximou mais de uma participação observante durante o processo investigativo. O intenso grau de participação na vida

universitária da UFF Campos traz implicações teóricas, metodológicas e éticas para a pesquisa, as quais busquei não ignorar. Não há, de modo algum, intenção e pretensão de neutralidade, tendo em vista que reconheço o desejo de alterar a realidade pesquisada. Para evitar ou disfarçar meus interesses, a estratégia foi construir uma objetividade de análise a partir dos documentos apresentados e referenciados, para que o leitor disponha de elementos para concordar ou construir seu próprio ponto de vista.

Para enfrentar esses quatro desafios, soma-se ainda a estratégia de articular diferentes linguagens, seguindo dicas de três professores de linguagem. Maria Cecília Mollica (2012) argumenta que o professor do novo milênio, qualquer seja a sua especialidade, tem que conhecer os princípios fundamentais sobre as línguas humanas para buscar olhares transversais da pesquisa, tecnologia e inovação. Paulo Sgarbi (2008) questiona se uma imagem vale mais do que mil palavras, como se diz por aí. O autor expressa que as articulações possíveis entre diferentes e variados tipos de linguagem podem ser uma maneira das mais gostosas de misturar ciência e ciências e outras coisas mais. Para ele então, o que importa, tanto das imagens quanto das palavras, são os significados possíveis de suas articulações nos discursos. Sendo assim, ele defende que uma imagem vale uma imagem, mil palavras vale mil palavras. Gustavo Silva Saldanha (2013) convida a uma reflexão sobre o papel da organização dos saberes na intervenção material do mundo através dos instrumentos de organização do conhecimento. O autor sugere análises referenciadas em transgramáticas para perceber a ideia de comunidade como aquilo que a documenta e é por ela construído como documentado, além de perceber como um corpo de discursos existe antes de ser documentado. Saldanha sugere argumentos para compreensão do papel da crítica da linguagem no desenvolvimento de uma filosofia geral da informação. A partir dessas orientações, propomos uma pesquisa apoiada na percepção da experiência com a linguagem. Nas articulações de diferentes linguagens, buscamos uma estratégia complementar para superar os desafios apresentados.

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes está em um contexto espacial pouco pesquisado do ponto de vista da biblioteconomia e da ciência da informação. Possivelmente, este é um estudo pioneiro em uma escala regional.

Decorre daí uma sensação de estar em Macondo, do romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (1967), onde o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar o dedo. Por conta disso, qualquer modelo pronto para análise de uma biblioteca universitária pareceu insatisfatório para dar nome a todas as dimensões do ambiente informacional desta Macondo goytacá.

Figura 1. Salão de leitura da BUCG/UFF

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Sendo assim, esta pesquisa consiste, simultaneamente, em um estudo de caso e em um estudo exploratório, com uma metodologia heterogênea. Segundo Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2009b), o estudo de caso refere-se ao levantamento com profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. O estudo de caso tem a limitação de restrição ao caso estudado e tem dificuldade de ser generalizado. No estudo de caso, não há um esquema estrutural construído *a priori*, porque não é possível organizar um esquema de problemas, hipóteses e variáveis com antecipação. Esses elementos são organizados e estruturados no decorrer da pesquisa, a medida em que surgirem

as descobertas. O estudo de caso reúne o maior número possível de informações detalhadas e vale-se de diferentes técnicas de pesquisa, visando a apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato (MARCONI; LAKATOS, 2009b).

Para Marli Lüdke e Menga André (1986), um estudo de caso tem algumas características fundamentais: visar à descoberta; enfatizar a interpretação do contexto; retratar a realidade de forma ampla; valer-se de diferentes fontes de informações; permitir substituições; representar pontos de vista diferentes em dada situação; usar linguagem simples.

Segundo Marconi e Lakatos (2009a), o estudo exploratório é uma pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de problemas. Para as autoras, o estudo exploratório tem três finalidades: desenvolver hipóteses, clarificar conceitos e aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno para realização de uma pesquisa futura mais precisa. No estudo exploratório, emprega-se a sistematização de vários procedimentos para observações empíricas e análises de dados. O estudo exploratório apresenta descrições qualitativas e quantitativas do objeto de estudo. O investigador, nesta abordagem, deve conceituar e investigar as inter-relações no ambiente observado. Assim como no estudo exploratório, em um estudo de caso podem ser utilizados uma série de procedimentos metodológicos, como entrevista, pesquisa documental, observação participante, *etc.*

Como inspiração e referência para este estudo de caso usaremos o que chamaremos aqui de programa de pesquisa do Departamento de Serviço Social de Campos, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Desde 1973, os trabalhos de conclusão de curso (tcc) defendidos no departamento compartilham uma característica em comum: estudos de caso sobre as experiências profissionais recentes das estudantes de serviço social. Os tcc, objeto da quarta seção desta pesquisa, serão melhor apresentados mais à frente, no entanto, observamos que os trabalhos preservam uma relação muito grande entre teoria e prática, em que a estudante apresenta uma reflexão investigativa preferencialmente gerada a partir da prática de estágio durante o curso.

Em nosso caso, não se trata de um reflexão sobre uma experiência de estágio, mas de uma estudo exploratório e de caso realizado entre 2018 e 2019, a partir da vivência profissional como bibliotecário na BUCG, na Universidade Federal Fluminense. O objetivo é caracterizar a UFF em Campos dos Goytacazes, a partir das experiências de dois anos de trabalho na instituição com base em princípios teóricos e práticos da biblioteconomia e da ciência da informação.

Além disso, as pesquisas do programa do serviço social de Campos, em geral, compartilham quatro categorias identificadas durante o estudo dos documentos: instituição, grupo social, espaço e tempo. Estas categorias serão melhor analisadas nas seções a seguir. Todavia, para uma demonstração inicial das possibilidades desse quadro analítico contribuir para estabelecer homologias entre os programas de pesquisas da biblioteconomia, da ciência da informação e do serviço social, buscamos uma referência na ciência da informação que compartilhasse esses aspectos em comum com estes trabalhos de pesquisa.

Encontramos em Rosali Fernandez de Souza um exemplo para nossa análise em um estudo que caracteriza uma área científica em desenvolvimento no Brasil a partir da experiência profissional como bibliotecária dentro do marco referencial da ciência da informação. Souza (1984) investiga os padrões de comunicação da comunidade brasileira da física da matéria condensada, entre os anos 1950 e 1980. A autora vale-se de sua experiência profissional no Centro Latino-Americano de Física (CLAF) e apresenta uma caracterização bibliométrica dos padrões de comunicação científica desse domínio especializado da física. A autora concebe o projeto em três partes principais, cada uma com objetivos específicos e relativamente independente umas das outras. A primeira parte examina o processo de desenvolvimento da comunidade de física da matéria condensada no Brasil, com o objetivo de descrevê-lo em termos de parâmetros mensuráveis, como instituições, recursos humanos e literatura produzida. A segunda parte examina as atividades da comunidade, com o objetivo de identificar canais de comunicação e características dos processos de informação científica. Finalmente, a terceira parte analisa os resultados das anteriores, levando em consideração outros fatores que podem afetar o desempenho do sistema. O trabalho foi fundamentalmente baseado na literatura científica produzida pela comunidade, juntamente com

entrevistas. A pesquisa foi projetada para obter resultados de valor prático para o desenvolvimento de sistemas de informação científica em um futuro próximo.

Diante dessas observações, analisamos o estudo de Souza (1984) a partir das quatro categorias identificadas no programa de pesquisa do serviço social da UFF Campos. Souza investiga as instituições científicas da física da matéria condensada. O grupo social é a comunidade científica da área da física da matéria condensada. O recorte espacial é o Brasil, um país em desenvolvimento. Finalmente, a categoria tempo corresponde ao intervalo entre 1950 e 1980. Assim, entendemos que a organização do trabalho de Souza é uma referência próspera para a organização metodológica e textual desta pesquisa.

Estabelecemos um paralelo com o estudo de Souza ao trazer para o foco um recorte regional distante de um grande centro de conhecimento e articulou diferentes áreas do conhecimento e instituições científicas. Vale observar que Souza defendeu sua tese na Polytechnic of North London¹ e investigou as características de uma área do conhecimento em um país em desenvolvimento, enquanto nós apresentamos uma tese na Universidade de São Paulo sobre uma instituição universitária ainda em consolidação no interior brasileiro. As ferramentas utilizadas em nossa pesquisa, contudo, são outras tendo em vista os contextos das pesquisas, os perfis dos pesquisadores e as características das instituições pesquisadas.

Assim como Souza (1984), dividimos esta tese em partes complementares. A primeira apresenta os contextos da pesquisa enquanto a segunda apresenta sua aplicação. A contextura da pesquisa abrange desde as condicionantes sócio-históricas, passando pelo marco teórico, até chegar aos contextos institucionais da biblioteca em foco. A segunda parte destina-se à aplicação e está subdividida em duas seções que valem-se substancialmente da literatura produzida pela comunidade estudada. Assim, como em Souza, projetamos nossos resultados com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento acadêmico da instituição em análise, a UFF Campos.

¹ A Polytechnic of North London transformou-se em University of North London, em 1992. Em 2002, fundiu-se à London Guildhall University para formar a London Metropolitan University, mais conhecida como London Met. Com raízes que remontam a 1848, a London Met é uma das instituições educacionais mais antigas de Londres, no Reino Unido.

Estruturamos a caracterização informacional da UFF Campos com base na aplicação de duas ferramentas da biblioteconomia e da ciência da informação: a mediação de documentos e a observação da frequência de palavras em textos suficientemente longos. O nosso estudo analisa, particularmente, os documentos produzidos e utilizados pela UFF Campos, e buscamos apresentá-los no contexto da vida social da instituição e mediá-los no sentido de inseri-los em outras vias institucionais.

Para coletar dados, foram utilizadas diversas técnicas, como pesquisa bibliográfica, entrevistas, pesquisa documental, estudo bibliométrico, mediação de documentos e observação participante entre 2018 e 2019. Durante o período de observação, estive engajado em participar de diferentes grupos e ações na universidade, o que favoreceu o processo de imersão na instituição. Chamo atenção para o período em que fui chefe substituto eventual da BUCG durante o afastamento da chefe da biblioteca, Juliana Farias Motta, que usufruiu de licença à gestante. Participei de algumas comissões, cujo envolvimento contribuiu, direta e indiretamente, para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa:

- Comissão de Espaço da UFF Campos;
- Conselho Deliberativo da SDC;
- Conselho Técnico da SDC;
- Comissão dos Técnico-Administrativos em Educação do ESR;
- Comissão de Autoavaliação do PPGDAP;
- Comissão de Implantação do Módulo de Aquisição do Pergamum UFF.

Acrescenta-se, também, a experiência como representante discente suplente na Comissão Coordenadora (CCP) e na Comissão de Seleção de Bolsas do PPGCI, na USP. Essas experiências contribuíram para o aprendizado sobre o funcionamento da universidade e de suas regras, bem como favoreceram a articulação da biblioteca universitária com outros setores e segmentos universitários. Sem dúvidas, a participação e o trabalho junto a essas comissões e conselhos colaboraram para as reflexões propostas nesta pesquisa.

A próxima seção descreve o contexto geral da pesquisa. Primeiro, são apresentados o contexto sócio-histórico da universidade pública brasileira. Depois,

são propostos os marcos teóricos que fundamentaram esta pesquisa. Em terceiro, é apresentada o contexto local da terra onde foi realizado o nosso estudo.

A terceira seção apresenta a instituição que recebe o foco da análise, a UFF. Apresentamos três setores da universidade: a Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCCG), o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) e a Superintendência de Documentação (SDC). Para cada um desses setores da instituição, são apresentados elementos da sua história e de sua estrutura para compreender as questões que se passam no presente.

A quarta seção apresenta a atividade de mediação de documentos. Nesta parte, a biblioteca é apresentada como um espaço de constituição e mediação de acervos. São caracterizados os trabalhos de conclusão de curso e ação realizada com eles articulada com o ensino de graduação.

A quinta parte apresenta um estudo de dissertações de mestrado da UFF Campos com as leis de bibliométricas de Zipf e a demarcação da região de transição de Goffman. É apresentado um percurso histórico da técnica bibliométrica no contexto das universidades brasileiras. A aplicação traz um panorama geral das pesquisas realizadas pela primeira turma de mestrado em desenvolvimento regional, ambiente e políticas públicas.

Finalmente, é apresentada a conclusão seguida das referências aos textos citados neste trabalho.

Bibliotecas em chamas

Dizem as paredes/2

Em Buenos Aires, na ponte da Boca:

Todos prometem e ninguém cumpre. Vote em ninguém.

Em Caracas, em tempos de crise, na entrada de um dos bairros mais pobres:

Bem vinda, classe média!

Em Bogotá, pertinho da Universidade Nacional:

Deus vive.

Em baixo com outra letra:

Só por milagre.

E também em Bogotá:

Proletários de todos os países, uni-vos!

Embaixo com outra letra:

(Último aviso.)

(Eduardo Galeano, em *O livro dos abraços*, p. 99)

2 Bibliotecas em chamadas

Nesta seção, apresentamos elementos contextuais desta pesquisa. Primeiro, debatemos o contexto sócio-histórico da universidade pública brasileira, marcado pela expansão no território nacional e por políticas públicas de ampliação de acesso à educação superior. A seguir, indicamos as noções teóricas que referenciam os nossos estudos. Em seguida, apresentamos o lugar onde foi realizada esta pesquisa.

2.1 *Contexto sócio-histórico da universidade pública brasileira*

O contexto sócio-histórico da universidade pública brasileira é apresentado em dois tempos: um acidente sem precedentes na história dos museus e das bibliotecas no Brasil, ocorrido durante esta pesquisa, e as recentes políticas de educação superior que alteraram a realidade no quadro das instituições públicas de ensino superior. Dessa forma, o leitor terá elementos para compor o cenário de que nossa análise faz parte.

Não foram poucos os trágicos acontecimentos no Brasil entre 2016 e 2020 que trouxeram danos irreparáveis à sociedade brasileira. Dentre todos esses, eu selecionei o **incêndio do Museu Nacional (MN) da UFRJ** para ilustrar o contexto social-histórico desta pesquisa. O Museu Nacional e a Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes compartilham muitas propriedades em comum, a despeito de suas diferenças. Ambos são instituições documentárias, de memória, universitárias, públicas, fluminenses, federais, inseridas em contextos interdisciplinares e desenvolviam projetos para ampliar o diálogo entre a universidade e o público externo. Apesar de ser uma realidade distinta de nosso objeto de pesquisa, contempla homologias estruturais e contextuais que permitem reflexões comparativas.

O Museu Nacional foi criado por D. João VI em 1818 na Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro. Em seus primeiros anos, de modo tímido e improvisado, no famoso jeitinho brasileiro, o museu estava muito mais próximo de um gabinete de curiosidades do que de um museu de história natural em que se transformou com o tempo. A sua história está atrelada à formação do Brasil como

nação independente e soberana e é indissociável da própria história da pesquisa científica brasileira. A consolidação da mais antiga instituição científica do país se caracterizou pelo trabalho de uma equipe interdisciplinar em torno do desenvolvimento de uma ampla coleção de variados objetos. O Museu Nacional reuniu a maior coleção de história natural do Brasil. Além de conhecido por sua coleção, o Museu Nacional se tornou referência em ensino, pesquisa e extensão em astronomia, antropologia, botânica, etnografia, geologia, linguística, mineralogia e zoologia, reunindo equipes de profissionais e pesquisadores de todas essas áreas do conhecimento (DUARTE, 2019; SÁ; SÁ; LIMA, 2019).

Figura 2. *Museu Nacional*, por Nico (2018)

Fonte: Acervo Prof. Márcio Malta.

Um incêndio de grandes proporções atingiu o Museu Nacional durante a noite do domingo, 02 de setembro de 2018, estendendo-se até a manhã seguinte. As investigações indicam que as chamas começaram às 19h30, após o horário de visitação, todavia as causas ainda são desconhecidas. O fogo se espalhou rapidamente pela estrutura de madeira do Palácio São Cristóvão e consumiu o acervo composto majoritariamente de material inflamável. Segundo os relatos dos

jornais, apenas quatro pessoas, todas vigilantes, estavam no local e conseguiram fugir em tempo. Nenhuma pessoa se feriu fisicamente no acidente. O incêndio, no entanto, trouxe um apagamento irremediável à memória científica brasileira e poderia ser mais um dos episódios da história da destruição dos livros (Figura 2).

Mais de 20 milhões de itens do acervo foram perdidos, o que inclui objetos de arqueologia, arte, biologia, entomologia, etnologia, geologia, história e linguística. Entre os objetos perdidos estavam múmias andinas e egípcias, milhões de espécimes da biodiversidade atual e do passado, amostras de minerais, documentação linguística de culturas indígenas, documentos raros como cadernos da imperatriz Leopoldina e o fundo arquivístico da bióloga e ativista feminista Bertha Lutz, o mobiliário do Primeiro Reinado e muito, muito mais. Alexander Kellner, então diretor do Museu Nacional (2018-), estima que entre 75% e 78% do acervo foi afetado pelo incêndio (KELLNER, 2019).

O Museu Nacional é um exemplo de lugar que reflete o caráter interdisciplinar da cultura universitária ao contemplar diferentes áreas do conhecimento. Ao reunir arquivo, biblioteca e museu se torna um exemplo de lugar onde a arquivologia, a biblioteconomia e a museologia dialogam de maneira, mais ou menos, efetiva entre si e com outras áreas do conhecimento. Além da coleção museológica, o MN abriga as coleções da Biblioteca do Museu Nacional (BMN), a Biblioteca Francisca Keller (BFK) e o acervo arquivístico da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). A interdisciplinaridade no Museu Nacional representa as múltiplas possibilidades de ação da universidade.

A BMN foi criada em 1863 por meio de decreto assinado pelo Marquês de Olinda, Ministro do Império. O acervo é especializado em ciências naturais e antropológicas. Documentos da biblioteca destacam, durante a formação e o desenvolvimento da coleção, o recebimento das obras compradas para uso da Comissão Científica de Exploração e dos livros da biblioteca da família real. Ressalta-se, também, o intercâmbio bibliográfico com instituições nacionais e do mundo inteiro, iniciado em 1876, com o periódico científico *Arquivos do Museu Nacional*, que inclui cientistas como Charles Darwin, Claude-Henri Gorceix e Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau entre seus correspondentes. O acervo de obras raras inclui livros de Charles Plumier, Hjalmar Kiaerskou, Emílio Goeldi e Edgar

Roquette-Pinto entre muitos outros. A BMN encontra-se em um edifício de 4.000 m² no Horto Botânico. Por estar fora do Palácio São Cristóvão, a biblioteca não foi atingida pelo incêndio. Segundo o relatório anual do MN, porém, alguns documentos emprestados foram perdidos na tragédia, a saber:

Foram emprestadas, e lamentavelmente perdidas no sinistro, quatro obras raras da exposição “Expedição Coral: 1865-2018”, a saber: Thayer expedition, de Charles Hartt (1870); Corals and coral islands, de James Dana (1872); A journey in Brazil, de Agassiz (1868), e o volume 1, de 1866-1871, do Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences (UFRJ, 2019, p. 129).

A Biblioteca Francisca Keller (BFK) faz parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional. Antes do incêndio de setembro de 2018 que a destruiu completamente, era considerada uma das mais importantes bibliotecas de ciências sociais do Brasil e da América Latina, abrigando um inestimável acervo de cerca de 37.000 documentos, constituído desde sua fundação em 1968. O acervo refletia a qualidade do PPGAS, um dos programas de pós-graduação brasileiros mais renomados por seu modelo inovador de articulação entre ensino e pesquisa e com destaque na internacionalização das ciências sociais no Brasil. Após o incêndio, mobilizou-se uma grande rede de solidariedade envolvendo professores, técnicos, bibliotecários e estudantes da UFRJ e de outras instituições nacionais e internacionais para reerguer a BFK. Assim, foram iniciadas inúmeras ações como doações e transporte de livros, aquisição de mobiliários e elaboração de um projeto arquitetônico para acomodar a nova BFK.

A Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional possuía um acervo de documentos que retratavam o cotidiano do museu no contexto social e político, bem como revelava suas relações com outras instituições congêneres nacionais e estrangeiras. Os documentos da SEMEAR eram registros dos primórdios do trabalho científico no Brasil e de suas relações no cenário científico internacional. A SEMEAR custodiava os fundos de personalidades importantes na história intelectual brasileira tais como Adolfo Lutz, Bertha Lutz, Diana Mussa, Heloísa Alberto Torres, imperatriz Leopoldina, Lygia Maria Sigaud, Maria Heloisa Fénelon Costa e Paula Laclette, além de instituições como a Comissão Geológica do Império, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e o próprio Museu Nacional.

Maria José Veloso da Costa Santos e Silvia Ninita de Moura Estevão (2008) afirmaram o valor inestimável da SEMEAR não apenas para preservar a memória do museu e do palácio que o abrigava, mas também para a história das ciências no Brasil, que tem, no Museu Nacional, o embrião das raízes científicas nacionais. As autoras recordam o percurso da atividade arquivística no MN, indicando pontos-chave na história da regulação das atividades de arquivo e de biblioteca no regimento, as quais influenciaram o arranjo da SEMEAR. O arquivo continha fundos de atas do Conselho Administrativo e da Congregação, de ofícios expedidos pela diretoria, de avisos, de ofícios recebidos, de pontos dos empregados e de livro de assinaturas de visitantes ilustres. Os documentos da SEMEAR foram perdidos no incêndio, apesar da possibilidade de resgate de alguns documentos e fundos.

Entre os bibliotecários que atuaram no museu estão Manoel Bastos Tigre, o primeiro bibliotecário concursado no Brasil, e Maria José Velloso da Costa Santos, coordenadora da SEMEAR durante muitos anos e uma das documentalistas e pesquisadoras cujos trabalhos são referências nesta pesquisa.

Em 1937, o Museu Nacional foi incorporado à Universidade do Brasil, que passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) após a reforma universitária de 1968. O MN mantém seu vínculo com a universidade até os dias de hoje e é uma das unidades do Fórum de Ciência e Cultura (FCC) da UFRJ (DUARTE, 2019). Por isso, o museu mantém algumas similaridades com o *locus* de nossa pesquisa: é uma unidade de informação de uma universidade pública federal; é um serviço público do Ministério da Educação. Seja pelo serviço de informação e de memória, seja pela investigação científica, seja pelo serviço público federal, a tragédia do Museu Nacional nos leva a pensar diretamente sobre as condições e as contingências do trabalho na Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes e nas bibliotecas das universidades federais brasileiras, seja por me identificar como bibliotecário ou como técnico-administrativo em educação.

Do que foi perdido na tragédia do Museu Nacional, quero destacar aquilo que, talvez, tenha mais a ver com o trabalho de técnicos-administrativos em educação, particularmente, os profissionais da informação. O incêndio no MN destruiu duzentos anos de trabalho acumulado de documentação: cada ficha catalográfica, cada notação, cada resumo, cada tabela de temporalidade, cada

informação documentária que formavam uma estrutura documental estabelecadora de “redes desconhecidas pela razão” (LATOURET; HERMANT, 2008), de modo a relacionar documentos, objetos e saberes. O trabalho acumulado durante dois séculos foi perdido sem a possibilidade de qualquer redução de danos por um plano de contingência. O acervo da BFK está destruído e o que resta são os indícios da falta desses documentos na base Minerva, catálogo do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ. O catálogo se tornou mais uma bibliografia de documentos perdidos do que um recurso de recuperação de informação.

A tragédia traz a questão sobre as condições de trabalho em universidades federais e, particularmente, nas unidades de informação universitárias. São questões que nos provocam a pensar sobre a segurança do trabalho, a preservação e conservação dos documentos secundários produzidos cujo valor se acumula no tempo, bem como sobre as políticas de informação que regulam e sustentam o funcionamento de bibliotecas, arquivos e museus universitários em todo o país.

O lamento pelo incêndio no Museu Nacional, porém, só parece ter relevância para acadêmicos e amantes da instituição. Kellner (2019) comenta a dificuldade que enfrenta para conseguir apoio do governo brasileiro e, inevitavelmente, compara com o interesse de governantes estrangeiros que parecem dar maior importância ao museu. O diretor do museu lembra do incêndio ocorrido na Catedral de Notre Dame, em Paris, em 15 de abril de 2019. O incêndio na catedral francesa é também um reflexo das (ausências de) políticas para o patrimônio cultural e histórico. Por outro lado, se na França foi possível angariar recursos em menos de 48 horas para a reconstrução da catedral, no Brasil ainda não foi possível, um ano depois, reunir recursos suficientes para a reconstrução do museu. Vale a pena acrescentar que o último chefe de Estado brasileiro a registrar sua visita no Museu Nacional foi Juscelino Kubitschek, em 06 de junho de 1958. Desde então, nenhum dos presidentes da república visitou o Museu Nacional. Nem mesmo os ex-presidentes da república Fernando Henrique Cardoso e José Sarney, membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) e amplamente reconhecidos por seus trabalhos nas ciências sociais e na literatura, visitaram o MN. Esse fato pode ser considerado um reflexo da insensibilidade da sociedade brasileira e de sua elite intelectual em relação ao Museu Nacional.

Figura 3. Sala de exposição permanente no Museu Nacional da UFRJ

Fonte: Site do Museu Nacional da UFRJ. Acesso em: 19 set. 2019.

Possivelmente, o incêndio no Museu Nacional ainda será revisitado por muito tempo, em busca de todos fantasmas que lá desapareceram. A tragédia ilustra a situação da universidade pública brasileira, negligenciada por políticas públicas de planejamento. O acidente nos leva a refletir sobre o lugar e o valor que as instituições documentárias têm no Estado e na sociedade brasileiros e, por que não, na própria universidade. Diante desse cenário de negligência, Murilo Bastos Cunha (2019) convoca as entidades da ciência da informação para trabalharem com urgência para que o país tenha políticas públicas para os arquivos, as bibliotecas e os museus. Cunha considera essas políticas urgentes para que não se repita o ocorrido no Museu Nacional. O autor ainda lembra da precariedade do Arquivo Nacional para enfrentar o fogo e a necessidade de modernizar a rede elétrica e a climatização da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

De acordo com Luiz Fernando Dias Duarte (2019), as iniciativas de recuperação do museu distribuem-se em duas frentes de trabalho: a reconstrução do palácio e a recomposição da vida científica e acadêmica regular da instituição. As

atividades estão concentradas no que sobrou fisicamente, um anexo contíguo e o conjunto de prédios edificadas no Horto Botânico da Quinta da Boa Vista.

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes e o Museu Nacional estão inseridos no cenário latino-americano das bibliotecas e das universidades e na encruzilhada dessas instituições nas bibliotecas universitárias. Apesar de serem instituições diferentes, há semelhanças estruturais que permitem estabelecer homologias. Ambas instituições universitárias estão em um cenário com grandes desafios de consolidação e continuidade¹.

Além do quadro de negligenciamento e da escassez de políticas públicas para bibliotecas universitárias, outros acontecimentos marcaram, e marcam, o contexto sócio-histórico desta pesquisa. A universidade pública brasileira tradicionalmente foi frequentada por grupos sociais mais privilegiados e sem pretensão de expansão. Destacamos quatro políticas públicas de educação que alteraram esse cenário para um quadro diferente no presente:

- *Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)*, regulado pelo Decreto N. 9.096, de 24 de abril de 2007;
- *Sistema de Seleção Unificada (Sisu)*, regido pela Portaria Normativa N. 21, de 5 de novembro de 2012;
- *Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)*, regulado pelo Decreto BRASIL. Decreto N. 7.234, de 19 de julho de 2010.
- *Lei de Cotas*, disposta na Lei N. 12.711, de 29 de agosto de 2012.

O Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), regulado pelo Decreto N. 6.096, de 24 de abril 2007, consistiu em uma política para a expansão da educação superior no âmbito federal. O objetivo do REUNI foi criar condições para a ampliação do acesso e da permanência na educação superior, no nível de graduação, visando o aumento da qualidade dos cursos e o melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais, respeitadas as características particulares de cada instituição e estimulada a diversidade do sistema de ensino superior.

¹ Antes do depósito da versão corrigida desta tese, um incêndio atingiu parte do Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, na manhã da segunda-feira, 15 de junho de 2020.

Figura 4. Rafael Saraiva e Hísis Rangel, estudantes da UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

As universidades tiveram cinco anos para implantar os projetos de expansão após a adesão ao REUNI. Os projetos deveriam abranger a ampliação da oferta de vagas, especialmente as dos cursos noturnos, e prever a redução das taxas de evasão e a ocupação das vagas ociosas. As universidades deveriam empenhar-se em revisar sua estrutura acadêmica, no sentido de reorganizar os cursos de graduação e de construir novos itinerários formativos. O REUNI preconizou uma renovação pedagógica da educação superior para articulá-la com a educação básica, profissional e tecnológica, por meio de atualização de metodologias de ensino e aprendizagem. O programa dimensionou a mobilidade intra e interinstitucional mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre cursos e entre instituições federais de ensino superior (IFES). As universidades deveriam demonstrar o compromisso social da instituição por meio de políticas de inclusão, de programas de assistência estudantil e de políticas de extensão universitária. Finalmente, as universidades deveriam prever a articulação entre graduação e a

pós-graduação, por meio da expansão quali-quantitativa da pós-graduação orientada para a renovação pedagógica da educação superior (BOROWSKI, 2018).

Diferentes estudos avaliam a implantação do REUNI em diferentes instituições. Por exemplo, Micheli Marques Borowsky (2018) analisa o contexto de efetivação do REUNI no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF), identificando a influência do programa na formação acadêmica de estudantes, abordando aspectos como abandono, trancamento e diplomação. Maria de Lourdes Coelho (2014) analisa como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) apresentou sua proposta ao REUNI, organizou a formação continuada de docentes e inicial dos mestrandos e doutorandos para auxiliar nas atividades de ensino da graduação e compor as equipes didáticas. Há muitas análises, narrativas e controvérsias a respeito do REUNI, porém há um consenso de que o programa governamental representou um momento de expansão para as universidades federais brasileiras.

O **Sistema de Seleção Unificada (Sisu)** é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), pelo qual instituições públicas de educação superior oferecem vagas a candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)². O candidato pode escolher, por ordem de preferência, até duas opções entre as vagas ofertadas pelas instituições participantes do Sisu. Na inscrição, o candidato deve definir se deseja concorrer às vagas de ampla concorrência, às vagas reservadas de acordo com a Lei de Cotas ou às vagas destinada às demais políticas afirmativas das instituições.

² O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC), criada em 1998. Ela é utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país. Seu resultado serve para acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras, através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), assim como em algumas universidades no exterior. A prova também é feita por pessoas com interesse em ganhar bolsa integral ou parcial em universidade particular através do Programa Universidade para Todos (ProUni) ou para obtenção de financiamento através do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies). Entre 2009 e 2016, o exame serviu também como certificação de conclusão do ensino médio em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo, substituindo o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), que voltou a ser realizado a partir de 2017. Em algumas universidades, substituiu o tradicional vestibular. O Enem é o maior exame de admissão no ensino superior do Brasil e o segundo maior do mundo, atrás somente do Gão Kão, o exame de admissão do ensino superior da República Popular da China (Wikipedia).

O Sisu substituiu os antigos vestibulares e trouxe nova dinâmica para a seleção de estudantes dos cursos de graduação das universidades federais. Antes, cada instituição organizava sua própria seleção de estudantes, chamada de vestibular. Muitas dispunham de seus próprios órgãos para realização dos concursos. Por exemplo, a organização do vestibular da UFF ficava a cargo da Coordenação de Seleção Acadêmica (Coseac) e o da UFRJ, do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE). A organização dos exames era muito específica em cada instituição e as provas, de alguma forma, refletiam as especificidades da universidade. Eram muito comuns comentários do tipo “esse é um tipo de questão de prova da UFRJ”. Ainda hoje comentam-se os exames de instituições que usam o vestibular em suas seleções, tais como a Uerj e a Fuvest, responsável pela seleção das universidades estaduais paulistas. O Sisu muda essa característica particular de cada seleção. Os estudantes são selecionados a partir do seu desempenho no Enem, exame de abrangência nacional e produzido e organizado por um único órgão, o INEP. As IES apenas podem definir o peso de cada prova do Enem e suas próprias políticas afirmativas.

Na situação anterior ao Enem, poucos estudantes poderiam inscrever-se em mais de um vestibular, limitando-se aos exames das universidades próximas à sua residência ou a quantos exames sua condição financeira permitisse concorrer. As provas eram aplicadas nas cidades onde estavam as universidades, em geral concentradas em regiões metropolitanas e em alguns centros urbanos. Algumas universidades aplicavam provas em outras cidades de seus estados, mas ainda assim com um número de opções relativamente restrito. Os candidatos de outras regiões deveriam deslocar-se até essas cidades para prestar o exame. Poucos tinham interesse, recursos e disponibilidade para esse deslocamento geográfico. Mesmo os candidatos residentes nas cidades onde eram realizadas as provas poderiam enfrentar dificuldades para locomoção ou pagamento da inscrição. O Sisu trouxe a possibilidade do estudante concorrer a vagas em qualquer instituição do país, gratuitamente, usando a nota do Enem. Se antes um candidato residente em São Paulo desejasse realizar um curso na UFRN, ele deveria ir a Natal (RN) realizar a prova. Hoje, usando o resultado de uma prova feita próximo à sua residência, o candidato paulista tanto pode inscrever-se no curso desejado em Natal e ainda

indicar uma segunda opção em qualquer outro curso, universidade, cidade do país. A mobilidade estudantil decorrente do Sisu trouxe às universidades outros perfis de estudantes. Por outro lado, as universidades enfrentam o desafio de lidar com as dinâmicas e os desafios decorrentes dessa nova forma de ingresso, particularmente no tocante à permanência dos estudantes na universidade.

O **Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)** é instituído pelo Decreto N. 7.234, de 19 de julho de 2010. Sua finalidade é ampliar as condições de permanência de estudantes na educação superior pública federal. De acordo com o Art. 2º do Decreto, os objetivos do PNAES são:

- I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;
- II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;
- III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e
- IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação (BRASIL, 2010).

A legislação prevê que o PNAES deve ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das IFES. As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

O PNAES abrange as universidades federais e os institutos federais de educação, ciência e tecnologia. Cada instituição deve promover ações de assistência estudantil segundo as suas especificidades, nas situações de retenção e de evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras. O PNAES define a prioridade aos estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas IFES. Além desses requisitos, as IFES devem fixar requisitos para a percepção de assistência estudantil e os mecanismos de acompanhamento e avaliação do PNAES. Ao MEC ficou incumbido o repasse de recursos do PNAES às

instituições, de acordo com as dotações orçamentárias da legislação vigente (BRASIL, 2010).

Cassiana Ferreira Simões (2018) declara que a atual execução do PNAES, devido à insuficiência de recursos, tem centrado suas ações na oferta de bolsas e auxílios estudantis, de modo a reproduzir as políticas de assistência social brasileiras. Segundo a autora, essa lógica de bolsificação da assistência estudantil desmobiliza ações para ampliação da infraestrutura das universidades, tais como moradia estudantil e restaurantes universitários. Essa lógica reforça, sobretudo, o caráter seletivo de tal política, uma vez que os recursos para o PNAES não aumentaram na mesma proporção que o número de vagas nas universidades.

A Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como a **lei de cotas**, garante a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas a reserva de 50% das vagas, por curso e turno, nas universidades federais, nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia e nos centros federais de educação tecnológica. A lei define uma proporção dessas vagas para estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas. A lei de cotas foi alterada pela Lei N. 13.409, de 28 de dezembro de 2016, que estendeu as cotas às pessoas com deficiência. A lei vigora com a seguinte redação:

Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas [...] serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2012, Art. 3º).

Com a lei de cotas, as universidades desenvolveram ações afirmativas com o objetivo de reparar os aspectos discriminatórios que impedem o acesso de pessoas pertencentes a grupos sociais vulneráveis às mais diferentes oportunidades. O objetivo é garantir acesso a recursos, visando a diminuir um quadro de desigualdade indesejável na universidade. Oliveira e Cranchi (2017) observam que as políticas de Estado trouxeram um novo perfil de aluno às universidades que demanda novas práticas pedagógicas e mecanismos de gestão mais efetivos para acompanhamento da nova realidade. Por outro lado, Simões (2018) aponta que a

aprovação da lei de cotas marca duas décadas de lutas trazidas por vários movimentos sociais comprometidos com a democratização da ensino superior, todavia esvazia o debate referente às cotas étnico-raciais ao tomar a renda como parâmetro principal.

Figura 5. Marcos Soares, estudante da UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

José Jorge de Carvalho, em um estudo publicado em 2005, indicou que menos de 1% dos professores de universidades públicas brasileiras eram pessoas negras. A ausência de pessoas negras no quadro docente das universidades públicas indicava e ainda indica reprodução de desigualdade racial no Brasil. A partir das cotas raciais, a avaliação de candidatos passa a considerar a capacidade de superar dificuldades e obstáculos que encontraram na vida, como por exemplo, o racismo ou mesmo trabalhar e estudar ao mesmo tempo. As ações afirmativas redefinem a noção de mérito na universidade. O papel das cotas raciais se estende para além da promoção de ingresso de uma população específica na universidade, porque suscita debates sobre a questão racial, questiona a diversidade racial nas instituições e conduz a reflexão sobre as consequências do passado de escravidão.

As cotas raciais convidam a sociedade a repensar estereótipos e preconceitos e a expectativa é que contribuam para diminuição do racismo na sociedade brasileira (CARVALHO, 2005).

O Observatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) desenvolveu a *V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das IFES*. Publicado em 2018, o relatório da pesquisa é um dos estudos realizados após a implantação do REUNI, do Sisu, do PNAES e da lei de cotas que possibilita a aferição das mudanças no perfil socioeconômico e cultural dos discentes das universidades, promovidas por essas políticas públicas. O relatório demonstra que as políticas educacionais mencionadas tiveram um impacto decisivo na mudança do perfil dos estudantes matriculados nas IFES de modo que estas estão mais próximas de refletir a heterogeneidade presente na sociedade brasileira, o que para o fórum indica o êxito das políticas afirmativas adotadas:

A democratização do acesso ao ensino superior, resultante da ampliação do número de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), cursos e vagas, da interiorização dos *campi* das mesmas instituições, da maior mobilidade territorial via ENEM/SISU e da reserva de vagas para estudantes com origem em escolas públicas, por meio de cotas (Renda, PPI – pretos, pardos e indígenas - e Pessoas com Deficiência), modificou radicalmente o perfil da recente geração de discentes dos cursos de graduação das universidades federais e dos Cefets MG e RJ (FONAPRACE, 2019, p. 2).

O relatório da pesquisa do FONAPRACE apresenta dados que indicam o crescimento e as mudanças no âmbito das universidades federais nas primeiras décadas do século XXI. O gráfico 1 demonstra uma significativa expansão das vagas e das instituições federais de ensino superior. No período 2003-2017, registrou-se um crescimento de 260% no número de vagas ofertadas. Em 2017, conforme mostra o gráfico, as universidades federais ofereceram mais de 393.000 vagas em cursos de graduação presencial.

Gráfico 1. Vagas ofertadas na graduação presencial nas universidades federais de 2003 a 2017

Fonte: FONAPRACE, 2019, p. 5.

De acordo com o relatório do FONAPRACE, o crescimento do número de vagas tem relação direta com a abertura de novas instituições federais de ensino superior. Entre 2005 e 2017, foram criadas 18 novas universidades, contemplando quatro das cinco regiões do país, com valores mais significativos para o Sul e para o Nordeste³. No mesmo processo de expansão, em 2002 havia 148 *campi* e em 2017 eram 408, o que representa um crescimento de 176% do número de *campi* em quinze anos. Destaca-se, em termos regionais, a expansão do número de *campi* nas regiões Norte, Nordeste e Sul (Tabela 1).

O relatório identifica um movimento semelhante de crescimento nos indicadores quantitativos de curso, vagas e matrículas nas universidades federais. Quatro regiões apresentaram um crescimento expressivo no quantitativo de cursos, com ampliação superior a 100%. A exceção foi a região Norte, cujo crescimento do número de cursos foi 29%. No tangente ao número de vagas, o crescimento foi maior do que 100% em todas as regiões. As regiões Sul, Sudeste e Nordeste lideram a expansão do quantitativo de matrículas (Tabela 2).

³ “A Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) foi criada em 2014 e compõe a população da pesquisa. Cinco novas universidades foram criadas em 2018, após o início da V Pesquisa: Universidade Federal de Catalão (UFCat), Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Universidade Federal de Jataí (UFJ), Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPA)” (FONAPRACE, 2019, p. 5).

Tabela 1. Número e taxa de crescimento das instituições federais de ensino superior e de campi, por regiões geográficas, 2002 e 2017 - Brasil

Região	Universidades			Campi		
	2002	2017	Δ%	2002	2017	Δ%
Norte	8	10	25,0	24	69	187,5
Nordeste	12	18	50,0	30	106	253,3
Sul	6	11	83,3	29	76	162,1
Sudeste	15	19	26,6	46	110	139,1
Centro-oeste	4	5	25,0	19	47	147,4
Total	45	63	40,0	148	408	175,7

Fonte: FONAPRACE, 2018, p. 6.

Tabela 2. Expansão de indicadores acadêmicos na educação superior - universidades federais por região - 2002-2017

Região	CURSOS			VAGAS			MATRÍCULAS		
	2002	2017	Δ%	2002	2017	Δ%	2002	2017	Δ%
Norte	478	617	29,1	16.755	38.900	132,2	76.779	137.605	79,2
Nordeste	583	1.254	115,1	33.587	121.975	263,2	147.464	342.932	132,6
Sul	286	905	216,4	17.152	72.078	320,2	75.985	190.022	150,1
Sudeste	430	1.254	191,6	32.509	117.669	262,0	139.641	341.398	144,5
Centro-Oeste	270	541	100,4	13.260	42.928	223,7	60.590	108.847	79,7
Total	2.047	4.571	123,3	113.263	393.550	247,5	500.459	1.120.804	124,0

Fonte: FONAPRACE, 2019, p. 6.

Segundo Antonio Carlos Henriques Marques e Vera Alves Cepêda (2012), a expansão quantitativa das universidades carregaria consigo transformações de ordem qualitativa. Os investimentos foram orientados para romper com a lógica pretérita e, em consequência, contrapor-se à concentração de IFES em regiões metropolitanas, de maior poder aquisitivo e indicadores socioeconômicos mais favoráveis. Com efeito, foram contempladas as regiões com grande densidade demográfica e baixa cobertura universitária pública, mais afastadas dos grandes centros e com demandas específicas de cursos de licenciatura ou regiões de fronteira com características de integração e escoamento regional. Além disso, foram considerados os papéis de internacionalização e integração interna e externa

ao distribuir espacialmente os *campi*. Merecem nota as funções desempenhadas pela Universidade Federal da Integração Latinoamericana (UNILA), em Foz do Iguaçu (PR), pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção (CE), pela Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS), em Chapecó (SC), e pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em Santarém (PA) (MARQUES; CEPÊDA, 2012).

Além da criação de novas instituições, houve uma expansão das universidades para o interior do Brasil. Universidades, como a UFF, ramificaram-se para outras regiões de seus estados e chegaram a localidades onde não havia oferta de educação superior pública até poucos anos atrás. Esta é uma das novidades mais potentes da nova configuração do sistema universitário brasileiro, ao trazer outras possibilidades de acesso ao ensino superior a populações antes excluídas desse direito. Este é o caso da UFF em Campos dos Goytacazes, cidade onde a universidade é uma instituição de expansão relativamente recente.

Lilian Viana e Ivete Pieruccini (2018) reconhecem que a expansão da educação superior e o crescimento do número de universidades nos convida a pensar acerca do papel e das práticas e das práticas atribuídas à biblioteca universitária. Para as autoras,

é imperioso indagar acerca do papel e práticas historicamente atribuídas à biblioteca universitária, considerando-se que seus públicos, sobretudo entre nós, diversificaram-se em termos de volume quantitativo, perfis socioculturais e etários, formação básica inicial, expectativas em relação à formação superior, dentre outros aspectos, visivelmente observados no cotidiano institucional (VIANA; PIERUCCINI, 2018, p. 3431)

O cenário apresentado é composto, ao mesmo tempo, de negligência em relação às bibliotecas no seu lugar no Estado e nas universidades, o que foi representado pelo incêndio no Museu Nacional da UFRJ, e uma expansão da educação superior brasileira, marcada pelas políticas educacionais REUNI, Sisu, PNAES e lei de cotas. Esse cenário propõe desafios novos a serem superados pelas bibliotecas universitárias. Para enfrentá-los, é necessário rever as práticas das bibliotecas para buscar novas posições na vida acadêmica das universidades.

1.2 Bibliotecas e documentos

Há quem confunda um coletivo de livros com uma biblioteca. Não é toda coleção de livros que é uma biblioteca, assim como nem toda a biblioteca é apenas uma coleção de livros. Uma **biblioteca** é construída segundo uma intencionalidade para atender algum objetivo. Segundo Antonio Agenor Briquet de Lemos, a biblioteca é uma instituição social que se constrói a partir dos pré-requisitos:

a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para a sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização, e uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca (LEMOS, 2015, p. 285).

Briquet de Lemos traz elementos que considera pré-requisitos em uma biblioteca. Talvez não seja necessário que uma biblioteca disponha de todos esses requisitos, mas, possivelmente, são elementos que aproximam uma coleção de documentos da ideia de uma biblioteca. Assim, propomos o afastamento da noção da biblioteca de um coletivo de livros, ainda que organizados para algum fim.

A história das bibliotecas remonta à formação dos primeiros registros escritos das civilizações. A biblioteca mais antiga que se conhece foi encontrada em escavações, durante os anos 1970, nas ruínas da antiga cidade Ebla, em um lugar hoje chamado Tell Mardikh, na Síria, a pouco mais de 50 km de Aleppo. As duas mil tábuas de argila em escrita suméria encontradas no sítio arqueológico do palácio real remetem a 2.300 a.C., época quando a região foi um importante centro comercial. Povos antigos como os árabes, os chineses, os egípcios, os gregos e os romanos ergueram instituições que se tornaram o que denominamos, hoje e aqui, como bibliotecas. Na Idade Média, os monges copiadores nas bibliotecas dos mosteiros preservaram e conservaram os registros do conhecimento produzidos na antiguidade e no medievo. A modernidade tem como um de seus marcos o advento da imprensa tipográfica que revolucionou a produção de registros escritos que formam bibliotecas por todo mundo. E ainda podemos mencionar as bibliotecas digitais que surgiram com a evolução da tecnologia e dos sistemas de tratamento e recuperação de dados.

Briquet de Lemos (2015) observa que a biblioteca é uma instituição que sobreviveu adaptando-se a uma série de mudanças políticas, sociais e tecnológicas. Sua sobrevivência é uma evidência da importância da função desempenhada por essa instituição. Por ser um dispositivo tão antigo e importante, poderíamos pressupor que a biblioteca fosse algo do conhecimento e do interesse geral. Porém, o alcance da biblioteca nem sempre obtém pleno reconhecimento entre as sociedades, por razões de ordem histórica e cultural.

O acervo de uma biblioteca não está restrito aos livros, embora seja este seu objeto primeiro. Há bibliotecas com acervos de mapas, cartazes, periódicos, fanzines, fotografias, microfilmes, fitas sonoras, discos, programas de computador, roupas, perfumes, *etc.* Esses itens são organizados para uma eventual consulta e utilização por um público determinado. As bibliotecas podem ser classificadas segundo seu acervo, seu público ou seu objetivo. Assim, podemos falar de bibliotecas especializadas, bibliotecas escolares, bibliotecas jurídicas, bibliotecas públicas, bibliotecas especiais, bibliotecas nacionais, bibliotecas acadêmicas, bibliotecas prisionais, bibliotecas infantis, *etc.* Cada tipo de biblioteca desempenha funções e trabalhos que a tornam similar às suas congêneres e que são, mais ou menos, relevantes em diferentes lugares e momentos da história. Edson Nery da Fonseca (2007) diz que não há, concretamente, biblioteca no singular e sim bibliotecas, na pluralidade que impõem-se em nossos dias de acordo com os tipos existentes.

Entre esses tipos, nossa atenção recai sobre a biblioteca universitária, que de certa forma, continua o trabalho iniciado na biblioteca escolar. A **biblioteca universitária** presta serviços documentários aos estudantes e aos professores, na perspectiva de ampliar e completar conhecimentos do currículo dos cursos da universidade. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento do programa de estudo e da pesquisa científica, para o qual a biblioteca dirige a seleção e a organização de seu acervo. A biblioteca universitária precisa de acervo atualizado e de pessoal especializado e capacitado para desempenhar com êxito suas funções (CRUZ, 1992; FONSECA, 2007).

Biblioteca universitária, por dedução, trata-se de uma biblioteca de uma universidade. O termo também pode ser empregado para designar bibliotecas de

instituição de ensino superior com organizações acadêmicas diferentes, como, por exemplo, os centros universitários, faculdades e institutos superiores. Contudo, tais instituições não têm as mesmas características que as universidades, ainda que compartilhem muitos objetivos em comum. O termo mais adequado para as unidades dessas instituições, talvez, seja biblioteca acadêmica, porque abrange as bibliotecas de todos os tipos de organização das instituições de ensino superior. Biblioteca acadêmica é um termo equivalente a *academic library*, em língua inglesa, usado para designar bibliotecas de diferentes tipos de instituições de ensino superior, inclusive universidades. Entretanto, nós mantivemos o termo biblioteca universitária, porque a nossa discussão é sobre a biblioteca na universidade pública.

Nídia Maria Lienert Lubisco (2014, p. 5) defende que as bibliotecas universitárias sejam conceituadas

[...] por sua natureza, desempenham um papel fundante na instituição à qual estão ligadas, por sua função e apoio ao desenvolvimento dos programas de ensino, pesquisa e extensão e inovação. Essa função se consubstancia na sua atuação como recurso didático pedagógico (laboratório de aprendizagem); como plataforma de conhecimento (considerando-a fonte e local de registro a produção técnica e científica da instituição); e como fator de estímulo à formação e ao desenvolvimento do espírito científico (LUBISCO, 2014, p. 5).

Lubisco (2014) destaca o papel fundante das bibliotecas nas universidades. A autora reforça a função das bibliotecas nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação. Para a autora, a biblioteca tem o potencial de estimular o espírito científico na universidade. Em Lubisco, vemos argumentos a favor da ideia de que a biblioteca universitária não pode reduzir-se à função depositária de acervo ou recurso pedagógico. Para isso, a biblioteca deve estar articulada com as atividades-fim da universidade.

Briquet de Lemos (2015) observa que as bibliotecas universitárias congregam a maioria esmagadora do acervo bibliográfico do país. Seus acervos reúnem as maiores e as melhores coleções de periódicos especializados e de obras de referência. Algumas universidades concentram maior parte de seu acervo em bibliotecas centrais, como a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Enquanto outras universidades distribuem seu

acervo em um sistema de várias bibliotecas setoriais, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade de São Paulo (USP).

A expansão das universidades no território nacional trouxe acervos bibliográficos a regiões onde ainda não havia um coletivo de livros organizados para determinados fins. As universidades e as faculdades possuem os melhores acervos bibliográficos a que a população local tem acesso em muitos lugares do interior brasileiro. É razoável dizer que os efeitos da expansão universitária das últimas décadas resultou em uma disseminação ainda maior de acervos bibliográficos no Brasil, sobretudo em periferias de produção de conhecimento.

Em 1973, Esmeralda Maria de Aragão indicou problemas específicos regionais das bibliotecas universitárias. Muitas universidades localizadas em áreas de menor rentabilidade possuíam uma infraestrutura primária e de condições econômicas e financeiras deficientes. As bibliotecas dessas instituições tinham dificuldades de atender aos padrões definidos para uma biblioteca universitária, de fato. Segundo a autora, os objetivos das bibliotecas universitárias ainda não estavam perfeitamente claros, dentro da própria organização das universidades. Isso resultava na falta de compreensão do papel que a biblioteca podia desempenhar nas comunidades universitárias (ARAGÃO, 1973).

Figura 6. Coleção de teses e dissertações na BUCG/UFF

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Quase cinquenta anos depois, as questões relacionadas à infraestrutura ainda são problemas enfrentados pelas bibliotecas universitárias afastadas das regiões centrais, a despeito das políticas educacionais recentes para o ensino superior até avançaram na construção de infraestrutura. Os projetos de expansão preveram a compra das bibliografias básica e complementar dos cursos para a composição dos acervos das bibliotecas, o que resultou na abertura e na ampliação de bibliotecas universitárias em muitos lugares em todo país. Porém, salvo algumas exceções, as condições de infraestrutura, sobretudo a informacional, ainda são muito precárias em relação às bibliotecas universitárias das capitais. Por outro lado, as bibliotecas já possuem um lugar melhor definido dentro das estruturas das universidades com a regulação da educação superior brasileira e o amadurecimento da biblioteconomia no Brasil.

Atualmente, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão ligado ao MEC, estabelece os critérios e os indicadores para credenciamento e avaliação dos cursos de graduação das IES ativas no Brasil. Pode-se dizer que os instrumentos do INEP são as principais políticas reguladoras das bibliotecas universitárias no Brasil, pois determinam a disponibilização das bibliografias básica e complementar dos cursos de graduação. As bibliotecas ocupam um espaço relevante nos instrumentos de avaliação, apesar da análise ficar a cargo da subjetividade da comissão avaliadora.

Nídia Lubisco e Flávia Bulhões de Sousa (2019) analisam os casos de avaliação pelo INEP dos cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As autoras identificam que os indicadores de avaliação não representam com fidedignidade o estado real das bibliotecas na universidade. Segundo as autoras, as bibliografias básica e complementar e a coleção de periódicos especializados são indicadores insuficientes para avaliar se uma biblioteca cumpre ou não a sua função em uma universidade. As autoras apontam a permanência da "inadequação e insuficiência de indicadores para representar a biblioteca de forma ampla, no cumprimento de suas funções dentro de uma instituição de ensino superior" (LUBISCO; SOUSA, 2019, p. 697). As autoras afirmam algo que é sentido em nosso lugar de trabalho e de pesquisa: apesar de sua importância para a regulação das bibliotecas, os instrumentos de avaliação do INEP não contemplam

as possibilidades de atuação da biblioteca em uma universidade e, de alguma maneira, restringem seu escopo de ação. Contudo, Lubisco e Sousa não deixam de reconhecer alguns casos exitosos de aplicação de indicadores nos instrumentos de avaliação em alguns cursos da UFBA.

A área do conhecimento que estuda as bibliotecas é a **biblioteconomia**. Há uma série de correntes que orientam a biblioteconomia na teoria e na prática como em qualquer outra área do conhecimento. Para Jonathas Carvalho,

A Biblioteconomia atualmente se configura, em termos epistemológicos, como uma área do conhecimento que visa promover organização, tratamento, disseminação e acesso à informação por meio do oferecimento de serviços em centros de informação, tendo como enfoque convencional a biblioteca e como enfoque não tradicional empresas, meios de comunicação, indústria, bancos, entre outros. Para tanto, considera como elementos fundamentais para o desenvolvimento de suas atividades a gestão, recursos e fontes de informação, bem como as tecnologias da informação e da comunicação para a construção de seu *corpus* científico e profissional (CARVALHO, 2016, p. 32).

Carlos Alberto Ávila Araújo (2013) identifica três estágios iniciais de uma formulação teórica específica da biblioteconomia. O primeiro está associado à proliferação de manuais e tratados de procedimentos das instituições responsáveis pela custódia de documentos, para as regras de preservação e conservação física dos materiais e para as estratégias de descrição formal das peças e documentos. Os manuais de Conrad Gesner e de Gabriel Naudé são exemplos de documentos que compõem esta fase, que, segundo Fonseca (1979), marca a transição de uma biblioteconomia empírica para uma moderna prática bibliotecária.

O segundo estágio decorre das transformações na vida humana em função das revoluções burguesas na Europa. Nesse momento, surgiu o conceito moderno de biblioteca nacional, cujo caráter público é um atributo distintivo. Esta fase reforça a natureza custodial das bibliotecas a partir de processos extensivos de aquisição e de acumulação de acervos. As bibliotecas nacionais trouxeram a necessidade de criação dos primeiros cursos profissionalizantes para a formação de pessoal capacitado para a administração das rotinas bibliotecárias (ARAÚJO, 2013).

O terceiro estágio se deu, durante o século XIX, junto à consolidação da ciência moderna como forma de produção de conhecimento. Nesse período que as

humanidades começaram a constituírem-se como ciência, a biblioteconomia bem como outros campos como a sociologia, a psicologia e a história são exemplos de ciências humanas que experimentaram forte desenvolvimento teórico e metodológico. O modelo de ciência, todavia, sofreu fortes influências das ciências exatas e naturais, sobretudo da matriz positivista, e procurava identificar na vida social as mesmas relações e princípios que os cientistas usavam para explicar a vida natural. A pesquisa científica, neste modelo, busca regularidades, estabelecimento de leis, ideais matemáticos e a intervenção na natureza por meio de processos técnicos. A catalogação e a classificação se consolidaram como procedimentos técnicos de intervenção na biblioteconomia nesse período. As obras *Ninety-One Cataloguing Rules*, de Anthony Panizzi, *Expansive Classification*, de Charles Cutter, e *Decimal Classification*, de Melvil Dewey, são exemplos de sistemas de organização do conhecimento para catalogação e classificação desenvolvidos nessa época e que influenciam a organização das bibliotecas em todo o mundo até hoje. Richard P. Smiraglia (2002) declara que os princípios expostos nas obras desses bibliotecários precursores estão presentes nos mais modernos sistemas de classificação e permitiram uma melhor compreensão empírica para a biblioteconomia em meados do século XX. Para Smiraglia, esses trabalhos podem ser vistos como início de uma teoria formal da organização do conhecimento.

De acordo com Araújo, estes três movimentos da biblioteconomia constituíram um grande modelo ou paradigma:

A perspectiva patrimonialista voltou-se para os “tesouros” que devem ser custodiados, ressaltando a importância da produção simbólica humana. A entrada na Modernidade enfatizou as especificidades da instituição biblioteca, que devia ter estruturas organizadas e rotinas estabelecidas para o exercício de custódia. E a fundamentação positivista priorizou as técnicas particulares da biblioteconomia a serem utilizadas para o correto tratamento do material custodiado (ARAÚJO, 2013, p. 43).

Enquanto campo de estudo e de prática, a biblioteconomia se desenvolveu em vários países e realidades diferentes. Os novos estudos conduziram à superação deste “grande modelo” em direção a um quadro explicativo mais complexo. Entre essas correntes está a perspectiva crítica da biblioteconomia como uma das vertentes de oposição ao positivismo (ARAÚJO, 2013).

As relações entre as bibliotecas e as sociedades estão no centro das preocupações da perspectiva crítica da biblioteconomia. Segundo Araújo (2017), essa perspectiva se apóia em denúncias de processos de dominação, da investigação ideológica de práticas pretensamente neutras, sobre as reais necessidades que precisam ser respondidas e os enquadramentos culturais promovidos. O autor acrescenta que a perspectiva crítica parte de concepção da realidade humana fundada no conflito, na luta de interesses entre atores e atrizes em posições desiguais por condições de domínio e de legitimidade. Em um primeiro momento, esta corrente propõe um conjunto de práticas direcionadas para as populações excluídas ou marginalizadas que buscava alargar o acesso físico aos livros por meio da proximidade espacial. Essas práticas passaram a ser descritas como ações culturais.

Araújo (2013) reconhece o trabalho de Victor Flusser (1983) como uma das sistematizações pioneiras da aproximação teórica entre a ação cultural e a biblioteconomia. Flusser sustenta que o bibliotecário não deve tornar-se um agente de domesticação, mas buscar tornar-se um agente de emersão cultural. O profissional deve evitar ações manipuladoras e normativas e procurar uma prática libertadora e transgressora. Sua proposta é que o usuário pronuncie sua própria palavra na biblioteca em questões como a composição do acervo, por exemplo. Os carros-biblioteca, o serviço de caixa-estante, as intervenções urbanas de incentivo à leitura, a contação de histórias e a mediação de leitura são exemplos de ações culturais de bibliotecas. Essas ações buscam colocar a biblioteca como agente de mudança social no contexto das desigualdades na dita sociedade da informação.

Para Jonathan Cope (2017; 2019), os programas de pesquisa de biblioteconomia ainda contam com definições excessivamente restritas do que é considerado, ou não, uma investigação. Tal restrição dificulta o desenvolvimento de um pensamento maduro na biblioteconomia e na documentação, de maneira a manter-se como um campo limitado pelo que é considerado ou não pesquisa na área. Cope defende que a biblioteconomia necessita dispor de um espaço acadêmico em que sua comunidade possa articular e debater teorias, ideias e conceitos críticos chave sem precisar definir termos básicos. Segundo o autor, é de suma importância que, neste espaço, não seja necessário lutar contra a percepção

de que o compromisso com questões normativas é, de alguma maneira, polêmico, pouco rigoroso ou não acadêmico. Ao evitar questões relacionadas à política e aos valores, a pesquisa em biblioteconomia e documentação corre o risco de ser irrelevante à medida em que deixa de lado os problemas mais urgentes enfrentados por quem trabalha nas bibliotecas.

Cope (2017) propõe quatro teses que podem unir diferentes ramos de um discurso interdisciplinar emergente que podemos denominar como estudos críticos da biblioteconomia e da documentação. O autor apresenta um manifesto no primeiro volume da revista *Critical Library and Information Science* (CLIS). As teses são exploratórias e provisórias e têm a intenção de iniciar uma conversa e de incitar debates.

A primeira tese afirma que os estudos de biblioteconomia e documentação estão associados ao entendimento das bibliotecas como instituições. Entendê-las dessa maneira implica um compromisso normativo no estudo das bibliotecas. Cope (2017; 2019) argui que uma biblioteca é uma ideia que se materializa na ação de agentes humanos. O autor defende que as bibliotecas devem situar-se no primeiro plano e no centro das pesquisas, debates e discussões em biblioteconomia. A biblioteconomia está intimamente ligada a uma instituição social específica de maneira que outras disciplinas não estão. Dessa forma, os estudos sobre biblioteconomia deveriam distinguir-se de campos relacionados, como a ciência da informação e a gestão do conhecimento, por seu compromisso normativo em relação às bibliotecas.

A biblioteca é uma instituição que, nos termos de Cope (2017), é continuamente sacudida por importantes forças sociais. A variedade de crises políticas, econômicas e ecológicas em nosso planeta requer um compromisso rigoroso, contínuo e reflexivo de como as bibliotecas situam-se neste cenário instável. Do ponto de vista da biblioteconomia crítica, os métodos descritivos dominantes na literatura aplicada do campo são insuficientes para enfrentar os desafios apresentados no contexto histórico.

Cope analisa questões que ocorrem no próprio fazer bibliotecário em suas pesquisas. Em outro trabalho, Cope (2012) sugere que a biblioteca seja entendida como uma estrutura que dispõe de uma ética positiva do trabalho dos

bibliotecários e de demais profissionais da informação, por não ser totalmente dependente do mercado. Nesse sentido, o autor defende a promoção das instituições públicas que apóiam o ofício daqueles que organizam informações em um interesse público amplamente definido. O autor desenvolve um argumento para uma concepção ética do trabalho do bibliotecário como um ofício intelectual que pode servir como alternativa a um discurso determinista de transformação tecnológica. Observamos, em Cope (2012), uma proposta para situar a biblioteca e o bibliotecário em uma sociedade caracterizada por mediações tecnológicas.

Cope (2012) avalia o trabalho de bibliotecários acadêmicos que, nesse contexto profissional, podem ver-se desafiados a manterem uma continuidade de publicações e a promoverem-se sem, contudo, contar com uma formação adequada em métodos de pesquisa. Os bibliotecários, em geral, envolvem-se com as atividades e as responsabilidades cotidianas de seu trabalho e carecem de tempo para a pesquisa e a escrita. Cope avalia que essas não são condições que favorecem uma prática profissional comprometida.

Cope (2017) não deixa de assinalar a participação das bibliotecas na reprodução de desigualdades e de opressões sociais. Ao assumir a importância das bibliotecas, não devemos deixar de reconhecer que essas instituições serviram, de maneira ativa ou implícita, aos interesses do patriarcado, do racismo ou das desigualdades sociais. A biblioteconomia crítica promove um prolongado debate sobre como organizar da melhor forma possível as bibliotecas como instituições divulgadoras e conservadoras de informação, conhecimento e cultura. Nesse sentido, são importantes os questionamentos sobre o futuro das bibliotecas e sobre os valores, normas e ideais que devem formar a base da investigação crítica e dos projetos de biblioteca do mundo real no futuro.

A segunda tese propõe que os estudos críticos da biblioteconomia não são ciência nem deveriam esforçar-se para sê-lo. Para Cope (2017), as ciências naturais proporcionam um modelo pobre para os estudos em biblioteconomia e em ciência da informação, porque a biblioteca e a informação são produto de relações sociais. Qualquer tentativa de entendê-los separadamente dos contextos sociais mais amplos estarão necessariamente limitados. As aplicações de métodos das ciências naturais podem ser entendidos como parte de um esforço mais amplo de

proporcionar a acadêmicos que investigam fenômenos sociais a certeza metodológica das ciências físicas e naturais.

A maioria das disciplinas das ciências sociais tem debatido o escopo de suas investigações, o que tem levado a aproximações epistemológicas e metodológicas. A biblioteconomia deve afastar-se da verificabilidade positivista para abrir espaço a uma variedade de métodos diferentes se quer responder adequadamente aos atuais desafios enfrentados pelas bibliotecas. Cope considera intelectualmente limitada e efêmera a certeza metodológica sustentada por muitos pesquisadores e profissionais da biblioteconomia (COPE, 2017).

Apesar da biblioteconomia apresentar-se com facilidade como ciência, Cope prefere considerá-la mais como "estudos". Cope até reconhece que essa proposta pode ser politicamente imprudente no contexto do sistema universitário. Porém, como pondera o autor, é muito duvidoso que haja possibilidade de outros departamentos da universidade verem a biblioteconomia de forma mais rigorosa por esta declarar-se uma ciência. Ao abandonar a pretensão científica, a biblioteconomia pode assumir um novo discurso comprometido com a defesa de melhores práticas. Cope acredita que o quanto mais houver investigação e debate sobre o valor das bibliotecas, mais estaremos melhor posicionados para defendê-las em nossa sociedade (COPE, 2017).

A terceira tese anuncia que a biblioteconomia crítica não aceita a ideia de neutralidade. A visão de uma biblioteca ideologicamente neutra é questionada há algum tempo, mas ainda é reproduzida em discursos e em práticas profissionais. É difícil sustentar a ideia de que um sujeito pode atuar no mundo sem estar conformado ideologicamente por forças sociais amplas. Cada decisão tomada por um bibliotecário para incluir ou excluir um item na coleção, cada interação com o usuário, cada política de gestão, está conformada a inúmeras forças sociais. A crença que um profissional pode atuar de forma neutra contradiz o que é registrado pela história. Cope defende a luta para que as coleções das bibliotecas sejam ideologicamente diversas, mas o ideal de neutralidade é difícil de justificar porque os bibliotecários deveriam estar conscientes dos valores que subjazem a profissão (COPE, 2017).

Na perspectiva de Cope, os estudos críticos da biblioteconomia devem situar uma discussão sobre os valores e as prioridades intelectuais em primeiro plano e no centro de qualquer projeto teórico e de investigação. Cope reforça que a biblioteca é uma instituição social e deve considerar-se socialmente. Nesse sentido, a biblioteconomia crítica debate e discute o valor da biblioteca na sociedade.

A quarta tese dos estudos críticos estabelece que a biblioteconomia deve engajar-se em propor alternativas. As bibliotecas são instituições sociais e, como qualquer instituição social, são o produto de diversas ideologias, visões de mundo, forças econômicas e relações de poder. Cope (2017) reconhece que os bibliotecários, mergulhados em suas tarefas cotidianas, podem enfrentar dificuldades para aprofundarem-se nos densos volumes teóricos de autores como bell hooks, Judith Butler, Jürgen Habermas, Paulo Freire e Theodore Adorno. É possível até que se perguntem, com razão, sobre a relação dessas teorizações abstratas com as questões do cotidiano de uma biblioteca. Por isso, Cope (2017) defende um espaço na biblioteconomia para debate de conceitos das teorias críticas para os profissionais se familiarizarem com discussões sobre a sociedade.

Os problemas enfrentados pelas bibliotecas são complexos e devem ser analisados com honestidade intelectual e a rigidez exigida em cada situação. Cope (2017) defende uma biblioteconomia crítica que proponha alternativas substantivas baseadas em argumentos normativos que, também, possam ser submetidos a exame e a debate críticos.

A biblioteconomia está intimamente relacionada com diversas áreas do conhecimento, tanto na teoria quanto na prática. Entre tais laços interdisciplinares, a biblioteconomia e a ciência da informação compartilham uma interface estabelecida a partir do percurso histórico, epistemológico e institucional dos dois campos. A relação entre a biblioteconomia e a ciência da informação já é vastamente discutida pelas comunidades das áreas, de modo que não cabe aqui o aprofundamento da discussão, mas apenas reconhecer a relação entre as duas áreas do conhecimento.

Ciência da informação é uma expressão que designa uma disciplina científica surgida no contexto da guerra fria, quando a tensão entre as potências hegemônicas do mundo se deu em planos diversos tais como o militar, o

econômico, o político, o esportivo e também o científico e o tecnológico, quando a informação passou a ter um papel fundamental. Na época, o crescimento das atividades científicas ocasionou o que foi chamado de “explosão da informação”. O uso de computadores e de redes começou a fazer parte dos ambientes militar e governamental (ARAÚJO, C. A. A., 2018b). O início da ciência da informação acontece nesse contexto, como diz Araújo:

Começou ali, por meio da designação de eventos, associações e periódicos, o projeto de construção de uma ciência da informação, uma ciência profundamente envolvida com as problemáticas da época: a necessidade militar, o clima de competição entre os países, a informação como recurso a ser usado no conflito, a necessidade de um instrumental e a busca por eficácia e eficiência (ARAÚJO, C. A. A., 2018b, p. 8).

Muitas mudanças já aconteceram na ciência da informação e na sociedade desde o pós-guerra. Para Araújo,

A ciência da informação que se faz, hoje, é muito diferente daquela de cinco décadas atrás. Ainda que propostas de estudos parecidas com aquelas de sua época fundacional permaneçam, elas coexistem com diversas outras maneiras de se estudar a informação, sobretudo (mas não só) porque o desenvolvimento das tecnologias solucionou uma série de problemas, mas trouxe muitos outros, relativos às questões humanas (sociais, culturais, políticas, econômicas, jurídicas) de como nós, seres humanos, no século XXI, produzimos, fazemos circular, disseminamos, organizamos, preservamos, usamos e nos apropriamos dos registros de conhecimento produzidos, bem como intervimos, criando instituições, serviços e produtos, nos fluxos informacionais (ARAÚJO, C. A. A., 2018b, p. 7).

Segundo Araújo, a ciência da informação, atualmente, é mais atenta à complexidade dos fenômenos estudados. Hoje em dia, há uma busca por ver a imbricação entre os documentos, as mediações e os saberes. Essa atenção desdobra-se num conjunto de perspectivas e de teorias desenvolvidas que caracterizam um campo comprometido com as questões vivenciadas no presente (ARAÚJO, C. A. A., 2018b).

Segundo Rodrigo Rabello (2019), o **documento** é um tema privilegiado para o diálogo interdisciplinar das ciências da documentação e da informação com outros campos das ciências humanas e sociais. Por isso, adotamos o documento como foco estratégico para a abordagem interdisciplinar das diversas áreas do

conhecimento nesta pesquisa. Cristina Dotta Ortega e Marilda Lopes Ginez de Lara sustentam que a noção de documento relaciona-se à sua possibilidade de informar, isto é, à sua condição de informatividade. Segundo as autoras,

mais do que a informação, é a informatividade que permite ver o jogo intertextual que caracteriza os processos de recepção determinando critérios de relevância para que algo seja considerado informativo. A capacidade de um documento ser informativo implica o aspecto pragmático do objeto informacional à medida que revela o caráter social e simbólico da informação e, conseqüentemente, os ambientes e as situações concretas de uso (ORTEGA; LARA, 2010, p. 1).

Ortega e Lara (2010) defendem que a ciência da informação tem a função de construir novos documentos a partir de documentos originais ou de dados esparsos, visando a realizar a mediação entre objetos potencialmente informativos e pessoas potencialmente usuárias da informação. As autoras apontam os aspectos pragmáticos e concretos do uso e dos ambientes de uso da informação como variáveis da capacidade de um documento ser informativo. É na direção dessa função construtora e mediadora da ciência da informação que o caráter aplicado desta pesquisa é direcionado.

Figura 7. Estante da BUCG/UFF

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

As conotações mais remotas de documento vão desde ensino e instrução a exemplos, palestras e demonstrações. A partir do século XVII, com o advento do Estado Moderno, o documento passou a ter um papel importante na sustentação da burocracia estatal, quando poderia ser definido como escrita que serve para provar algo ou para informar. Após a revolução científica e, sobretudo, o iluminismo, a legitimidade política, legal e científica passou a depender da capacidade de seus atores em documentar suas reivindicações e direitos. A prova, a demonstração e a autoridade passaram a ser os critérios definidores da veracidade do documento. Esses acontecimentos colaboraram para a construção de um cenário perfeito para a proposição das primeiras formulações teóricas da documentação (LUND, 2009; BUCKLAND, 2018).

Segundo Michael Buckland (2018), a teoria dos documentos é um campo que examina o conceito de documento e como ele pode contribuir com outros conceitos para um melhor entendimento de áreas da comunicação, documentação, informação e conhecimento. Os estudos dos documentos têm se preocupado com as variedades de formas físicas dos documentos, como eles se relacionam entre si e com seus contextos, como são ou devem ser usados, os esforços para exercer controle sobre eles e seu desenvolvimento a partir de novas tecnologias.

Buckland (2018), Lund (2009), Lara (2010), Ortega e Lara (2010) e Rabello (2019) revisam a noção de documento, apresentando uma perspectiva histórica e teórica da documentação. De maneira bastante generalizante, é razoável dizer que as abordagens apresentadas pelos autores podem ser sintetizadas em, ao menos, em duas direções.

Lara (2010, p. 36) sugere que as formulações teóricas a respeito do documento se estabelecem, ao menos, em duas perspectivas diferentes na ciência da informação: “num sentido que caracteriza a sua atividade nuclear, e num sentido que corresponde ao seu entorno”. No primeiro caso, os documentos são selecionados e submetidos em sistemas documentários, enquanto, no segundo caso, os documentos são objeto de análise crítica como expressão de fenômenos sociais diversos. Lund (2009) declara haver uma tensão inerente na comunidade da biblioteconomia e da ciência da informação entre o interesse pragmático que diz respeito a lidar de maneira utilitária com os documentos, e um interesse crítico na

compreensão do papel dos documentos na sociedade e na cultura em geral. Outras tensões na abordagem do documento podem ser encontradas no campo. Por exemplo, Ortega e Lara (2010) comparam algumas abordagens do documento: clássicas e contemporâneas e franco-hispânicas e anglo-saxãs.

A diversidade de abordagens do documento nos desafia a propor um quadro explicativo sobre o documento que integre essas correntes a partir do contexto de aplicação desta pesquisa. O esforço a seguir, porém, é menos um esforço teórico de articulação das teorias do documento do que uma proposta de explicação sobre o documento.

Bernd Frohmann (2008), sob influência foucaultiana, sugere que os documentos desempenhem, ao menos, as funções comunicativa e constitutiva. O autor pondera que Michel Foucault não se interessa pelos documentos como meios de comunicação, mas como um instrumento de poder gerativo e formativo. É produtivo para a biblioteconomia e para a ciência da informação observarem esses dois aspectos do documento, as funções comunicativa e a constitutiva. O documento, contudo, não reduz-se apenas a essas categorias de função, uma vez serem possíveis muitas outras documentalidades.

A manifestação comunicativa do documento diz respeito à sua capacidade de comunicar mensagens. Esta visão é a mais difundida e presente no discurso da biblioteconomia e da ciência da informação a respeito do documento. Meyriat (1981) afirma que o documento pode ser definido como objeto que dá suporte à informação, serve para comunicar e é durável. Segundo o autor, toda mensagem possui uma significação e não é possível definir documento sem ter em conta o significado da mensagem que ele tem a função de transmitir.

Meyriat (1981) pondera ainda que a vontade do emissor não é suficiente para garantir o sentido das mensagens. Ele dá o exemplo de um jornal diário feito para servir de suporte e para transmitir informações sobre o contexto social. No entanto, é possível que o jornal seja utilizado por um comerciante para embalar legumes, o que já não torna mais o papel um suporte de jornal. O embrulho poderia até voltar a ter algum valor informativo após alguém colocar os olhos sobre determinado conteúdo para tomar conhecimento de alguma notícia. Continuando, Meyriat também afirma que a vontade de obter informação é um elemento

necessário para que um objeto seja considerado um documento, ainda que a vontade de seu criador tenha sido outra. Meyriat é um expoente na documentação francesa e sua proposta contribuiu para o desenvolvimento da interface entre a documentação e a comunicação nas comunidades científicas francesa, espanhola e brasileira (ORTEGA; LARA, 2010).

A outra manifestação, citada por Frohmann (2008), diz respeito ao papel constitutivo do documento, que entende o documento desde seu poder gerativo e formativo. Nessa perspectiva, o documento é considerado um produto do valor institucional e material da informação atribuído ao objeto. Essa abordagem permite a correspondência entre enunciados, informação e documentos, cuja materialidade é constituída na ocasião em que tais enunciados circulam socialmente (RABELLO, 2019).

Frohmann (2004) identifica uma limitação na abordagem mentalista da informação, porque não reconhece os indivíduos como agentes primários dos processos de interesse dos estudos dos aspectos, sociais, públicos, culturais e econômicos da informação. Frohmann propõe substituir a abordagem mentalista da informação pela atenção à materialidade dos documentos. O autor propõe que a materialidade da informação seja abordada com base no conceito foucaultiano de enunciado, porque oferece recursos teóricos para pensar a respeito do documento e, por consequência, da materialidade da informação.

A materialidade não parte do que o enunciado significa ou representa, bem como prescinde da informação que veicula. A abordagem da materialidade do documento estabelece uma discussão sobre a via de existência de um enunciado. A proposta é a análise das questões sobre o surgimento do enunciado e das regras de transformação, de ampliação e de conexão com outros enunciados (FROHMANN, 2008). Para essa concepção, não é o conteúdo do documento que interessa, mas seu papel nos sistemas sociais (LARA, 2010). A investigação da materialidade desperta para as questões de como o enunciado se dá, como se mantém, como exerce poder e força, quais são os seus efeitos específicos, como se desestabilizam, como se decompõem e como deixam de existir. Essa análise transcende os elementos linguísticos dos enunciados.

A materialidade de um enunciado pode ser analisada pelo grau de sua imersão em uma instituição. Segundo Michel Foucault (1969, p. 116), o regime de materialidade é “mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal”. As rotinas institucionais estabelecem e mantêm as relações entre os enunciados. Nas palavras de Foucault,

Essa materialidade repetível que caracteriza a função enunciativa faz aparecer o enunciado como objeto específico e paradoxal, mas também como um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, e eventualmente destroem. Ao invés de ser dito de forma definitiva - e perdida no passado [...], o enunciado ao mesmo tempo em que surge na sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, coloca-se em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em atividades onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 1969, p. 118-119).

Rabello (2019) argui que a materialidade do documento é pronunciada e forjada institucionalmente. Para o autor, os estudos de ações e de práticas informacionais se apresentam como terreno fértil para a compreensão das rotinas institucionalizadas. Esses estudos permitem a compreensão, em alguma medida, da estabilidade, a manutenção e o exercício de força e poder dos enunciados.

Não deve-se confundir materialidade e fisicalidade na discussão sobre documento e informação. Rabello (2019) explica que a fisicalidade da informação está relacionada às propriedades físicas do objeto-suporte que a inscreve no espaço e no tempo. O objeto remete ao meio pelo qual o registro da informação se concretiza. A partir de suas propriedades físicas, qualquer objeto pode suportar informação. Os objetos de informação podem ser analógicos e digitais.

O suporte analógico tem conteúdo aparentemente mais estável e menos fluído. A analogia pode ser direta ou indireta. A analogia direta conta com os sentidos humanos para o contato e leitura de registros e imagens (escrita, fotografia, gravuras, etc.) em suportes físicos (papel, pedra, plástico, madeira, etc.). Na analogia indireta, tais registros são acessados mediante algum dispositivo eletrônico, algo responsável por denominá-los suportes eletrônicos. O microfilme, as imagens fílmicas e as gravações de áudio são exemplos de registros de

informação em analogia indireta. Essa categoria abrange também outras codificações em outras formas de registro analógico (RABELLO, 2019).

O suporte digital tem conteúdo aparentemente menos estável e mais fluído. É de natureza eminente indireta, uma vez que o acesso aos registros nele contidos requer necessariamente um dispositivo eletrônico para o processamento e a leitura. Os registros podem ser reduzidos a números ou a um fluxo numérico, com combinações abstratas diversas. O mínimo denominador é o “dígito binário” ou *bit*, que não possui nenhum valor absoluto e somente adquire significado quando inscrito em uma série numérica em determinado sistema. O suporte digital se caracteriza por alguma fisicalidade (plásticos e metais das placas eletrônicas, p. e., *chip*, telas, *etc.*) que permitem o fluxo e a inteligibilidade das sequências de símbolos (RABELLO, 2019).

Figura 8. “Campos depois do centenário”, de Waldir Carvalho

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Entretanto, não só de documentos se faz a biblioteconomia, uma vez que a área deixou ter seu foco no livro e em outros documentos há um tempo. Segundo Fonseca (2007), a missão do bibliotecário passou de bibliocêntrica para tornar-se antropocêntrica. Em outras palavras, a biblioteconomia deixa de centrar sua atenção nos livros e nos documentos para dar relevância ao elemento humano, tornando-se assim uma área antropocêntrica, ou ainda mais, antrobibliocêntrica. Assim, Fonseca propõe que a biblioteca seja entendida menos como uma coleção de livros catalogados e organizados do que uma assembleia de usuários. Dessa forma, a biblioteconomia começa a contemplar o caráter dialógico da biblioteca, em que o usuário passa a ser considerado e a ter um papel ativo na biblioteca. Nesse contexto, a **mediação** se torna uma ideia relevante para a biblioteconomia.

Marco Antônio de Almeida (2008) repara que alguns conceitos circulam com certa frequência em determinados ambientes acadêmicos com alguma naturalidade que muitas vezes esconde a falta de discussões aprofundadas acerca de suas aplicações, limites e paradoxos. Este parece ser o caso de mediação que, para Jean Davallon (2007), parece ser uma conceituação impraticável, uma vez se tratar de um termo plástico que estende suas fronteiras para dar conta de realidades muito diferentes entre si. Almeida (2008) observa que mediação é um termo polissêmico intrinsecamente e seu significado pode mudar conforme o contexto de uso.

Para Jean Caune (2014), a mediação pode ser entendida como um conjunto de práticas sociais desenvolvidas em setores institucionais variados e que visam construir um espaço determinado pelas relações que nele se manifestam. Daí, Almeida (2014) sugere que a mediação como um conceito de enorme plasticidade e flexibilidade que recobre práticas derivadas de realidades muito distintas entre si ao ser pensado no plano das instituições. Assim,

o conceito de mediação recobre, portanto, atividades diferenciadas que vão das correntes de 'atendimento ao usuário' às ações de um agente cultural em uma dada instituição - museu, biblioteca, arquivo, centro cultural -, à construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informações e vivências (educação, arte, lazer, por exemplo), à elaboração de políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação, à mediação tecnológica proporcionada por

ferramentas informacionais em rede (portais, sites, weblogs), etc. (ALMEIDA, 2014, p. 197).

Para Araújo (2014), a mediação pode ser considerada uma das perspectivas contemporâneas da biblioteconomia, embora sua manifestação pioneira remonte à palestra proferida por José Ortega y Gasset na abertura do II Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, em Madrid, em 1935. Aos poucos, a noção de mediação tomou forma na área de biblioteconomia sugerindo a atuação do bibliotecário como um mediador. Uma proposta embrionária de Oswaldo Francisco Almeida Júnior (2009) tem aproximado a prática da biblioteconomia da noção de mediação através do conceito de mediação da informação. O autor sugere a mediação da informação como

toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 89-103).

Segundo Almeida (2014), os processos de mediação envolvem, de um lado, a preocupação de fazer circular a informação e torná-la pública, e, de outro, a preocupação em capacitar e formar os agentes envolvidos. As ações de mediação devem voltar-se para o empoderamento e a formação de agentes. Outros autores, como Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (2007) e Henriette Ferreira Gomes (2019), assinalam a importância do protagonismo nos processos de mediação.

No contexto profissional, a mediação requer que o bibliotecário interfira no processo de apropriação da informação e do conhecimento. Na perspectiva da mediação da informação, o caráter dialógico da assembleia de usuários se torna fundamental para facilitar a construção de conhecimento na interação entre bibliotecário e usuários. A mediação na biblioteca pode dar-se, de forma explícita, na oferta de cursos, oficinas, seminários, projetos abertos e serviço de referência e, de forma implícita, nos processos de seleção e organização do conhecimento (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Marielle Barros Moraes (2017) alega que a mediação da informação é um conceito frutífero para pensar as práticas profissionais da biblioteconomia e ciências afins, na medida em que pode ser um fio condutor para diálogos

transdisciplinares entre as ciências da informação e dessas com outras áreas do conhecimento. Como já citado, Rodrigo Rabello (2019) indicou, também, o potencial do conceito de documento para refletir sobre as práticas e estabelecer diálogos da ciência da informação com outras áreas do conhecimento. A partir da potência desses dois conceitos para diálogos com outras áreas procuramos analisar os saberes nas e das bibliotecas universitárias. Dessa forma buscamos a aproximação da ciência da informação contemporânea, a qual pode ser descrita como:

A ciência da informação que se faz hoje, é mais atenta à complexidade dos fenômenos estudados, buscando ver a imbricação entre documentos (registros de conhecimento), mediações (tecnológicas, institucionais) e saberes (culturas, memórias, conhecimentos coletivos), e tal atenção se desdobra num conjunto de perspectivas e teorias desenvolvidas recentemente e que evidenciam a vitalidade e a dinamicidade de um campo comprometido com a compreensão dos problemas vivenciados no presente (ARAÚJO, C. A. A., 2018b, p. 8).

A ciência da informação se consolidou nos EUA, na Inglaterra e na União Soviética, onde surgiram os primeiros pesquisadores, periódicos, instituições e eventos da área. Desses países de tradição anglo-saxã e soviética, a ciência da informação estendeu-se para outros lugares do mundo. Algumas revisões de literatura sobre o percurso histórico da ciência indicam a importância de países do hemisfério norte, como Alemanha, Canadá e França além dos países nórdicos, no cenário de ampliação do campo. Pelo menos são assim a revisão do conceito de informação, de Rafael Capurro e Birger Hjørland (2003), e da teoria do documento, de Michael Buckland (2018) e de Niels Windfeld Lund (2009). E poderíamos citar outros exemplos. No máximo, fazem menção à tradição de pesquisa hispânica. A produção acadêmica dos países ibero-americanos e de outras regiões do planeta ficam de fora da visibilidade de pesquisadores de países hegemônicos. Araújo (2018a) observa que:

Isso acontece por vários motivos: a diferença de recursos e infraestrutura em ciência e tecnologia dos diferentes países do mundo; a sobrevalorização de determinados idiomas em detrimento de outros em termos de circulação, leitura e citação; a cobertura das bases de dados internacionais entre outros. Existe, contudo, uma significativa produção em ciência da informação nos países que compõem a IberoAmérica, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Essa produção fundamenta-se, em parte, nas teorias e

conceitos da tradição hegemônica anglo-saxã; mas também mostra-se, em certos momentos, criativa e inovadora, construída a partir de problemas específicos e modelos teóricos próprios construídos para resolvê-los (ARAÚJO, C. A. Á., 2018a, p. 32).

Esse é o caso do Brasil. A ciência da informação no país remonta aos anos 1950, com a fundação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954. Inicialmente alinhado à tradição francesa da documentação, o instituto aproximou-se das tradições anglo saxônicas da ciência informação no final dos anos 1960. No início da década de 1970, passou a se chamar Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), publicou o primeiro número do periódico *Ciência da informação* e fundou o primeiro programa de pós-graduação em ciência da informação no país. As tradições de pesquisa do IBICT e de outras instituições da ciência informação brasileiros são relatados por Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (2005). Atualmente, a ciência da informação brasileira conta com duas associações científicas, ANCIB e ABECIN, além de grupos de pesquisa e cursos de graduação e pós-graduação em universidades em todas as regiões do país. Portanto, é razoável reconhecer que há um pensamento informacional brasileiro. Segundo Carlos Alberto Ávila Araújo e Marta Lígia Pomim Valentim (2019), a pesquisa brasileira em ciência da informação tem evoluído ao longo dos anos, mas ainda carece de visibilidade internacional, ação esta que vem sendo desenvolvida pelos programas de pós-graduação, visando justamente a divulgação do pensamento científico em ciência da informação no contexto internacional.

2.3 *A terra goitacá*

Campos dos Goytacazes não é uma das cidades mais conhecidas no Brasil, mesmo pela população fluminense. Foram comuns as vezes em que precisei localizar Campos dos Goytacazes durante conversas com pessoas que ainda não conheciam a cidade. Por isso, nesta subseção, são apresentados alguns elementos do contexto do lugar, com base nas perguntas sobre a cidade que, costumeiramente, respondi durante os anos de pesquisa. Longe de pretensão historiográfica, o contexto a seguir foi construído com base em referências a que eu tive acesso e, portanto, podem não ser necessariamente as mais adequadas para falar sobre a região. A proposta surge a partir de uma reflexão sobre a importância

de compreender a geografia e história do lugar e de relacionar-se com as pessoas locais que escrevem sobre o lugar.

Campos dos Goytacazes é um município que está na região denominada como ecorregião de São Tomé, nome que homenageia o cabo e a capitania de São Tomé. Arthur Soffiati (2018) apresenta elementos para caracterizar a ecorregião por um grande aterro formado pela própria natureza entre os rios Macaé e Itapemirim com a deposição de sedimentos carregados da zona serrana pelos rios e do mar pelos movimentos marinhos. O processo da história natural de formação da planície fluviomarinha tem uma relação muito grande com o rio Paraíba do Sul, o maior do atual estado do Rio de Janeiro e, portanto, da ecorregião. A planície fluviomarinha dos goytacazes é a maior do território fluminense e compreende uma grande área de origem aluvial e a maior restinga do estado. A cidade de Campos dos Goytacazes foi instalada e formada na margem direita do rio Paraíba do Sul, junto com um processo de agroindustrialização sucroalcooleira.

Antes da chegada dos europeus ao que veio ser o Brasil, a planície fluviomarinha do futuro Norte Fluminense era dominada pela nação goitacá, pertencente ao grupo linguístico macro-gê. Os membros dessa nação eram diferentes, em termos físico, cultural e linguístico dos tupis. Os goitacás ficaram conhecidos como um povo belicoso, mas há muitas controvérsias sobre eles (SOFFIATI; 2018). Soffiati diz sobre os goitacás:

Nos primórdios da colonização da baixada, os goitacás foram mitificados como um povo aguerrido. Antropófagos para uns, não antropófagos para outros, pescadores e caçadores para uns, já conhecedores da agricultura para outros, moradores em casinholas sobre estacas dentro de lagoas para uns, construtores de assentamentos em terra, como outros nativos do Brasil, como aponta a arqueologia moderna, incendiários de florestas para uns, adaptados a ecossistemas úmidos da baixada para a maioria dos estudiosos. Muito se falou de forma díspar dos goitacás (SOFFIATI, 2018, p. 51).

Um detalhado estudo sobre os goitacás foi feito por Alberto Ribeiro Lamago (1945), que apresenta relatos de colonizadores, historiadores e missionários sobre as impressões a respeito dos costumes e hábitos do povo nativo. A conquista da região parece ter sido difícil, tendo ocorrido batalhas, evangelização e, até mesmo, distribuição de roupas contaminadas com varíola. Os goitacás sobreviventes

desapareceram aos poucos da terra que um dia foi sua ou foram assimilados devagarmente pela cultura dos brancos. Hoje pouco ou quase nada resta sobre os goitacás senão o nome da planície que lhes homenageia ou a ancestralidade que permanece na terra. Sobre as consequências desse processo, Lamego fala e questiona-se:

[...] A não ser o nome da planície nada mais lembra o nome [goitacá]. Sumiu-se tudo. Tôda a toponímia de sua áspera linguagem desapareceu. Terá sido influência guaranizante, provavelmente jesuítica riscando e substituindo tôda a nomenclatura de rios, lagoas e montanhas, a ponto de quase todas as estações de entrada de ferro de Campos até além de Macaé terem nomes tupis-guaraní? (LAMEGO, 1945, p. 48).

As primeiras tentativas de conquista europeia da planície goitacá ocorreram após a divisão das capitanias hereditárias. A capitania de São Tomé foi delimitada em treze léguas a contar a partir de Cabo Frio até chegar a um lugar de difícil localização denominado como Baixo dos Pargos, presumivelmente em uma região próxima ao rio Itapemirim onde hoje fica o sul do Espírito Santo. Em 1534, a capitania foi doada a Pero de Gois que não teve sucesso na conquista da terra. A capitania foi devolvida por Gil de Gois, filho do capitão-mor, à Coroa Portuguesa no início do século seguinte, em 1619. O fracasso da capitania de São Tomé está relacionado à formação geológica da região onde não há portos naturais e à resistência do povo goitacá à colonização (LAMEGO, 1945; SOFFIATI, 2018).

Lamego comenta como as condições geológicas da região trouxeram dificuldades para a conquista da terra:

Qual a causa da penetração tardia? De um lado, evidentemente, a fama terrífica do aborígene [...]. O motivo principal da indiferença pela grande planície de aluviões deve-se, porém, a nosso ver, às condições geográficas oriundas da própria geologia litorânea. As formações geológicas de Campos impedem a existência de bons portos de mar e mesmo de simples ancoradouros ao sul do Paraíba. Por isso é que a terra é desconhecida, não obstante haver André Gonçalves batizado o cabo São Tomé em 21 de dezembro de 1501 (LAMEGO, 1945, p. 56).

Ainda podemos acrescentar outro trecho em que Lamego destaca a resistência goitacá à conquista dos colonizadores:

O fracasso da capitania de São Tomé mostra-nos mais uma vez o caráter do índio goitacá. Acessível e assimilável pelo colonizador, reage, entretanto vivamente às primeiras provas de barbaridade.

Fácil na amizade com o branco, é, todavia, implacável contra o menor ataque à sua áspera sensibilidade (LAMEGO, 1945, p. 55).

Os anos seguintes são marcados por uma povoação branca atraída pelas possibilidades de práticas agropecuárias na região. Uma plebe rural tomou posse de uma terra por ser herdeira dos sitiantes pioneiros na povoação da planície goytacá. Essas pessoas não deixaram de enfrentar muitos conflitos com grandes senhores que, do Rio de Janeiro ou de Lisboa, reivindicaram a posse e a renda desses territórios. Os primeiros moradores trabalharam em função de um ciclo do açúcar que, aos poucos, levou ao desenvolvimento extraordinário da indústria sucroalcooleira na região. Contudo, a violência não deixou de existir sobre a planície, seja pelos conflitos com e entre os senhores da terra, seja pela extensiva escravização de pessoas negras ou seja pela exploração de trabalhadores rurais após a abolição da escravatura (LAMEGO, 1945).

Figura 9. “Os momentos decisivos da história de Campos dos Goytacazes”, de Osório Peixoto Silva (1984)

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Em 29 de maio de 1677, foi Fundada a Vila de São Salvador de Campos dos Goytacazes. Na época, a região era habitada por 150 moradores aproximadamente. Em 28 de março de 1835, a Vila de São Salvador é elevada à categoria de cidade batizada com o nome de Campos dos Goytacazes. Após esse momento, a cidade passa a vivenciar um crescimento muito maior que define o seu desenvolvimento nas próximas décadas.

Atualmente, Campos dos Goytacazes é um dos municípios da mesorregião Norte Fluminense⁴. Seu território estende-se por 4.031.989 km², o que o torna o maior do município do estado do Rio de Janeiro em extensão territorial. Campos dos Goytacazes é limítrofe com os municípios São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Quissamã, Conceição de Macabu, Santa Maria Madalena, São Fidélis, Cardoso Moreira, Italva, Itaperuna, Bom Jesus do Itabapoana e Mimoso do Sul (ES) (Figura 10). Em 2019, a população estimada da cidade pelo IBGE correspondeu a 507 548 habitantes de modo a ser o 7º município mais populoso do Rio de Janeiro e o 42º do Brasil.

José Luiz Vianna da Cruz (2003) conta que Campos dos Goytacazes alcançou projeção nacional com a produção de cana de açúcar. Todavia, a atividade sucroalcooleira na região entrou em decadência em meados do século XX, quando passou a ser superada por produtores do estado de São Paulo que contou com a expansão e a modernização desse segmento. O cenário campista começou a mudar a partir da segunda metade dos anos 1970, quando iniciaram-se as atividades da economia do petróleo na região. O autor diz:

Num intervalo de pouco mais de trinta anos o NF [Norte Fluminense] passou de região monocultora de cana e produtora de

⁴ O estado do Rio de Janeiro foi dividido geograficamente pelo IBGE em seis mesorregiões, que por sua vez abrangiam dezoito microrregiões. A mesorregião Norte Fluminense abrange os municípios Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra. Este quadro foi vigente entre 1989 e 2017. O IBGE extinguiu as mesorregiões e as microrregiões em 2017 para criar um novo quadro regional brasileiro, com novas divisões geográficas denominadas, respectivamente, regiões geográficas intermediárias e imediatas (IBGE, 2017). A divisão vigente traz outra divisão para o recorte geográfico da nossa pesquisa. No entanto, nós preferimos adotar neste trabalho a divisão geográfica das mesorregiões, uma vez que é a mais recorrente na literatura estudada e analisada e representa com mais precisão o olhar de nossas reflexões sobre as divisões geográficas do Estado do Rio de Janeiro. Um detalhado estudo sobre a construção histórica da região Norte Fluminense foi defendido por José Luiz Vianna da Cruz (2003).

açúcar e álcool, periférica, decadente e estagnada, à região polarizada pelas atividades da economia regional do petróleo, extrativista, responsável por cerca de 80% da produção nacional, inundada há mais de 15 anos pelas rendas monetárias petrolíferas recebidas por uma pequena elite de municípios privilegiados, e atravessada por uma rede de infraestrutura que articula a sua internacionalização, em diferentes níveis (CRUZ, 2016, p. 50).

O início da exploração e produção de petróleo deu-se logo após a fusão, em 1975, dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, formando um novo estado do Rio de Janeiro e transferindo a capital para o município que recebe o mesmo nome. A economia fluminense sofreu um declínio econômico com a transferência da capital nacional. Só voltou a recuperar-se em função do aumento de sua dependência em relação à economia estadual do petróleo, que abrange a exploração e produção petrolíferas e as indústrias petroquímicas, gás-químicas e naval, apoiadas no segmento siderúrgico (CRUZ, 2016).

Figura 10. Regiões do Governo e Municípios do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Fundação CEPERJ, 2019.

Cruz (2016) identifica três momentos que alteraram a história recente de Campos dos Goytacazes e região. O primeiro momento relaciona-se à crise da monocultura canavieira e à instauração da economia petrolífera. Nesse período, iniciaram-se as atividades de exploração e produção de petróleo com a instalação de indústrias, o que trouxe impactos ao mercado de trabalho e as primeiras mudanças urbanas, sobretudo em Macaé onde foi instalado o complexo petrolífero. O segundo momento relaciona-se à quebra de monopólio estatal de exploração do petróleo e ao rentismo público municipal com as atividades petrolíferas. Nessa fase, os municípios da região passaram a receber os *royalties* da exploração e da produção de petróleos e as cidades vivenciaram um crescimento no investimento de infraestrutura urbana e uma dinamização do comércio e dos serviços. O terceiro momento é marcado pela instalação do Porto do Açu, em São João da Barra. Nessa fase, a região passou a receber um conjunto de investimentos em infraestrutura portuária e de logística viária que promoveram, e ainda promovem, a integração da economia regional nos marcos da inserção internacional da economia brasileira. Por fim, o autor comenta a crise dos preços internacionais do petróleo que causaram uma queda abrupta dos recursos orçamentários dos municípios rentistas da exploração do petróleo, o que trouxe graves problemas socioeconômicos para a região. O autor reforça a urgência de pensar em propostas para uma economia regional mais estável, ancorada em um projeto nacional menos vulnerável aos humores do mercado mundial e mais comprometida com um desenvolvimento social e espacial.

As mudanças socioeconômicas geradas em função do início da exploração e produção de petróleo na região trouxeram expectativas sobre o seu desenvolvimento. Nesse contexto, supostamente ocorre uma demanda de formação de trabalhadores para atuar na indústria petrolífera crescente assim como nos demais serviços que acompanharam o desenvolvimento econômico. Nas palavras de Rosélia Piquet, Gustavo Henrique Neves Giviziez e Elzira Lúcia de Oliveira,

Uma vez que a região é dotada de vastas reservas petrolíferas e de gás natural e que desempenha um papel-chave na matriz energética brasileira, tornou-se comum a suposição de que o ensino superior “deveria” ser reestruturado de modo a atender às demandas do setor petrolífero, privilegiando a implantação de cursos técnicos em

engenharia do petróleo; perfuração em águas profundas e outros semelhantes (PIQUET; GIVIZIEZ; OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Desde os anos 1960, começaram a surgir as instituições de ensino superior no Norte Fluminense frente à demanda de formação profissional. Atualmente, Campos dos Goytacazes destaca-se na região por concentrar um grande número de instituições de ensino superior. A cidade dispõe de duas universidades públicas e três universidades privadas, dois centros universitários, duas faculdades privadas e um instituto federal de educação tecnológica. Há também a presença de pólos de educação a distância (EaD) de instituições de outras regiões do país que oferecem cursos de graduação na cidade. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) distinguem-se como instituições públicas de ensino superior sediadas em Campos dos Goytacazes. O Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), a Faculdade Medicina de Campos (FMC), a Faculdade Batista Fluminense (FABERJ) e o Instituto Superior de Educação do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora (ISECENSA) são instituições privadas sediadas em Campos dos Goytacazes que mantêm parte da tradição local de ensino superior em várias áreas do conhecimento. É nesse contexto que a Universidade Federal Fluminense (UFF) apresenta um projeto de expansão do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), tornando-se a um centro de formação em ciências sociais e ciências sociais aplicadas para a região (BOROWSKY, 2018; SILVA *et al.*, 2018).

Apesar da crescente efervescência, a cena cultural de Campos dos Goytacazes revela uma cidade carente de políticas públicas para a cultura. De acordo com Elis de Araújo Miranda (2016), havia uma concentração de equipamentos culturais na área de central de Campos dos Goytacazes em 2010. A autora aponta a ausência de equipamentos nas regiões periféricas e não centrais da cidade. Mesmo no bairro mais populoso da cidade, Guarus, não há um equipamento cultural público (Figura 11).

Figura 11. Espacialização dos equipamentos públicos de cultura de Campos dos Goytacazes (2010), I

Fonte: MIRANDA, 2016, p. 187.

Figura 12. Espacialização dos equipamentos públicos de cultura de Campos dos Goytacazes (2010), II

Fonte: MIRANDA, 2016, p. 187.

Miranda (2016) destaca a presença de onze bibliotecas universitárias na região (Figura 12). As bibliotecas são abertas e de livre acesso para toda a comunidade, entretanto, apenas estudantes matriculados e funcionários da IES podem fazer empréstimos de livros para consulta fora das dependências da unidade. A autora também menciona o Palácio da Cultura que possui espaços para uma biblioteca pública, um cineteatro e um *hall* para pequenas exposições de artes plásticas. No entanto, o Palácio da Cultura encontra-se em obras desde 2014 (MIRANDA, 2016). A principal biblioteca pública de Campos dos Goytacazes encontra-se desativada desde quando iniciaram-se as obras no Palácio da Cultura.

Figura 13. Espetáculo “Hediondez”, da companhia Moinho Cênico no Teatro de Bolso Procópio Ferreira

Fotografia: Breno Mejias Lobato. 2019. Fonte: @moinhocenico.

Das mudanças na cena cultural campista na última década, nós destacamos a reativação do Teatro de Bolso Procópio Ferreira, a reinauguração do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, algumas ações do Arquivo Público da cidade e a reativação de dois espaços universitários de cultura ligados à UENF, a Casa de Cultura Villa Maria e a sala de cinema do Centro de Convenções Oscar Niemeyer. Infelizmente, o Museu Olavo Cardoso está inativo desde 2011, devido ao comprometimento da estrutura do edifício.

Há dois teatros públicos na cidade, Teatro Trianon e Teatro de Bolso Procópio Ferreira. O primeiro é o maior teatro da cidade, mas sua programação conta com espetáculos eventuais e, em geral, inacessíveis para a população de baixa renda. O segundo teatro esteve fechado durante três gestões municipais e foi reaberto em 2017 após manifestações e ocupações de artistas e produtores culturais como forma de pressão para sua reabertura (MIRANDA, 2016). O Teatro de Bolso tem sido, desde a reabertura, um centro de resistência e protagonismo de artistas da região além de acolher muitas das produções de grupos teatrais ligados ao recente curso de licenciatura em teatro do IFF. O Teatro de Bolso é mantido pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (PMCG), por meio da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL). Vale a pena acrescentar que o IFF implantou, nesse período, os cursos de licenciatura em teatro e em letras português-literatura, em 2015 e 2016, respectivamente. Professores e estudantes ligados aos dois cursos têm contribuído para a renovação da cena cultural de Campos dos Goytacazes (Figura 13). Além dos teatros públicos, a cidade também tem o Teatro SESI Campos e o SESC Campos, que recebem espetáculos e shows de artistas nacionais e locais, geralmente, com preços acessíveis ao grande público.

O Museu Histórico de Campos dos Goytacazes (MHCG) foi criado em 1997 e instalado no Solar do Visconde Araruama, na praça São Salvador, principal praça da cidade. Funcionou apenas por um ano porque o edifício foi interditado pela Defesa Civil no ano seguinte. Funcionou no Palácio da Cultura até 2006 quando foi transferido para o Museu Olavo Cardoso. Em 2009, iniciaram-se as obras na antiga sede do museu. Em 29 de junho de 2012, o MHCG retomou as atividades no solar na praça São Salvador. Entre os objetos de sua coleção estão equipamentos da Rede Ferroviária Estação Leopoldina Railway. Nos últimos anos, o museu tem produzido

uma extensa programação cultural que abrange debates, exibição de filmes, eventos acadêmicos, festas, música, teatro além de, é claro, exposições. O MHCG é mantido pelo poder público municipal, por meio da FCJOL.

**Figura 14. Registros da 2ª Meia-Noite
no Museu Histórico de Campos dos Goytacazes**

Fotografia: Ricardo Avelino. Fonte: @museuhistoricodecampos

O Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho funciona, desde 2001, no Solar do Colégio, localizado na estrada de Tocos, na Baixada Campista. O seu acervo reúne acervos fotográficos, a coleção Alberto Lamago, registros paroquiais, registro da administração e saúde pública de Campos, documentos de atividades comerciais na cidade, documentos de pessoas escravizadas e outros documentos sobre Campos dos Goytacazes e o estado do Rio de Janeiro. Ainda pouco conhecido, o arquivo tem desenvolvido um conjunto de ações com o objetivo de elevar o interesse da população e dos pesquisadores no arquivo. O arquivo dispõe do único laboratório de restauração do interior do estado do Rio de Janeiro.

A Casa de Cultura Villa Maria (CCVM) é um centro cultural ligado à UENF. A casa foi construída em 1918 como um presente a Maria Queiroz de Oliveira de seu esposo Atilano Chrisóstomo de Oliveira. A casa foi deixada em testamento, na

ausência de herdeiros, à primeira universidade que viesse a instalar-se em Campos dos Goytacazes. Em 1993, a casa foi doada à UENF, a primeira universidade sediada em Campos dos Goytacazes. Desde o início de suas atividades, a Villa Maria esteve ligada à difusão da música e do cinema, desenvolvidas especialmente na fonoteca e na videoteca que abrigam um acervo formado há mais de vinte e cinco anos. No entanto, a casa permaneceu relegada das prioridades da gestão da UENF durante algum tempo. Em 2016, sob nova gestão, o centro cultural volta às atividades para desenvolver esforços para preservação e conservação dos objetos dos acervos da fonoteca e da videoteca. Desde sua reativação, ocorreram eventos culturais no centro cultural como, por exemplo, a Ressaca da Villa, Soma+Villa e Virada Cultural (Figura 15).

Figura 15. Mariana no festival Soma+Villa

Fonte: @_somalab.

Figura 16. Centro de Convenções Oscar Niemeyer (UENF)

Crédito e fonte: ASCOM/UENF.

Por fim, a Assessoria de Cultura da UENF no início de 2020 sinalizou esforços para reabrir a sala de cinema do Centro de Convenções Oscar Niemeyer (Figura 16), no *campus* da UENF. A sala, que dispõe de 120 lugares, tem o potencial para tornar-se um importante espaço para o diálogo entre a universidade e a sociedade local. O projeto apresenta-se como uma alternativa à programação das salas dos cinemas da cidade localizadas em *shoppings centers* e limitada, em geral, a sessões de filmes comerciais estrangeiros, geralmente dublados, e nacionais.

Antes de concluir, é preciso deixar explícito que os espaços mencionados não são os únicos lugares de cultura em Campos dos Goytacazes. Vale a pena observar que esses espaços são públicos e estão dentro de uma categoria de instituição cultural que abrangem os arquivos, as bibliotecas e os museus, além de teatros que possuem uma relevância singular para a cultural local. Apesar de não mencionadas, há outros agentes em diversas frentes que caracterizam a dinâmica cultural da cidade, especialmente aqueles ligados aos setores da cultura e da tradição populares. A universidade pode buscar estabelecer vínculos com esse agentes.

A universidade, a cidade e a biblioteca

“— Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então, seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

— Eu não tenho desejos nem medos — declarou Khan —, e meus sonhos são compostos pela mente ou pelo acaso.

— As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro basta para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas às respostas que dá às suas perguntas.

— Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge.”

(Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*, p. 46)

3 A universidade, a cidade e a biblioteca

Nesta seção apresentamos o contexto institucional focalizado no presente estudo. Apresentamos a Universidade Federal Fluminense (UFF) numa perspectiva histórica, institucional e organizacional na intenção de trazer elementos para construir um panorama sobre a universidade nos últimos anos. Em seguida e na minha linha, apresentamos a Superintendência de Documentação (SDC), órgão responsável pelas bibliotecas na UFF, considerando aspectos da formação, estrutura e os desafios recentes. Na sequência, o foco recai sobre as atividades da UFF em Campos dos Goytacazes através da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCCG) e do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), considerando seu histórico, a comunidade, os recursos e os desafios atuais.

3.1 *A Universidade Federal Fluminense (UFF)*

As historiadoras Andrea Tello da Corte e Ismênia de Lima Martins mostram que a história da UFF se inicia em Niterói durante a década de 1950, alguns anos antes da lei de criação da universidade fluminense, a Lei n. 3.848, de 18 de dezembro de 1960. A vida urbana na antiga capital do estado do Rio de Janeiro intensificou-se a partir dos primeiros anos da República, quando a cidade passou a contar com balneários, bancos, cassinos, cinemas, colégios, comércios, indústrias e vilas operárias. O desenvolvimento da capital atraiu uma corrente migratória do Noroeste e do Norte fluminenses, que pleiteava acesso à educação superior e empregos públicos (CORTE; MARTINS, 2010, p. 9). A demanda por educação superior suscitou o surgimento das instituições elencadas no quadro 1.

O Rio de Janeiro era um dos poucos estados da federação a não contar com uma universidade federal. Havia algumas instituições de educação superior federalizadas em Niterói, porém não tinham o *status* de universidade e enfrentavam dificuldades orçamentárias. O desenvolvimento urbano e industrial em Niterói instaurou o cenário propício para implantar uma universidade no território fluminense. Corte e Martins (2005, p. 17) entendem que esse momento marca “por um lado, a confiança fluminense em seu crescimento, e, por

consequente, a aspiração à sua equiparação com outros estados da federação; por outro lado, seu anseio por autonomia intelectual em relação à cidade vizinha [Rio de Janeiro]”. A UFF, assim, nasce atrelada a um projeto desenvolvimentista para a região fluminense e do desejo de afirmação do estado do Rio de Janeiro em relação ao antigo Distrito Federal (DF), o Estado da Guanabara.

A articulação da criação da nova universidade foi protagonizada pelo movimento estudantil, que estava fortalecido nas instituições de educação superior em Niterói. A União Fluminense de Estudantes (UFE) foi uma das principais organizações estudantis desse período e uma de suas bandeiras foi a defesa de uma universidade federal no estado do Rio de Janeiro. Durante a segunda metade da década de 1950, o movimento estudantil promoveu ações para denúncia da precariedade das instalações e reivindicou a melhoria da infraestrutura das faculdades localizadas em Niterói. Políticos, a imprensa e diversas entidades locais cooperaram também para a articulação para a criação da universidade.

Quadro 1. Instituições de educação superior integradas à UFF (1960)	
Criação	Instituição
1912	Faculdade de Direito de Niterói
1912	Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro
1926	Faculdade Fluminense de Medicina
1936	Escola Fluminense de Medicina Veterinária
1944	Escola Fluminense de Enfermagem
1945	Escola de Serviço Social
1942	Faculdade de Ciências Econômicas
1947	Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras
1952	Escola Fluminense de Engenharia

Fonte: Com base em BRASIL, 1960; CORTE; MARTINS; 2010.

O processo de institucionalização da UFF é marcado pela heterogeneidade das escolas de regimes jurídicos distintos. Havia cinco escolas federais, três escolas estaduais e duas faculdades particulares entre as dez instituições agregadas e integradas à UFF inicialmente (Quadro 1). As instituições incorporadas (federalizadas) e agregadas enfrentaram a dificuldade de convívio e estavam

divididas por interesses políticos diferentes. As medidas iniciais para organização de uma estrutura administrativa, a contratação de funcionários, a elaboração de um estatuto próprio e a integração das diferentes unidades de ensino tinham dificuldades de serem efetivadas em meio aos conflitos de interesses políticos. As divergências internas se intensificaram com as injunções na política nacional, sobretudo, após a tomada do Estado pelos militares em 1964 (CORTE; MARTINS, 2010, p. 35-36).

Figura 17. Sinalização no *campus* da UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

A transferência da capital brasileira para Brasília, no Planalto Central, trouxe impasses a respeito do destino da cidade e do estado do Rio de Janeiro. Uma das controvérsias foi a alteração do nome Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para Universidade Federal Fluminense, definida pela Lei 4.831, de 5 de novembro de 1965. A mesma lei alterou o nome da Universidade do Brasil para Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Naquela época, a UFF se voltava mais para Niterói e ampliou sua atuação paulatinamente para o interior fluminense nas décadas seguintes. A UFRJ permaneceu concentrada na cidade do Rio de

Janeiro e só implantou *campi* em outros municípios a partir das políticas de expansão universitária dos anos 2000. Em 2003, a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) passou a adotar o antigo nome da UFF, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e mantém até hoje a sigla UNIRIO, pela Lei 10.750, de 24 de outubro de 2003.

Não obstante sua origem estar relacionada ao processo desenvolvimentista dos anos 1950, a UFF foi criada segundo um modelo tradicional de educação superior. A universidade estava baseada na cátedra, na segmentação e justaposição de cursos, na alta seletividade dos discentes e na exiguidade de vagas. Tal modelo era questionado pela sociedade que exigia mudanças que contemplassem o projeto de desenvolvimento e, também, as aspirações sociais e humanistas. A Universidade de Brasília (UnB) surge nesse cenário como um modelo moderno de universidade¹ para todo o país, mas sua experiência foi interrompida durante governo dos militares após 1964.

As universidades brasileiras constituíram um foco de resistência ao regime militar instalado nos anos seguintes a 1964, todavia não deixaram de sofrer grandes mudanças. Durante esse período de tensão no contexto político, precisamente em 1968, ocorreu uma reforma universitária, instituída pela Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968. A reforma universitária contribuiu para a modernização significativa das universidades federais, que incorporaram as modificações propostas de maneira gradual. A reforma aboliu as cátedras vitalícias, introduziu o regime departamental e institucionalizou a carreira acadêmica. A titulação acadêmica foi acoplada ao ingresso e à progressão docente. A reforma gerou condições favoráveis para a articulação entre ensino e pesquisa, como ainda

¹ No cenário desenvolvimentista, a Universidade de Brasília (UnB) se tornou referência para todo o país. A UnB foi projetada como uma estrutura integrada, dinâmica, flexível e moderna. Os departamentos substituíram a cátedra como unidade de ensino e pesquisa. O corpo discente passou a ter elevada representação em órgãos colegiados. A UnB adotou a fundação como regime jurídico se diferenciando das outras universidades federais, em geral, constituídas como autarquia. Além disso, a UnB contou com um projeto arquitetônico próprio que representava uma referência de modernização no Brasil. O Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962), todavia, reconhece que o modelo de universidade proposto tinha poucas novidades em relação ao padrão das universidades dos países mais desenvolvidos. O projeto da UnB foi coordenado pelo antropólogo Darcy Ribeiro, o educador Anísio Teixeira e o arquiteto Oscar Niemeyer. A experiência da UnB foi interrompida com a ruptura institucional do governo militar em 1964.

não era praxe nas universidades brasileiras. Cursos novos foram criados e os serviços prestados à sociedade foram modernizados. Uma política nacional de pós-graduação foi criada e expressa nos planos nacionais de pós-graduação, tendo sido conduzida pelas agências de fomento do governo federal. A reforma priorizou a universidade como centro de investigação científica e tecnológica (MARTINS, 2009). Corte e Martins (2010), em termos práticos, explicam que a reforma provocou o crescimento acelerado das universidades que, em quinze anos, cresceu dez vezes o seu número de alunos.

Outros dispositivos legais regularam as atividades nas universidades em contraste ao desenvolvimento promovido com a reforma universitária de 1968. Estes dispositivos foram o Ato Institucional N. 5, de 13 de dezembro de 1968, o Decreto-Lei 464, de 11 de fevereiro de 1969, e o Decreto-Lei 477, de 26 de fevereiro de 1969. Tais dispositivos marcaram uma postura de cerceamento das liberdades institucionais e pessoais.

Maria de Fátima de Paula (2008) argumenta que a instauração do governo militar no país levou a UFF a acomodar-se na estrutura proposta pela reforma universitária de 1968. Ocorreram diversas modificações na legislação universitária da UFF que resultaram na centralização do poder na reitoria e dificultaram a participação de discentes e técnicos na administração da universidade. Foram instituídos o Conselho Universitário (CUV), o Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) e o Conselho de Curadores (CUR), além de criadas unidades universitárias dotadas de relativa autonomia. Do ponto de vista dos números, o cenário foi de crescimento. Entre 1961 e 1970, a UFF admitiu 627 docentes e 894 funcionários. Durante o mesmo período, a quantidade de cursos oferecidos passou de 10 cursos para 29. O estatuto e o regimento vigentes da UFF foram aprovados em 1983 pelo Conselho Federal de Educação (CFE), conforme o parecer 02/1983. O estatuto e o regimento da UFF permanecem válidos até os dias de hoje, com algumas alterações e emendas. Uma das finalidades da UFF, conforme se lê em seu estatuto (Art. 2º, inciso V), é “cooperar com entidades públicas e privadas na realização de trabalhos de pesquisa e serviços técnico-profissionais, visando ao desenvolvimento fluminense”. Assim, a atuação da UFF busca um projeto acadêmico-institucional que

contemple a prestação de serviços públicos às necessidades econômicas e sociais do interior do Rio de Janeiro.

Inicialmente, a UFF permaneceu concentrada em Niterói, na região metropolitana. A universidade se consolidou na cidade como importante prestadora de serviços públicos à sociedade. O Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP) representa a primeira ação nesse sentido ao ser incorporado pela UFF, em 1963. A interiorização da UFF tem início com a extensão do Departamento de Serviço Social em Campos dos Goytacazes, em 1962; o Colégio Agrícola Nilo Peçanha (CANP), em Piraí, em 1968; e a Escola de Engenharia Industrial e Metalurgia da UFF, em Volta Redonda, em 1969. Estas representam as primeiras ações da UFF em direção ao interior fluminense.

Atualmente, a UFF está sediada em Niterói e possui *campi* nos municípios Angra dos Reis, Campos dos Goytacazes, Macaé, Nova Friburgo, Petrópolis, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua e Volta Redonda (Quadro 2; Figura 18). Além das instalações em território fluminense, a UFF conta com uma unidade avançada em Oriximiná (PA), onde desenvolve atividades extensionistas articuladas com o ensino e a pesquisa e assume a responsabilidade técnica e administrativa do Hospital Maternidade São Domingos Sávio (HMSDS). Na modalidade à distância, a UFF possui trinta e dois polos no estado do Rio de Janeiro, em consórcio com o Centro de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (CEDERJ). É possível dizer que a UFF é uma das universidades mais interiorizadas do Rio de Janeiro, de maneira a desempenhar um importante papel nos municípios em que atua.

Quadro 2. Unidades da UFF por município (2020)	
Cidade	Unidade
Angra dos Reis	Instituto de Educação de Angra dos Reis
Campos dos Goytacazes	Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional
Macaé	Instituto de Ciências da Sociedade
Niterói	Colégio Universitário Geraldo Reis
	Escola de Arquitetura e Urbanismo
	Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa
	Escola de Engenharia
	Escola de Serviço Social
	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

	Faculdade de Direito
	Faculdade de Economia
	Faculdade de Educação
	Faculdade de Farmácia
	Faculdade de Medicina
	Faculdade de Nutrição
	Faculdade de Odontologia
	Faculdade de Turismo e Hotelaria
	Faculdade de Veterinária
	Instituto Biomédico
	Instituto de Arte e Comunicação Social
	Instituto de Biologia
	Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
	Instituto de Computação
	Instituto de Educação Física
	Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos
	Instituto de Estudos Estratégicos
	Instituto de Física
	Instituto de Geociências
	Instituto de História
	Instituto de Letras
	Instituto de Matemática e Estatística
	Instituto de Psicologia
	Instituto de Química
	Instituto de Saúde Coletiva
Nova Friburgo	Instituto de Saúde de Nova Friburgo
Oriximiná (PA)	Unidade Avançada José Veríssimo
Petrópolis	Escola de Engenharia de Petrópolis
Rio das Ostras	Instituto de Ciência e Tecnologia
	Instituto de Humanidades e Saúde
Santo Antônio de Pádua	Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior
Volta Redonda	Escola de Engenharia Industrial
	Instituto de Ciências Exatas
	Instituto de Ciências Humanas de Volta Redonda

Fonte: UFF, 2018.

ética como suportes de um conhecimento que responda a padrões qualitativos universais na sua produção, com a intenção explícita de se constituir numa universidade de classe mundial, mas que focalize prioritariamente a realidade brasileira de sua aplicação (UFF, 2018, p. 30-31).

A visão da UFF indica uma busca por reconhecimento, nacional e internacional, pela excelência de seus cursos e de sua produção científica e pelo impacto social de suas atividades. O PDI reconhece que a adesão ao Programa REUNI foi uma divisão de águas para a UFF. Os últimos PDI da UFF já sinalizavam a intenção da universidade em expandir-se para o interior do Rio de Janeiro. Durante a expansão do REUNI, a UFF triplicou a oferta de vagas na graduação presencial e a distância, assumindo a liderança entre as instituições federais de educação superior (IFES) na oferta de vagas na graduação (UFF, 2018). O PDI reconhece:

Segundo a série histórica do Censo da Educação Superior, de 2005 a 2016, a UFF triplicou a oferta de vagas na graduação à distância e dobrou as presenciais assumindo a liderança entre as IFES na oferta de vagas na graduação. O relatório final do Censo da Educação Superior ano Base 2016 revela que a UFF ofereceu um total de 17.364 vagas sendo 86% novas e o restante de reposição (transferência, reingresso e mudança de curso). Pelo Sistema de Seleção Unificada - Sisu foram oferecidas 9.480 vagas e na Modalidade a Distância, via Consórcio CEDERJ foram 5.378 vagas totalizando 36% das vagas de graduação (UFF, 2018, p. 25).

Nas últimas duas décadas, a UFF aumentou do número de cursos (Gráfico 2), a oferta de vagas (Gráfico 3), o número de matriculados (Gráfico 4) e o quadro de docentes qualificados (Gráfico 5).

Atualmente, a UFF é constituída de 42 unidades de ensino, sendo 25 institutos, 10 faculdades, 6 escolas e 1 colégio de aplicação. Ao total, 124 departamentos de ensino são responsáveis pela oferta de 93 cursos de bacharelado, 34 de licenciatura e 4 tecnólogos, totalizando 131 cursos de graduação. Em 2017, a UFF contou 47.254 alunos matriculados nos cursos de graduação (Gráfico 6).

Gráfico 2. Quantidade de cursos de graduação na UFF (2000-2018)

Fonte: UFF em Números, 2020.

Gráfico 3. Oferta de vagas em cursos de graduação na UFF (1997-2017)

Fonte: UFF em Números, 2020.

Gráfico 4. Número de matriculados em cursos de graduação na UFF (2008-2017)

Dados extraídos das sinopses estatísticas do Censo Superior

Fonte: UFF em números, 2020.

Gráfico 5. Qualificação do corpo docente da UFF (2007-2017)

Fonte: UFF em Números, 2020.

Gráfico 6. Distribuição de estudantes de graduação por *campus* na UFF (2018)

Fonte: UFF em Números, 2020.

Gráfico 7. Estudantes de pós-graduação da UFF (2013-2018)

Fonte: UFF em Números, 2020.

Na pós-graduação *stricto sensu*, são 81 programas de pós-graduação e 120 cursos, dos quais 42 de doutorado, 62 de mestrado acadêmico e 16 de mestrado profissional. No total, são 7.439 alunos de pós-graduação *stricto sensu*. A pós-graduação *lato sensu* apresenta 154 cursos de especialização e 45 programas de residência médica. O Gráfico 7 apresenta uma série histórica do número de estudantes matriculados nos programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFF.

Borowsky (2018) afirma que a adesão da UFF ao REUNI foi marcada pelas mobilizações organizadas por docentes, técnico-administrativos e estudantes que mantinham resistência ao projeto de expansão, a despeito de entidades como a União Nacional dos Estudantes (UNE) orientarem a comunidade universitária em defesa do REUNI. A autora afirma que a Associação de Docentes da UFF (ADUFF), o Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFF (SINTUFF) e os dirigentes do Diretório Central dos Estudantes (DCE), desde a apresentação do REUNI, em 2007, foram combativos contra a adesão à política educacional. Essas entidades acusavam que a ampliação promovida pelo REUNI não garantia a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão e temiam a precarização das atividades e da jornada de trabalho dos docentes. Havia também receio de que o REUNI trouxesse ao Brasil um modelo análogo ao proposto na Declaração de Bolonha, modelo consolidado no Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES).

Não obstante a resistência, a adesão ao REUNI foi aprovada no dia 14 de dezembro de 2007, na assembleia do Conselho Universitário (CUV), realizada na sede do Tribunal de Justiça de Niterói. A reunião ocorreu de portas fechadas e havia uma multidão de manifestantes do lado de fora. A vigência do REUNI na UFF foi de 27 de dezembro de 2007 a 31 de dezembro de 2013 (BOROWSKY, 2018). Apesar da vigência do REUNI compreender um intervalo relativamente curto e já concluído, a comunidade acadêmica considera os tempos atuais como efeito do programa de expansão. Contudo, a comunidade universitária abandonou a atitude de resistência para adotar uma postura de celebração do REUNI. Uma evidência disso são os eventos celebrativos das conquistas do REUNI ocorridos nos últimos anos (Figura 19).

Figura 19. Homenagem aos docentes durante Celebração dos 10 anos de REUNI na UFF Campos

Registro feito em 25 de outubro de 2019, no Auditório da UFF Campos. Da esquerda à direita: Judith Esther dos Santos Ferreira Guedes Farias, Andréa Lúcia da Silva de Paiva, Silvana Cristina da Silva, Maria Gabriela Scotto, Arthur Soffiati, Érica Terezinha Vieira de Almeida, Isabela Sarmet de Azevedo, Leda Regina Barros Silva, Ana Maria Almeida da Costa, Antenora Maria da Mata Siqueira, Crisóstomo Lima do Nascimento, José Luis Vianna da Cruz, Francisco Estácio Neto, Scheilla Beatriz Alves Bárbara, Graciela Aparecida Profeta, Vanusa da Silva Pereira Ney, Ana Lucia Novais Carvalho, Danielle Pereira Cintra, Mayra Silva de Souza, Maria Clélia Pinto Coelho, Roberto Cezar Rosendo (Diretor do ESR). Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Os gráficos anteriores indicam um projeto de expansão ambicioso após a adesão ao REUNI. A expansão tornou a UFF uma das maiores universidades públicas do país, em número de estudantes, cumprindo assim a responsabilidade social definida em seu plano estratégico. Entretanto, o PDI reconhece que a expansão trouxe consequências que impõem medidas de reorganização da universidade, tanto no aspecto acadêmico quanto no aspecto administrativo. Desse modo, o PDI 2018-2022 tem como eixo central a reorganização após a expansão.

Face ao contingenciamento orçamentário que atingiu os serviços públicos a partir de 2015, a UFF foi forçada a adotar medidas de contenção nos seus

programas de pesquisa e ensino e nas atividades administrativas. A UFF priorizou a manutenção de atividades essenciais ao funcionamento das unidades acadêmicas e o apoio aos estudantes no cumprimento dos projetos pedagógicos dos cursos. Assim, todas as ações realizadas pela UFF estiveram voltadas para o atendimento dessas prioridades. Contudo, várias ações desenvolvidas cotidianamente pelos diferentes setores da UFF contribuíram e contribuem para o desenvolvimento institucional e, conseqüentemente, para o alcance das metas estabelecidas no PDI (UFF, 2018).

Figura 20. Cartazes na UFF Campos

Fonte: Thulio Gomes. 2018.

O PDI 2018-2022 da UFF reconhece que as dificuldades apresentadas no cenário nacional colocam em xeque a continuidade da universidade pública, laica, gratuita e de qualidade. Dessa forma, impõe-se a necessidade de uma política de Estado estratégica para estabelecer metas claras a atingir o alcance da autonomia, da sustentabilidade e da excelência com responsabilidade social (UFF, 2018).

O PDI 2018-2022 admite que o ensino, nos níveis de graduação e de pós-graduação, encontra-se consolidado na universidade com cursos que abrangem um largo espectro do conhecimento técnico, humano e social dos dias atuais. No

tocante ao ensino, a UFF deve buscar manter-se atualizada com os avanços do conhecimento em nível global, de modo a oferecer aos discentes a oportunidade de convivência com o que há de mais atual em nível regional, nacional e internacional, respeitando a diversidade das diferentes áreas, suas competências e aptidões. O PDI incentiva a adoção de tecnologias para a proposta de novas modalidades de ensino. A incorporação de áreas e de saberes novos merece especial atenção, consoante às dinâmicas pelas quais passam a sociedade do nosso tempo (UFF, 2018).

O desenvolvimento das atividades de pesquisa é relativamente recente na UFF e ainda está em processo de consolidação. A pesquisa na UFF abrange vasta gama de áreas do conhecimento e é desenvolvida em consonância com o ensino da pós-graduação. Essa configuração eleva o grau de diversidade de atuação, com um espectro que incorpora pesquisas nas áreas das artes, das ciências, das humanidades e das tecnologias. Salvo uma ou outra, praticamente todas as unidades na sede da UFF oferecem cursos de pós-graduação. Já nos *campi* fora de sede a pesquisa começa a trilhar seus primeiros passos em direção à consolidação, com exceção do *campus* de Volta Redonda que se destaca por programas de pesquisa consolidados nas áreas das engenharias. No âmbito da pesquisa, a universidade deve procurar oportunidades para manutenção permanente e expansão contínua de sua infraestrutura dedicada à pesquisa, com especial atenção ao uso compartilhado de espaço e de recursos humanos. O PDI orienta uma atenção especial aos docentes recém-ingressos na universidade e aos grupos com dificuldade de acesso a recursos externos (UFF, 2018).

Por sua vez, a extensão é a forma mais direta de interação entre a universidade e a sociedade local. Através de ações de via dupla, a universidade leva à sociedade conhecimentos, processos e tecnologias que domina e absorve desta dados, informações e saberes que realimentam e inspiram o processo contínuo de construção de conhecimento. Na UFF, as atividades de extensão constituem em processos multidisciplinares que envolvem ações educativas, culturais, científicas e políticas, promovendo interação transformadora entre a universidade e a sociedade em seu entorno. A política de extensão da UFF tem por base o Plano Nacional de Extensão, que preconiza a inserção da extensão como dimensão

acadêmica na formação de estudantes e na produção de conhecimento, a integração da universidade com a sociedade local, mediada por uma relação bidirecional de desenvolvimento recíproco, ao mesmo tempo autônomo e crítico. Esta integração se dá por meio de programas estruturantes capazes de gerar desenvolvimento social e comprometimento com os espaços geográficos nos quais a UFF atua, mantendo compromisso básico com a educação e a formação de pessoal.

O PDI 2018-2022, à guisa de sua conclusão, afirma que a UFF do amanhã será mais pulsante; reflexiva frente ao cenário nacional e internacional; eficiente e socialmente referenciada, se o seu plano de desenvolvimento institucional for executado conforme o planejado. Para isso, toda a comunidade universitária deve participar no alcance dos objetivos da instituição. O PDI incentiva a integração de diferentes setores organizacionais na execução, avaliação e acompanhamento contínuo das metas traçadas.

3.2 *A Superintendência de Documentação*

Quando a UFF começou suas atividades, algumas unidades organizaram suas próprias bibliotecas que funcionaram de maneira autônoma. A proposta da criação de um sistema integrado veio da iniciativa das bibliotecárias Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). A proposta estava associada à criação de um curso de formação de bibliotecários na UFF. Na época, havia poucos bibliotecários atuantes no Rio de Janeiro e foi identificada uma demanda por formação de mais profissionais, concentrada no curso oferecido pela Biblioteca Nacional.

Célia Ribeiro Zaher, em entrevista a Rosale de Mattos Souza, conta sobre a experiência de implantação do curso de biblioteconomia e do Núcleo de Documentação na UFF:

[...] A Escola de Biblioteconomia, que foi criada na UFF, teve origem nesta mesma dupla - Hagar Espanha Gomes e eu. Na época, a preocupação era criar um maior número de bibliotecários que ficassem sediados no Estado do Rio e mesmo em Niterói. Achávamos que o número de pessoas que trabalhavam e as escolas insuficientes. E foi aceito pela Universidade criar uma Escola de Biblioteconomia. Mas na época não existiam recursos para isso, e Hagar, muito entusiasmada, me propôs e eu aceitei que déssemos

aula de graça nos 3 ou 4 primeiros anos, para poder criar a Escola de Biblioteconomia. A partir disto, nós sentimos a falta de que criando a Escola de Biblioteconomia, tendo bibliotecários formados dentro dos conceitos modernos de Biblioteconomia, nós teríamos que pensar na modernização das diversas unidades da UFF, mas também num Centro de Referência, num Núcleo de Referência que pudesse auxiliar na formação dos estudantes, como um laboratório, para um maior profissionalismo dentro do Estado do Rio. A partir daí, por que não criar um núcleo que fosse um laboratório de trabalho para os estudantes e os profissionais que saíam da escola. Este laboratório consistia num centro coordenador. Sentimos a necessidade de que as unidades e as bibliotecas da UFF não fossem totalmente descoordenadas, que houvesse uma cabeça central e que os recursos pudessem ser distribuídos de acordo com as necessidades. Isto já era uma prática nas bibliotecas norte-americanas, que tem uma biblioteca central que polariza todo o movimento das bibliotecas setoriais, que não eram setoriais, mas bibliotecas de unidades especializadas, de faculdades, de institutos especializados, dos Centros. Então, nós redigimos o texto, e baseados nas ideias mais modernas de um centro gerador, de um laboratório aliando a pesquisa ao ensino. Local de estudo e evolução profissional. Os estudantes saíam apenas com a teoria, não tinham experiências, vivência. Eles só tinham a teoria. Foi criado este centro dentro nos moldes americanos, e deste modo revitalizariamos todas as bibliotecas da UFF. Esta ideia foi aceita [...] (ZAHER, 2005, p. 13-14).

Hagar Espanha Gomes, em entrevista a Rosale de Mattos Souza, observa a relação do desenvolvimento do curso de biblioteconomia e do núcleo de documentação:

[...] foram os alunos das primeiras turmas que começaram a organizar as bibliotecas de forma mais moderna, porque antes não existiam bibliotecários. Então, na medida em que as turmas iam se formando, a possibilidade de um estágio dentro da própria organização ia ficando mais fácil. Enquanto o Núcleo não existia e na medida em que os alunos iam se formando que foi surgindo a proposta de criação de uma biblioteca central, e de bibliotecários nas unidades. Dessa forma foi que a ligação do Curso com o Núcleo foi ficando mais forte (GOMES, 2005, p. 17).

Os relatos de Célia Ribeiro Zaher e de Hagar Espanha Gomes indicam que o ensino e a prática da biblioteconomia estiveram juntos na fase inicial da UFF, quadro que alterou-se nas décadas seguintes. A implantação do curso e do núcleo acompanharam a estruturação da recém-criada universidade. O curso de biblioteconomia foi criado em 1963 e o núcleo, em 1969. O Núcleo de

Documentação (NDC) iniciou suas atividades na UFF, sob forte influência dos ideais da biblioteconomia estadunidense trazidos pelo IBBD.

Ana Maria de Hollanda Cavalcanti de Sá Couto e outras (2005) afirmam que as atividades do NDC foram iniciadas em 1969 quando o bibliotecário Paulo Py Cordeiro foi nomeado para responder pela direção do núcleo e encarregado de elaborar a estrutura e o estatuto do NDC². No mesmo ano, todo o pessoal em exercício nas bibliotecas das unidades da universidade passou a ter lotação no Núcleo de Documentação³.

Em 1978, foram iniciadas as atividades arquivísticas na UFF com um procedimento de avaliação e de destinação de processos administrativos. O Arquivo Geral da UFF foi criado em 1985 e localiza-se no NDC. O Arquivo Geral, inicialmente, era composto de uma Seção de Arquivo Intermediário e de uma seção de Arquivo Permanente.

Em 2011, o NDC passou a se chamar Superintendência de Documentação (SDC) em decorrência de uma mudança na estrutura organizacional da UFF. A SDC é o órgão responsável pela coordenação técnica e administrativa do Sistema de Bibliotecas e Arquivos da UFF. Nos dias de hoje, a SDC é composta por 46 unidades, integra a administração superior da universidade e está diretamente vinculada ao Gabinete do Reitor (GAR).

Até 2019, a SDC estava estruturada como órgão suplementar da UFF e seu organograma abrangia arquivos, bibliotecas, seções e setores técnicos (Figura 21).

Em 2019, alguns atos do Governo Federal incidiram diretamente na organização administrativa da universidade⁴. A equipe da Coordenação de Gestão

² Portaria UFF N. 259, de 8 de maio de 1969.

³ Portaria UFF N. 118, de 27 de agosto de 1969, do Diretor de Administração Geral.

⁴ Entre estes atos, destacamos três: 1) Decreto nº 9.725, de 12 de março de 2019, que extinguiu em 31 de julho, dentre outras, as funções gratificadas (FG-4, FG-5, FG-6, FG-7, FG-8 e FG-9); 2) Decreto nº 9.739, de 28 de março de 2019, que estabelece medidas de eficiência organizacional para o aprimoramento da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, estabelece normas sobre concursos públicos e dispõe sobre o Sistema de Organização e Inovação Institucional do Governo Federal (SIORG); 3) e a segunda edição do *Manual de estruturas organizacionais do Poder Executivo Federal* (maio/2019). A 2ª edição, atualizada, substitui a 1ª edição a partir de 1º de junho de 2019. O Manual, assim como suas atualizações, foi aprovado pela Instrução Normativa nº 4/2018-SEGES/MP.

Institucional (PLIN/PROPLAN), órgão seccional do SIORG da UFF, desenvolveu uma série de atividades voltadas para a adequação da estrutura da universidade, com o objetivo garantir o atendimento às determinações prescritas pelo Ministério da Economia:

- a) exclusão de todas as unidades administrativas (UORG) que não possuíam função de direção, chefia ou assessoramento, cargo de provimento em comissão ou de natureza especial;
- b) exclusão de todas as UORG de coordenações de curso de graduação e pós-graduação;
- c) exclusão de todas as UORG de órgãos comissionados (conselhos, comitês, câmaras, comissões, *etc.*);
- d) exclusão de todas as secretarias de departamento de ensino;
- e) atualização sobre a denominação dos cargos em comissão, das funções de confiança e das unidades administrativas;
- f) inclusão do endereço de todas as unidades administrativas relacionadas no SIORG.

As mudanças trouxeram o desafio de propor uma estrutura organizacional mais simples para a SDC. Os arquivos, as bibliotecas e as seções técnicas deixaram de ser unidades organizacionais. As chefias de biblioteca e de arquivo foram extintas e suas equipes passaram a estar subordinadas diretamente à Coordenação de Bibliotecas (CBI) ou à Coordenação de Arquivos (CAR), respectivamente. Foi instituída a Coordenação de Gestão e Difusão da Informação (CGDI) que ficou responsável pelo Repositório Institucional (RIUFF), o Boletim de Serviço (BSUFF), a política de dados abertos da universidade, o portal da SDC na internet, o manual de atos e comunicações oficiais da universidade e coordenar a organização de eventos na SDC, além de outras competências. Foi mantida a Secretaria Administrativa, responsável pelos procedimentos e rotinas da administração da SDC (Figura 22).

Figura 21. Organograma da SDC em 2018

Fonte: UFF. SDC, 2019.

Ao todo, são vinte e oito bibliotecas, quatro arquivos e dois centros coordenados pela SDC. As bibliotecas estão distribuídas em Niterói e em todas as cidades fora de sede, isto é, Angra dos Reis, Campos dos Goytacazes, Macaé, Nova Friburgo, Petrópolis, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua e Volta Redonda. Os arquivos e os centros estão reunidos em Niterói (Figura 21).

Figura 22. Organograma da SDC em 2020

Fonte: UFF. SDC. 2020.

A UFF é uma universidade concentrada em Niterói a despeito dos esforços para interiorização. A distância geográfica das bibliotecas fora de sede da administração central da UFF traz desafios diversos para a gestão e a comunicação. Pelo lado positivo, a SDC garante que haja um sistema de bibliotecas e oferece a infraestrutura técnica necessária para a oferta de serviços profissionais de documentação em todas as unidades da UFF. Esse aspecto é vantajoso para solucionar questões que dizem respeito à aquisição e à organização de documentos, aos sistemas de informação, *etc.* Pelo lado negativo, os bibliotecários lotados fora da sede podem enfrentar dificuldades para participar de atividades de gestão e de capacitação, como reuniões, cursos e eventos, que, geralmente, ocorrem em Niterói. O envio de material bibliográfico pode demorar até chegar ao destinatário. A distância geográfica dificulta a tramitação de processos administrativos enviados geralmente por malote. Na prática, podemos considerar que as cidades Campos dos Goytacazes e Niterói estão a 282,2 km rodoviários distantes uma da outra. Assim, se a BUCG deseja enviar um material para alguma unidade de Niterói deve aguardar o transporte institucional que ocorre, geralmente, em veículo automotivo oficial uma vez por semana. Se ainda quiser enviar um material para qualquer outra unidade fora da sede, deve aguardar primeiro o transporte até Niterói e de lá aguardar o envio até a unidade destinatária. Um material pode demorar mais de duas semanas para chegar ao seu destino. Essa logística ocorre mesmo quando trata-se de cidades relativamente

próximas, como Campos dos Goytacazes, Macaé e Rio das Ostras. Durante o período da pesquisa, algumas vezes esse transporte foi suspenso por problemas relacionados à suspensão do contrato de motoristas e à contenção de verbas para combustível. A SDC tem implantado o Sistema Eletrônico de Informações (SEI) que tem sido uma solução para contornar esses problemas apresentados. O SEI possibilita a realização do processo administrativo em meio eletrônico com mais celeridade e eficiência nas atividades de gestão interna por meio do aperfeiçoamento das atividades realizadas. A SDC tem se dedicado a mapear e automatizar os processos administrativos no SEI, o que tem beneficiado a gestão da informação de toda a universidade.

Gráfico 8. Relação das bibliotecas com a SDC e as unidades acadêmicas na UFF

Fonte: Elaborado pelo autor.

Especificando em outros termos, trazemos a BUCG como exemplo de uma biblioteca fora de sede. A BUCG tem o apoio gerencial e técnico da SDC, o que envolve desenvolvimento de coleções, processamento técnico, suporte tecnológico, gestão de pessoas e de recursos financeiros. Compete à SDC, por meio da BUCG, prestar serviços, dentro de suas competências que contribuam para que o ESR alcance seus objetivos de ensino, pesquisa e extensão; o processamento técnico dos documentos bibliográficos; constituir uma coleção de produção científica, tecnológica, artística e cultural dos docentes, discentes e técnicos do ESR. Por sua vez, o ESR deve manter a estrutura física, o que inclui administração predial, limpeza, prevenção de incêndios, segurança, saneamento, dedetização, etc.

O ESR deve garantir a utilização dos serviços de protocolo, telefonia, informática, transporte e estacionamento, além de desenvolver ações destinadas a garantir o acesso às instalações da BUCG, o que inclui a acessibilidade para pessoas com necessidades especiais. As bibliotecas, deste modo, estão sob dupla subordinação, uma institucional e oficial e a outra que se dá na prática e no cotidiano (Gráfico 8).

Entre os desafios enfrentados pela SDC está a retenção de um quadro de pessoal qualificado nas unidades fora da sede. Os bibliotecários lotados para trabalhar no interior formaram-se em universidades da região metropolitana do Rio de Janeiro ou em outras IES de outros estados. Assim, muitos profissionais não desenvolvem uma relação afetiva com o lugar onde as bibliotecas estão localizadas. Por isso, logo buscam oportunidades de remoção ou de transferência para unidades, geralmente, mais próximas de seus lugares de origem. Daí surge a dificuldade de reter conhecimento organizacional para desenvolvimento das bibliotecas e da universidade no interior, uma vez que ocorre um rodízio muito grande de profissionais nessas unidades. Ações de incentivo à permanência e políticas de gestão do conhecimento são instrumentos que podem contribuir para contornar as dificuldades de retenção a curto e a médio prazos.

3.3 *A UFF em Campos dos Goytacazes*

Oficialmente, a UFF Campos é chamada pelo nome da unidade acadêmica que sedia o *campus* da universidade em Campos dos Goytacazes. É assim denominada de Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, sob a sigla ESR. Todavia, é popularmente conhecida como UFF Campos. É assim chamada pela comunidade universitária no seu dia a dia e, principalmente, pela sociedade local. O termo UFF Campos reforça a ideia de universidade em Campos dos Goytacazes, a qual é sublinhada nesta pesquisa. Por isso, neste texto algumas vezes preferimos o termo UFF Campos em vez de ESR. Esta opção sugere que o projeto da UFF em Campos dos Goytacazes pode ser maior do que apenas uma unidade acadêmica.

A UFF foi a primeira instituição universitária a instalar-se no Norte Fluminense, com uma extensão do Departamento de Serviço Social (ESS), em Campos dos Goytacazes, em 1962. Micheli Marques Borowsky (2018) afirma que o

Departamento de Serviço Social de Campos (SSC) foi criado a partir do resultado de esforços concentrados de docentes engajados na luta pela democratização do acesso ao ensino superior público em Campos dos Goytacazes. Ao ser criada, a UFF passou a propiciar à região a formação de assistentes sociais, com a oferta do curso de bacharelado em serviço social.

A UFF Campos, desde a sua fundação, enfrentou desafios na questão de espaço físico. O SSC não possuía sede própria ao iniciar suas atividades, quando dependeu do apoio de vereadores e do esforço de professores para garantir um lugar para as aulas das primeiras turmas de serviço social. Durante os primeiros anos, o SSC ocupou espaços cedidos na Inspetoria Escolar da XV de Novembro, o antigo Centro de Puericultura de Campos e uma ala do Hospital Álvaro Alvim. A UFF conquistou uma sede própria na cidade em 13 de julho de 1975, por meio de uma parceria com a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. A sede está situada na Rua José do Patrocínio, 71, no centro da cidade. A sede foi gradativamente ampliada na medida em que o SSC alargou suas atividades de ensino, pesquisa e extensão (BOROWSKY, 2018).

Em 1999, o SSC foi transformado em Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), por meio da Resolução CUV 62/1999. A mudança permitiu o crescimento da unidade com a permissão de criação de outros departamentos. A partir dessa resolução, foi implantado o Departamento de Fundamentos da Ciências da Sociedade (SFC), que passou a conviver com o SSC no ESR. A mudança do nome indicava a ambição da comunidade do recém ESR em ampliar sua ação de modo a acompanhar as transformações que ocorriam na região Norte Fluminense.

Ao aderir ao REUNI em 2007, a UFF deu às unidades acadêmicas a opção de participar ou não do programa. O ESR identificou, no REUNI, a possibilidade de realizar a expansão discutida por sua comunidade há alguns anos. O instituto apresentou um projeto de expansão para a criação de mais oito cursos de graduação. Com a aprovação do projeto do ESR, toda a comunidade universitária viveu uma grande renovação em Campos dos Goytacazes. Mudanças ocorreram na estrutura acadêmica, no perfil da comunidade universitária e no espaço físico.

O ESR ampliou a quantidade de cursos oferecidos o que resultou em muitas transformações acadêmicas na instituição. Até 2009, o ESR oferecia apenas o curso de serviço social. Depois desse ano, o ESR ampliou a quantidade de cursos para ciências econômicas, ciências sociais, geografia, história, psicologia e serviço social. Podemos acrescentar a educação, área que integra o currículo dos cursos de licenciatura. Se antes o instituto era especializado em serviço social, outras áreas de conhecimento passaram a compor uma cena interdisciplinar no contexto das ciências sociais e das ciência sociais aplicadas (Quadro 3).

Quadro 3. Cursos de graduação e suas modalidades de formação no ESR/UFF (2020)		
Curso	Habilitação	Turno
Ciências econômicas	Bacharelado	Integral
Ciências sociais	Bacharelado	Noite
Ciências sociais	Licenciatura	Noite
Geografia	Bacharelado	Tarde
Geografia	Licenciatura	Noite
História	Bacharelado	Noite
História	Licenciatura	Noite
Psicologia	Bacharelado	Integral
Serviço social	Bacharelado	Noite

Fonte: Portal da UFF.

Quadro 4. Cursos de pós-graduação e suas modalidades de formação no ESR/UFF (2020)	
Curso	Habilitação
Meio ambiente e desenvolvimento regional	Especialização
Organização e gestão das instituições de justiça criminal e segurança	Especialização
Serviço social contemporâneo: questão social, políticas públicas e gestão	Especialização
Geografia	Mestrado acadêmico
Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas	Mestrado acadêmico

Fonte: Portal da UFF.

Além da graduação, o ESR expandiu sua atuação na pós-graduação. Atualmente, o ESR oferece três cursos *lato sensu* e dois *stricto sensu* (Quadro 4). A expansão da pós-graduação engaja a formação continuada de profissionais e pesquisadores na região Norte Fluminense, de maneira a contribuir para diferentes setores da sociedade. A criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* reflete o esforço das políticas de desenvolvimento institucional da UFF em ampliar sua atuação em pesquisa para o interior fluminense. A expansão acadêmica renovou a agenda de pesquisa em função dos interesses dos docentes recém-contratados para os novos cursos e das novas redes que se estabelecem a partir desses novos agentes. A vida acadêmica do ESR passou a contemplar novas áreas de conhecimento e a articular outros temas de pesquisa, com o desafio de integração interdisciplinar.

As políticas de expansão e de ações afirmativas trouxeram novos perfis para a comunidade discente da UFF. De acordo com o Sistema de Administração Acadêmica da UFF, o ESR tem um total de 3530 estudantes, com matrículas ativa, pendente ou trancada, até o final de 2019. O mesmo sistema indica que há 150 docentes e 42 técnico-administrativos lotados no ESR, em março de 2020. Observamos que o crescimento da população universitária da UFF em Campos dos Goytacazes na última década trouxe mudanças no perfil socioeconômico da comunidade universitária que passou a integrar outros grupos sociais.

Cassiana Ferreira Simões (2018) menciona que a Lei 12.711/2012 previu que as cotas fossem implantadas nas IFES de forma gradual, com um prazo de até quatro anos para o cumprimento integral da medida. A UFF alcançou o índice no primeiro semestre de 2016, quando definiu que mais de 50% do total de vagas fosse destinado a estudantes egressos de escolas públicas além de pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas. Em 2016, mais de 50% das matrículas no ESR decorreram de medidas de ações afirmativas (Gráfico 9).

Gráfico 9. Matrículas no ESR/UFF por modalidade de acesso

Fonte: SIMÕES, 2018, p. 71.

Outra mudança no perfil discente do ESR decorre da migração de estudantes para estudar na UFF em Campos dos Goytacazes. De acordo com Simões,

São apontados que cerca de 70% dos estudantes não são oriundos da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, cidade sede do ESR/UFF. Comparando com os anos anteriores, pode ser verificado um aumento na migração de estudantes de outras regiões para o município de Campos dos Goytacazes, pois no ano de 2012, a pesquisa revelou que 49% eram provenientes de outros estados brasileiros, ao passo que no segundo semestre de 2013 este número chegou a 66,2%, já no primeiro semestre de 2014 o percentual atingiu 69,3% e em 2015 chegou-se aos 70% dos alunos ingressantes provenientes de outros estados e municípios, e conforme dados de 2017, hoje, tem-se que 71% do alunado proveniente de outras localidades, com prevalência maior nos estados da região Sudeste, e sobretudo de outros municípios do estado Rio de Janeiro (SIMÕES, 2018, p. 83).

A maior parte desses estudantes imigrantes vêm dos municípios próximos nas regiões Norte e Noroeste Fluminense além do sul do Espírito Santo e de Minas Gerais. Há também, embora em número menor, um fluxo de estudantes de outras regiões mais distantes do país, como Amazonas, Bahia, São Paulo e Pará. Simões (2018) ressalta que o aumento de estudantes advindos de outras regiões está relacionado à mudança de acesso aos cursos de graduação da UFF. A seleção de estudantes deixou de ser pelo vestibular passando a ser realizada pelo SisU. Anteriormente, o candidato interessado em estudar no ESR deveria arcar com os

custos da viagem para realizar a prova em Campos dos Goytacazes. Como dito em seção anterior, o Sisu permite que o candidato concorra a uma vaga a distância e de forma gratuita, utilizando a sua nota no Enem, favorecendo o fluxo migratório de estudantes por todo país.

Frente a esse quadro, Simões (2018) questiona as estratégias para permanência desses estudantes, uma vez que a UFF não dispõe de moradia estudantil em Campos dos Goytacazes. A autora questiona se o Sisu e o Enem configuram-se realmente em mecanismos de inclusão social ou se oferecem apenas ampliação de acesso. O Gráfico 10 indica quantidade de trancamentos de cotistas sociais maior quando os estudantes não são de Campos dos Goytacazes. É preciso ponderar que o índice de trancamento na UFF presumivelmente pode ser maior, tendo em vista que um número reduzido de estudantes têm acesso às bolsas de assistência estudantil.

Gráfico 10. Total de cancelamentos e trancamentos matrícula por semestre/ano e município de origem no ESR/UFF

Fonte: SIMÕES, 2018, p. 84.

Ao analisar o perfil das estudantes cotistas sociais na UFF Campos, entre 2013 e 2016, Simões indica que 89% declaram ser do gênero feminino e 11% do gênero masculino. A maioria feminina pode estar relacionada à modalidade dos cursos oferecidos no ESR, marcados por um caráter assistencial, como a psicologia, o serviço social e as licenciaturas. A biblioteconomia, também, é um exemplo de área que apresenta esse perfil. No tangente à questão da raça e etnia, observa-se que estudantes autodeclarados pretos e pardos são a maioria entre o corpo

discente da UFF Campos, o que pode ser considerada uma evidência do esforço da universidade em democratizar o acesso e a permanência na educação superior na região Norte Fluminense. Sobre esse perfil, Simões comenta:

Com relação à raça/ etnia, [...] verifica-se que 33% são pretos, 31% pardos, 35% brancos, 1% amarelo e nenhum indígena. Somados os pardos e pretos, têm-se um total de 64% de alunos que são negros na instituição confirmando desta forma que entre os negros se fazem presentes a maioria da população baixa renda de nosso país. (SIMÕES, 2018, p. 99).

Simões observa que a realidade presente é bastante diferente do vivido nas universidades federais antes da lei de cotas e identifica que o quadro não é diferente na UFF Campos. Contudo, a autora pondera que a sua amostra restringe-se aos cotistas sociais que, para o acesso à universidade, declararam carência socioeconômica, independente de raça e etnia. A autora conclui que

[...] o perfil predominante dos cotistas sociais que ainda permanecem no ESR/UFF trata-se, em sua maioria, de mulheres jovens, solteiras, pardas ou pretas, que não estão inseridas no mercado de trabalho, dependendo assim, da ajuda de terceiros/familiares ou do PNAES para sua permanência na universidade, contudo mais de 50% nunca teve acesso ao programa. Possuem ainda, uma renda familiar mediana de 1 salário-mínimo e mais da metade é advinda de outros municípios e residem em república (SIMÕES, 2018, p. 107).

Figura 23. Bloco H da UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Como já dito antes, a infraestrutura física do ESR é um dos principais desafios enfrentados pela universidade em Campos dos Goytacazes desde o início de sua atividade. O problema tomou outra dimensão com a implantação do REUNI. A unidade antes ofertava um único curso e tinha uma população universitária de aproximadamente 400 pessoas. Hoje a comunidade universitária tem mais de 3500 pessoas, incluindo estudantes, docentes e técnico-administrativos.

O aumento de pessoas exige, é claro, mais espaço físico, no entanto as instalações permanecem praticamente as mesmas. A solução provisória para alocar as instalações mínimas para as atividades da universidade foi o aluguel de módulos habitacionais, popularmente chamados de “contêineres” (Figura 23). Solução similar foi usada pela UFF no Centro Universitário de Rio das Ostras (CURO). O projeto previu a construção de um segundo pavimento do bloco C, onde está instalada a Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes. Mesmo após a conclusão da ampliação do bloco C, a alternativa provisória se tornou permanente. Em 2013, foram alugados mais módulos habitacionais para garantir o funcionamento dos cursos e dos setores administrativos.

O REUNI destinou verbas para compra de terreno e para construção de um novo *campus* para o ESR. A UFF localizou e adquiriu o terreno da antiga Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), na avenida XV de Novembro (Beira Rio), no Centro de Campos dos Goytacazes, à margem direita do rio Paraíba do Sul. Diogo de Azevedo de Poly Carvalho (2019) conta que o terreno estava abandonado desde meados dos anos 1990, quando ocorreu uma grande redução das atividades ferroviárias no Brasil. No terreno há apenas um galpão de 891 m² em ruínas datado de 1911 que serviu para armazenagem de açúcar para a estação de trem (Figura 24). O terreno apresenta vestígios e objetos deixados por pessoas que ocuparam o lugar em condições precárias de moradia durante esses anos.

O projeto do novo *campus* da UFF Campos concebe a construção de duas unidades federais administrativas e acadêmicas de sala de aula (UFASA) com sete pavimentos cada uma, com total de 9.400 m². A planta baixa prevê salas de aula, gabinete para professores, laboratório, biblioteca, administração e restaurante universitário. A construção integra o projeto do REUNI e é justificada pela implantação dos novos cursos na unidade acadêmica (BOROWSKY, 2018).

Figura 24. Área externa do Galpão da sede da UFF Campos na Beira Rio

Fotografia: Elis Miranda. Fonte: MIRANDA, 2016, p. 182.

Conforme o cronograma de obras do REUNI elaborado pela UFF, a construção dos novos prédios estava prevista entre setembro de 2009 e setembro de 2010, com a inauguração e a ocupação programadas para setembro e outubro de 2010. Contudo, as obras enfrentaram embargos desde o início e até hoje não foram concluídas. A cessão do novo terreno e a construção da nova sede têm sido um problema de difícil resolução para o ESR, devido a dificuldades com a legalização e a licitação da construção, além de contingenciamento orçamentário (BOROWSKY, 2018).

A UFF teve algumas iniciativas de ocupação do terreno da Beira Rio nesses últimos anos, tais como o Galpão Cultural e o festival Deu na Telha. Elis de Araújo Miranda (2016) relata que o Galpão Cultural propôs-se a transformar o prédio da antiga estação de trem em espaço público de cultura para fomentar e promover estudos e ações culturais e das artes na região Norte Fluminense. A criação de um centro cultural universitário visava a suprir a carência de um espaço destinado a

acolher ações artísticas na região e na demanda de estudantes por programas culturais. Nas palavras da autora,

A partir de ampla discussão sobre a criação de um espaço universitário de cultura, chegou-se a uma definição da natureza do Galpão Cultural como espaço para o desenvolvimento de pesquisas, cursos de formação, atividades de apresentações artísticas e culturais cujo princípio norteador das ações deve estar de acordo com as orientações do reconhecimento da bio e sociodiversidade. O uso do espaço deve estar restrito a esses fins, em ações de pequeno e médio porte em função da sua localização em área interna a uma universidade e moradias residenciais em suas adjacências (MIRANDA, 2016, p. 184).

Segundo Miranda (2016), o projeto contou com o apoio de agentes de diferentes IES regionais, nacionais e internacionais através de diálogo e de articulação de ações. Todavia, enfrentou dificuldades para sensibilizar gestores municipais a atuarem conjuntamente com os sujeitos das ações culturais e da universidade (MIRANDA, 2016). Uma tentativa piloto para implantar a proposta do Galpão Cultural foi o festival Deu na Telha que reuniu artistas e produtores culturais da região e de outros lugares do país, nos dias 11, 12 e 13 de outubro de 2017. O festival abrangeu diferentes manifestações da cultura como artes visuais, ciência, cinema, comida, dança, educação, feiras, fotografia, moda, música, poesia e teatro. Em 2018, o Galpão Cultural passou a enfrentar dificuldades para a sensibilização na própria comunidade da UFF Campos, o que levou à sua finalização.

Atualmente, as obras do novo *campus* seguem a passos curtos sem previsão de conclusão. O magnífico reitor Prof. Dr. Antonio Claudio Lucas da Nóbrega, da UFF, no Ofício N.º 423/2019/GAR/UFF, de 29 de julho de 2019, afirma que as obras da UFASA foram iniciadas em janeiro de 2014 e já tiveram o investimento de, aproximadamente, R\$ 17 milhões. A UFF suspendeu as obras por insuficiência de capital, em função das restrições orçamentárias impostas às universidades federais nos anos mais recentes, principalmente, a partir de 2015. A suspensão da obra provocou, e ainda provoca, um enorme prejuízo às atividades acadêmicas do ESR, com reflexo negativo em Campos dos Goytacazes e região.

Em 2 de maio de 2019, uma reunião extraordinária de colegiado do ESR foi convocada para tratar da manutenção dos contratos de aluguel dos módulos habitacionais (contêineres). A empresa locatária NHJ havia enviado um ofício à UFF

com aviso de retirada imediata dos módulos habitacionais da UFF em Campos dos Goytacazes. A empresa alegou que não recebia os pagamentos do aluguel há onze meses. A reunião de colegiado que costuma contar apenas com os representantes dos docentes, técnicos e discentes além de poucos ouvintes e a realizar-se em alguma sala de aula transcendeu para um evento muito maior, que reuniu membros de todos os segmentos da universidade no pátio do ESR (Figura 26). A reunião indicou a necessidade da UFF Campos articular-se com os poderes locais, sobretudo, a gestão municipal. Além disso, foi apontada a necessidade de defesa de um projeto de universidade que reconheça as ações já existentes. A comunidade admitiu a ausência de um plano de contingência e a necessidade de planejamento na UFF Campos. Professores e estudantes demonstraram, em seus discursos, uma relação afetiva com o território da sede na José de Patrocínio e criticaram o projeto de desmantelamento dos serviços e da universidade públicos. O encaminhamento da reunião foi a instauração de uma comissão mista de espaço com o objetivo de articular soluções imediatas para a questão das instalações físicas do ESR em vista do fim do contrato de aluguel dos contêineres. A comissão foi composta por representantes dos docentes, técnicos e discentes. A mobilização atraiu até mesmo a imprensa local que divulgou a possibilidade da UFF encerrar suas atividades em Campos dos Goytacazes por falta de instalações físicas (Figura 25).

Figura 25. Manchete no Jornal Terceira Via sobre a UFF Campos (03/05/2019)

Fonte: Corte na Educação e dívidas ameaçam atividades da UFF Campos e podem afetar 3 mil alunos. Terceira Via Online, Campos dos Goytacazes, 02 maio 2019 18h25. Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2019/05/02/corte-na-educacao-e-dividas-ameacam-atividades-da-uff-campos-e-podem-afetar-3-mil-alunos/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Figura 26. Reunião de colegiado do ESR em 02/05/2019

Fotografia: Carlos Grevi. Fonte: Corte..., 2019.

A solução para o problema do espaço foi, mais uma vez, provisória. A reitoria da UFF conseguiu um termo aditivo que prorrogou o contrato com a NHJ até o final de 2019, garantindo a permanência dos módulos habitacionais no ESR. Este contrato, mais uma vez, foi prorrogado por mais um ano antes da finalização desta pesquisa. Possivelmente, a situação provisória deve continuar em prorrogação até a conclusão das obras da nova sede.

Docentes, técnicos e estudantes do ESR articularam ações para a ocupação imediata da nova sede e para a construção dos novos prédios. A principal ação foi a articulação junto a deputados federais para a destinação de uma verba por emenda parlamentar destinada à construção da sede na avenida XV de Novembro. O ESR conseguiu apoio integral dos deputados Chico D'Ângelo (PDT), Talíria Petrone (PSOL) e Wladimir Garotinho (PSD) além de outros deputados que contribuíram

com a verba da emenda parlamentar⁵. Destaca-se que essa emenda particular foi articulada entre partidos em oposição, demonstrando forte engajamento político da comunidade universitária da UFF Campos em solucionar as questões de espaço do ESR.

Em 21 de outubro de 2019, a direção do ESR organizou um evento para a celebração dos dez anos de adesão do instituto ao REUNI e dos vinte anos de criação do instituto. Docentes, técnicos e estudantes tiveram a oportunidade de debater e compartilhar percepções sobre as consequências e os desafios trazidos pelo REUNI ao ESR. Os deputados federais Talíria Petrone e Wladimir Garotinho estiveram presentes no evento para anunciar a conquista de R\$ 25 milhões, por meio de recursos de emenda parlamentar por verba da Bancada do Estado do Rio de Janeiro, para a construção de um dos edifícios da nova sede. Também estiveram presentes autoridades universitárias de outras instituições de Campos dos Goytacazes, tais como Jefferson Manhães de Azevedo, reitor do IFF, e Luís César Passoni, reitor da UENF (Figuras 27 e 28).

⁵ A verba parlamentar foi proposta pela Bancada do Estado do Rio de Janeiro para a construção do novo *campus* da UFF Campos. Além dos deputados Chico D'Ângelo (PDT), Talíria Petrone (PSOL) e Wladimir Garotinho (PSD), contribuíram para a emenda parlamentar os deputados Alessandro Molon (PSB), Benedita da Silva (PT), Christino Áureo (PP), Clarissa Garotinho (PROS), Flordelis (PSD), Glauber Braga (PSOL), Gurgel (PSL), Jandira Feghali (PC do B), Marcelo Freixo (PSOL), Márcio Labre (PSL) e Paulo Ramos (PDT). Todavia, a Câmara dos Deputados autorizou os parlamentares a remanejar seus recursos de emenda de bancada, já destinados a projetos, para a área da saúde para os esforços de combate à pandemia do COVID-19 que assola o mundo em 2020. Devido ao remanejamento dos recursos, ocorreu uma redução do valor total da verba destinada à conclusão das obras no novo prédio da UFF Campos. Até a conclusão desta pesquisa, só há a informação de que a Bancada do Estado do Rio de Janeiro destinou o valor de R\$ 19.540.029,20 para a execução das obras na construção do novo prédio da UFF Campos (Ofício Of. BSB. Nº049/2020, do Gabinete do Deputado Federal Gurgel (PSL), Coordenador da Bancada do Estado do Rio de Janeiro).

Figura 27. Abertura da celebração dos 10 anos de REUNI na UFF Campos

Registro feito em 21 de outubro de 2019. Da esquerda para a direita: Jefferson de Azevedo Manhães (reitor do IFF), Luciano D'Angelo (assessor do Deputado Federal Chico D'Ângelo), Wladimir Garotinho (Deputado Federal), Brand Arenari (Secretaria Municipal de Educação da PMCG), Roberto Cezar Rosendo (Diretor do ESR), Alexandra Anastácio (Pró-Reitora de Graduação da UFF), Talíria Petrone (Deputada Federal), Luís César Passoni (reitor da UENF), Michelli Borowsky (pedagoga do ESR), Maria Julia Eccard (DCE UFF). Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Figura 28. Deputado Federal Wladimir Garotinho

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

A UFF Campos compõe a cena cultural da cidade. Muitos de seus estudantes, professores e técnicos atuam como agentes culturais na região. As atividades abrangem vários segmentos culturais e artísticos, como artes visuais, audiovisual, eventos culturais, feiras, intervenções urbanas, literatura, música, teatro, *etc.* Algumas dessas nos últimos anos foram: Arialdo Maravilha, Bárbaras, Cabeçada, Campos Ballroom, Circuito Centro Vivo, Feira das Delicadezas (Figura 29), Lista Negra, Mulheres Negras, Nós por Nós, Observatório da Arte Contemporânea, selecta dimina, Slam das Pocs (Figura 29), Tetatoa, Trans Goytacá, tuff e tuffinho.

Figura 29. Slam das Pocs na Feira das Delicadezas

Fotografia: Felipe Maciel @itsmaciel. 2019. Fonte: @feiradasdelicadezas.

3.4 *Na última porta do corredor há uma biblioteca*

A Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG) é uma das unidades que integram o sistema de bibliotecas da Universidade Federal Fluminense (UFF). Está subordinada à Coordenação de Bibliotecas (CBI) da Superintendência de Documentação (SDC), que, por sua vez, constitui-se em um órgão suplementar vinculado ao Gabinete da Reitoria (GAR). A BUCG está localizada no térreo do Bloco C do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), na Rua José do Patrocínio, 71, no Centro do município de Campos dos Goytacazes (RJ). A BUCG oferece serviços de informação à comunidade acadêmica do ESR.

A BUCG tem poucos registros sobre a sua história, sobretudo a respeito dos primeiros anos. Logo, uma investigação histórica da BUCG é um esforço necessário. Contudo, esta exposição contempla apenas alguns aspectos da história da BUCG considerados importantes para a compreensão da biblioteca enquanto foco deste estudo. As informações sobre a BUCG foram coletadas em documentos produzidos pela biblioteca, tais como atas de reunião, catálogos, determinações de serviço, projetos, livro de tombo, carimbos nos livros, livros de rotina, portarias, relatórios de gestão e em entrevistas com profissionais que atuaram ou atuam na biblioteca. Além disso, utilizamos outros canais oficiais de comunicação da UFF como o Boletim de Serviço da UFF (BSUFF), os portais institucionais e o portal da transparência. Uma fonte de informação muito consultada para este relato foi o documento produzido por Loilce Gomes de Oliveira, então chefe da biblioteca, em que são apresentados dados históricos da Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos. Este foi o documento mais antigo a que tive acesso sobre a história da biblioteca⁶.

O Departamento de Serviço Social de Campos (SSC) foi criado em 16 de junho de 1962, a partir dos esforços de docentes e com apoio de políticos locais. Inicialmente, o SSC não dispunha de sede própria e funcionou provisoriamente nas instalações de outras instituições da cidade. No início, o novo departamento

⁶ Uma cópia digitalizada do documento produzido pela bibliotecária Loilce Gomes de Oliveira (1988), sobre os dados históricos da Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos (BSC), está disponível na seção dos anexos desta tese.

funcionou no porão da Inspetoria Escolar XV de Novembro, depois no Centro de Puericultura de Campos e, posteriormente, em uma ala do Hospital Álvaro Alvim (BOROWSKI, 2018).

A Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos (BSC), como anteriormente foi chamada, instalou-se junto ao SSC, em 1974. As primeiras instalações estavam em uma pequena sala de 12 m² nas dependências do Hospital Álvaro Alvim, onde se encontrava o SSC. O mobiliário da biblioteca era composto por quatro estantes altas simples, uma mesa de reunião com oito lugares destinada aos leitores e duas mesas e cadeiras reservadas aos funcionários. Não encontramos registros de que havia uma biblioteca nas instalações da Inspetoria Escolar e no Centro de Puericultura de Campos.

Em julho de 1975, a UFF adquiriu e reformou uma residência antiga para abrigar o SSC, com apoio da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (PMCG). As novas instalações, à época, estão no mesmo endereço onde a universidade se encontra hoje, na Rua José do Patrocínio, no Centro da cidade. Entretanto, a UFF Campos já realizou várias mudanças e adaptações na sede de acordo com o desenvolvimento e a expansão das atividades do SSC e, depois, ESR.

Naquele período, a BSC foi instalada numa sala de 42,7 m² no piso superior da nova sede no Centro. O número de estantes foi ampliado para seis e a mesa de reunião foi substituída por seis mesas de datilografia cedidas pelo SSC. Ao mobiliário da biblioteca, foram integrados mais dois armários.

O edifício sofreu obras para rebaixamento de gesso no teto. Goteiras de chuva no telhado afetaram o gesso, abrindo buracos nos pontos do teto coincidentes com a posição das estantes e ameaçando desabamento. Todos os dias, ao final do expediente, os livros eram retirados das prateleiras para local mais seguro por precaução. Após as noites chuvosas, era necessário enxugar a água acumulada no chão para que fosse possível entrar no recinto. A situação do teto de gesso, agravada com sucessivos desabamentos, ameaçava a integridade física de funcionários e de usuários e a preservação e a conservação do acervo.

O estrago na sala da BSC levou à construção de uma nova sala de 53,35 m² para a biblioteca em 1979. A ampliação da área útil possibilitou o aumento do espaço destinado à leitura. Foi solicitada e atendida pelo Núcleo de Documentação

(NDC) a aquisição de mais duas estantes para livros e de cinco mesas redondas com cinco lugares destinadas aos leitores. Porém, as cadeiras recebidas já eram usadas, encontravam-se com estofado rasgado e, por essa razão, foram recusadas devido ao mau estado de conservação. O problema foi contornado com o empréstimo de vinte e cinco cadeiras de madeira pela Legião Brasileira de Assistência⁷ (LBA). O SSC concedeu à biblioteca mais um armário, seis carteiras, seis cadeiras e dois arquivos de aço.

A nova construção não solucionou os problemas das instalações da biblioteca. Em 1988, Loilce Gomes de Oliveira, chefe da biblioteca na época, denuncia que, em nenhum momento, a equipe de bibliotecários foi convidada a opinar sobre o que quer que fosse na elaboração da planta da nova biblioteca. A bibliotecária ainda declara que mesmo o pedido de construção de um lavatório, já existente na sala anterior, não foi aceito, apesar de já haver instalação de água na nova sala. O projeto de construção da biblioteca não previu o crescimento do acervo. Em 1986, a biblioteca não tinha mais espaço para novas estantes e as prateleiras estavam completamente ocupadas com os documentos do acervo.

Em novembro de 1986, a BSC desocupou seu pequeno prédio que foi derrubado para dar lugar a um novo edifício. O SSC projetou um prédio com oito salas de aula e uma biblioteca, a ser instalada no térreo do edifício. A planta da nova biblioteca, desta vez, foi cuidadosamente estudada pela chefe da biblioteca e pelo diretor do Núcleo de Documentação (NDC). Projetaram-se salas de estudo em grupo, uma pequena cozinha e um banheiro. A previsão de conclusão da obra era de cinco meses. A biblioteca, provisoriamente, foi transferida para três salas em um

⁷ A Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi um órgão assistencial público brasileiro, fundado em 28 de agosto de 1942, pela então primeira-dama Darcy Vargas, com o objetivo de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial, contando com o apoio da Federação das Associações Comerciais e da Confederação Nacional da Indústria. Com o final da guerra, se tornou um órgão de assistência às famílias necessitadas em geral. A LBA era presidida pelas primeiras-damas. A LBA foi extinta através do art. 19, inciso I, da Medida Provisória nº 813, de 1º de janeiro de 1995, publicada no primeiro dia em que assumiu o governo o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Na época da sua extinção a LBA estava vinculada ao Ministério do Bem-Estar do Menor. Estas informações foram coletadas no registro de autoridade de LBA no Acervo Arquivístico da UFSM, disponível em: <http://fonte.ufsm.br/index.php/legiao-brasileira-de-assistencia-lba>, acessado em 10 de abril de 2020.

prédio vizinho, cedidas por empréstimo pela Associação de Servidores da Caixa Econômica Federal (ASCEF).

O ano de 1987 transcorreu em meio à crise financeira decorrente das consequências do Plano Cruzado na política econômica brasileira. Nesse cenário, problemas de ordem administrativa, financeira e técnica sustaram o projeto existente para a construção do prédio do SSC. Um projeto provisório foi proposto frente aos impasses causados pela crise. Porém, esse projeto priorizou as salas de aula que foram construídas imediatamente e a solução dos problemas da BSC foi adiada para o futuro.

A solução chegou de forma adaptada para restabelecer o funcionamento da biblioteca. Duas salas de aula do novo prédio foram cedidas e adaptadas com essa intenção. Foram demolidas algumas paredes e os indícios da adaptação estão nos desníveis no chão, nas paredes na diagonal e uma coluna no meio do salão. As novas instalações da biblioteca só foram concluídas e inauguradas em 25 de agosto de 1989. Apesar do espaço ainda ser pequeno, a biblioteca foi ampliada e passou a contar com uma sala de chefia, uma sala de secretaria, uma sala de estudo livre, um balcão de atendimento, quatro salas de estudo em grupo e um salão de leitura. A biblioteca está neste lugar até hoje, com algumas adaptações

Figura 30. Armários da BUCG

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Durante os anos 1991 e 1992, chuvas fortes na região prejudicaram as instalações do SSC e parte do acervo da BSC foi danificado. Somente foram localizados registros de ocorrência desse episódio, mas não encontramos relatos de como essa situação foi contornada e tampouco as caracterizações dos danos ao acervo da biblioteca.

O primeiro relatório de gestão da BUCG a que tive acesso é datado de 1999. O documento reflete as iniciativas de sistematização da gestão da biblioteca e, de forma mais ampla, do NDC. O relatório indica a escassez de recursos ao mesmo tempo que demonstra preocupação com a gestão, a informatização e a modernização da biblioteca. Alguns problemas relacionados à estrutura permaneceram, apesar das novas instalações. O relatório de gestão indica a necessidade de descupinização do mobiliário, manutenção da iluminação, reformas nas paredes da biblioteca, que sofreram infiltrações, e instalação de equipamentos de refrigeração de ar. É indicada a necessidade de linha telefônica, de um *software* próprio para bibliotecas e de uma impressora colorida, sugerindo a preocupação com a informatização e a modernização. O relatório aponta a carência de assinatura de periódicos. Durante esse período, a biblioteca tomou iniciativas como investigação e reorganização do acervo, restauração de documentos, educação de usuários, reurbanização do jardim e decoração do interior com plantas e com quadros. Alguns integrantes da equipe participaram do curso de planejamento estratégico oferecido pelo NDC. Nesse relatório, é apontado, pela primeira vez, um problema que permanece até hoje: a inadequação da acústica. O pequeno espaço da biblioteca torna difícil o silêncio no salão de leitura, necessário à concentração de alguns leitores durante o estudo.

A biblioteca permaneceu no mesmo local até o início de 2010, quando foram realizadas obras para a construção do segundo pavimento do bloco C do SSC, prédio onde estava instalada. Por questões de segurança, a biblioteca foi transferida para módulos metálicos habitacionais (contêineres) instalados no *campus*. Durante esse período em que esteve nas instalações provisórias, a biblioteca disponibilizou apenas os títulos mais procurados pelos usuários. Esse fato refletiu sobre a frequência do público insatisfeito com os serviços. As obras foram concluídas no início de 2012. A BSC retornou ao seu prédio original e

encontrou instalações climatizadas com equipamentos de ar-condicionado e com novo projeto de iluminação, o que resolveu alguns dos problemas de estrutura.

Em 1999, o Conselho Universitário (CUV) aprovou a criação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR). Além de elevar o departamento na hierarquia organizacional da UFF, a criação do instituto foi um marco na trajetória do ESR e permitiu, no futuro, a ampliação dos cursos de graduação e de pós-graduação (BOROWSKY, 2018). Não há, porém, registros da participação da BUCG na discussão que conduziu o planejamento e a implantação do instituto. A mudança, por outro lado, afetou diretamente a biblioteca, uma vez que representou uma renovação do acervo e da comunidade atendida pela unidade de informação.

A biblioteca se destacou por participar e desenvolver alguns projetos na UFF Campos. Um deles foi o *Projeto de orientação para alunos e servidores* (PROAS), em 1999, que foi um trabalho de extensão universitária em que uma equipe multidisciplinar prestava assessoria a estudantes e a servidores da universidade. A equipe era composta por advogado, assistente social, bibliotecário, comunicólogo, enfermeiro, farmacêutico e médico. A BSC participou do projeto com aulas de levantamento e comutação bibliográficos e de normalização da documentação. Foram atendidos 330 usuários ao ano, aproximadamente. Não foi encontrado registro do fim do projeto de extensão, no entanto os relatórios de gestão indicam que a BSC permaneceu oferecendo esses serviços à comunidade universitária.

A BSC participou da *6ª Bienal do Livro em Campos dos Goytacazes*, que ocorreu de 5 a 14 de novembro de 2010, na Praça São Salvador. O evento foi organizado pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (PMCG), por meio da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL). As universidades instaladas no município compartilharam um estande coletivo e a UFF não ficou de fora. Alguns livros dos autores José Luiz Vianna da Cruz, Marco Brandão e Júlio Gralha, docentes do ESR, foram expostos e vendidos na feira junto a outros títulos da EdUFF. Funcionários da biblioteca integraram a equipe do estande da UFF na bienal.

Outro evento marcante na expansão do ESR foi adesão da UFF ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), regulado pelo Decreto N.º 6.096/2007. O REUNI foi uma política

educacional para expansão da educação superior em âmbito federal com o objetivo de ampliar o acesso à educação superior por meio de promoção do aumento das vagas em cursos de graduação, de oferta de cursos noturnos e de ocupação de vagas ociosas. O programa propôs o incentivo às inovações pedagógicas e o combate à evasão como estratégias de elevação das condições de permanência e sucesso dos estudantes nas universidades federais.

A BSC atendia apenas a comunidade do Departamento de Serviço Social e, após o REUNI, passou a atender a docentes e a discentes de mais cursos de outras cinco áreas: ciências econômicas, psicologia, ciências sociais, geografia e história. O REUNI previu a compra de materiais bibliográficos para atender ao desafio de ampliar o acervo para atender a uma quantidade maior e mais diversa de usuários. Os servidores que atuaram na época declararam que a aquisição proveniente de verbas do REUNI proporcionou, quantitativamente, o maior crescimento da coleção da BSC até então. Eliane Teresa de Salles Freitas de Santos, chefe da biblioteca à época, relata que todas as semanas chegavam lotes de livros adquiridos. Ela estima que tenham sido adquiridos cerca de seis mil exemplares, o que representou mais de 200% de expansão do acervo⁸.

Em 2012, os nomes das unidades da SDC foram revistos. A preferência para nomeação das bibliotecas foi a associação ao nome da unidade acadêmica atendida, como, por exemplo, a Biblioteca da Escola de Arquitetura e Urbanismo (BAU) e a Biblioteca da Faculdade de Farmácia (BFF). Como na época o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) estava em expansão e não tem um nome de fácil associação, decidiu-se usar provisoriamente o nome Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG). O nome tinha uma referência à Polo Universitário de Campos dos Goytacazes (PUCG), que é uma unidade organizacional extinta. O nome provisório, porém, tem se demonstrado adequado além de provocar reflexão sobre o que seria a/uma biblioteca universitária de/em Campos dos Goytacazes. Neste caso, o nome associa a biblioteca à região onde está instalada mais do que à área do conhecimento ou a uma instituição a que atende. Outras bibliotecas da UFF têm essa mesma característica em seus nomes: Biblioteca de Macaé (BMAC), a Biblioteca de Rio das Ostras (BRO), a Biblioteca do Aterrado -

⁸ Em entrevista a Thulio Pereira Dias Gomes, no dia 25 de março de 2019.

Volta Redonda (BAVR), a Biblioteca do *Campus* de Petrópolis (BCPE) e a Biblioteca Nova Friburgo (BNF). De alguma forma, estes nomes sinalizam a expansão das bibliotecas no interior fluminense e a produção de discursos da UFF sobre o Rio de Janeiro.

Como demonstra seu histórico, desde sua fundação, a BUCG nunca dispôs de instalações adequadas aos padrões de qualidade para o funcionamento e prestação de serviços públicos de documentação. Pelo contrário, sempre esteve em salas e edifícios adaptados e aproveitados para a biblioteca. As dificuldades com a infraestrutura são reflexo das dificuldades do ESR em conquistar seu próprio espaço adequado às suas atividades acadêmicas e administrativas.

Atualmente, a BUCG está instalada no salão de porta de vidro ao final do longo corredor do térreo do edifício do Bloco C. O salão da BUCG tem 190,32 m² no total, distribuídos em áreas destinadas ao acervo (110,2 m²), ao estudo em grupo (15,3 m²), ao salão de leitura (33 m²), ao processamento técnico (26,52 m²) e ao atendimento (5,3 m²). O salão de leitura conta com 66 postos de estudo. O espaço contém duas salas para estudo em grupo e uma com equipamentos de acessibilidade para usuários portadores de necessidades especiais. As informações sobre o espaço físico da biblioteca estão resumidas no Quadro 5 e a Figura 31 apresenta a planta baixa da atual instalação da BUCG.

Figura 31. Planta baixa da BUCG/UFF (1986)

Fonte: Arquivo da BUCG.

Quadro 5. Espaço físico da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes

Unidade	Área				Postos de estudo	
	Construída	Destinada ao acervo	Estudo individual	Estudo em grupo	Individual	Em grupo
BUCG	190,32m ²	110,2 m ²	0 m ²	48,3m ²	0	66

Fonte: Relatório anual da BUCG 2018. ed. rev.

O espaço físico é insuficiente para a oferta de serviços da biblioteca. O espaço é pequeno para atender aos alunos dos treze cursos, de graduação e de pós-graduação, em atividade do ESR, bem como aos servidores do instituto. O acervo está comprimido em um espaço pequeno e as estantes não atendem as normas de acessibilidade ABNT NBR 9050/2015, nos quesitos altura e espaçamento entre as mesmas (Figura 31). Os cursos de graduação e de pós-graduação vêm se consolidando e apresentam demanda por mais títulos e exemplares no acervo e o espaço da biblioteca se mostra insuficiente para atender às solicitações. O pequeno espaço limita a tendência da biblioteca como organismo em crescimento.

O salão de leitura possui apenas 66 postos de estudos. Este número é insuficiente para atender ao total de usuários, aproximadamente 3530 estudantes de graduação, 150 docentes e 42 técnico-administrativos que formam a comunidade universitária da UFF Campos⁹. Frequentemente, os usuários não usam o espaço da biblioteca para estudo porque as mesas do salão de leitura já estão todas ocupadas. Não há espaço destinado ao estudo individual. Os usuários costumam apresentar reclamações sobre barulho na biblioteca, porque os espaços para estudo individual e em grupo ocupam o mesmo salão de leitura (Figura 31).

O espaço para a equipe da biblioteca também é insuficiente para oferecer boas condições de trabalho, considerando a salubridade, o conforto e a ergonomia. Vale lembrar do antigo pedido da chefe Leoilce Oliveira para instalações de uma pequena cozinha e um banheiro para os funcionários, o que até hoje não foi atendido.

⁹ Dado do Sistema de Transparência da UFF, em março de 2020.

Figura 33. Planta baixa dos primeiros pavimentos do bloco b do campus da XV de Novembro

Fonte: Arquivo da BUCG.

No entanto, a BUCG não é a única biblioteca da UFF a enfrentar o desafio do espaço. Somente a Biblioteca Central do Gragoatá (BCG), a Biblioteca de Nova Friburgo (BNF), a Biblioteca do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (BINF) e a Biblioteca Monteiro Lobato (BML) estão instaladas em edifícios arquitetados para ser uma biblioteca. Todas as demais bibliotecas estão em lugares adaptados e algumas delas têm estrutura adequada. No entanto, muitas unidades, mesmo depois de adaptadas, possuem instalações em condições inadequadas aos parâmetros de qualidade para serviços de documentação. A BUCG é um desses casos de lugares adaptados para o funcionamento de uma biblioteca.

A solução da questão do espaço está na promessa do novo *campus* do ESR, em construção na avenida XV de Novembro (Beira Rio), a “terra prometida”. O planejamento abrange duas unidades federais administrativas e acadêmicas de sala de aula (UFASA) com sete pavimentos e cobertura cada uma, com total de 9.400 m², abrangendo salas de aula, gabinetes para professores, laboratórios, biblioteca, administração e restaurante universitário. A biblioteca planejada na obra ocupará os dois primeiros pavimentos do bloco B (Figura 33). A construção fez parte do projeto do ESR para o REUNI e é justificada pela implantação dos novos cursos na unidade acadêmica (BOROWSKI, 2018).

Não nos cabe aqui avaliar a gestão dos recursos da UFF para o programa de expansão, mas reconhecemos que os vários acontecimentos que impedem a construção das UFASA dificultam a construção de um ideário acadêmico na UFF em Campos dos Goytacazes. A BUCG, nesse cenário, mantém seu espaço ainda mais inadequado às atividades universitárias, uma vez que sua comunidade cresceu muito após a expansão sem, contudo, contar com a ampliação do espaço físico.

Com o aumento do número de discentes, docentes e técnicos do ESR, a administração da universidade se viu obrigada a alugar módulos habitacionais (contêineres) para abrigar mais de dois terços das atividades do ESR, incluindo salas de aula, de laboratórios e de administração. A biblioteca está localizada em um dos poucos prédios de alvenaria do ESR. Como já dito anteriormente, a reitoria reconhece que a grave restrição orçamentária ameaça a capacidade da universidade de manter em dia o pagamento do aluguel dos contêineres e, portanto, a própria estrutura onde ocorre a maior parte das atividades do Instituto.

O reunião expandida do colegiado do ESR, em 2 de maio de 2019, instituiu uma comissão, composta por representantes dos três segmentos da comunidade universitária com o objetivo de articular soluções em vista do problema de espaço da UFF Campos. A participação do representante da BUCG nessa comissão buscou garantir a permanência no seu espaço atual e que a biblioteca não fosse substituída por salas de aula¹⁰.

O acervo da biblioteca é constituído de documentos em diferentes suportes com predominância de livros. Há, também, CD-ROM, DVD-ROM, periódicos, trabalhos de conclusão de curso (tcc), dissertações, teses e dicionários. Os assuntos dos documentos no acervo estão, principalmente, associados aos cursos do ESR: ciências econômicas, ciências sociais, educação, geografia, história, psicologia e serviço social. No acervo da BUCG, destacamos algumas coleções especiais: a coleção de trabalhos de conclusão de curso do Departamento de Serviço Social de Campos, produção bibliográfica de Campos dos Goytacazes e literatura de autores da região.

A automação do acervo da BUCG teve início nos anos 2000, junto com as outras unidades do NDC. As primeiras iniciativas usaram os *softwares* Micro-Isis e Argonauta. Desde 2014, o sistema de bibliotecas da UFF passou a utilizar o *software* proprietário Pergamum para a gestão do acervo e de seus processos documentários (COELHO; ANDRADE, 2014). A BUCG oferece aos usuários dois computadores restritos para acesso aos catálogo (OPAC) no sistema Pergamum. Através desses terminais, os usuários também têm acesso ao RIUFF e ao Portal de Periódicos da CAPES. Os estudantes que desejarem usar os computadores para outros fins deverão usar o laboratório de informática do ESR.

A aquisição de documentos pela BUCG pode dar-se por compra, doação ou permuta. As orientações da CBI para as compras de material bibliográfico priorizam recursos para aquisição de itens das bibliografias básica e complementar das unidades curriculares dos cursos de graduação para ampliar o desempenho da biblioteca nas avaliações pelo INEP. As compras são feitas com fornecedores e passam pelo processo de licitação. As doações podem ser feitas por qualquer pessoa que deseja doar algum material para a biblioteca. A doação deve passar por

¹⁰ O encaminhamento dessa questão é descrito na subseção anterior.

uma seleção com base na política de desenvolvimento de coleções da SDC. Há uma inclinação para selecionar os títulos que integrem as bibliografias básica e complementar e os títulos mais atuais e recentes. A permuta ocorre quando a biblioteca troca algum material com outra unidade, da UFF ou de outra instituição. Muito comum no passado para troca de exemplares de periódicos, hoje em dia a permuta acontece raramente e tem caído em desuso.

A aquisição por compra tem tornado-se cada vez mais difícil por causa das limitações orçamentárias. Além dessa dificuldade, é preciso levar em conta que as bibliotecas como a BUCG são um dos poucos acervos bibliográficos nas regiões onde estão instaladas. As bibliotecas universitárias no interior dificilmente têm um acervo equivalente, em quantidade e qualidade, às bibliotecas localizadas nos centros urbanos. Por isso, é preciso rever e propor estratégias para desenvolver acervos no interior. O aceite de doações pode ser uma oportunidade para o desenvolvimento dessas coleções. Para isso, todavia, é preciso revisar os critérios de seleção das políticas de aquisição. Muitos materiais de relevância clássica e histórica já não estão disponíveis para venda nas livrarias e nas distribuidoras de livros. As pesquisas especializadas podem demandar materiais que não fazem parte das bibliografias básica e complementar. Além disso, é preciso evitar que a biblioteca se torne uma mera coleção de livros didáticos, porque sua coleção pode ter um potencial muito maior para gerar conhecimentos novos e para despertar curiosidade. Um passeio desinteressado nas prateleiras e nas estantes de uma biblioteca pode levar os leitores a encontrarem informações e a despertarem-se para outros temas que não necessariamente fazem parte do currículo. Uma oportunidade para superar essas dificuldades está em aceitar a doação das bibliotecas particulares dos professores. Muitos docentes têm acervos particulares de grande valor para as áreas do conhecimento de sua atividade e que já estão esgotados nas livrarias e nos fornecedores. Projetos para acolher essas bibliotecas particulares podem ser incentivados e estrategicamente planejados. Contudo, é preciso tomar cuidado para não tornar a biblioteca um mausoléu de livros.

O acervo da BUCG teve uma expansão com a chegada de novos professores na UFF Campos, após o REUNI. Alguns professores, interessados em promover o acesso às bibliografia pelos estudantes, doaram parte de seus acervos particulares

para a biblioteca. Dentre esses professores destacam-se Carlos Eugênio Soares de Lemos, Elis de Araújo Miranda e Walter Luiz Carneiro de Mattos Pereira.

Observamos, também, que a política de seleção da SDC falha em não adquirir livros produzidos pelos próprios docentes da universidade. Temos como exemplo Hilda Machado, que foi professora do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da UFF. Além de sua atividade docente, Hilda Machado tem considerável produção cinematográfica e literária reconhecida vastamente. Seus livros não integram o acervo de nenhuma biblioteca da UFF. O mesmo observa-se na BUCG que não possui muitos títulos dos livros escritos por muitos professores do ESR. As bibliotecas, assim, deixam de preservar a memória institucional e de expandir seu acervo por estarem tão concentradas em atingir, sem êxito, um bom desempenho nas avaliações de curso.

O quadro de pessoal da BUCG integra servidores e empregado públicos. O quadro de servidores é composto de cargos de diferentes níveis na carreira dos técnicos-administrativos de educação (TAE) do MEC. O empregado público é cedido pela CONAB, uma empresa pública que reduziu suas atividades na região nos últimos anos. Trata-se de uma equipe com vínculos diversos em relação à UFF, o que pode apresentar complexidade para a gestão de pessoas (Quadro 6).

Quadro 6. Quadro de pessoal da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes			
Vínculo	Carreira	Cargo	Quant.
Servidor	TAE	Bibliotecário-documentalista	3
	TAE	Assistente de administração	1
	TAE	Contínuo	1
Empregado		Auxiliar geral	1

Fonte: elaborado pelo autor a partir do Relatório anual da BUCG 2019.

A formação da equipe evidencia um quadro diversificado e qualificado. Todos os servidores são graduados, nas áreas de biblioteconomia, direito e pedagogia. Os bibliotecários são todos imigrantes na cidade, isto é, vieram morar em Campos dos Goytacazes para trabalhar na UFF, enquanto os assistentes têm origens na própria região. Esse aspecto traz um desafio que não se dá apenas no que diz respeito às

diferenças de formação e aos estranhamentos culturais. Os bibliotecários precisam desenvolver ações para familiarizar os demais colegas com o ambiente de bibliotecas, uma vez que alguns deles têm poucas vivências em instituições desse tipo. É necessário, assim, incentivar ações para estimular atitudes informacionais entre o próprio pessoal da biblioteca.

Figura 34. Homenagem a Oraildes Reis, funcionário da biblioteca, durante a celebração dos 10 anos do REUNI na UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

A diversidade de vínculos institucionais também apresenta desafios no que diz respeito à gestão de pessoas. Cada vínculo implica diferentes tipos de controle de frequência, carreiras, salários e jornadas de trabalho. Essas diferenças traduzem-se em desafios para manter a motivação e a harmonia no ambiente de trabalho.

Outro desafio está em manter o quadro de profissionais na biblioteca, principalmente, bibliotecários. Desde a sua criação, muitos profissionais já passaram pela BUCG e depois removeram-se ou transferiram-se para outras unidades. Não se trata de julgar o mérito ou as razões das decisões individuais de

cada profissional, mas de levantar uma questão sobre a retenção de conhecimento na instituição. O rodízio de pessoas traz o desafio de gestão do conhecimento, já que ao sair ou ser substituído muitas vezes o que o profissional sabe se perde ao não ser compartilhado com a equipe. Essa dificuldade acontece também no ESR e em outras unidades da SDC no interior.

Figura 34. Confecção do mural do salão de leitura da BUCG/UFF

Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Outro aspecto tangente à gestão de pessoas é a contratação de serviços terceirizados pela universidade. Nas últimas décadas, uma série de reformas administrativas excluíram algumas funções de técnico-administrativos do serviço público federal, como, por exemplo, manutenção de laboratório, infraestrutura de equipamentos, motoristas, limpeza, vigilância, etc. Apesar de serem consideradas atividades-meio, essas funções estão atreladas aos fins da universidade. Nas equipes das bibliotecas, o pessoal terceirizado ocupou os postos de assistente durante algum tempo. Contudo, os cortes orçamentários levaram à demissão de trabalhadores terceirizados. Atualmente, as bibliotecas da UFF, incluindo a BUCG, têm funcionado com o quadro de pessoal reduzido. É preciso ponderar e observar

que a contratação de serviços terceirizados traz problemas complicados para a gestão pública universitária, sobretudo no que diz respeito à distribuição das verbas de custeio.

A BUCG dispõe de um espaço pequeno, uma equipe reduzida e um acervo modesto. A biblioteca enfrenta o desafio de ser assimilada e valorizada pela comunidade universitária que muitas vezes a reduz a um mero setor do serviço público. Todavia, conta com profissionais qualificados e empenhados em oferecer com qualidade serviços de informação, apesar da escassez de recursos.

Mediação de trabalhos de conclusão de curso

“O que queríamos demonstrar (e pensamos ter demonstrado) é que se pode chegar a uma biblioteca de interior sem saber nada ou quase nada sobre um tema e ter, em três tardes, ideias suficientes e completas.”

(Umberto Eco, em *Como se faz uma tese*, p. 76-77)

4 Mediação de trabalhos de conclusão de curso

Esta experiência acontece na mesorregião Norte Fluminense, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Em 1962, a Universidade Federal Fluminense (UFF) foi a primeira instituição universitária instalada na região com a implantação do Departamento de Serviço Social de Campos (DSC) que, em 1999, passou a se chamar Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR). A primeira universidade sediada na região foi a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), criada em 1991, em Campos dos Goytacazes. Não obstante a presença relativamente recente da universidade na região, Campos dos Goytacazes se tornou um pólo regional de educação superior nas últimas décadas. Micheli Marques Borowsky (2018) explica que o município vem se destacando pela expressiva concentração de instituições de ensino superior atraídas pela demanda de qualificação da população em função dos empreendimentos econômicos instalados na região, com destaque para o pólo petroquímico de Macaé (RJ) e para o Porto do Açu, em São João da Barra (RJ). Atualmente, a cidade reúne, do ponto de vista da organização acadêmica, universidades, centros universitários, faculdades e institutos superiores, além de um instituto federal de educação, ciência e tecnologia. Este relato de experiência privilegia a discussão sobre a universidade, em particular, a UFF Campos.

Em alguns contextos socioculturais pode ser muito complicado para uma universidade promover diálogo com a sociedade local. Particularmente, a comunicação com os agentes externos tem sido um desafio nodal para a consolidação da universidade em Campos dos Goytacazes. A universidade pode, neste contexto, estimular a divulgação do conhecimento produzido por ela visando a ampliar o diálogo entre agentes externos e internos. A divulgação científica é uma das ações que podem contribuir para a intervenção da universidade no contexto social, no sentido de obter maior cooperação de agentes externos e de ampliar as alianças com a sociedade.

Frente a esses desafios, a Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG), uma das unidades integrantes da Superintendência de Documentação (SDC), da UFF, propôs-se a ampliar a atuação no tripé ensino, pesquisa e extensão. A

BUCG presta serviços de informação para o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), também conhecido como UFF Campos. Em parceria com o Departamento de Geografia de Campos (GRC), do ESR, foi criado o projeto de extensão *“Divulgação da memória científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR/UFF)”*, coordenado pela Profa. Elis de Araújo Miranda. O objetivo do projeto é, entre outros, ampliar o diálogo entre a universidade e a sociedade local por meio da divulgação da memória científica da UFF em Campos dos Goytacazes.

Uma das ações do projeto foi a experiência de mediação documentária em uma disciplina de graduação, que contou com o engajamento de estudantes e de funcionários da universidade. Este estudo propõe uma reflexão sobre a experiência do ponto de vista da biblioteca universitária, de modo a propor um debate com base no quadro referencial da biblioteconomia e da ciência da informação. O objetivo é contribuir para o debate sobre a atuação da biblioteca universitária no diálogo entre a universidade e a sociedade, com enfoque no ensino de metodologia de documentos e na divulgação científica.

Figura 35. Balcão de atendimento da BUCG

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

Antes de qualquer ação de divulgação, é necessário que se conheça e se saiba sobre o conhecimento a ser divulgado. Encontramos poucos documentos para expressar narrativas sobre a memória institucional do ESR que pudessem subsidiar ações de divulgação do conhecimento. Nesse cenário, propomos ações com os documentos da instituição com o objetivo de investigar a memória institucional. Muito da história do instituto está armazenada nos canais orais, nos relatos contados por quem está na instituição há mais tempo, nos documentos empoeirados nos porões do instituto e nas estantes menos visitadas da biblioteca. A experiência relatada neste estudo teve o objetivo de mediar os documentos da biblioteca universitária para lhes atribuir outras camadas de sentido com vistas à divulgação científica e da memória institucional e da preservação do patrimônio documental da universidade. Entre os documentos da universidade, o foco da análise recaiu sobre a coleção de trabalhos de conclusão de curso (tcc), defendidos no ESR e disponíveis na BUCG e no Repositório Institucional da UFF (RIUFF). A coleção de tcc é o fio articulador da discussão proposta, porque constitui a base material das informações e dos conhecimentos mediados durante toda a experiência.

4.1 Mediação e metodologia de documentos

Alain Coulon (2008) apresenta um estudo de caso sobre a afiliação estudantil na entrada na vida universitária. Coulon realiza a observação participante na Universidade de Paris 8, onde é, também, pesquisador, professor, colega, conselheiro dos estudantes e ator da reforma local. Segundo o pesquisador, a primeira tarefa de um estudante ao chegar à universidade é aprender o ofício de estudante. O autor reforça que o problema não é ingressar na universidade, mas permanecer nela. Nesse sentido, sugere a entrada na vida universitária como uma passagem, no sentido etnológico do termo, que ele propõe que seja analisada em três tempos:

- a) o tempo do estranhamento, ao longo do qual o estudante entra em um universo desconhecido, cujas instituições rompem com o mundo familiar que ele acaba de deixar;

- b) o tempo de aprendizagem quando ele se adapta progressivamente e quando uma acomodação é produzida;
- c) o tempo de afiliação, que é o do manejo das regras identificado especialmente pela capacidade de interpretá-las ou transgredi-las. A afiliação se dá tanto institucional quanto intelectualmente.

Coulon (2008) realizou seu estudo na Université Paris-VIII¹, uma instituição que nasceu após os eventos de 1968 com um projeto de profunda mudança das estruturas e das práticas universitárias. A universidade francesa ampliou até os últimos limites a esfera da liberdade organizacional e intelectual dos estudantes e, portanto, sem querer, aumentou bastante o trabalho a ser feito para estes afiliarem-se. Coulon sustenta que a relação com o saber é também uma relação com a instituição do saber.

Segundo Coulon, afiliar-se é naturalizar e incorporar práticas e modos de funcionamento correntes na universidade que antes não faziam parte dos hábitos dos novos estudantes. Ele propõe uma pedagogia da afiliação que é representada em dois exemplos de atividades cuja realização contribui para os estudantes engajarem-se na vida universitária:

- fomentar a escrita, como modo de acesso a um trabalho simbólico, na forma de um diário de afiliação elaborado pelo estudante e acompanhado por um professor;
- possibilitar a entrada no mundo das idéias através da criação de cursos sobre metodologia documental (COULON, 2008, p. 261).

A proposta do presente estudo está intimamente inspirada na proposta de um curso sobre metodologia documental. O objetivo de um curso como este é mostrar aos estudantes ingressantes que a universidade possui regras próprias de classificação e de códigos de acesso, que não são secretos e podem ser elucidados nas regras do trabalho intelectual, nas regras de classificação dos discursos e das práticas universitárias, regras de leitura, de escrita, regras linguísticas, de comunicação, *etc.* (COULON, 2008).

¹ A Université Paris-VIII, anteriormente conhecida como université de Vincennes, e atualmente conhecida como Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, é uma universidade francesa criada em 1971. Especializada em ciências sociais, muitas personalidades compuseram seu quadro docente como Gilles Deleuze, Hélène Cixous, Jacques Lacan, Jean-François Lyotard e Michel Foucault.

Coulon recorda uma experiência da Université Paris-VIII, no quadro da reforma do ensino superior francês de 1984, quando foi introduzido o ensino da metodologia documental no currículo entre as “Linguagens Fundamentais”. Tratava-se de uma disciplina optativa semestral de trinta e sete horas e trinta minutos de duração, integrada ao currículo que acolhia grupos de trinta estudantes aproximadamente. A disciplina contava com apoio dos funcionários especializados da biblioteca universitária. Os objetivos do ensino de metodologia dos documentos eram: “aprender a utilizar os recursos documentais das bibliotecas, dominar a leitura, melhorar a memória, organizar o trabalho intelectual”. Os cursos permaneceram sendo ministrados na universidade por muitos anos (COULON, 2008, p. 266).

Coulon (2008) apresenta estudos que permitiram avaliar a eficácia do ensino de metodologia documental para o sucesso dos estudantes. Essa formação permite aos estudantes se confrontarem, de maneira clara, com os problemas de aprendizagem das regras do ensino superior, que não estão relacionadas às regras técnicas, aquelas que permitem colocar em prática os saberes adquiridos na biblioteca. O curso de metodologia documental deve buscar forjar estruturas de ações lógicas que favoreçam o ingresso do estudante no mundo das ideias a que teve acesso ao ingressar na universidade. Espera-se que o estudante desenvolva a capacidade de transformar instruções intelectuais em ações práticas. O estudante é incentivado a manipular as regras e as categorias características do trabalho intelectual. Essa é uma etapa decisiva no que Coulon chama de aprendizagem do “ofício de estudante”. Ademais, a metodologia de ensino de documentos possibilita a aprendizagem dos códigos dissimulados nas práticas de ensino superior para que sejam incorporados, ou melhor, corporificados pelos estudantes. Coulon defende que o ensino de metodologia documental permite que o estudante realize, de maneira competente, as três operações fundamentais de qualquer aprendizagem intelectual que são pensar, classificar e categorizar.

Outra referência, para nós, foi a experiência proposta na pesquisa de doutorado em andamento de Lilian Viana, sob a orientação de Ivete Pieruccini, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da USP. Além de estudante de pós-graduação na

instituição, Lilian Viana é bibliotecária da Biblioteca da ECA. Seus vínculos com a instituição favoreceram a consonância da sua proposta com a disciplina Fundamentos de biblioteconomia, documentação e ciência da informação (CBD0223), no curso de biblioteconomia do Departamento de Informação e Cultura (CBD) da ECA (VIANA; PIERUCCINI, 2017; 2018; 2019).

Viana e Pieruccini (2019) buscaram abrir caminhos para a compreensão dos elementos em torno das questões implicadas na mediação das relações entre os estudantes e o patrimônio científico, tendo em vista a biblioteca universitária como dispositivo de mediação cultural. As pesquisadoras empenharam esforços para superar perspectivas que confinam os estudantes na condição de reprodutores de conhecimento. Para isso, propõem ações de mediações do patrimônio científico com estudantes universitários visando perspectivas de protagonismo cultural no contexto acadêmico. Segundo as autoras,

A cultura acadêmica é marcada por modos específicos de produzir conhecimento, tendo por base o patrimônio científico e cultural, pautado pelo diálogo entre rigor, criatividade e criticidade, elementos que demandam aprendizagens especiais e específicas em contextos especialmente preparados para este fim, dentre os quais, de forma privilegiada, a biblioteca universitária (VIANA; PIERUCCINI, 2019, p. 6).

Viana e Pieruccini (2018) afirmam que definir a biblioteca universitária na formação dos estudantes como centro provedor de recursos de informação é visão redutora incapaz de sustentar os novos desafios, sobretudo socioculturais e educacionais, da universidade pública no momento atual. Os novos fluxos de informação, em que incluem-se as informações na internet, trazem questões sobre a necessidade da biblioteca universitária, entendida como espaço físico destinado exclusivamente como ponto de acesso a recursos de informação. Nesse sentido, Viana e Pieruccini confirmam a necessidade de extrapolar essa dimensão para abrir novas trilhas para a biblioteca universitária como instância essencial e central nos processos de construção do conhecimento.

Viana e Pieruccini (2019) propõem um programa de formação com estudantes ingressantes em curso de graduação, idealizado a partir da crítica à fragmentação dos campos da informação e da educação. A opção metodológica abriu caminho para a construção de uma ação conjunta de diálogo entre biblioteca

e sala de aula. O programa consistiu em seis encontros presenciais, com duas horas de duração cada, com um número inicial de onze estudantes participantes convidados. Participaram dos encontros a bibliotecária e a docente. O fio condutor do programa foi o processo de pesquisa para a elaboração do trabalho final da disciplina em questão. Os encontros constituíram-se a partir dos seguintes eixos:

Encontro 1 – Apresentar a proposta do programa e sensibilizar para a problemática da apropriação social da informação pelo estudante universitário.

Encontro 2 – Apresentar a pesquisa científica como um processo que demanda métodos e determinados saberes para o diálogo efetivo com o patrimônio científico e a construção de conhecimento.

Encontro 3 – Apresentar a pesquisa como processo de investigação a partir de um desejo/necessidade inicial, trazendo resultados bastante diversos de acordo com os recursos informacionais e estratégias empregados.

Encontro 4 – Apresentar a leitura e os registros de leitura como atos de diálogo com o conhecimento.

Encontro 5 – Apresentar as aulas da graduação como fontes de informações, momento de diálogo com o conhecimento; a importância e formas de elaborar registros para uso posterior.

Encontro 6 – Ordenar o pensamento diante das informações obtidas para sua comunicação (VIANA; PIERUCCINI, 2019, p. 5).

Viana e Pieruccini (2019) avaliam que o programa realizado com os estudantes mostrou que a esfera das atitudes no âmbito das relações com o patrimônio científico demanda ações rigorosas. Os resultados indicam caminhos promissores a serem trilhados pela biblioteca universitária, com o desenvolvimento de sua dimensão pedagógica, por meio de ações de mediação entre estudantes e o patrimônio científico. O objetivo dessas ações deve ser a formação de protagonistas culturais que, em suas relações com o saber, tenham atitudes como a curiosidade epistemológica, o rigor, a criticidade e a consciência crítica.

Outro texto que serviu como referência para a mediação de documentos foi a proposta da biblioteca universitária como espaço de afiliação estudantil e o bibliotecário como educador e agente inclusivo, de Antônio José Barbosa de Oliveira e Daniela Carvalho Cranchi (2017). Tradicionalmente, as bibliotecas têm sido classificadas como um setor de suporte ou de apoio às atividades universitárias. Contudo, as bibliotecas universitárias devem voltar-se para sua instituição de ensino contribuindo positivamente para sua principal razão de existência que é o desenvolvimento de atividades no tripé ensino, pesquisa e

extensão. O papel da biblioteca dentro do *campus* universitário é crucial, pois dela também depende a reputação da instituição, uma vez que constitui-se em uma peça relevante reconhecida até mesmo para validação dos cursos universitários pelo MEC. O papel da biblioteca na universidade não deve restringir-se a um repositório de material bibliográfico e de referência ou ponto para permitir o acesso às redes de informação. Oliveira e Cranchi propõem que os profissionais da biblioteca podem trazê-la para uma visibilidade mais central incorporando aspectos pedagógicos, culturais, políticos e sociais em seu fazer biblioteconômico cotidiano (OLIVEIRA; CRANCHI, 2017).

Na proposta de Oliveira e Cranchi (2017), o bibliotecário desempenha um papel primordial para fazer da biblioteca um espaço e um instrumento de acolhimento dos estudantes bem como ser um articulador de ensino e aprendizagem. Os autores defendem a necessidade de uma relação dialógica entre os bibliotecários, professores e estudantes que busque transformar a biblioteca universitária em um ambiente real de aprendizagem. Juntos, devem promover um ambiente na biblioteca que os alunos possam ser intelectual, social e culturalmente representados e emotivamente incentivados a frequentar e acessar aos documentos disponíveis.

Outra referência para o nosso estudo foi o trabalho de Luana Quintal de Souza e Michely Mamede Jabala Vogel (2018) que buscam identificar o tema de gestão da informação² nos trabalhos de conclusão de curso (tcc) de biblioteconomia e documentação da UFF e da UFRJ. As autoras afirmam a importância dos tcc como fontes de informação, tanto pelo seu conteúdo quanto por serem fontes primárias. Sua pesquisa utiliza os tcc como fonte primária de pesquisa para identificar os passos iniciais da pesquisa em gestão da informação no âmbito dos cursos de graduação em biblioteconomia dessas duas universidades.

Souza e Vogel (2018) lançam mão da bibliometria para mensurar a produção acadêmica sobre gestão da informação. A bibliometria é um campo dos estudos

² “[...] A gestão da informação, especificamente, envolve os estudos e as práticas gerenciais que permitem a construção, a disseminação e o uso da informação. Esse processo engloba a gestão de recursos informacionais e de conteúdos, a gestão de tecnologias da informação e a gestão das pessoas envolvidas nesses sub-processos” (SOUZA; DIAS; NASSIF, 2011, p. 59).

métricos cujo papel é mensurar a ciência, para possibilitar o acompanhamento da produção científica e auxiliar o desenvolvimento de novas pesquisas. Através das métricas, é possível mapear e organizar a produção, identificar se há ou não lacunas em determinadas áreas do conhecimento para ações de planejamento e gestão da ciência e tecnologia.

Souza e Vogel (2018) identificam todos os tcc de biblioteconomia e documentação, defendidos na UFF e na UFRJ, que contenham o termo "gestão da informação" no título ou nas palavras-chave, encontrados nos catálogos e nos repositórios das universidades. As autoras identificam nove tcc que atenderam a esses critérios. Os tcc apresentaram 24 descritores de assunto e 27 palavras-chave. As autoras analisam e comparam a frequência de descritores de assunto e das palavras-chave, o que possibilitou identificar os principais subtemas da gestão da informação e a disparidade dos termos selecionados por catalogadores e por autores para a representação documentária (SOUZA; VOGEL, 2018).

Souza e Vogel (2018) usam as análises das citações para apresentar um quadro geral das referências dos tcc. Os trabalhos apresentaram 339 referências no total e 251 autores distintos. A análise permitiu identificar os autores e os títulos mais citados além dos tipos de documentos mais referenciados, em que o artigo científico e o livro foram predominantes numa amostra que apresentou 12 tipos distintos.

Souza e Vogel observam a importância da escolha do título, das palavras-chave, da elaboração do resumo e da escolha das palavras-chave e dos termos selecionados no processamento técnico para identificação dos assuntos do trabalho. Sem esses recursos não seria possível a realização da pesquisa. A análise permitiu a conclusão de que ainda são poucas as pesquisas na graduação em biblioteconomia sobre a gestão da informação, o que, segundo as autoras, pode impactar a atuação do bibliotecário na área (SOUZA; VOGEL, 2018).

O presente estudo propõe uma ação inspirada nos elementos dos textos acima citados. Coulon (2008) e Viana e Pieruccini (2019) trazem elementos para a proposição de uma atividade de ensino de documentos, buscando estimular o desenvolvimento de atitudes informacionais e competências intelectuais para ofício universitário. Oliveira e Cranchi (2017) nos chamam atenção para que essa

atividade articule diferentes setores da universidade e se estabeleça no tripé ensino, pesquisa e extensão. Por sua vez, Souza e Vogel (2018) nos levam a olhar para o tcc, o catálogo, o repositório institucional, os descritores de assunto e as palavras-chave como fontes de informação sobre dado domínio do conhecimento.

4.2 *A coleção de trabalhos de conclusão de curso da UFF Campos*

Conforme o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, o trabalho de conclusão de curso é, em geral, uma monografia exigida ao estudante de um curso de graduação como pré-requisito para a conclusão do curso universitário (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Estela dos Santos Abreu e José Carlos Abreu Teixeira (2012), no manual *Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso* da UFF, propõem o tcc como um gênero que se caracteriza, de acordo com o nível do trabalho, pelo domínio de pesquisa, de sistematização e de criatividade. O trabalho de conclusão de curso também pode ser chamado de monografia, tcc, trabalho final de curso (tfc), etc.

O tcc é um documento produzido no âmbito das instituições de educação superior (IES). Todavia, o tcc, geralmente, é um documento de pouca relevância para a comunidade acadêmica que vê na inexperiência do autor uma suposta falta de profundidade de análise e de sistematização. A relevância modesta leva o tcc a ocupar um espaço sem prestígio em relação a outros documentos utilizados pelas comunidades acadêmica e universitária. O peso ínfimo pouco contribui para o empenho do estudante em desenvolver o tcc e pouco estimula as atividades de orientação e de avaliação realizadas pelos docentes nas universidades e demais IES.

As políticas de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas universitárias, talvez, não garantam destino muito favorável ao tcc impresso, apesar de apresentarem recomendações auspiciosas para o tcc digital. As diretrizes para o desenvolvimento de coleções da UFF, por exemplo, definem que os tcc de graduação e de pós-graduação *lato sensu* não serão incorporados na biblioteca. A secretaria do curso deve adotar como procedimento a devolução das versões impressas ao estudante após o registro das notas ou a eliminação dos documentos não devolvidos após um ano. Os tcc impressos, que já estavam no acervo da biblioteca antes das diretrizes, devem ser avaliados, segundo critérios de uso e de

relevância, e podem ser digitalizados ou eliminados. A eliminação deve contar com a anuência da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD) da UFF. Para fins de preservação e de acesso, a UFF prevê que os tcc deverão ser inscritos, em formato digital, no Repositório Institucional da UFF (UFF, 2015).

A preferência pela versão digital dos tcc nas bibliotecas universitárias justifica-se, geralmente, pelos recursos necessários para processamento técnico e para armazenagem dos documentos. O processamento técnico de tcc pode demandar muito tempo da equipe da biblioteca orientada a privilegiar os documentos constantes nas bibliografias básica e complementar para avaliação externa dos cursos. A catalogação dos tcc traz desafios para a manutenção de controle de autoridades e de assuntos, em função da grande quantidade de autores e dos altos índices de especificidade e de exaustividade de assuntos. O armazenamento exige muito espaço físico nas estantes das bibliotecas, visto que o número de exemplares nas estantes seria proporcional ao crescente número de diplomados nas universidades. A seleção negativa se tornou uma decisão inevitável para as volumosas coleções de tcc com baixos índices de consulta e de empréstimo pelos usuários da biblioteca.

O depósito de tcc no repositório institucional têm sido uma solução eficiente para contornar as dificuldades mencionadas. O repositório institucional é um sistema de informação que visa reunir, preservar, disseminar e promover acesso à produção intelectual de uma comunidade institucional em diferentes formatos digitais, de forma livre e gratuita. O fluxo do depósito no repositório institucional prevê os papéis de depositante, validador e gestor, distribuídos a diferentes agentes da universidade, de modo a não sobrecarregar a equipe da biblioteca com o processamento de um tipo documental específico. O repositório oferece uma estrutura avançada de organização da informação em metadados que supera as deficiências dos processos de catalogação e de indexação de tcc impressos nos tradicionais catálogos. O acesso pode ser a condição mais vantajosa do repositório institucional, uma vez que amplia as possibilidades de acessar o tcc através da internet ou de um domínio institucional restrito, ainda assim amplo. Se outrora o tcc só poderia ser acessado numa consulta às estantes de uma biblioteca universitária, o repositório institucional promove a possibilidade de recuperação

em motores de busca e em bases de dados com amplo acesso livre e gratuito na internet. O repositório institucional amplia a gama de formatos para os tcc para as variadas linguagens e suportes digitais de texto, som, imagem e vídeo, nos formatos pdf (texto); pps (apresentação); gif (imagem); jpeg (imagem); html (páginas *web*); mp3 (áudio); avi (vídeo); wmv (vídeo); webm (vídeo), flv (*flash* vídeo) e Ogg+Theora (som); swf (*flash* – animações); exe (programas); xls (editor de planilhas), dentre outros. Para além das questões de ordem prática e técnica, o repositório institucional está alinhado aos valores do acesso aberto à produção científica, à transparência da gestão pública e ao compromisso com o retorno social do investimento de recursos públicos.

O RIUFF é um produto documentário promovido pela Superintendência de Documentação (SDC) e pela Superintendência de Tecnologia (STI), da UFF. Instituído em 2017, o repositório institucional ainda enfrenta os primeiros desafios de apropriação pela comunidade universitária. A SDC desenvolve muitas iniciativas para engajamento da comunidade universitária no uso do repositório institucional, que buscam sensibilizar estudantes, técnicos, docentes, pesquisadores e gestores a incluir o repositório institucional entre as ferramentas do ofício na universidade. O engajamento ainda precisa avançar até mesmo entre o pessoal das bibliotecas e dos arquivos, onde também podem haver pontos de resistência ao novo recurso ou falta de conhecimento de como usá-lo para alcançar os objetivos da universidade. Por armazenar os tcc mais recentes da UFF, o repositório institucional foi mais um dos documentos mediados nesta experiência. A sua apropriação pela comunidade universitária pode trazer muitos benefícios para a universidade, entre os quais, a divulgação dos resultados de pesquisas para agentes internos e externos e a preservação da memória científica da universidade. A presente intervenção busca, também, engajar a apropriação do repositório institucional pela comunidade universitária.

Outro aspecto do tcc é a materialidade da informação que, segundo Bernd Frohmann (2008), é revelada no lugar institucional dos documentos, ou em outros termos, nas redes de uso dos documentos nas instituições. A materialidade dos documentos prescinde do conteúdo da informação veiculada, não partindo do que o enunciado significa ou representa, e sim da via de existência do enunciado. A

abordagem da materialidade focaliza as questões sobre o surgimento do documento e as regras de transformação, de ampliação e de conexão com outros documentos, enunciados e práticas institucionais. O estudo das práticas documentárias são formas de compreender a vida social de indivíduos, de grupos e de instituições.

Vamos tomar como exemplo, é claro, o tcc, documento produzido pela comunidade acadêmica no âmbito das IES. O tcc é um documento que apresenta relações com as práticas de formação de estudantes e com o desenvolvimento de capacidade e de habilidades para a pesquisa científica. O tcc torna-se, portanto, um registro das atividades de ensino e pesquisa das universidades e das IES. Por meio de documentos secundários, como o catálogo e o repositório, o tcc insere-se em outras vias institucionais que lhe permite outras possibilidades de uso.

Figura 36. Trabalhos de conclusão de curso

Fonte: Arquivo da BUCG.

Em nosso cenário, apresentamos a coleção de tcc do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os tcc são requisito parcial para aprovação em cursos de bacharelado e de licenciatura oferecidos pela unidade acadêmica. Os tcc produzidos representam um dos gêneros de documentos em torno dos quais são realizadas práticas de formação de pesquisadores e de profissionais de diferentes áreas que integram a comunidade institucional. A coleção de tcc, que está na Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG), abrange os cursos de ciências econômicas, ciências sociais, geografia, história, psicologia e serviço social.

O curso mais antigo no ESR é o bacharelado em serviço social, iniciado em 1962. Os estudos do serviço social se caracterizam por sua aplicação em contextos institucionais específicos. Uma pesquisa exploratória no acervo foi realizada na Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG) e no Repositório Institucional da UFF (RIUFF). Foi consultada uma diversidade aleatória de tcc defendidos no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), abrangendo áreas do conhecimento, anos de defesa, temáticas e suportes diversos. O objetivo foi o levantamento de questões e de hipóteses de pesquisa.

Os tcc mais antigos integrantes do acervo forneceram elementos para as primeiras hipóteses. Gaby Carneiro da Silva Andrade (1973) compartilha sua experiência de estágio em serviço social escolar na Escola Técnica Federal de Campos (ETFC). Lúcia Maria Guimarães e outras (1973) relatam a experiência de implantação de serviço social nas comunidades Angélica e Penha, situadas na baixada campista. Geralda Freire Marques (1973) relata a experiência no serviço social psiquiátrico no Hospital Abrigo Dr. João Viana. O Centro Social Universitário (CSU), no bairro Custodópolis, recebeu atenção de diferentes estagiárias do Departamento de Serviço Social de Campos. Maria Auxiliadora de Carvalho (1973) destaca a intervenção do serviço social do CSU na problemática socioeconômica da comunidade do bairro. Regina Maria Muniz Machado (1973) focalizou as questões da juventude frequentadora do CSU. Eliane Sans Moraes e Maria Carmen Delarry (1973) avaliaram as condições de atuação do assistente social no CSU. Todos esses trabalhos apresentam características comuns que dizem respeito a temáticas, abordagens, metodologias e estrutura documentária, além da sua proveniência. Os

tcc propõem estudos de casos em instituições (escola, comunidades, hospital e centro social) que atuam com diferentes grupos sociais (estudantes, moradores do bairro, pacientes psiquiátricos, jovens e assistentes sociais) em um recorte temporal específico (1972-1973) em uma região geográfica (Campos dos Goytacazes).

Por indução, com base na avaliação exploratória, identificamos que os tcc constituem-se em estudos aplicados em diferentes instituições de Campos dos Goytacazes e região. Os tcc de serviço social apresentam, em geral, um estudo de caso a partir de experiência de estágio em diferentes instituições, como asilos, assentamentos rurais, centros sociais, creches, delegacias, empresas, escolas, hospitais, indústrias, movimentos sociais, órgãos públicos, presídios, sindicatos, universidades, atuantes em Campos dos Goytacazes e região. Os tcc de outros cursos também apresentam estudos de caso e foram avaliados em outra etapa da pesquisa.

A partir dessas observações, propomos a hipótese de que o acervo de tcc do ESR representa uma profícua fonte de informação histórica sobre o Norte Fluminense, seu povo e suas instituições. Os documentos contêm elementos para o mapeamento da atuação e do impacto da UFF em Campos dos Goytacazes e região. Por exemplo, os estudos de Carvalho (1973), Machado (1973) e Moraes e Delarry (1973) são fontes históricas sobre a vida social dos moradores do bairro Custodópolis, em Campos dos Goytacazes, no início dos anos 1970.

As nossas hipóteses iniciais se sustentaram na consulta à política de tcc do Departamento de Serviço Social de Campos. O documento *Orientações para elaboração do trabalho de final de curso* define que o tcc é compreendido como fruto de um processo desenvolvido ao longo da estrutura curricular e a partir de desdobramento das disciplinas e dos componentes do currículo. As orientações da política de tcc estão em consonância com o definido pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), que define o tcc como uma exigência curricular para a obtenção de diploma no curso de graduação em serviço social. De acordo com a ABEPSS, o tcc deve ser entendido como um momento de síntese e de expressão da totalidade da formação profissional, em que o estudante sistematiza o conhecimento resultante de um processo investigativo, originário de uma indagação teórica, preferencialmente gerada a partir da prática do estágio no

decorrer do curso (MORAES; ALVARENGA; MARTINS, 2018). Assim, concluímos que, em geral, os tcc de serviço social possuem uma forte relação com a prática profissional do estudante durante seus estágios. Por isso, trazem elementos sobre a instituição em que o estágio foi realizado, bem como de seus serviços e de seu público.

Entre os títulos da coleção de tcc do ESR, incluem-se os trabalhos apresentados por estudantes que integram atualmente o quadro docente do instituto, particularmente, do Departamento e Serviço Social (Quadro 7), que indica o nome da autora, o título e o ano de defesa dos tcc das docentes que integraram o corpo docente do ESR. Observamos que há uma forte presença de docentes formadas nas décadas de 1980 e 1990. Ocorreu uma redução da admissão de docentes diplomadas durante os anos 2000. Os motivos para a mudança não podem ser explicados a partir dos documentos consultados. Porém, é possível que essa mudança esteja associada às transformações ocorridas durante as últimas décadas na UFF Campos e às alterações nas políticas universitárias para admissão de docentes. Identificamos na coleção a ausência de tcc defendidos por algumas dessas docentes. As razões para não encontrá-los ainda são desconhecidas. Podem ter sido extraviados ou mesmo não ter sido entregues à biblioteca.

Uma curiosidade foi encontrar o tcc de Tania Chalhub, em coautoria com Ebelcler Ribeiro Manhães. As autoras analisaram a atuação do assistente social junto a pacientes e a famílias, no serviço psiquiátrico do Hospital Abrigo Dr. João Viana (MANHÃES; CHALHUB, 1982). Tania Chalhub fez estágio pós-doutoral no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sob a supervisão de Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Atualmente, Tania Chalhub atua na coordenação do repositório institucional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e desenvolve pesquisas sobre comunicação científica e acessibilidade informacional na educação de surdos. Este é um caso que evidencia a potencialidade do estudo das trajetórias das estudantes egressas da UFF Campos, bem como das trajetórias dos pesquisadores da ciência da informação.

Quadro 7. Lista de tcc defendidos por estudantes que atualmente integram o quadro docente do instituto (2018-2019)		
Autora	Título	Defesa
Leda Regina Barros Silva	- (***)	1983
Antenora Maria da Mata Siqueira	Estado e movimentos sociais: uma experiência no Centro Social Urbano da Penha (*)	1984
Viviane Aparecida Siqueira Lopes	Sociedade capitalista versus P. A. S. : uma questão em análise	1986
Ana Maria Almeida da Costa	O serviço social frente às políticas sociais e à desarticulação do povo na elaboração dos programas no espaço institucional	1987
Érica Terezinha Vieira de Almeida	O serviço social na relação Estado/pequenos produtores rurais: uma práxis em busca da participação popular (*)	1987
Ivana Arquejada Faes	Doce-amargo açúcar : construção de uma prática de resistência (*)	1988
Isabel Cristina Chaves Lopes	Um elo de forças na trajetória da cidadania (*)	1989
Rosany Barcellos de Souza	Serviço social de empresa: um desafio que deve ser repensado enquanto espaço de ação transformadora	1989
Scheilla Beatriz Alves Bárbara	Alternativa de atuação do serviço social : o desvelar da ideologia e a organização da classe trabalhadora das unidades agro-industriais sucro-alcooleira	1989
Cláudia Mara Barboza dos Santos Alvarenga Dilceia Pereira Gomes (**)	O vivido existencial do jardim de infância Sagrada Família desvelado pelo serviço social em sua essência através de uma postura dialogal	1990
Verônica Gonçalves Azeredo	Dos canais às usinas : uma trama de exploração	1990
Ketnen Rose Medeiros Barreto	Repensando a terceira idade: coexistindo junto aos 'Unidos da Penha'	1993
Isabela Sarmet de Azevedo Isabella de Souza de Carvalho (**)	Metodologia, categoria, instrumentos: teoria ou discurso do serviço social?	1996
Maria Clélia Pinto Coelho	Estudo preliminar sobre a formação e o funcionamento do conselho municipal de saúde de Campos dos Goytacazes	1996
Liliane Cardoso d'Almeida	Dilemas e desafios : uma abordagem sobre a construção da competência no espaço da formação profissional	2001
Carlos Antônio de Souza Moraes	Trabalho em processo, saúde em questão (*)	2006
Thaynara Moreira Botelho	A questão da identidade e competência da prática profissional do assistente social no âmbito educacional e sua ligação com a visibilidade dos programas institucionais	2011
Legenda: (*) Títulos não incluídos na coleção de tcc do ESR. Os títulos foram extraídos do currículo Lattes das autoras. (**) Coautora não docente do ESR. (***) Informação não localizada.		

Fonte: elaborado pelo autor.

Os tcc de serviço social estão todos impressos em suporte analógico até 2014, quando houve a alteração nas políticas de arquivo da UFF (UFF, 2014). Os tcc têm entre 50 e 180 páginas encadernadas em brochura, em capa dura ou espiral. Os textos mais antigos foram datilografados e os mais recentes foram digitados em computador e impressos. Há uma variedade no tempo, o que evidencia o avanço das tecnologias de impressão e as mudanças nas políticas institucionais da UFF.

A coleção de tcc dos cursos implantados após a expansão universitária trazem aspectos novos para o acervo. A coleção especializada em serviço social passou a integrar trabalhos de ciências econômicas, ciências sociais e geografia. Planeja-se incorporar em breve os acervos de história e de psicologia e os demais de geografia. As temáticas representam temas e questões diversos levantados pelas novas vozes que adentraram a universidade após a expansão universitária, com particular destaque os grupos sociais antes excluídos do acesso e da permanência na universidade pública e as redes de pesquisa dos docentes contratados após a expansão.

O tcc, em geral, caracteriza-se por ser um trabalho menos comprometido com a prática. O estudante pode desenvolver um trabalho sobre um assunto de interesse particular ou que lhe desperte curiosidade. São comuns tcc que tratem de cinema, histórias em quadrinhos, *videogame*, poesia, romances, bairros, costumes locais, artistas, *etc.*, com abordagens diversas, que não estão no núcleo dos programas de pesquisa das áreas do conhecimento. A curiosidade de jovens pesquisadores pode alcançar temas dos mais diversos o que torna muito extensa a variedade de assuntos dos tcc. Os novos tcc apresentam interesses e abordagens novos de saberes decorrentes das mudanças no perfil dos estudantes. Dessa maneira, os tcc podem apresentar possibilidades de renovação dos programas de pesquisa de instituições e de áreas do conhecimento.

Até por conta disso, os tcc têm o potencial de ineditismo bem maior do que parece. A coleção de tcc do curso de ciências sociais, por exemplo, traz recortes de pesquisa inéditos que representam, possivelmente, os primeiros estudos acadêmicos sobre determinado grupo social, instituição, tema ou região. Por exemplo, Alexandre da Silva Red (2017) descreve a experiência de usuários e ouvintes na Fonoteca da Casa de Cultura Villa Maria, da UENF. Carmen Rodrigues

Ferreira Setta (2017) apresenta uma etnografia dos pipoqueiros de Campos dos Goytacazes. Aristides Pereira da Silva (2016) discute usos e apropriações do Cemitério do Caju, em Campos dos Goytacazes, como espaço público urbano. São poucos ou, para além dos aqui citados, nenhum estudo sobre a fonoteca, os pipoqueiros e o cemitério, o que indica o potencial de ineditismo dos tcc.

Os tcc mais recentes do ESR estão em formato digital, porque a UFF alterou as políticas de gestão dos documentos de suas atividades-fim. A Instrução de Serviço SDC N. 01, de 10 de outubro de 2014, define que o sistema de bibliotecas da UFF não receberá tcc, de graduação e de pós-graduação *lato sensu*, presencial e a distância. A norma define que os tcc devem ser devolvidos ao estudante pelas coordenações dos cursos, após o registro de notas. Para fins de preservação e de acesso ao conteúdo informativo, os tcc devem ser inseridos no RIUFF (UFF, 2015). Apesar da norma, aprovada em 2014 e publicada em 2015, estabelecer que o depósito dos novos tcc fossem realizados em repositório institucional, o RIUFF só foi institucionalizado e implantado em 2017. Muitos tcc se perderam durante esse intervalo. Ao menos e infelizmente, essa é a realidade na UFF Campos. Algumas coordenações e secretarias, que ainda estavam em organização, não preservaram todos os tcc. O fato ainda se agrava porque a institucionalização do repositório não garante a apropriação da nova ferramenta pela comunidade institucional. A BUCG começou a implantar o repositório em 2017, quando foram depositados os primeiros tcc dos cursos de ciências econômicas e de ciências sociais. Desde então, tem sido feito um trabalho constante e incansável para engajar docentes e estudantes a apropriarem-se do repositório institucional.

Os tcc oferecem subsídios para a reconstrução da memória da região e das instituições que a constituem, incluindo a própria UFF. Os tcc defendidos na UFF Campos foram os primeiros estudos em serviço social realizados na cidade e representam a memória científica da região, uma vez que a UFF foi a primeira universidade a instalar-se em Campos dos Goytacazes. Os tcc constituem uma fonte de informação a ser explorada por representar a memória científica em Campos dos Goytacazes e região. Os tcc desses cursos são evidências do impacto efetivo da expansão da universidade.

4.3 *Ensino, pesquisa e extensão com trabalhos de conclusão de curso*

A segunda fase da pesquisa representou o desafio de construir alianças de cooperação para o desenvolvimento de atividades com o acervo de tcc visando a ampliar a relevância desses documentos para a comunidade acadêmica. A oportunidade surgiu com a institucionalização do projeto de pesquisa *“Divulgação da memória científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR/UFF)”*, coordenado pela Profa. Elis de Araújo Miranda, uma parceria entre a BUCG, o Departamento de Geografia de Campos (GRC) e o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP). O projeto abriu caminhos institucionais para inventariar dados e informações sobre os tcc, na perspectiva de reunir uma base de conhecimento sobre o ESR e o desenvolvimento da universidade na região Norte Fluminense.

Um dos desafios de um projeto de extensão proposto a divulgar a memória científica de uma instituição universitária é a elaboração da própria memória a ser divulgada. Contudo, muitas universidades carecem de políticas definidas e estabelecidas para a produção de dados sobre a própria atuação acadêmica e sua memória científica. E podemos dizer que a UFF performa um modo particular nesse grupo. Diante desse contexto, foi necessário desenvolver pesquisas sobre a memória científica da UFF em Campos dos Goytacazes antes de planejar atividades de divulgação do conhecimento produzido na universidade.

Uma das ações do projeto foi uma mediação de documentos em um curso de graduação. A atividade ocorreu durante os semestres letivos de 2019, na disciplina Geohistória (GRC00074), unidade curricular obrigatória do bacharelado e da licenciatura em história no ESR (Quadro 8). A atividade na biblioteca foi um dos instrumentos de avaliação da disciplina e esta é apresentada a seguir. A atividade ocorreu em dois semestres, 2019.1 e 2019.2. Em cada uma dessas experiências, fizemos adaptações e mudanças que trouxeram dois resultados diferentes.

Quadro 8. Ficha da disciplina Geohistória (UFF Campos)	
Código	GRC00074
Disciplina	Geohistória
Característica	Obrigatória
Carga-horária	60h
Unidade	Departamento de Geografia de Campos
Pré-requisito	Não há
Ementa	<p>Nos últimos anos o relacionamento entre a geografia e a historiografia se fortaleceu após décadas de afastamento. Esse reencontro se dá como consequência da superação do medo dos historiadores para com o determinismo geográfico que dominou o cenário por mais de trinta ou quarenta anos. Também foi possível pela clareza que existe que não é possível continuar explicando as sociedades como se elas estivessem no vazio espacial ou como se o geográfico fosse um pano de fundo que não interfere no desenrolar das comunidades e dos indivíduos. Do mesmo modo, a pesquisa histórica incorporou os métodos de informação geográfica e de geoprocessamento como estratégia para resolver alguns dos problemas mais relevantes e complexos que tinham assombrado à historiografia por anos. Esta disciplina pretende estudar algumas das pesquisas feitas por pesquisadores que aproximaram tempo e espaço. A geografia como método para resolver suas perguntas sobre a história das sociedades e como essa história é decisiva para entender o presente dessas comunidades. Para conseguir esse objetivo a disciplina está dividida em quatro grandes temas: relacionamento entre geografia, história, geohistória e geografia histórica; métodos geográficos (cartografia, morfologia e geoprocessamento) para a historiografia; novas abordagens historiográficas baixo influência da geografia para problemas ortodoxos de pesquisa; e finalmente, alguns problemas históricos heterodoxos que são pensados pelo relacionamento da história e a geografia.</p>
Conteúdo programático	<ol style="list-style-type: none"> 1) Relacionamento entre geografia, história, geohistória e geografia histórica; 2) Métodos geográficos (cartografia, morfologia e geoprocessamento) para a historiografia; 3) Novas abordagens historiográficas e a influência da geografia para problemas ortodoxos de pesquisa; 4) Problemas históricos heterodoxos que são pensados pelo relacionamento da história e a geografia.

Fonte: elaborado pelo autor.

A apresentação da atividade ocorreu em sala na primeira aula da disciplina no semestre. Nessa ocasião, apresentamos o projeto de extensão, a atividade de avaliação e as questões de ordem teórica e metodológica que orientam a pesquisa. A partir do conteúdo da disciplina, propusemos aos estudantes a seguinte questão de pesquisa: *“Qual é o impacto geohistórico da UFF Campos?”*. O objetivo foi levantar dados que possibilitassem a cartografia da ação da UFF em Campos dos Goytacazes e região, bem como caracterizar esse raio de alcance com base na sua produção bibliográfica.

As turmas com, aproximadamente, trinta estudantes cada uma foram divididas em seis grupos. Os estudantes de cada turma eram diferentes. A distribuição em grupos teve o objetivo de dividir o trabalho segundo recortes de pesquisa. A princípio, a ideia foi a de delegar para cada grupo da primeira turma a análise de determinado curso dos últimos dez anos (2009-2018). Assim, haveria um grupo responsável por analisar serviço social, outro por analisar história, outro, geografia, *etc...* Todavia, não foi possível executar a ideia, porque, após o início da pesquisa, identificamos que o acervo da biblioteca não integrava os tcc de todos os cursos.

Os cursos de história e de psicologia ainda não haviam depositado nenhum tcc na biblioteca nem no RIUFF, nem impresso nem digital. O curso de licenciatura em geografia apenas depositou os exemplares impressos dos tcc defendidos em 2014 pela primeira turma do curso. Os cursos são relativamente novos no ESR e ainda estão em fase de organização. Grande parte da documentação dos cursos ainda está dispersa nos arquivos correntes das secretarias acadêmicas e das coordenações de curso. Os cursos não contam com uma política de tcc e esse elemento curricular pode não estar bem definido no projeto político-pedagógico do curso. Identificamos alguma desorganização interna das coordenações de curso que dificultou o acesso aos documentos. A solução desse problema foge do alcance da biblioteca que, no máximo, pode estimular o depósito dos tcc no RIUFF. Até buscamos articular ações com as coordenações e com o corpo docente dos cursos, mas não tivemos sucesso em tempo de solucionar os problemas antes da conclusão da atividade e da observação da pesquisa.

Por ironia, os estudantes de história não tiveram acesso aos documentos de seu curso. O caso levou aos estudantes a se verem na condição de “historiadores sem história”. A situação repercutiu em debates em sala de aula sobre o engajamento dos estudantes na organização e gestão do curso de história, bem como sobre as políticas de preservação da informação na UFF Campos.

Uma vez que não foi possível que cada grupo de trabalho analisasse os documentos de determinado curso, a solução foi redistribuir os tcc segundo outros recortes de pesquisa. Dessa vez, demos atenção às características da coleção e consideramos as primeiras observações, tanto dos estudantes quanto dos profissionais envolvidos. Observamos que o curso de serviço social tem uma coleção três vezes maior do que a dos cursos de ciências econômicas e de ciências sociais. Assim, distribuímos a coleção de serviço social por quatro grupos de trabalho. O recorte temporal foi de 2009 a 2018, o que corresponde aos dez anos de adesão do ESR ao REUNI, quando houve uma grande expansão na unidade acadêmica. Cada grupo analisou entre sessenta a oitenta documentos.

Ao propor o recorte para a segunda turma, avaliamos alguns exageros na primeira amostra e propusemos uma amostragem menor, com o objetivo de dar aos estudantes mais tempo para a análise dos documentos. Se o primeiro recorte correspondeu à década mais recente, o segundo representou a análise dos vinte primeiros anos da UFF Campos, 1973 a 1992. Apesar do período ser mais extenso, o número de tcc é menor, de modo que cada grupo analisou cerca de quarenta documentos. O recorte voltado aos documentos mais antigos permitiu identificar quais foram os primeiros estudos universitários desenvolvidos em Campos dos Goytacazes e região. O segundo recorte é composto apenas de documentos de serviço social e, por isso, sugerimos aos estudantes que distribuíssem suas análises em recortes temáticos e temporais.

A turma foi dividida em grupos organizados a partir do recorte de área do conhecimento e do recorte de anos de defesa, como mostra o Quadro 9.

Quadro 9. Distribuição de tcc entre as turmas e os grupos na atividade de Geohistória					
Turma 2019.1			Turma 2019.2		
Grupo	Área	Recorte	Grupo	Área	Recorte
Grupo 1	Ciências econômicas	2013-2018	Grupo 1	Serviço social	1973-1977
Grupo 2	Ciências sociais	2014-2018	Grupo 2	Serviço social	1978-1981
Grupo 3	Serviço social	2009	Grupo 3	Serviço social	1982-1983
Grupo 4	Serviço social	2010	Grupo 4	Serviço social	1984-1985
Grupo 5	Serviço social	2011	Grupo 5	Serviço social	1986-1987
Grupo 6	Serviço social	2012-2017	Grupo 6	Serviço social	1988-1989
			Grupo 7	Serviço social	1990-1992

Fonte: elaborado pelo autor.

O recorte da primeira turma (2019.1) tem algumas características:

- A amostra abrange três áreas do conhecimento: ciências econômicas, ciências sociais e serviço social.
- O recorte histórico 2009-2018 corresponde ao período da expansão no ESR pelo REUNI. São os tcc dos chamados “filhos do REUNI”.
- Os tcc estão em dois formatos, analógico e digital, disponíveis de uma forma diferente para consulta. O analógico está disponível no acervo geral da biblioteca universitária e pode ser consultado e emprestado. Os tcc digitais estão disponíveis no repositório institucional e podem ser acessados na internet.
- O recorte 2012-2017 é o mais amplo, mas possui poucos tcc depositados na biblioteca e/ou RIUFF. Essa diferença pode estar associada às mudanças nas políticas de informação na UFF.

Por sua vez, o recorte da segunda turma (2019.2) apresenta essas características:

- A amostra abrange apenas uma área do conhecimento: serviço social.
- Compreendem os primeiros estudos universitários realizados em Campos dos Goytacazes.
- Correspondem aos primeiros tcc defendidos e pesquisas realizados pelo Departamento de Serviço Social de Campos.
- Todos os tcc estão em formato analógico.

As apresentações em sala de aula, nas duas ocasiões, foram insuficientes para a compreensão da atividade. Eram frequentes as situações em que estudantes chegavam à biblioteca e desabafavam: “Eu não entendi nada”. Consideramos essa dificuldade comum nos primeiros contatos da turma com a atividade. Por isso, planejamos mais visitas à sala de aula que serviam, principalmente, para acompanhamento do trabalho e para discussão dos resultados parciais. Também programamos visitas à biblioteca direcionadas aos estudantes matriculados em Geohistória, além de pequenas reuniões de orientação. Os encontros em sala de aula contribuíram para que a figura do bibliotecário fosse vista em outro lugar além do tradicional espaço da biblioteca, o que permite outras possibilidades de atuação do profissional na universidade. Os encontros foram acompanhados pela docente responsável pela disciplina.

As **visitas técnicas** puderam ser coletivas, para pequenos grupos ou individuais. As visitas coletivas foram oferecidas uma vez para cada turma. O primeiro encontro com a segunda turma foi realizado na biblioteca, o que foi singularmente especial porque a aula ocorreu em outro espaço e a biblioteca foi percebida de outra maneira por estudantes e por funcionários. Os estudantes ocuparam o salão de leitura e a aula foi ministrada pela professora com a participação dos bibliotecários. Os encontros previram instruções sobre o uso da biblioteca, seu acervo, a coleção de tcc e os procedimentos para cadastro de usuário e empréstimo de documentos, além, é claro, das orientações sobre as atividades. Pequenos grupos, de dois a cinco estudantes, podiam solicitar um atendimento do bibliotecário para discutir e avaliar resultados e para tirar dúvidas sobre o trabalho em grupo. Os encontros individuais aconteciam espontaneamente quando algum estudante me procurava para discutir algum resultado ou apresentar alguma dúvida pontual. Estes encontros, muitas vezes, foram marcados por conversas despretensiosas sobre o desenvolvimento da pesquisa, sobre a vivência universitária e sobre os aspectos da região.

Outro meio para a comunicação com os estudantes foi o *e-mail*. Esse canal favoreceu a organização e o registro das atividades. O e-mail foi uma boa opção para comunicar as instruções e os prazos das atividades para toda a turma. Porém, para responder a dúvidas individuais, o e-mail é uma opção desvantajosa em

relação aos encontros preferenciais. As dúvidas encaminhadas pelos e-mails eram do tipo:

- “Como posso alterar um dado preenchido no formulário?”
- “Como eu posso realizar a renovação dos empréstimos?”
- “Não estou conseguindo definir o recorte geográfico da pesquisa.”
- “O estágio é financiamento da pesquisa?”
- “Estou com dúvidas para identificar os membros da banca de avaliação”.

Responder a essas dúvidas pode demandar muito tempo de redação de um e-mail, o que torna esse canal ineficiente. Foi mais fácil e proveitoso agendar breves encontros com os estudantes na biblioteca para pessoalmente responder às questões. Além disso, não foram poucas as vezes em que foi necessário consultar o documento ou o sistema para os casos em que “cada caso é um caso”. Por exemplo, o pedido de um estudante para alterar um dado preenchido no formulário é uma oportunidade para conferir a qualidade do preenchimento dos dados, reforçar as orientações para a pesquisa documental e discutir os resultados parciais. Os encontros foram oportunidades para incentivar e avaliar o desempenho dos estudantes na execução da atividade.

A atividade propõe o ensino de documentos, com base na pedagogia da afiliação de Coulon (2008). Toda a atividade, portanto, foi direcionada para a aprendizagem do uso crítico e competente dos documentos. O tcc é, evidentemente, o documento privilegiado na atividade, mas o repertório documental apresentado aos estudantes também abarcou a bibliografia, o catálogo e o repositório institucional.

A **bibliografia** é uma lista descritiva de registros do conhecimento, principalmente de livros, artigos de periódicos e capítulos de livros. A bibliografia, enquanto prática, está relacionada diretamente com a produção dessas listas. A bibliografia pode designar uma disciplina interessada nas práticas culturais e históricas da organização do conhecimento, como a catalogação, a classificação e a indexação (ARAÚJO, A. V. F., 2018).

Elaboramos listas de documentos bibliográficos da UFF Campos. Os recortes temporal abrangeram os intervalos 1972 a 1991 e 2009 a 2018, segundo os recortes de pesquisa. O tipo de documento foi o trabalho de conclusão de curso. A

produção da bibliografia se deu de forma semiautomática, com apoio do *software* Pergamum.

Os estudantes receberam orientações para o uso das bibliografias. Foram explicadas as descrições de autor, título, ano de depósito e os números de chamada. Cada elemento dos números de chamada foi individualmente analisado: notação de assunto, notação de autor, ano de publicação e número do exemplar. Tratava-se de uma oportunidade para capacitar o estudante a recuperar o documento desejado nas estantes e no repositório institucional de forma autônoma. Essas explicações eram oportunidades de provocar familiaridade do estudante com a linguagem das bibliotecas.

O **catálogo** é um dos instrumentos mais antigos das bibliotecas. Com efeito, a história das bibliotecas está diretamente associada ao empenho em catalogar os registros de informação. Os catálogos veiculam mensagens elaboradas pela catalogação, para favorecer que os usuários encontrem os registros dos documentos de seu interesse e permitir aos documentos encontrar seus usuários. O catálogo poupa o tempo do leitor e, por este fim, poupa o tempo da equipe da biblioteca. O catálogo tem os objetivos de permitir a uma pessoa encontrar um documento, mostrar o que há no acervo da biblioteca e apoiar a escolha do documento (MEY; SILVEIRA, 2011).

A BUCG não utiliza mais o catálogo impresso. Seu acervo e os das demais bibliotecas da UFF estão organizados no *software* proprietário Pergamum, desenvolvido e comercializado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Sandra Lopes Coelho e Marcos Vinicius Andrade (2014) compartilham a experiência do grupo de trabalho responsável pela modernização do sistema de automação do sistema de bibliotecas da UFF. A implantação do Pergamum é um processo recente iniciado em 2014. Apesar de apropriação pelas equipes das bibliotecas já ter avançado, o *software* ainda é subutilizado pela comunidade universitária.

O catálogo desempenhou dupla função na atividade proposta. Por um lado, serviu como recurso para recuperação dos tcc na biblioteca. Por outro lado, propôs-se o catálogo como fonte de informação para a pesquisa documental. Dessa forma, buscamos ampliar a relevância do catálogo para a comunidade universitária,

apresentando outras formas de usá-lo. Durante a atividade, foram afirmadas repetidas vezes que o catálogo é um documento produzido pela própria universidade e, por conseguinte, reflete aspectos da instituição.

Os estudantes foram instruídos a utilizar o catálogo para importação das informações documentárias, como o resumo e o título, nos registros catalográficos dos tcc. O que se diz por importar é nada mais do que copiar e colar os dados do catálogo para o formulário. O argumento é que os estudantes aprofundaram a relação com a biblioteca, com o acervo e com a universidade ao desenvolver a prática do uso de catálogos para pesquisa em acervos bibliográficos.

Figura 37. Professora Elis Miranda e bibliotecária Juliana Motta

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

O **repositório institucional** é um sistema de informação que visa reunir, preservar, disseminar, promover e dar acesso à produção intelectual de uma comunidade institucional em diferentes formatos digitais, de forma livre e gratuita (UFF, 2017). O repositório institucional é um conjunto de serviços que a universidade oferece aos membros da comunidade universitária para a gestão e disseminação de documentos digitais, criados pela instituição e por seus membros.

É uma ferramenta para preservação e difusão da produção científica da instituição. O repositório institucional reúne, em uma única base, toda a produção científica de uma instituição. Os repositórios institucionais estão associados ao movimento de acesso livre à informação científica (SÁ, M. I. F., 2013; SÁ, N. O., 2013).

Os estudantes foram instruídos a usar o Repositório Institucional da UFF (RIUFF) para a pesquisa. Eles poderiam acessar os metadados e os tcc no repositório e copiar as informações para o formulário. Muitos estudantes demonstraram curiosidade e interesse quando souberam que o acervo de tcc do ESR estava disponível na internet, de forma gratuita e com ampla visibilidade. Saber que os tcc estavam disponíveis na internet parece ter despertado nos estudantes maior interesse em desenvolver melhor seus próprios tcc, considerando a sua visibilidade na internet.

Os estudantes deveriam realizar uma pesquisa documental dos tcc que consiste em uma extração de dados e informações dos documentos que os identificam e respondem às perguntas de pesquisa. Vale a pena dizer que pesquisa documental não quer dizer o mesmo que análise documental. A pesquisa documental, também chamada de análise documental em alguns manuais de metodologia, ocorre na pesquisa em que fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina como fontes primárias (MARCONI; LAKATOS, 2009a). A análise documental diz respeito aos procedimentos para a análise de textos com o objetivo de selecionar conteúdos informativos para a representação de documentos em sistemas documentários visando a recuperação. A análise documental também designa a disciplina que se ocupa dessas operações (LARA, 2011).

Como instrumento da pesquisa documental, usamos o Google Formulários, pelo fácil e gratuito acesso além do recurso de transposição de dados para o Google Planilhas que favorece a análise simultânea dos dados de pesquisa por mais de um usuário. Cada coluna da planilha corresponde a um campo do formulário, além das colunas para carimbo de data e hora que identifica o registro. Cada campo do formulário e, por consequência, da planilha foi planejado entre a docente e o bibliotecário no intuito de criar uma base de dados para pesquisas futuras sobre a UFF Campos.

Aos estudantes foi enviado o *link* de acesso ao formulário de pesquisa documental e à planilha de dados. O quadro 1 contém os campos do formulário e suas respectivas descrições:

Quadro 10. Dados coletados na análise dos tcc da UFF Campos	
<i>Campo</i>	<i>Descrição</i>
Área do conhecimento	Área do conhecimento do curso de graduação do tcc
Grau acadêmico	Licenciatura ou bacharelado
Descrição física	Informação sobre o suporte do documento: digital ou impresso
Autor (a)	Nome da autora (o)
Título	Título do documento e subtítulo, se houver
Orientador (a)	Nome da orientadora (o)
Co-orientador (a)	Nome da co-orientadora (o), se houver
Resumo	Transcrição do resumo do documento
Palavras-chave	Palavras-chave utilizadas pelo autor
Avaliadoras (o) da banca	Nome das avaliadoras do trabalho
Vínculo institucional das avaliadoras (o)	Afiliação institucional ou profissional das avaliadoras do trabalho
Financiamento	Agência de fomento ou órgão fomentador da pesquisa
Área geográfica do estudo	Área geográfica em que o estudo foi realizado e aplicado
Instituição analisada	Instituição analisada na pesquisa
Grupo social em análise	Grupo sociais analisado na pesquisa
Período histórico do estudo	Recorte histórico da pesquisa
Ilustrações	Gráficos, tabelas, figuras, fotografias, infográficos, etc.

Fonte: elaborado pelo autor.

A **área do conhecimento** é um campo com respostas restritas, ou seja, tratava-se de uma classificação pré-coordenada. As opções corresponderam às áreas do conhecimento dos cursos do ESR. Os estudantes deveriam coletar essa informação preferencialmente na folha de rosto do tcc. Também, poderiam localizá-la nos campos de descrição da coleção no catálogo ou no repositório institucional, mas, nesse caso, deveriam reconfirmá-la na folha de rosto. No âmbito desta pesquisa, as opções de área do conhecimento foram ciências econômicas, ciências sociais, geografia, história, psicologia e serviço social.

O **grau acadêmico** é um campo pré-coordenado, porque há apenas duas habilitações de graduação no ESR: bacharelado e licenciatura. Além disso, nem

todos os cursos possuem as duas habilitações. São apenas bacharelado: ciências econômicas, psicologia e serviço social. São bacharelado ou licenciatura: ciências sociais, geografia e história.

A **descrição física** está relacionada à fisicalidade do documento. A análise deveria responder se o tcc consultado é impresso ou digital. O tcc impresso é o documento analógico disponível na BUCG. O tcc digital está em formato pdf disponível no RIUFF. Os cursos de ciências econômicas, ciências sociais e serviço social possuem tcc em suportes analógico e digital, porque viveram as mudanças de políticas de gestão de informação da UFF. A diferença de suporte levou a experiências diferentes de coleta de dados que, presumivelmente, interferiu nos resultados. O acesso aos tcc impressos estava restrito à biblioteca, que permitiu o empréstimo dos documentos aos estudantes. Alguns estudantes consultaram pessoalmente os tcc no salão de leitura. Outros estudantes realizaram a pesquisa documental em outros lugares como, por exemplo, suas casas ou nos laboratórios de informática da universidade.

O **autor (a)** é o responsável intelectual pelo conteúdo do tcc. Segundo Aline da Silva Franca (2015), a autoria está diretamente relacionada à atividade criadora que dá origem à obra e é um dos elementos principais para a identificação de um documento. A autoria é o elemento que individualiza o tcc de forma mais satisfatória nesta pesquisa, uma vez que, razoavelmente, um estudante não defenderá dois tcc em um mesmo curso. Assim, o autor costuma ser uma ocorrência única em uma coleção de tcc, de dissertações e de teses.

Alguns documentos podem ter mais de uma autora, situação em que ocorre coautoria. Alguns tcc, portanto, têm apenas uma autora enquanto outros têm de duas a quatro autoras. Não tivemos acesso, todavia, às regras que estabeleceram a possibilidade de coautoria. Para nossa coleta, as informações de autoria deveriam ser registradas conforme apareceram na fonte original. Em casos de coautoria, deveriam ser arrolados o nome de cada uma das autoras.

Em um primeiro momento, planejamos identificar o gênero das autoras dos tcc. Porém, compreendemos que esse dado não está nos documentos e pode não ser possível identificar o gênero do autor ou da autora só pelo nome. A binaridade entre homem e mulher também mostrou-se crítica para a identificação de gênero

das autoras dos tcc. A decisão foi retirar esse campo do formulário, entretanto, as estudantes não deixaram de observar a maioria expressiva de autoras mulheres dos tcc, que está associada à predominância feminina entre o corpo discente da UFF Campos, em todos os cursos, especialmente, serviço social.

O **título** é “palavra, frase, caractere ou grupo de caracteres que, normalmente, aparecem num item, dando nome a este ou à obra nele contida” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 364). O título é a designação geral de um documento. É um elemento obrigatório em um tcc e consta na capa e na folha de rosto. Em alguns casos, usa-se um subtítulo para acrescentar alguma informação ou indicar um aspecto do título. O título é um metadado obrigatório no registro dos tcc no catálogo e no repositório institucional, uma vez que é um elemento significativo sobre o documento. Por isso, o título é um elemento importante no trabalho com os documentos.

Há poucas orientações sobre como elaborar o título de um trabalho acadêmico. O estilo do título pode variar de acordo com a comunidade discursiva. Em geral, costuma-se buscar títulos que sejam representativos do conteúdo do documento. A elaboração de um título pode orientar-se pelas perguntas que o leitor pode fazer ao título. João Bosco Medeiros (2012) sugere que a análise do título considere as seguintes perguntas:

O título é amplo, restrito, preciso? Que classe gramatical prevalece no título: verbos ou substantivos? Há algum adjetivo ou advérbio emanando carga subjetiva? O que o título sugere? (MEDEIROS, 2012, p. 40).

Ao propor um título para o trabalho acadêmico, o autor também deve considerar a sua recuperação em bases de dados e em outros de sistemas documentários. O título deve conter os principais elementos do conteúdo do documento, para que um usuário possa encontrá-lo em uma base de dados. Um título muito metafórico ou geral demais pode não representar adequadamente o conteúdo do documento, de modo que não será localizado em uma busca. Se o autor desejar usar um título mais figurativo, recomenda-se que use um subtítulo mais descritivo ou vice-versa. Por exemplo, a tese de Josemir Nogueira Teixeira (2004) tem o título e o subtítulo: “Kant atormentado: o lugar de Deus no pensamento kantiano (1755-1781)”. O autor opta por um título figurado que

sugere o conflito do filósofo alemão Immanuel Kant em relação a Deus, mas que pouco representa o conteúdo da tese. Teixeira, então, acrescenta um subtítulo para descrever os principais elementos do seu trabalho acadêmico: “Deus”, “pensamento kantiano” e “1755-1781”.

Na atividade de Geohistória, o título pode trazer informações-chave para responder às questões de pesquisa. Neste contexto, a análise pode orientar-se a partir das questões como: o título faz menção a um grupo social, lugar, instituição ou tempo em específico?

Por exemplo, o tcc de serviço social de Maria José dos Passos Coquito Silva (2013) tem o seguinte título “Das lutas dos movimentos negros ao acesso no ensino superior pelo sistema de cotas: as percepções dos alunos cotistas na UENF”. Do título podemos identificar o grupo social (alunos cotistas) e a instituição (UENF). Por dedução, a partir do contexto, é possível inferir a região geográfica, uma vez que a UENF apenas tem sede em Campos dos Goytacazes e em Macaé. A leitura objetiva do título favorece a busca por informações nos resumos, nas palavras-chave e no sumário dos tcc.

O **orientador (a)** é o docente responsável por supervisionar a pesquisa da estudante. Geralmente na UFF, exige-se que o orientador do tcc tenha, no mínimo, o título de mestre. Em alguns casos, o orientador pode ser especialista. Em geral, a escolha do orientador é livre para o estudante e deve contar com anuência do docente. Porém, pode haver cursos que definem o orientador, como é o caso do curso de serviço social de Campos. A qualidade e a quantidade de tcc orientados é uma evidência das atividades do docente na universidade e indicam correntes e linhas de formação de pesquisadores e profissionais. Em casos excepcionais, a orientação pode ser feita em conjunto com outra docente ou profissional, que desempenham a função de **coorientador (a)**.

A menção do nome do orientador deve estar na folha de rosto e na folha de aprovação do tcc. Porém, alguns tcc não mencionam o nome do orientador (os tcc mais antigos). Alguns poderiam ser identificados na leitura dos agradecimentos do tcc. Uma docente egressa do curso de serviço social da UFF Campos contou em uma conversa informal que havia um documento à parte em que constavam os nomes e as assinaturas do orientador e dos avaliadores e a data de aprovação do tcc. Não

tivemos acesso a esses documentos de aprovação que, segundo a dica da professora, são dos anos 1980. Dessa forma, a maioria da análise dos tcc mais antigos ficou sem essa informação.

Este foi um tópico interessante de discussão em sala de aula, porque permitiu debater os aspectos formais do tcc e a historicidade das práticas documentárias na universidade. Como diz Frohmann ([2004] 2012, p. 237), as "práticas surgem, desenvolvem-se, entram em declínio e desaparecem - tudo isso sob circunstâncias históricas específicas". As normas de documentação da ABNT estão inscritas em uma historicidade e nem sempre definiram como deveriam ser apresentados os trabalhos acadêmicos ou qualquer outra coisa que normalizem. Além disso, as práticas documentárias mudam de instituição para instituição, no espaço e no tempo. Algumas regras deixam de existir ao passo que outras entram em vigor.

Figura 38. Documentos para reparo

Fonte: Acervo BUCG.

Os tcc, nas folhas de rosto e de aprovação, evidenciam como se realizava o processo de formação de pesquisadores e profissionais. Os documentos indicam que não havia banca de avaliação na fase inicial do curso de serviço social. O trabalho entregue era apreciado por uma comissão de avaliadores que lhe atribuía uma nota e deliberava pela aprovação ou não do estudante. Possivelmente, a figura do orientador passou a ser mais importante em função do amadurecimento do curso, que passou a exigir que o estudante apresentasse o trabalho de pesquisa diante de uma banca examinadora. A partir desse momento, os tcc “inventam” orientadores que passam a desempenhar um papel mais importante na instituição. Nesse momento, os documentos “inventaram” a categoria dos orientadores. As folhas de aprovação são evidências das transformações dos processos formativos e dos rituais de apresentação de tcc que se transformaram conforme as mudanças no ESR, na UFF e na carreira universitária como um todo.

O **resumo** é uma síntese dos pontos relevantes do tcc, tais como gênero do trabalho, finalidade, metodologia, resultados e conclusões, sem emitir opiniões ou desdobramentos explicativos. O resumo deve permitir ao leitor tomar conhecimento do conteúdo do trabalho e decidir sobre a conveniência de sua leitura. O resumo deve ser redigido em parágrafo único, na terceira pessoa do singular, com frases claras e concatenadas, com extensão de 150 a 500 palavras, digitado em espaço simples (ABREU; TEIXEIRA, 2012). Medeiros (2012) afirma que o resumo é um instrumento de trabalho do pesquisador, pois abrevia o tempo de pesquisa na medida em que dispensa a consulta ao texto original. Nesse sentido, um resumo de qualidade de um trabalho acadêmico deve ser compreensível por si mesmo e oferecer as principais informações do texto.

Ao elaborar um resumo, os autores devem ter em mente as orientações parecidas com as do título. Deve indicar no resumo os principais elementos do conteúdo do documento, prevendo como um potencial leitor poderia encontrar seu trabalho em uma busca em base de dados. Recomenda-se que o autor indique os principais expressões e os termos presentes na sua pesquisa, além de apontar informações sobre o contexto, metodologia, referencial teórico, resultados e conclusões. O autor deve ter cuidado para indicar no título e no resumo os principais termos representativos da pesquisa.

Os resumos bem elaborados forneceram, na maioria das vezes, os principais dados para a coleta de dados realizada pelos estudantes. Os resumos trouxeram celeridade na análise documental e na leitura dos textos. Abaixo apresentamos o resumo do tcc de Livia Mara Mattos Pinto Salgado, do curso de ciências econômicas.

Este trabalho tem o objetivo de identificar e analisar os fatores causadores da criminalidade nas regiões Norte e Noroeste Fluminense e Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro, as quais vivenciaram um crescimento econômico proporcionado pela indústria petrolífera. Serão estudadas as relações das variáveis socioeconômicas, como população, renda, emprego e educação, com os índices de criminalidade, de modo a verificar se essas variáveis exercem algum impacto sobre os índices de criminalidade dos municípios das regiões pesquisadas. Também será utilizada a variável apreensão de drogas para investigar a influência do tráfico de drogas sobre a criminalidade. Para realizar tal análise, foram selecionadas as categorias de crimes utilizadas atualmente pela Polícia Militar do estado para o monitoramento da criminalidade e elaboração de metas de combate aos crimes, que são: letalidade violenta (homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e homicídio por intervenção policial); roubos de rua (roubos a transeunte, roubos de celular e roubos no interior de coletivo); e roubos de veículos. O estudo utiliza o modelo econométrico de dados em painel para as três regiões do estado, durante o período de 2003 a 2014. O incremento populacional demonstrou impactar inversamente todas as categorias de crimes, enquanto as apreensões de drogas influenciam diretamente todos os tipos de crimes analisados nos modelos. Os crimes de letalidade violenta demonstraram estar inversamente relacionados às variáveis de emprego, e diretamente influenciados pela educação de jovens e adultos. Já os roubos de rua e roubos de veículos são influenciados diretamente pelos empregos na indústria extrativa, enquanto os roubos de rua também demonstraram ser diretamente influenciados pela educação de jovens e adultos, colocando em dúvida a eficiência educacional nas localidades estudadas. Concluiu-se que as variáveis socioeconômicas e o mercado de drogas exercem influência significativa sobre a criminalidade nas regiões estudadas, demonstrando que, apesar do crescimento econômico vivenciado por estes municípios, a desigualdade social ainda é uma realidade e os indicadores de criminalidade continuam a avançar. Portanto, torna-se cada vez mais necessário refletir se os ganhos da indústria regional estão sendo devidamente multiplicados para os demais setores produtivos, de modo a gerar desenvolvimento econômico local e contribuir para a redução dos índices de criminalidade (SALGADO, 2017, [s. p.]).

O resumo permite identificar que Salgado (2017) analisa os fatores que geram a criminalidade em três regiões do estado do Rio de Janeiro: Baixada

Litorânea, Noroeste Fluminense e Norte Fluminense. O resumo indica o recorte temporal de 2003 a 2014. Análises como essas foram feitas pelos estudantes em todos os tcc. As estudantes, todavia, sentiram falta do resumo em alguns trabalhos. Não há nenhum resumo nos tcc mais antigos, porque, possivelmente, não era uma exigência da instituição para a aprovação dos tcc. Alguns trabalhos mais recentes não apresentam resumo, mas, neste caso, parece apenas um descuido dos autores e dos orientadores.

O resumo deve ser seguido de palavras-chave, isto é, palavras mais representativas do conteúdo do trabalho acadêmico. As palavras-chave são termos simples ou expressões compostas selecionadas pelo próprio autor para representar o conteúdo de um documento. As palavras-chave costumam ser confundidas com os descritores que são termos padronizados, definidos por especialistas, que servem para representar assuntos para a posterior recuperação de documentos. As **palavras-chave** representam o conteúdo do documento e devem figurar logo abaixo do resumo, no mesmo alinhamento.

A UFF orienta que as palavras-chave sejam extraídas, preferencialmente, de vocabulários controlados disponíveis nas bibliotecas da universidade. O vocabulário controlado é uma linguagem documentária construída, a partir de procedimentos terminológicos e documentários, por especialistas em documentação, com a participação dos especialistas da área que abrange seus descritores (LIMA; BOCCATO, 2009). Dessa forma, por exemplo, um bibliotecário deve consultar, ao menos, algum botânico se deseja fazer um vocabulário controlado de botânica ou a comunidade institucional se o vocabulário for para uma empresa ou instituição. A orientação da UFF para consultar o vocabulário controlado para a seleção de palavras representativas do texto é limitada pelas características intrínsecas dos tcc e dos vocabulários controlados, já que estes não acompanham a dinâmica de assuntos novos e diversos trazidos por aqueles.

A **banca de avaliação** é composta pelos docentes e/ou profissionais que avaliam o trabalho e definem sua aprovação ou não. Em outras universidades, a banca de avaliação pode ser chamada de banca examinadora ou de comissão julgadora, como é o caso da USP. Nos tcc do ESR, a banca de avaliação é composta pelo orientador e por mais dois avaliadores, que podem ser professores da UFF, ou

de outras IES ou profissionais especializados no tema da pesquisa. Quando há coorientador, a banca é composta por quatro integrantes. A exigência é que o avaliador tenha, ao menos, o título equivalente pleiteado pelo estudante. Preferencialmente, o avaliador deve possuir o título de especialista ou título maior. Dessa forma, no caso de cursos de graduação, espera-se que o avaliador seja graduado e atue na área do tcc. Por exemplo, um promotor de justiça foi convidado para compor a banca de avaliação de um tcc sobre o serviço social no Ministério Público.

A participação em uma banca de avaliação é uma evidência das redes de colaboração e de cooperação da UFF com outras instituições. Por isso, a pesquisa documental incluía um campo para identificação do vínculo institucional dos membros integrantes da banca de avaliação. Profissionais de diferentes instituições de Campos dos Goytacazes e região participaram como avaliadores dos trabalhos de conclusão de curso, o que também evidencia as relações que a comunidade do ESR tem com outras instituições. Os tcc do ESR foram avaliados por profissionais das secretarias municipais, ONGs, CRAS, CREAS, Ministério Público, conselhos municipais, colégios, hospitais e conselhos regionais. Destacam-se as participações de docentes vinculados às IES de Campos dos Goytacazes, particularmente, ao IFF, à UENF, à Faculdade Redentor e à UCAM.

O campo destinado a **financiamento** visava identificar que trabalhos de pesquisa teriam sido financiados por alguma entidade. Agências governamentais e empresas investem recursos para fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores. Não é comum que pesquisa de nível de graduação receba fomento de agências. Por isso, o índice foi baixo. Ainda assim, alguns trabalhos receberam investimento das principais agências de fomento, isto é, CAPES, CNPq e Faperj. Os estudantes autores desses trabalhos estavam vinculados a programas de iniciação científica (PIBIC), de iniciação à docência (PIBID) e de apoio acadêmico, da UFF e da UENF. Alguns estudantes também reconheceram o investimento das instituições onde desenvolveram seu estágio.

A identificação do financiamento não é óbvia, porque não há um local definido para essa informação em um trabalho acadêmico. As agências apenas costumam exigir nos editais das bolsas que o pesquisador faça menção da sua

condição de bolsista nas publicações e nos trabalhos apresentados. Em geral, usa-se o espaço dos agradecimentos para essa menção, em que se agradece à instituição de fomento pelo investimento na pesquisa.

Os estudantes nem sempre conseguiram identificar essa informação, tanto porque os trabalhos fomentados são poucos quanto porque os autores deixam de indicar sua condição de bolsista em seus trabalhos. Como essa informação, geralmente, está nos agradecimentos a turma levantou a discussão sobre o quê e a quem se deve agradecer em um trabalho acadêmico. A norma técnica de informação e documentação que especifica os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos, a ABNT NBR 17724, apenas estabelece que os agradecimentos venham após a dedicatória. O agradecimento é uma das seções mais livres em um trabalho acadêmico e é utilizada para reconhecer instituições, grupos e pessoas que contribuíram com a pesquisa. A liberdade, porém, requer bom senso. Há autores que preferem ser minuciosos nos seus agradecimentos ao passo que outros preferem ser mais objetivos. Entretanto, há um assentimento comum de que um trabalho acadêmico não deve deixar de fazer os agradecimentos acadêmicos, o que inclui agradecer o orientador, a agência de fomento, os professores, o revisor, *etc.* Os estudantes notaram que muitos agradecimentos se dirigiam a pessoas próximas como familiares e amigos e até mesmo a deus e ao cachorro, mas não faziam menção aos orientadores e às agências de fomento. As discussões, longe de definições do que é certo ou errado, caminharam para uma proveitosa conversa sobre a etiqueta dos agradecimentos.

Por fim, os estudantes deveriam identificar se há no tcc **ilustrações**. Entendem-se por ilustração desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros. Quando necessário, o trabalho pode apresentar uma lista para cada tipo de ilustração. A explicação sobre esse campo trazia questões sobre, por exemplo, a diferença entre quadro e tabela e o uso de ilustrações pelas diferentes áreas do conhecimento.

A análise dos tcc também trazia quatro questões qualitativas baseadas na questão de pesquisa levada à turma de Geohistória no primeiro encontro: *qual é o impacto geohistórico da UFF Campos?* Para responder a essa questão, propomos que a análise documental considerasse quatro categorias identificadas na fase

exploratória da pesquisa: área geográfica do estudo, instituição analisada, grupos sociais em análise e período histórico do estudo. A pesquisa documental deveria buscar essas informações no título, no resumo, no sumário ou próprio conteúdo do documento. Nem todas essas informações estão presentes nos tcc, devido às características particulares de cada trabalho de pesquisa. A pesquisa documental, então, deveria ser orientada às informações presentes em cada trabalho, sem pretensão de responder a todas as questões.

A área geográfica do estudo está relacionada ao seu recorte espacial do estudo. A análise deveria identificar se o estudo do tcc foi realizado em alguma área geográfica específica. Assim, os recortes poderiam ser bairros, cidades, regiões, estados, países e continentes. Alguns trabalhos apresentaram outros recortes regionais como, por exemplo, centro e periferia, global e local e rural e urbano.

A análise da instituição deveria identificar qual organização foi analisada no tcc. Poderiam ser asilos, bancos, centros de referência, creches, empresas, escolas, indústrias, mercados, orfanatos, sindicatos, universidades, etc. Nos trabalhos de serviço social, geralmente, são as instituições em que as estudantes desenvolvem seus estágios. A identificação das instituições permite identificar a aplicação do conhecimento produzido pela UFF em outras organizações.

Os grupos sociais em análise diziam respeito aos recortes demográficos ou identitários. Poderiam ser recortes etários (crianças, adolescentes, jovens, idosos...), de gênero (mulher, homem...), profissionais (artesãos, assistentes sociais, pescadores, petroleiros, professores...), socioeconômico (pobres, classe média, elite), étnicos (brancos, pardos, negros), relacionados à saúde (pessoas pacientes de alguma doença), etc.

Finalmente, o recorte histórico é uma questão intuitiva em que se identifica o recorte temporal da pesquisa. A informação sobre o recorte histórico poucas vezes apareceu nos resumos, principalmente de serviço social que se caracteriza por um recorte histórico recente e poucas vezes descrito pelas autoras. Os diferentes recortes históricos levaram à discussão sobre as especificidades de cada área do conhecimento na sua relação com o tempo. Vale lembrar que a atividade foi

desenvolvida no curso de história, área que mantém uma relação íntima com a temporalidade.

3.4 *Discussão de resultados*

Vamos apresentar como resultados os três instrumentos que serviram de base para a avaliação dos estudantes: a apresentação dos seminários, os relatórios de atividades e a planilha de dados³.

O modelo dos seminários seguiu o modelo tradicional de comunicação oral de pesquisa em eventos acadêmicos. Cada apresentação teve, aproximadamente, 20 minutos e havia 10 minutos reservados ao debate sobre os resultados. Porém, com a devida organização, os debates se estenderam conforme a turma levantou e conduziu as discussões. Vale lembrar que a primeira turma analisou os tcc dos dez anos mais recentes (2009-2018), relativos à de expansão do REUNI na UFF Campos, e a segunda turma estudou os primeiros vinte anos do Departamento de Serviço Social de Campos (1973-1992).

Os seminários da primeira turma foram marcados pelo encontro dos estudantes de história com a literatura dos cursos de ciências econômicas, ciências sociais e serviço social. A experiência provocou reflexões sobre as características de cada área do conhecimento e às quais os estudantes demonstraram-se encantados pelas possibilidades de temas e abordagens de pesquisa.

A análise dos tcc das ciências econômicas identificou uma predominância de estudos aplicados. O Brasil é o principal recorte geográfico e o cenário econômico brasileiro é o assunto mais presente nessa coleção. Os bancos e os mercados públicos são as instituições mais estudadas. A maioria dos tcc compõem-se de estudos econômicos aplicados. A apresentação dos estudantes de história mostrou algum estranhamento do discurso das ciências econômicas, que é composto por

³ Inicialmente, a atividade de Geohistória tinha apenas o caráter piloto de um novo serviço da BUCG. No entanto, a atividade evoluiu ao ponto de apresentar resultados significativos para esta pesquisa, bem como tornar-se um projeto de extensão. Por isso, algumas etapas não puderam ser previstas inicialmente, como o termo de consentimento dos estudantes. Por isso, as referências aos relatórios preservam a anonimato dos estudantes. Os relatórios estão disponíveis no arquivo da BUCG, caso haja interesse em consulta. Em eventuais replicações, sugere-se observar as diretrizes éticas de pesquisa para a participação dos estudantes

palavras, mas também por fórmulas, quadros, tabelas e gráficos. A dualidade entre as exatas e as humanas se torna caricata em um ambiente universitário onde as ciências econômicas são a representação mais próxima de uma ciência exata.

A análise dos trabalhos de ciências sociais apresentou resultados com o recorte geográfico mais concentrado em Campos dos Goytacazes e região. As principais instituições analisadas foram a escola, o hospital e a igreja. Foram identificadas análises de grupos sociais como educadores, alunos, religiosos, comerciantes e também grupos sociais mais indefinidos como pessoas à espera de ônibus. O trabalho de Carmen Rodrigues Ferreira Setta (2017) despertou o interesse da turma por apresentar a trajetória de pipoqueiros de Campos de Goytacazes, onde é comum haver filas enormes em frentes aos carrinhos de pipoca. Os estudantes identificaram muitas fotografias nos trabalhos das ciências sociais, como na Figura 38.

Figura 39. Pipoqueira na Praça São Salvador (Campos dos Goytacazes, RJ)

Fotografia: Joel Rosa. Fonte: SETTA, 2017, p. 14).

As análises dos tcc de serviço social foram realizadas por quatro grupos, na primeira turma, que trouxeram abordagens diferentes dos documentos da mesma área do conhecimento, produzidos por uma mesma instituição. Os recortes geográficos estão concentrados em Campos dos Goytacazes e outros municípios próximos como Bom Jesus de Itabapoana, Cardoso Moreira, Itaperuna e São João da Barra. Os grupos sociais estudados foram os próprios assistentes sociais, as famílias, os trabalhadores e grupos em vulnerabilidade social. Os estudantes de história estranharam a ausência do recorte histórico dos tcc de serviço social, o que nos chamou atenção para uma característica intrínseca do que denominamos como programa de pesquisa do serviço social da UFF Campos. Por serem relatos de estágio, as estudantes apresentam uma experiência profissional recente, o que provê um recorte histórico contemporâneo. Os estudantes de história estão acostumados a encontrar diante de, praticamente, qualquer texto um recorte histórico, junto ao título. O mesmo raciocínio se aplica ao recorte geográfico, concentrado em Campos dos Goytacazes e com alguma presença de municípios vizinhos, que ocorre porque as estudantes não podem conciliar as atividades da universidade e a dos estágios se esses forem muito distantes um do outro. Os estudantes observaram a participação de profissionais nas bancas de avaliação, uma evidência do compromisso na produção de um conhecimento aplicado da área do serviço social. Esses encontros trouxeram oportunidades para conversar com a turma sobre as características de cada área do conhecimento.

Os seminários da primeira turma se caracterizaram pelas análises e discussões sobre a UFF Campos e a sua história recente. Porém, alguns capítulos dessa história receberam mais atenção dos estudantes, o que demonstrou o empenho em refletir e pensar sobre a universidade de que fazem parte. Por exemplo, durante a análise da produção bibliográfica de 2009, os estudantes identificaram alguns tcc defendidos em Bom Jesus de Itabapoana (RJ). Os estudantes consultaram o histórico do ESR, estudo por Borowsky (2018), para compreenderem as diferenças das descrições dos lugares de defesa. Na época, a prefeitura municipal de Bom de Jesus de Itabapoana e a UFF fizeram uma parceria para uma extensão do curso de serviço social de Campos dos Goytacazes. A

parceria formou três turmas, um total de 149 estudantes, entre 2007 e 2009, em Bom Jesus do Itabapoana (BOROWSKY, 2018).

A primeira turma, de modo geral, fez bastante observações a respeito dos procedimentos metodológicos da pesquisa e sobre os tcc analisados. Foram comuns avaliações da formatação e do acabamento dos tcc. Inclusive, fizeram a observação de que os tcc das autoras mulheres são mais caprichados na forma do que os trabalhos escritos pelos autores homens. Comentaram sobre as dificuldades que tiveram para acessar o RIUFF e o catálogo e para digitar os resumos dos tcc impressos no Google Formulários.

Fizemos uma proposta diferente para os seminários da segunda turma (2019.2). Toda amostra representou a produção bibliográfica da área de serviço social. Se mantivéssemos o formato anterior, haveria o risco de as apresentações se tornarem redundantes. Daí propusemos que os estudantes selecionassem um primeiro recorte da pesquisa entre as opções: “área geográfica”, “recorte histórico”, “instituição”, “grupo social” e “tema”. A partir desses primeiros recortes, os estudantes poderiam propor outros critérios a fim de afunilar a questão de pesquisa de acordo com seus interesses.

A despeito de parecer um exercício difícil, os resultados foram satisfatórios. Um grupo escolheu instituição como primeiro critério do recorte. O segundo critério foi o “hospital psiquiátrico”, uma subcategoria de instituição. Por fim, o grupo selecionou o Hospital Abrigo Dr. João Vianna, em Campos dos Goytacazes. O grupo fez um levantamento dos tcc que tratavam do hospital e aprofundou a leitura sobre um dos documentos mais antigos da coleção, o trabalho defendido por Geralda Freire Marques (1973), que aborda o serviço social psiquiátrico no hospital. O grupo acrescentou ao trabalho uma discussão sobre os manicômios, trazendo questões contemporâneas sobre a saúde mental e a luta antimanicomial a partir de um texto de 1973. O grupo reconheceu que a autora do tcc, Geralda Marques, é uma egressa da UFF Campos que se tornou docente na UFF e tem uma ilustre carreira na gestão da universidade. As trajetórias profissionais dos egressos da universidade se tornam projeções e referências para os estudantes.

“Grupo social” foi o primeiro critério escolhido por outro grupo de trabalho. A amostra foi refinada até chegar a mulheres, em comunidades da zona rural do

Norte Fluminense, entre 1982-1989. Os tcc, neste recorte, são caracterizados por abordar as mulheres da zona rural a partir da questão educacional, comumente tópicos relacionados à escolarização, à reprodução e à economia familiar. Rose Mary Freitas Cordeiro e Sonia Joia Faria (1982) contam a experiência de estágio junto a grupos de mães, de gestantes e de inserção de preventivos do câncer ginecológico em uma comunidade rural em Santa Cruz, em Campos dos Goytacazes. As autoras contam que esses grupos foram formados e orientados por estagiárias do Departamento de Serviço Social de Campos para prestar assistência social junto a essas mulheres com baixa escolaridade, grande número de filhos e dedicadas exclusivamente ao trabalho doméstico. Maria Inês Rodrigues dos Santos (1985) desenvolve seu trabalho junto ao Ambulatório Rural de Mussurepe, trabalhando com mulheres do mesmo perfil, com atividades voltadas para o planejamento familiar e o controle de natalidade. A experiência de Santos foi a de implantação de um trabalho de assistência social, uma vez que o ambulatório ainda não dispunha do serviço nem da estrutura para implantá-lo. Adna Motta Cruz Sarlo (1989) relata o desafio de atender mulheres com níveis baixos de escolaridade, entre o analfabetismo e semianalfabetismo, junto ao grupo materno-infantil da Legião Brasileira de Assistência (LBA), em São Fidélis (RJ). O autora espanta-se com a falta de informação da população que vivia em situações precárias de higiene e de saúde. Todos os tcc indicam que o contato das pesquisadoras de serviço social levaram as mulheres pesquisadas a reverem suas próprias condições de mulheres. A discussão da condição feminina das mulheres rurais foi mais um exemplo de uma questão contemporânea dos debates feministas recentes a partir de documentos sobre a atuação de assistentes sociais junto à população nas zonas rurais de Campos dos Goytacazes nos anos 1980. Além disso, todos esses tcc indicam a intervenção da comunidade acadêmica da UFF no quadro social da população que vive na região.

Os estudantes, frequentemente, observaram problemas na catalogação dos tcc. Tais observações são evidências de que os estudantes desenvolviam familiaridade com a biblioteca. As observações foram acolhidas pela equipe que corrigiu os registros quando era conveniente e apropriado.

Nos relatórios entregues ao final da atividade, os estudantes demonstraram que conheceram mais a biblioteca universitária, o que evidencia a apropriação desse dispositivo. Abaixo um trecho de um relatório que evidencia esse processo:

Este exercício de metodologia [...] fez com que nós, os alunos de geo-história, tivéssemos mais apego pela biblioteca, permitiu que nos familiarizássemos com aquela estrutura da universidade e entendemos melhor, agora, como ela funciona (trecho de relatório entregue na disciplina Geohistória).

Os estudantes conheceram a coleção dos tcc do ESR e essa descoberta lhes atentou para o acesso à informação sobre a própria instituição. Essa é uma evidência de que a atividade inscreveu os tcc em outros circuitos institucionais do documento. Um grupo relatou:

Tomamos conhecimento sobre o acervo dos tcc existente na biblioteca da universidade depois do trabalho proposto para o grupo, não tínhamos informações sobre a existência do acervo impresso ou digital e também não sabíamos que os estudantes tinham acesso ao acervo (trecho de relatório entregue na disciplina Geohistória).

Outro grupo disse:

Esse trabalho de Geo-história [...] nos deu oportunidade de estar conhecendo um pouco sobre o funcionamento da biblioteca da UFF em Campos dos Goytacazes; a partir dessa catalogação de tcc notamos a importância e a necessidade de preservação desse espaço.

Outro grupo comentou sobre a biblioteca e os tcc:

Se não fosse por ele [o trabalho], jamais iríamos até o acervo digital ou até mesmo a biblioteca para procurar trabalhos de conclusão de curso. No máximo, o faríamos se fossem do nosso curso, porém dificilmente nos interessaríamos em olhar os tcc por curiosidade.

A apropriação se deu, também, em relação à UFF Campos. Alguns estudantes reconheceram o papel da instituição na região e na sua formação. Um grupo afirmou:

Os tcc são a prova de que a UFF Campos produz conhecimento científico, e que é necessário defendermos esse espaço que tem sofrido ataques do governo atual.

Outro grupo analisou a própria UFF Campos e reconheceu a relevância social da universidade para Campos dos Goytacazes e região:

[A UFF Campos] tem grande importância para a sociedade campista, pois além de ser uma universidade pública, são desenvolvidas

estratégias e pesquisas sobre o desenvolvimento regional do Norte-Fluminense, entre outros projetos feitos pelos próprios discentes [...]. Vale lembrar que a UFF Campos é a única instituição na cidade voltada especificamente para as ciências humanas.

Os estudantes conheceram as pesquisas de outras áreas do conhecimento. Esse contato lhes despertou para temas de seu interesse, que podem não ser analisados apenas pela história, isto é, a área do conhecimento de formação dos estudantes. Um grupo declarou em seu relatório:

Estávamos presos em uma “bolha” dentro do conhecimento histórico, e ser forçado a olhar para os projetos dos universitários de outros cursos e saber que muitas vezes estes podem agregar ao nosso próprio conhecimento ou até mesmo em nossas pesquisas por terem muitas vezes instituições ou grupos sociais que nós também analisamos (trecho de relatório entregue na disciplina Geohistória).

Outro grupo revelou sobre seu contato com os tcc de serviço social:

Foi-nos apresentado um mundo novo ao qual sozinhos não iríamos conhecer por estar explorando uma temática de serviço social que nem sempre é abordada na graduação em história (trecho do relatório entregue na disciplina Geohistória).

Outro grupo compartilhou a experiência com os tcc de ciências econômicas, quando observaram a diferença em relação à história:

Os alunos de ciências econômicas numa grande maioria usam gráficos e tabelas para melhor apresentação da sua pesquisa. Achamos justo e interessante usar esse método para análise de tão ricos trabalhos (trecho do relatório entregue na disciplina Geohistória).

O contato com a literatura de outras áreas do conhecimento despertou a reflexão sobre as características discursivas do conhecimento histórico. Como, por exemplo, a descrição das datas e recortes temporais de pesquisa. Os estudantes de história estão acostumados com a marcação do recorte temporal no título, pois trata-se de uma informação fundamental para a compreensão dos textos. Enquanto isso, a área de serviço social já não possui esse costume como regra. O serviço social da UFF Campos, ao menos os seus tcc, se caracteriza por recortes recentes, uma evidência de um pensamento contemporâneo engajado nas questões do presente. Geralmente, o tcc de serviço social de Campos dos Goytacazes reporta uma experiência que ocorreu há um ou dois anos. Por ser tão comum, as autoras

muitas vezes não descrevem de forma explícita o recorte temporal. Atento a essa característica, um grupo de estudantes de história afirmou:

A falta de temporalidade presente majoritariamente nos tcc é algo antagônico ao nosso curso (trecho do relatório entregue na disciplina Geohistória).

As diferenças entre as áreas de conhecimento também foram notadas nos objetos de estudo. De acordo com a análise dos estudantes, os bancos e os mercados são as instituições mais analisadas nos tcc de ciências econômicas. O grupo que analisou a coleção disse:

As instituições sociais estudadas, em maioria, são os bancos, sejam eles nacionais ou não, mercados no seu grande leque de possibilidades, seja de capital, de trabalho, de *bitcoins*, até ao específico Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes, o que já era esperado por nós se tratar de um trabalho de ciências sociais aplicadas (trecho do relatório entregue na disciplina Geohistória).

Alguns estudantes refletiram a partir da problemática interdisciplinar proposta pela disciplina Geohistória, na qual geografia e história são postas em diálogo:

No trabalho 'Divulgação da memória científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional' [...], vemos o constante diálogo entre a geografia e a história, estas nos dão o escopo necessário para se situar no espaço e no tempo, conceitos chave constantemente abordados em nossas aulas. [...] Assim como os geógrafos fazem recortes espaciais, os historiadores fazem recortes temporais [...].

Os estudantes, durante a atividade, reconheceram-se na condição de historiadores e de divulgadores de conhecimento. Um grupo declarou:

Durante a nossa experiência com essa atividade de Geohistória, tivemos um breve relance sobre uma de nossas principais atividades que futuramente realizaremos como historiadores, a análise de fontes e a busca de elementos que sirvam para as nossas problemáticas.

Uma planilha de dados foi o produto concreto construído a partir da experiência de mediação de documentos. Elaboramos o instrumento de coleta com o Google Formulários, pelo fácil e gratuito acesso além do recurso de transposição de dados para o Google Planilhas que favorece a análise simultânea dos dados de pesquisa por mais de um usuário. Cada coluna da planilha corresponde a um campo do formulário da pesquisa documental (cf. quadro 10), além da coluna para carimbo

de data e hora que identifica o registro. Cada linha da planilha corresponde ao registro individual dos tcc, isto é, aos dados de cada um dos documentos. Cada campo do formulário e, por consequência, da planilha foi planejado no intuito de criar um banco de dados para pesquisas futuras sobre a UFF Campos.

A planilha ainda não está pronta para pesquisas e a análise de seus dados não está no escopo desta tese. Todavia, podemos levantar alguns temas, questões e hipóteses a partir da observação da planilha, que podem inspirar pesquisas futuras e com o acervo de tcc da UFF Campos e de outras instituições. Para me orientar neste levantamento, parto da pergunta apresentada aos estudantes no primeiro encontro sobre o impacto geohistórico da UFF Campos e dos quatro categorias de análise qualitativa no formulário: área geográfica, recorte histórico, grupo social e instituição.

No que diz respeito à região geográfica, observamos uma concentração de pesquisas em Campos dos Goytacazes, em municípios próximos e nas regiões Noroeste e Norte Fluminense, sobretudo Macaé e São João da Barra. Há também pesquisas sobre bairros e distritos desses municípios. Esse aspecto leva-nos a considerar que trata-se de um instituto de desenvolvimento regional e é um indício claro do seu impacto e de sua atividade na região. Há uma grande exaustividade de pesquisas com recortes geográficos em escala relativamente pequena. As representações espaciais, em geral, estão associadas com o *aqui*, isto é, são lugares onde os autores se encontram. São pesquisas sobre Campos dos Goytacazes, Norte Fluminense, o Estado do Rio de Janeiro, o Sudeste brasileiro, o Brasil e a América Latina. Todas essas regiões são, de alguma forma, aqui. Há poucas pesquisas sobre regiões *outras* como Costa Verde, Minas Gerais, Nordeste, Amazônia, Argentina, China ou África, isto é, regiões que não são aqui. Tal hipótese, porém, deve ser verificada com estudos que permitam uma cartografia desses recortes.

Os recortes temporais, em geral, são de um tempo recente. Os tcc são estudos que investigam questões do presente e do agora. Essa característica é muito presente nos tcc de serviço social, geralmente, engajado em questões sociais atuais e recentes. As outras áreas apresentam alguns trabalhos com recortes temporais mais amplos e de outros tempos. Essa é evidência de que o

contemporâneo é uma das características do pensamento da UFF Campos, principalmente do serviço social.

Os grupos sociais são os mais diversos e estão mais presentes nos tcc de ciências sociais e de serviço social. Há trabalhos sobre mulheres, idosos, crianças, adolescentes, juventude, negros, pacientes com câncer, soropositivos, agricultores, pescadores, militantes, estudantes, professores, religiosos, etc. Há mais presença de grupos de pessoas em vulnerabilidade social.

Finalmente, as instituições são das mais diversas como foi apresentado durante toda esta seção. As temáticas dos tcc indicam pesquisas aplicadas em instituições como centros de referência, clínicas, creches, empresas, escolas, indústrias, hospitais, prefeituras, presídios, sindicatos, universidades *et cetera*. Essas temáticas deixam transparecer as redes de cooperação e de colaboração da UFF Campos com outras instituições. As possibilidades de questões de pesquisa a partir desses dados são inúmeras. Por exemplo, é possível estudar a história do Hospital Plantadores de Cana (HPC) com base em todos os tcc que desenvolveram um estudo de caso na instituição de saúde.

A planilha foi alimentada coletivamente pelos estudantes das duas turmas. Isso significa que, aproximadamente, sessenta pessoas contribuíram na descrição dos dados. Esse aspecto revela-se como uma façanha pela construção coletiva de um trabalho. Porém, não deixa de trazer os desafios apresentados por qualquer trabalho coletivo de descrição e produção de dados. Os estudantes foram treinados a preencher os dados corretamente em sala de aula, mas não deixaram de redigi-los de forma variada. A falta de conhecimento dos princípios e das práticas de catalogação é uma explicação razoável para isso. Há também erros de digitação que precisam ser corrigidos. Além disso, há a variação da própria linguagem natural, isto é, os próprios tcc apresentam as informações análogas em formas variadas. Por exemplo, a menção dos nomes dos orientadores e dos avaliadores de banca não são uniformizadas pelos autores. As variações, em geral, estão no nome e na abreviatura dos títulos. O Quadro 11 ilustra essa variação nos dados.

Quadro 11. Variações na descrição do nome de orientadores e avaliadores em tcc

Profa. Dra. Antenora Maria da Mata Siqueira
Dra. Antenora Maria da Mata Siqueira
Profa. Antenora Maria da Mata Siqueira
Prof. Dr. Antenora Siqueira
Profa. Dra. Antenora M. M. Siqueira
Prof. ^a Dr. ^a Antenora Maria da Mata Siqueira
Prof. Antenora Maria da Mata Siqueira

Fonte: elaborado pelo autor.

O mesmo ocorreu na descrição das instituições, como no caso “IFF” e “Instituto Federal Fluminense”, e dos lugares, como em “Campos” e “Campos dos Goytacazes”. O mesmo pôde ser observado nas palavras-chave. Todos esses dados precisam ser uniformizados para análises quantitativas e qualiquantitativas. E esse é um próximo passo necessário para a continuidade das pesquisas.

Por sua vez, o projeto ainda não iniciou as suas atividades de extensão. O público do projeto ainda está restrito à comunidade universitária no referente à extensão universitária. A participação na segunda edição do Ciência na Rua foi a única ação realizada até então. A primeira edição do evento foi uma reação do movimento estudantil de Campos dos Goytacazes ao anúncio, do Governo Federal, de contingenciamento do orçamento das verbas públicas para educação. A organização dos estudantes para o evento foi, praticamente, instantânea e contou com o apoio do coletivo Circuito Centro Vivo⁴. Em três dias, o movimento estudantil organizou uma feira de ciências ao ar livre, na Praça São Salvador, principal praça do Centro de Campos dos Goytacazes (Figura 39). Estudantes, professores e técnicos das instituições públicas de ensino superior da cidade apresentaram suas pesquisas aos passantes na praça. Os mais de 150 trabalhos submetidos para apresentação são evidências da riqueza e da intensidade do impacto desse evento para Campos dos Goytacazes. Foi a primeira feira de ciências ao ar livre em Campos dos Goytacazes e, possivelmente, a maior feira com esse fim na cidade até hoje.

⁴ Coletivo com o objetivo de incentivar a ocupação do centro urbano de Campos dos Goytacazes com arte e cultura.

**Figura 40. I Ciência na Rua, em 14 de maio de 2019
na Praça São Salvador (Campos dos Goytacazes, RJ)**

Fotografia: Ana Pavão. Acervo: Circuito Centro Vivo.

A BUCG não pôde participar da primeira edição do Ciência na Rua por estar com quadro reduzido de pessoas, devido a licenças e afastamentos de servidores e a demissão de prestadores de serviço. Porém, não deixou de participar da segunda edição do evento que aconteceu no mesmo local, em 12 de junho de 2019. Na ocasião, apresentamos o projeto de extensão de divulgação da memória científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), junto com

o PPGDAP. Também divulgamos a BUCG e o presente projeto de doutorado, na Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Para isso, montamos uma pequena biblioteca na praça com livros que fossem escritos por campistas ou que falassem de Campos dos Goytacazes. Nós fazemos mediações de leitura com esses títulos. Além disso, apresentamos uma pequena exposição com imagens e informações sobre os tcc mais antigos do acervo da BUCG.

As próximas fases do projeto visam utilizar esta e outras pesquisas para subsidiar atividades de extensão como exposições, minicursos e palestras.

4.5 Considerações

Como visto em Coulon (2008), a entrada na vida universitária pode ser percebida como uma passagem em três tempos: estranhamento, aprendizagem e afiliação. Para favorecer esse processo para o estudante, propõe-se um curso de metodologia documental cujo objetivo é capacitar os estudantes a conseguirem transformar instruções intelectuais em ações práticas. A nossa proposta de mediação de tcc, na disciplina geohistória, esteve orientada a partir desta proposta de Coulon. Os resultados indicam que os estudantes desenvolveram habilidades para o trabalho intelectual, uma vez que utilizaram diferentes documentos para o desenvolvimento de uma pesquisa histórica em acervos bibliográficos. Ao trabalharem com documentos produzidos pela própria universidade, puderam aprofundar tanto a relação com o saber como com a própria instituição do saber. Avaliamos que esse processo contribuiu para o processo de afiliação estudantil.

Do ponto de vista pedagógico, é possível ver a mediação de documentos como uma inovação no ensino e formação em história. Seguimos o desafio de articular os campos da informação e da educação, da biblioteca e da sala de aula, no contexto da universidade. A mediação de tcc foi desempenhada pela equipe da biblioteca com vistas ao desenvolvimento do protagonismo cultural. Em todo momento, buscou-se a superação dos agentes envolvidos, estudantes, bibliotecários e docente, como reprodutores de conhecimento. Os estudantes protagonizaram a própria aprendizagem e produziram conhecimento sobre a instituição e a região. Essa articulação foi possível a partir do engajamento dos estudantes em uma relação com o patrimônio documental da universidade. Dessa

forma, a biblioteca universitária transpôs as definições de suas atividades nas regulações do MEC, isto é, deixa de ser apenas um repositório de recursos de informação da universidade e passa a ser um espaço de produção e mediação de conhecimento.

A mediação de tcc foi possível através da articulação de diferentes setores da universidade. Um trabalho conjunto de um departamento de ensino e uma biblioteca universitária resultou em uma atividade encarrilhada no tripé ensino, pesquisa e extensão. A mediação de tcc alcançou a dimensão do ensino uma vez que propôs uma intervenção no âmbito de um programa de disciplina de graduação. A mediação de documentos chegou ao plano da pesquisa visto que produziu conhecimento sobre o impacto geohistórico da UFF em Campos dos Goytacazes e região além de promover a capacitação em pesquisa para historiadores em formação. Por sua vez, a atividade atinge o nível de extensão uma vez que traduz o conhecimento acadêmico para os públicos interno e externo da universidade.

O trabalho de conclusão de curso adquire outras camadas de sentido e amplia a sua relevância para a comunidade universitária a partir da mediação de documentos. Os tcc apontam os passos iniciais dos programas de pesquisa de instituições de ensino superior em fase de consolidação. Propõe-se que a comunidade acadêmica reveja a relevância dos tcc ao considerar que esses documentos trazem novos assuntos e novas abordagens, sobretudo relacionadas ao ingresso de novas vozes na universidades e à expansão do ensino superior no território nacional. Além disso, trata-se de um *corpus* linguístico profícuo para analisar a linguagem e saberes dos estudantes de novos grupos sociais a integrarem a universidade. Reposicionar o lugar institucional dos tcc a partir dessas considerações pode contribuir para o engajamento de estudantes, de orientadores e de avaliadores na produção desses tcc, em seus diferentes papéis e atividades na universidade.

Os repositórios institucionais têm sido uma ferramenta proveitosa para conservação e preservação dos tcc. As principais vantagens estão associadas ao engajamento de diferentes setores no processamento desses documentos e ao custo relativamente baixo para conservar e preservar. Todavia, é necessário

perguntar-se sobre as políticas de segurança e preservação da informação digital desses repositórios nas universidades. Afinal, estamos preservando todos os tcc nos repositórios institucionais sem a certeza de que os teremos no futuro. Outra característica ainda pouco explorada e que pode apontar para um futuro inovante é a possibilidade do repositório acomodar diferentes formatos de documento, incluindo animações, imagens, vídeos, *softwares*, etc.

As temáticas do tcc oferecem elementos para identificar percursos do programa de pesquisa de serviço social da UFF em Campos dos Goytacazes. Os tcc indicam uma área caracterizada pela interdisciplinaridade no diálogo com diferentes áreas do conhecimento e saberes na universidade e fora dela. O recorte histórico de 1973-1991 representa os primeiros estudos universitários realizados na região e é caracterizado por pesquisas inéditas sobre localidades, instituições e grupos sociais de Campos dos Goytacazes e região. São também os estudos que compõem a base de conhecimento sobre a qual está o projeto da UFF Campos. O recorte histórico da última década (2009-2018) apresenta os reflexos da adesão do ESR ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Novas áreas do conhecimento passaram a fazer parte da cena uma vez que o ESR passou a oferecer, além do bacharelado em serviço social, mais oito cursos de graduação. As temáticas representam temas e questões diversos levantados pelas novas vozes que adentraram as universidades após a expansão universitária, sobretudo os grupos sociais antes excluídos do acesso e da permanência na universidade pública. As representações espaciais indicam uma extensa escala regional com pesquisas realizadas em localidades de Campos dos Goytacazes e da região próxima. As representações temporais, identificadas no recorte histórico das pesquisas, indicam ênfase no contemporâneo com estudos com recortes históricos recentes e evidencia o engajamento da universidade nas questões sociais do presente. A coleção de tcc do serviço social, e também dos outros cursos, é uma evidência material de que a universidade mantém diálogo com a sociedade local desde seus primeiros anos de atividade. A coleção constitui-se em fontes históricas férteis sobre a UFF Campos, as instituições e o povo do Norte Fluminense e arredores.

As estudantes das turmas de geohistória frequentaram a biblioteca durante todo o semestre letivo. Consultavam os tcc e os levavam emprestados. A equipe da biblioteca foi essencial na orientação dos estudantes no uso do catálogo e na localização dos documentos nas estantes, o que representou um constante treinamento direcionado, é claro, aos estudantes para o estímulo de atitudes informacionais, e, também, à própria equipe da biblioteca que trabalhou com um documento que ainda não tinha tido tanta relevância em relação aos outros da coleção. Os tcc circularam na biblioteca de modo que todos os profissionais tiveram alguma vivência com o documento, desde as atividades como empréstimo, catalogação, indexação, etiquetagem, armazenamento, reparo, *etc.*

Os relatórios de gestão da BUCG evidenciam a circulação dos tcc com o número de empréstimos de tcc. Em 2018, a biblioteca realizou 132 empréstimos de tcc. Em 2019, quando foi realizada a mediação de documentos, a biblioteca registrou 372 empréstimos de tcc. Dessa forma, ocorreu um crescimento de 281,8%, em relação ao ano anterior, no número de empréstimos durante o período da atividade de mediação de documentos.

Por fim, propomos que o manuseio de documentos suscita o conhecimento sobre o que esses registram. Ao pesquisar documentos sobre uma área de conhecimento é possível obter conhecimento sobre essa área. Podemos dizer o mesmo sobre os documentos de uma instituição, ou seja, é possível conhecer uma instituição ao trabalhar sobre e com documentos produzidos por ela. Esse processo aconteceu tanto para os estudantes quanto para os profissionais envolvidos. Dessa forma, o documento, enquanto foco estratégico da mediação, demonstrou-se satisfatório para estimular a afiliação estudantil e para ampliar o campo de ação da biblioteca na universidade.

Estudo de dissertações de mestrado

“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

(Carlos Drummond de Andrade, em *A rosa do povo*, p. 12)

5 Estudo de dissertações de mestrado

A proposta deste estudo de dissertações de mestrado está relacionada diretamente com a comunidade atendida pela Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCG) e com as questões levantadas nas seções anteriores desta tese. Durante o trabalho junto ao Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), identificamos diversas necessidades de consolidação da universidade em Campos dos Goytacazes. Avaliamos que a pós-graduação é fundamental para que a universidade se fortifique na cidade e região, uma vez que a produção de novos conhecimentos contribui para o desenvolvimento regional. A pós-graduação se constitui em um espaço de pesquisa e de formação de profissionais, cuja relevância se dá, ao menos, em duas frentes: a continuidade da formação e o aprofundamento da pesquisa, ambos processos iniciados na graduação. Ao fortalecer a pós-graduação, busca-se uma melhoria da qualidade dos serviços oferecidos na região, além de engajar os agentes e instituições envolvidas em todas as dimensões da sociedade, seja a cultura, a política ou a economia.

Além disso, o cenário Norte Fluminense oferece a possibilidade de desenvolver uma ciência da informação, efetivamente, aplicada e engajada em atender as necessidades de informação de uma universidade em condições desiguais de acesso e de apropriação da informação em relação a outras instituições de ensino e de pesquisa localizadas em regiões privilegiadas e mais desenvolvidas no país, como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Dessa forma, buscamos uma ciência da informação participante dos processos de mudança e transformação da sociedade brasileira de seu tempo. Vemos, assim, a oportunidade de aplicar os conhecimentos da ciência da informação em outras áreas geográficas e do conhecimento, visando ao seu desenvolvimento, consolidação e expansão.

A nossa análise, então, traz os experimentos bibliométricos de Miranda Pao e de suas seguidoras ao contexto da produção bibliográfica de um programa de pós-graduação *stricto sensu* do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), da UFF, em Campos dos Goytacazes, na intenção

de trazer um “olhar informacional” sobre seus agentes e de sua própria produção acadêmica. O foco recai sobre os documentos produzidos pela própria comunidade e nas práticas com esses documentos nas diversas relações dos agentes envolvidos. As questões de pesquisa estão relacionadas à linguagem utilizada nesses documentos, bem como às métricas refletidas no discurso de uma comunidade discursiva em específico, de modo que este estudo é mais um estudo de linguagem do que um estudo métrico. Usamos a técnica da observação de palavras relevantes para lançá-la em quadros explicativos mais amplos. A ênfase na ferramenta bibliométrica está em descrever uma história de sua influência em pesquisas no Brasil, desenvolvidas por profissionais de biblioteconomia em universidades federais brasileiras.

Assim, esta seção apresenta um estudo da literatura cinzenta produzida por um programa de pós-graduação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Como na seção anterior, o documento é um foco estratégico deste estudo de literatura, voltado à pós-graduação e à comunicação científica. Espera-se, com o estudo, contribuir para o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação em Campos dos Goytacazes e região.

É razoável dizer que todo trabalho profissional exige alguma leitura para capacitação ou atualização. No entanto, há atuações profissionais que são exercidas somente pela leitura, como, por exemplo, o bibliotecário, o crítico literário, o escritor, o jornalista, o pesquisador, o tradutor, entre outros. Mariângela Spotti Lopes Fujita (2004) entende que as leituras para uma atuação profissional são leituras profissionais realizadas por leitores profissionais. Fujita distingue a prática de leitura para a atuação profissional, que visa a atingir objetivos dentro de contextos de trabalho, dentre outros tipos de práticas de leitura.

A atividade dos bibliotecários envolve muitas técnicas de leitura profissional. Vale usar da imagem da biblioteca para vislumbrar a impossibilidade de ler um infinito volume de livros distribuídos em uma grande quantidade de prateleiras. Não há leitor profissional, nem leitor comum, que disponha de tempo de vida para isso. As práticas de leitura profissional se caracterizam pela ausência de um leitor que coopera necessariamente com o texto na negociação de significados. Os

objetivos da leitura são outros, dado o contexto profissional, isto é, a leitura é realizada para determinado fim. Por exemplo, a leitura documentária é feita com o objetivo de representar um documento em um sistema informativo. Para o desempenho das atividades profissionais em uma biblioteca, são necessárias técnicas de leitura para a seleção, a catalogação, a indexação, a referência, a pesquisa bibliográfica, *etc.*

Nesta seção, apresentamos um estudo de observação de frequência de palavras relevantes em dissertações de mestrado, usando os estudos métricos da informação como técnica de leitura profissional. Especificamente, utilizamos as leis bibliométricas de Zipf e a delimitação da região de transição de Goffman para observar a frequência de palavras relevantes em textos suficientemente longos para, assim, identificar aspectos extrínsecos e intrínsecos da linguagem acadêmica em documentos produzidos por uma comunidade discente de um programa de pós-graduação.

As leis bibliométricas de Zipf e a região de transição de Goffman são, tradicionalmente, associadas a uma técnica de apoio à indexação em contextos de organização do conhecimento. As técnicas de observação de frequência de palavras podem parecer ineficientes e ineficazes para atividades documentárias. Existem técnicas terminológicas de análise documentária mais rigorosas e recursos de tecnologia mais sofisticados, como os mapas de *co-words*, que podem fazer as técnicas tradicionais parecerem ingênuas. Todavia, para a história das ciências e das técnicas, é complicado afirmar que uma técnica ou instrumento está ultrapassado, porque cada tecnologia é avançada segundo as condições de seu tempo.

A fotografia traz um bom exemplo disso. Podemos até ouvir dizer que uma câmera digital *full frame* produz melhores imagens fotográficas porque dispõe de tecnologia para captação mais nítida e de alta resolução. Contudo, uma câmera artesanal *pinhole* oferece, também, uma captação do real, embora disponha de uma tecnologia mais simples. As imagens produzidas por cada câmera fotográfica podem ser interpretadas e a elas atribuídos significados ora mais claros ora mais herméticos. Na mesma direção, não é possível dizer que uma fotografia represente melhor que um desenho, uma vez que cada uma dessas linguagens enfatiza um ou mais aspectos distintos da realidade.

Figura 41. “Políticas públicas de educação e as sensorialidades do lugar”, de Elis de Araújo Miranda (org.)

Fotografia: Thulio Gomes.

As explicações sobre as leis bibliométricas de Zipf costumam enfatizar a validade matemática dos resultados. Porém, no estudo aqui apresentado, importa menos a validação matemática do que uma história das leis bibliométricas de Zipf no Brasil. Vale reforçar que os trabalhos referenciados derivam de pesquisas desenvolvidas por profissionais que foram técnico-administrativas em uma universidade federal, o que nos permite vislumbrar, em alguma medida, como as concepções acerca do trato com os documentos, no âmbito prático e teórico, modificou-se no decorrer do tempo na perspectiva institucional.

Assim, o objetivo geral deste estudo é investigar a utilidade da observação da frequência de palavras relevantes em textos suficientemente longos para análise de documentos em contextos interdisciplinares. O objetivo específico é caracterizar a dissertação a partir da frequência de palavras relevantes, do ponto de vista bibliométrico e documental.

A seguir, apresentamos o referencial teórico-metodológico que fundamenta a observação de frequências de palavras relevantes em textos longos. Após, apresentamos os procedimentos metodológicos, seguidos dos resultados e a discussão desses. Por fim, são levantadas algumas considerações finais sobre o experimento.

5.1 *A frequência de palavras relevantes em textos longos*

Miranda Lee Pao, da School of Library Science da Case Western Reserve University¹, em Cleveland, em Ohio, Estados Unidos da América (EUA), descreve um experimento de análise automática de textos que observa o fenômeno de transição de ocorrência de palavras em artigos científicos. O estudo, apresentado em 1977 e publicado em 1978, descreve um método para seleção de índices temáticos (*index terms*) diretamente de uma lista de frequência de palavras em artigos científicos. O procedimento visa a contribuir com a indexação que constitui-se, basicamente, de duas operações: análise de conteúdo dos documentos e tradução de tal conteúdo de acordo com uma linguagem documentária. Pao explica que a indexação automática é a mecanização desse processo, em parte ou no todo, para a redução da complexidade da análise de documentos e para a seleção de termos apropriados para um conjunto de algoritmos.

Pao (1978) aplica as leis bibliométricas de Zipf sobre a regularidade da frequência de palavras e oferece uma abordagem para a identificação na distribuição de palavras de alto valor semântico em determinado texto. A ideia do experimento surgiu a partir de sugestões em conversas com seu orientador, William Bill Goffman. A autora propõe o que denomina como um “experimento simples” para demonstrar a simplicidade da extração automática dos termos em relação à indexação humana.

Curiosamente, Goffman publicou pouco sobre suas observações da aplicação das leis bibliométricas de Zipf. Todavia, suas observações foram desenvolvidas e

¹ Case Western Reserve University é uma proeminente universidade privada dos EUA, cujas atividades remontam a 1826. A School of Library Science foi criada em 1903 e permaneceu em atividade até 1986, quando era nomeada Matthew A. Baxter School of Information and Library Science. Entre os seus professores estiveram Jesse Hauk Shera, John A. Rowell, Miranda Lee Pao, Tefko Saracevic e William Goffman.

divulgadas por seus colegas e alunos. Tefko Saracevic, colega de Goffman na Case Western Reserve University, trouxe a experiência de análise automática de textos para as suas aulas no incipiente curso de pós-graduação em ciência da informação no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que reverberaram em outras pesquisas no Brasil. A experiência foi replicada nas aulas e no grupo de pesquisa de Gilda Maria Braga, orientada por Saracevic no mestrado e por Goffman no doutorado e pesquisadora titular do IBICT. Maia (1973) e Ribeiro (1974) são dois estudos brasileiros que aplicam o ponto de transição e são publicados antes do artigo de Pao sobre a experiência na Case Western Reserve University. Ambos os trabalhos referem-se às aulas de Saracevic na descrição metodológica, o que sugere a utilidade das leis bibliométricas de Zipf associadas ao ponto de transição para o ensino e para a formação da primeira geração de pesquisadores brasileiros em ciência da informação.

A análise automática de textos e a contagem de frequência de palavras foram propostas no período caracterizado pelo paradigma físico da ciência da informação. Nesse paradigma, exclui-se, do conceito de informação e da agenda de pesquisa, as dimensões de significação e de relação social, descartando a subjetividade e a contingência como elementos componentes da informação. Os resultados da experiência de Pao (1978), reconhecidos pela autora como “experimento simples”, almejam uma análise de textos sem considerar outras dimensões de significação e subjetividades dos textos e das palavras.

Gilda Maria Braga (1996, p. 4) reconhece que há desafios a serem superados em pesquisas de estruturas bibliométricas. Segundo a autora, falta a explanação total dos fenômenos, comportamentos e relações observados e uma teoria capaz de religá-los em um contexto satisfatório. Tal falta, argui Braga, será suprida não tanto pelas estruturas matemáticas, mas por uma “compreensão maior das variáveis envolvidas, ao nível de uma ciência da informação”.

Braga e seus alunos replicaram a experiência de Miranda Pao em outros textos, de outros gêneros discursivos, de outros idiomas, de outras áreas do conhecimento, de maneira a alcançar quadros explicativos mais amplos. Podemos dizer que as análises das palavras por essas pesquisas foram, em certa medida, ampliadas conforme foram considerados outros níveis de significação no texto.

Esses estudos afastam-se do paradigma físico da informação ao considerarem outras esferas da ação humana no âmbito de contextos socioculturais concretos a partir da análise da frequência de ocorrência de palavras.

Esta pesquisa visita três releituras da experiência de Miranda Pao realizadas por três bibliotecárias, pesquisadoras e técnico-administrativas de uma universidade pública brasileira. As pesquisas replicaram a experiência de Miranda Pao em textos científicos em português brasileiro e inovaram ao trazer outros quadros teóricos explicativos para a verificação de suas hipóteses. Além disso, as pesquisas representam investigações realizadas no âmbito das universidades federais brasileiras e demonstram o trabalho desenvolvido nessas instituições, de maneira a divulgar a produção técnico-científica. Ao considerar a pertinência dessas pesquisas, nelas nos baseamos ao propor, neste estudo, uma abordagem crítica do experimento de análise automática de textos, na intenção de trazer outros quadros explicativos aos estudos bibliométricos.

George Kingsley Zipf foi um linguista interessado na modelagem matemática da frequência de palavras de um determinado texto. Zipf se dedicou aos estudos de mudanças fonéticas, da frequência de uso de fonemas e da tendência de variações em longos períodos de tempo. Em um de seus trabalhos, Zipf (1949) considerou a teoria psicológica do menor esforço para estabelecer que os seres humanos tendemos a minimizar os esforços para obter resultados exitosos. O autor aplicou a lei do menor esforço à obra "Ulisses", de James Joyce, organizou as palavras em forma decrescente de ocorrência e concluiu que os falantes tendem a preferir palavras mais habituais em vez de palavras pouco utilizadas. Em outros termos, pelo princípio do menor esforço, os seres humanos favorecemos o comum e dificultamos o desconhecido. A tendência se explica porque sempre é mais fácil utilizar uma palavra conhecida do que uma desconhecida. Há uma inclinação humana em preferir minimizar o esforço no uso de vocabulário a se valer da erudição para uso de palavras menos conhecidas (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO; RESTREPO ARANGO, 2011).

A primeira lei de Zipf diz que o produto da ordem de série (r) de uma palavra, pela sua frequência (f) é aproximadamente constante (C). Assim, enuncia-se:

$$r \times f = C \quad (1)$$

Nessa equação 1, r representa o *rank*, f indica o número de vezes que uma palavra é usada no texto e C é a constante para dado texto. Pao (1978) comenta que a primeira lei de Zipf é elegante na sua simplicidade, mas só é válida para palavras de alta frequência de ocorrência no texto, isto é, as palavras até o *rank* 5, ou dito de outra forma para as cinco palavras mais frequentes no texto.

A lei de Zipf foi aplicada, revista e modificada em diversos contextos e diferentes pesquisas, como revisa Piantadosi (2014). As aplicações da lei são, por exemplo, para otimização de entropia, descrições simbólicas de sistemas complexos, organização comunicativa, aperfeiçoamento de desempenho da memória, entre muitas outras. No contexto da ciência da informação, a lei de Zipf demonstrou sua utilidade em estudos em diferentes contextos de processamento da linguagem natural para desenvolver *corpora* linguísticos, ontologias, taxonomias, indexação automática e outras aplicações.

A. D. Booth (1967) foi o pioneiro na aplicação das leis de Zipf na ciência da informação. Embora a lei de Zipf já fosse bastante conhecida pelos linguistas e pelos estudantes de estatística da linguagem, Booth identifica outra "lei" enunciada por Zipf (1938² *apud* Booth, 1967) que se aplica às palavras de baixa frequência de ocorrência e que não era tão popular, além de ter sido modificada por Mandelbrot³. Booth identifica que essa lei pode ser de interesse geral, principalmente, por ser parcialmente verdadeira e poder ser substituída por uma afirmação mais geral, com maior validade. Assim, a lei de Zipf-Booth enuncia que, em um texto, várias palavras de baixa frequência (alta ordem de série) têm a mesma frequência (GUEDES, 2012). Booth, ao modificá-la, representa matematicamente da seguinte forma:

$$\frac{I_1}{I_n} = \frac{n(n+1)}{2} \quad (2)$$

² ZIPF, G. K. **Psychol. Record**, n. 2, p. 347-367, 1938.

³ MANDELBROT, B. **Théorie mathématique de la loi d'Estoup-Zipf**. Paris: Institut de Statistique de l'Université, 1957.

Na equação 2, I_n é o número de diferentes palavras que ocorrem n vezes em um texto; e I_1 é o número total de diferentes palavras que ocorrem uma única vez no texto. Pao (1978) observa que a generalização de Booth demonstrou grau de concordância excelente entre os valores previstos e os dados observados. A demonstração matemática completa da revisão da lei de Zipf pode ser consultada em Booth (1967).

A primeira lei de Zipf opera condicionalmente apenas nas palavras de alta frequência de ocorrência. Essas palavras tendem a ocupar um *rank* exclusivo na distribuição de palavras. Duas palavras não têm a mesma frequência entre as palavras mais frequentes em determinado texto. Ou seja, uma, e apenas uma única palavra, ocorre mais frequentemente e assim seu *rank* será um; uma, e apenas uma única palavra, ocorre com a segunda maior frequência e assim seu *rank* será dois; e assim por diante até a frequência cinco. A segunda lei bibliométrica revisada descreve apenas palavras de baixa frequência de ocorrência e, portanto, de alto *rank*. A lei observa que muitas palavras diferentes de baixas frequências têm a mesma frequência e muitas dessas palavras têm a frequência 1, isto é, ocorrem apenas uma vez no texto (PAO, 1978).

Pao (1978) explica que, embora sejam duas regras totalmente diferentes, as duas leis de Zipf preveem e descrevem as duas extremidades da distribuição de palavras em um determinado texto. Portanto, é razoável esperar uma região crítica na qual ocorre uma mudança de comportamento de palavras de alta frequência para as de baixa frequência. Goffman hipotetizou uma região de transição capaz de produzir as palavras com maior carga semântica para o texto em questão. Em uma primeira região aparecem palavras de baixo valor semântico como preposições, artigos e conjunções, que costumam ser as mais frequentes em um texto e correspondem às palavras caracterizadas na primeira lei de Zipf. Na região intermediária há palavras de maior valor semântico em relação ao texto. Na terceira região há palavras de menor ocorrência no texto que tendem à frequência 1 ($f = 1$). Goffman propôs a delimitação de uma região de transição de palavras relevantes que abrange a primeira região e a intermediária.

Para delimitar a região de transição, Goffman propôs que a expressão da segunda lei de Zipf teria que fornecer o comportamento típico das palavras de alta

frequência, isto é, o número de palavras que têm frequência n tenderia a 1. Substituindo-se, na expressão da Segunda Lei de Zipf-Booth, I_n por 1, obtém-se :

$$n = \frac{-1 + \sqrt{1 + 8I_n}}{2} \quad (3)$$

Na fórmula, n representa o ponto de transição; “8 é uma constante fixa para qualquer idioma”⁴; I_1 é o número de palavras que ocorrem uma única vez ($f = 1$); e 2 é a constante matemática da fórmula de Bháskara para resoluções de equações de segundo grau. A demonstração matemática de como Goffman e Pao⁵ chegaram à fórmula para a identificação do ponto de transição pode ser consultada em Pao (1978). A análise identifica a região crítica entre as extremidades da listagem de frequência a partir do ponto que marca a localização onde ocorre a transição das palavras de baixa frequência para as de alta frequência e vice-versa.

Pao (1978) analisou dois artigos de um mesmo autor. O primeiro artigo tem o título “*On the geometry of libraries*”, de A. D. Booth (1969), no qual foram analisadas 559 palavras diferentes e 256 palavras ocorreram uma única vez. Usando o ponto de transição foi possível identificar as palavras mais relevantes para indexar o texto. O segundo artigo analisado foi “*A law of occurrences of words of low frequency*”, de A. D. Booth (1967), e encontraram-se 327 palavras diferentes, das quais 188 ocorreram apenas uma vez. Novamente, após a aplicação do ponto de transição, foi possível identificar as palavras mais significativas do texto. Pao propõe que, com a aplicação da lei, é possível extrair termos para a representação de textos, tendo em vista a sua recuperação automatizada.

⁴ Há uma controvérsia a respeito da constante 8 na equação do ponto de transição de Goffman. Braga (1996, p. 3) apresenta como uma constante para a língua inglesa, enquanto Mello (2017, p. 87) apresenta como uma constante em qualquer língua. Maia (1973) experimenta as constantes 2, 1,5 e 7, ao aplicar a fórmula do ponto de transição de Goffman.

⁵ Paula Mello descreve que William “Goffman era um professor que não gostava de escrever. Não há nada escrito por ele sobre sua interpretação das Leis de Zipf. Foi uma aluna sua, Miranda Pao, que registrou e comprovou a teoria aplicando a fórmula de Goffman em um artigo sobre bibliotecas. Foi a primeira a aplicar a lei e a criar convenções para a uniformidade na compilação da distribuição por frequência” (MELLO, 2017, p. 87). Curiosamente, Goffman não escreveu sobre o ponto de transição, mas publicou sobre muitos outros assuntos e é um dos pesquisadores exponenciais no desenvolvimento da ciência da informação.

Em seguida, Pao (1978) acrescenta à sua experiência uma articulação com o ensino da observação do fenômeno da frequência de palavras, na disciplina Introdução à ciência da informação (*Introduction to Information Science*), na School of Library Science. Pao propôs um exercício de indexação do artigo de Booth (1969) sem o uso de um tesaurus. Ela observa que nenhum dos estudantes tinha experiência anterior em indexação. Os estudantes, instruídos a não usarem mais do que oito termos, apontaram palavras que situam o artigo na temática da frequência de uso e arranjo de bibliotecas. Pao afirma que os resultados mais comuns nos índices dos estudantes estavam presentes na região de transição do artigo, o que a levou a concluir que a seleção automática de termos de uma lista de frequência de palavras é promissora para a indexação automática. A pesquisadora destaca a simplicidade de aplicação do método e reconhece que um dispositivo de controle de formas variantes das palavras traria resultados ainda melhores para a recuperação.

As leis bibliométricas de Zipf tornaram-se conhecidas na ciência da informação e estão entre as chamadas leis bibliométricas. O termo "bibliometria" remete ao *Traité de documentation* de Paul Otlet (1932) e à publicação do artigo *Statistical bibliography or bibliometrics?*, por Alan Pritchard (1969). De modo geral, a bibliometria pode ser definida como um conjunto de leis e princípios aplicados a métodos estatísticos e matemáticos que visam o mapeamento da produtividade científica de periódicos, autores e representação do conhecimento (ARAÚJO, 2006; CAFÉ; BRÄSCHER, 2008; GUEDES, 2012; SANTOS; KOBASHI, 2009).

As aplicações das leis bibliométricas de Zipf chegaram a diferentes *corpora*, documentos e domínios do conhecimento e em diferentes idiomas, especialmente espanhol, inglês e português. Maia (1973) analisou três artigos na área da bibliografia escritos em português e publicados em revistas brasileiras por autores reconhecidos. Ribeiro (1974) investigou uma amostra de editoriais do Jornal do Brasil publicados no período de 1959-1973 em língua portuguesa. Boyce (1975) analisou a efetividade da indexação automática em textos escritos em inglês sobre arritmia cardíaca. Basílio, Braga e Pierotti (1979) estudaram dois textos em português, um sobre linguística e outro sobre o processo de automação da Biblioteca Nacional. Mamfrim (1991) analisou as possibilidades de indexação

derivativa, mediante o ponto de transição, de artigos sobre a bibliometria escritos em português. Guedes (1994) analisa três gêneros documentais distintos na área de mecânica dos solos, em língua portuguesa: onze notas técnicas, uma revisão de literatura e um artigo de periódico. Urbizagástegui (2004) observa a frequência de palavras na transcrição de uma gravação sonora de música ayacuchana da cantora Martina Portocarrero. Santos (2009) aplicou o ponto de transição aos resumos das cartas do arquivo da cientista Bertha Lutz, escritos em português. Guedes (2010) aplica as leis bibliométricas em artigos de periódicos sobre a indústria de vinhos e da economia. Lapa e Corrêa (2010) aplicaram as leis de Zipf sobre os resumos das teses escritas em português na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para selecionar os termos mais relevantes para indexação na biblioteca digital de teses da universidade. Santos (2016) analisa os resumos de cartas do cientista médico Adolpho Lutz. Mello (2017) aplica as ferramentas bibliométricas aos resumos de teses e dissertações de um programa de pós-graduação interdisciplinar. Além desses exemplos, Mamfrim (1991) e Braga (1996) indicam diversos trabalhos não publicados apresentados na disciplina *Bibliometria*, da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Consultamos todos esses trabalhos para o desenvolvimento desta pesquisa, entretanto, selecionamos a experiência de Pao (1978) e outras três teses de doutorado defendidas no Brasil que reproduziram o experimento aplicando as leis bibliométricas de Zipf e o ponto de transição de Goffman em contextos e documentos brasileiros. Consideramos que as teses escolhidas, apresentadas a seguir, refletem o amadurecimento e a influência da observação de frequência de palavras relevantes no Brasil.

Vânia Lisbôa da Silveira Guedes (2010) defendeu sua tese de doutorado em linguística na Faculdade de Letras (FL) da UFRJ. A autora explorou a interface entre a ciência da informação e a linguística ao reproduzir o experimento de observação de ocorrência de palavras relevantes em textos suficientemente longos. Guedes analisa o discurso científico e tecnológico sobre a indústria de vinhos, em português do Brasil, investigando a recorrência das nominalizações deverbais no léxico do gênero artigo de periódico e suas funções de índices na indexação. O objetivo da pesquisa foi, por um lado, desenvolver uma análise linguística

léxico-morfológica do discurso sobre a indústria de vinhos e, por outro lado, contribuir para o desenvolvimento de modelos de sistemas semiautomáticos de indexação. A hipótese do estudo é de que as nominalizações deverbais, formalmente descritas por $[X] \nu \rightarrow [[X] \nu -\text{ção}] N$, são predominantes no campo semântico da indústria de vinhos e, portanto, estão presentes no léxico dos artigos de periódicos, dessa área do conhecimento, exercendo funções de índices mais relevantes, devido às suas frequências de ocorrências. A nominalização verbal é um processo morfológico de substantivação de formas verbais através do acoplamento de sufixos. No estudo em questão, as nominalizações deverbais são utilizadas para substantivar processos, como por exemplo, o processo de organizar ao ser substantivado torna-se organização e o processo de engajar converte-se em engajamento.

Os pressupostos teóricos de Guedes (2010) são, principalmente:

- as **bases da morfologia** dos autores Albino (1993), Aronoff (1976; 1994), Aronoff e Anshen (2001), Basílio (1980; 1999; 2004; 2007); Câmara Júnior (1985) e Spencer (2001; 2003);
- a **análise de gêneros discursivos e textuais** de Bakhtin (1979; 2000), Bhatia (2004), Bazerman (2006), Swales (1990), Hyland (2004; 2009) e Hyland e Salager-Meyer (2008);
- e a **análise de domínio** de Hjørland (2002) e Hjørland e Albrechtsen (1995).

Guedes (2010) aplicou as leis bibliométricas de Zipf e o ponto de transição de Goffman a quatro artigos de periódicos da área de indústria de vinhos e a dois de economia para observar a ocorrência de nominalizações deverbais. Guedes (2010) identificou que o modelo morfológico $[X] \nu \rightarrow [[X] \nu -\text{ção}] N$ tende a intensificar ainda mais a sua força lexical, indicando a predominância das nominalizações deverbais com o sufixo *-ção* na escrita da comunidade discursiva da indústria de vinhos, com base nos documentos analisados pela autora. Concentração, fermentação e maturação são exemplos de palavras com alta frequência no *corpus* da indústria de vinhos. Por outro lado, na área da economia, o sufixo *-ção* é predominante, embora seja constatada a expressiva presença do sufixo *-mento*, em uma ocorrência ligeiramente menor. Isto é, os documentos

analisados na área de economia apresentam pouca diferença de ocorrências dos sufixos *-ção* e *-mento*. São muito comuns palavras como importação, inovação e investigação assim como crescimento, investimento e desenvolvimento no discurso da comunidade discursiva da economia. Guedes (2010) sustenta que as nominalizações deverbais em artigos científicos são palavras com alta densidade de informação e seu estudo pode contribuir para a adequação do método bibliométrico para indexação semi-automática em contextos de processos de organização do conhecimento.

Guedes (2010) verifica que as leis bibliométricas de Zipf não se aplicaram satisfatoriamente, entretanto, observa que as palavras de alta frequência estão associadas a palavras de baixo conteúdo semântico como, por exemplo, artigos, preposições, conjunções, verbos auxiliares, etc, como mencionado nos estudos de indexação automática de Rouault⁶ (1987 *apud* GUEDES, 2010). Por outro lado, a aplicação do ponto de transição e do mecanismo de delimitação da região de transição revelou-se satisfatória no estudo de Guedes. Os resultados obtidos indicaram ocorrência de palavras relevantes na região de transição em 100% dos textos analisados pela autora.

Posteriormente, Vânia Guedes aplicou e ampliou os procedimentos em outros *corpora*, com gêneros e áreas do conhecimento diferentes, de maneira a corroborar e a refutar hipóteses em estudos seguintes:

- artigos científicos na área de indústria farmacêutica e tecnologia de alimentos (GUEDES *et al.*, 2013);
- artigos de periódicos na área vinicultura e química geral (GUEDES; MOLLICA, LEAL, 2011; GUEDES; BARBOSA; MOLLICA, 2014; GUEDES, 2015);
- cartas e resumos de cartas científicas (GUEDES; BARBOSA; SANTOS; 2013; 2015; GUEDES; SANTOS, 2011; 2013; SANTOS; GUEDES, 2017; 2018; SANTOS; GUEDES; DANTAS, 2015);
- artigos científicos na área de ciência e tecnologia de alimentos (GUEDES; SANTOS; GOMES, 2016).

⁶ ROUAULT, Jacques. **Linguistique automatique**: applications documentaries. Berne: Peter Lang, 1987.

A segunda tese selecionada foi defendida por Maria José Veloso da Costa Santos, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas, no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), da UFRJ. A influência do trabalho de Vânia Lisbôa da Silveira Guedes é inegável, visto que foi coorientadora do doutoramento. O contexto de pesquisa, no entanto, é outro. Na fronteira entre a ciência da informação e a história das ciências, Santos (2016) investiga a trajetória da medicina tropical no Brasil à luz de pressupostos teóricos da comunicação científica e dos estudos cientométricos.

Santos (2016) analisa quantitativa e qualitativamente documentos de arquivo do cientista Adolpho Lutz, especialmente as correspondências de conteúdo científico. As correspondências analisadas serviram de comunicação entre pesquisadores para troca de informações na área de medicina tropical, particularmente sobre duas doenças tropicais, a febre amarela e a malária, entre o período final do século XIX e a década de 1940.

Adolpho Lutz (Rio de Janeiro, 1855-1940) foi considerado por seus contemporâneos um dos mais importantes, completos e versáteis cientistas de sua época. Lutz estudou medicina na Universität Bern (Suíça) e atuou em diversas universidades europeias antes de regressar ao Brasil em 1881. Desempenhou atividades profissionais em diversas regiões brasileiras no combate à febre amarela e à malária e destacamos sua atuação no Instituto Bacteriológico de São Paulo (1893-1908) e no Instituto Oswaldo Cruz (1908-1940). Lutz ficou reconhecido por sua contribuição para o conhecimento sobre a febre amarela e a malária, doenças letais temidas à sua época, em solo brasileiro, considerando suas causas e a transmissão, além do estudo dos vírus e o plasmódio, bem como seus transmissores (vetores), os mosquitos *Aedes aegypti* e algumas espécies de *Anopheles*. Atuou nas áreas de bacteriologia, clínica médica, dermatologia, entomologia, helmintologia, malacologia, micologia, parasitologia, protozoologia, terapêutica e veterinária. Foi um dos pioneiros nessas especialidades no Brasil e legou descobertas e contribuições relevantes bem como uma vasta produção científica (SANTOS, 2016).

Os pressupostos teóricos de Santos (2016) são principalmente:

- a **ciência da informação** em Barreto (2002), Belkin e Robertson (1976), Borko (1968), Brookes (1980), Capurro (2007), Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi (1969), Freire (1995); Freire e Freire (2015); Hjørland (2002), Hjørland e Albrechtsen (1995), Pinheiro (2004; 2005;; 2011); Pinheiro e Loureiro (1995); Souza e Stumpf (2009).
- a **comunicação científica** em Andersen (2008), Braga (1974), Bourdieu (1983; 2004), Christovão (1979), Garvey (1979, Guedes (2015), Hyland (2009), Meadows (1974), Merton (1998), Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi (1984), Mueller (2000), Pinheiro 2006, Price (1965), Swales (1990), Targino (2000) e Ziman (1979);
- **análise de redes sociais** (ARS) a partir de Granovetter (1973), Marteleto (2001), Marteleto e Silva (2004), Recuero (2009), Souza e Quandt (2008), Tarapanoff e Álvares (2015), Tomaél e Marteleto (2006), Wasserman e Faust (2007), Zuccala (2004);
- e a **bibliometria** em Guedes (2012), Hayashi (2012), Maricato e Noronha (2012), Pritchard (1969), Tague-Sutcliffe (1992) e outros.

Santos (2016) faz uma triangulação de três técnicas de pesquisa: análise de conteúdo, análise de redes sociais e aplicação das leis bibliométricas de Zipf e do ponto de transição de Goffman. A autora parte da hipótese de que, ao utilizar esses métodos, relacionados à frequência de uso de palavras na escrita científica, é possível o levantamento estratificado de conceitos e de termos mais relevantes que compõem o campo semântico da medicina tropical, no Brasil, no período entre o final do século XIX e o início do século XX. Além dessas leis, Santos aplica o elitismo de Solla Price (1975) para identificar os principais correspondentes que integram o colégio invisível de medicina tropical e compara com a rede de missivistas de Adolpho Lutz.

O campo empírico de Santos (2016) constitui-se de correspondências científicas sobre as doenças tropicais febre amarela e malária. Ao todo, foram analisadas 99 cartas, das quais 62 são sobre a febre amarela e 37, sobre a malária. A autora utilizou as leis bibliométricas para identificar palavras relevantes, a análise de conteúdo para contextualizar as palavras no *corpus* e a análise de redes sociais

para evidenciar a estrutura do colégio invisível formado pelos contemporâneos de Adolpho Lutz bem como a rede terminológica dessa comunidade discursiva.

Os resultados produzidos por Santos (2016) mostraram-se satisfatórios no que diz respeito à aplicação da fórmula do ponto de transição e do mecanismo de delimitação da região de transição, porque apontaram palavras relevantes para o domínio analisado, a medicina tropical. Santos observa a recorrência, nessa região, de palavras de baixo conteúdo semântico como artigos, preposições, conjunções, verbos auxiliares, etc. que desempenham função sintática na comunicação. Santos reconhece que a aplicabilidade da delimitação da região de transição com a análise de conteúdo permitiu a contextualização, no *corpus*, de temas relevantes identificados na região. Finalmente, Santos conclui que a delimitação do ponto de transição possibilita a identificação de temas relevantes em uma área do conhecimento por meio da investigação das palavras mais frequentes. Seu estudo apresenta resultados coerentes com o estado da arte de domínio do conhecimento analisado, à época de Adolpho Lutz.

Maria José Veloso da Costa Santos aplicou as leis bibliométricas de Zipf e ponto de transição de Goffman em outros *corpora*, de outras áreas de conhecimento em outros recortes temporais:

- correspondências de cientistas (GUEDES; SANTOS, 2011; GUEDES; BARBOSA, SANTOS, 2013; 2015; SANTOS; DANTAS, 2013; SANTOS; GUEDES; DANTAS, 2015; SANTOS, 2016; SANTOS; GUEDES, 2017; 2018);
- artigos científicos de ciência e tecnologia de alimentos (GUEDES *et al.*, 2013; GUEDES; SANTOS; GOMES, 2016).

Finalmente, Paula Maria Abrantes Cotta de Mello, também, defendeu sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Histórias das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), da UFRJ. A autora apresenta seu trabalho no mesmo programa de pós-graduação, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas, a mesma orientadora do doutorado de Maria José Veloso da Costa Santos, o que sugere influência. A pesquisa apresenta alguns pontos em comum, mas se diferencia em seu contexto, aplicação e *corpus* analisado.

Mello (2017) defende sua tese após anos de gestão e coordenação do Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBi) da UFRJ, o que, segundo a autora, permitiu que conhecesse a universidade com mais profundidade. A autora contextualiza que há alguns anos, sobretudo após a adesão da UFRJ ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a universidade se deparou com iniciativas que parecem ter surgido para quebrar dogmas e paradigmas educacionais para estabelecer um novo modelo de ensino voltado à integração entre saberes. O processo desencadeou uma série de projetos de interdisciplinaridade dentro da universidade. Uma dessas iniciativas é o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), que, segundo a autora, é marcado pela ousadia transformadora que caracteriza os cursos interdisciplinares. Mello explora a interface entre a ciência da informação e a história das ciências, e a interdisciplinaridade é o tema que norteia a sua pesquisa. Mello defende sua tese após dez anos de existência do HCTE e propõe um primeiro balanço, a fim de estudar a trajetória do programa (MELLO, 2017).

Mello (2017, p. 17-19) relata que a experiência de cursar o doutorado no HCTE lhe propiciou a participação em um ambiente acadêmico novo. Segundo a autora, a diversidade de saberes proposta pelo caráter interdisciplinar é posta aos estudantes nas disciplinas oferecidas. Mello identifica, no curso, o que ela denomina como "conjunção das diferenças, a criação do espaço para o conhecimento fluir e ser compartilhado tanto pelos alunos como pelos próprios professores". A investigação nasce do interesse por esse processo de interdisciplinaridade e a vontade de compreender como se deu sua aplicação e o impacto na produção discente ao longo desses anos. Mello afirma que "ao estudar a história desse programa [HCTE], se desvenda mais uma realidade, a da importância de integração na contra maré da fragmentação da nossa Universidade".

Os principais referenciais teóricos de Mello (2017) são:

- a **interdisciplinaridade** em Japiassu (1976), Follari (1995), Frigotto (1995), Pires (1998), Fazenda (2003), Rocha (2003) e Philippi Jr. (2011);
- a **ciência da informação** em Bush (1947), Bradford (1967), Shera e Cleveland (1977), Brookes (1980), Carvalho e Freire (2012) Mikhailov,

Chernyi e Gilyarevskiy (1980), Pinheiro (2004; 2005), Barreto (2002), Souza e Stumpf (2009);

- a **comunicação científica** a partir de Menzel (1966), Price (1976), Christóvão (1979), Merton (1998), Griffith (1989), Población (1992), Targino (2000), Campello, Cendón e Kremer (2007).

Mello (2017) toma como hipótese que a interdisciplinaridade de um curso de pós-graduação *stricto sensu* pode estar retratada na diversidade de áreas e subáreas que aparecem em sua produção discente. Sua análise recai sobre as dissertações e as teses defendidas no HCTE entre 2003 e 2014. O material selecionado para análise corresponde aos títulos, aos resumos e às palavras-chave das dissertações e teses, com vistas à contabilização de todas as palavras e à identificação do campo semântico da história das ciências e das técnicas e epistemologia. Mello (2017) chama atenção para o fato de que seu *corpus* é constituído de literatura cinzenta. O termo literatura cinzenta é usado para designar documentos não convencionais e semipublicados, produzidos nos âmbitos governamental, acadêmico, comercial e industrial (GOMES; MENDONÇA; SOUZA, 2007).

Mello (2017) conclui que a delimitação do ponto e da região de transição permitiu a identificação de palavras relevantes no *corpus* analisado. A aplicação das leis bibliométricas de Zipf, à luz da metodologia de Pao (1978), mostrou-se eficaz para identificar o reflexo da interdisciplinaridade na produção discente de um programa de pós-graduação. Os resultados da análise permitiram a avaliação das dissertações e teses, o currículo do programa de pós-graduação, a composição do quadro docente e outras questões que tangem ao planejamento do HCTE.

Nosso estudo de doutorado reproduz o experimento de Miranda Lee Pao (1978), juntando-se assim às três teses acima descritas (GUEDES, 2010; SANTOS, 2016; MELLO, 2017), no sentido de indicar novas aplicações à observação de frequência de palavras relevantes em textos longos. Porém, a proposta ocorre em outro contexto. Por um lado, a pesquisa realiza-se em um programa de pós-graduação em ciência da informação e, por outro, busca aplicação em um programa de pós-graduação na área de planejamento urbano e demografia, para

levantar questões que dizem respeito aos documentos bibliográficos em ambientes interdisciplinares de produção de conhecimento.

4.2 *As dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF*

A pós-graduação *stricto sensu* na UFF Campos se estrutura em dois programas, ambos em nível de mestrado acadêmico. Há o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG), concentrado em análise regional e ambiental e de caráter mais disciplinar. Há o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP), que propõe um debate crítico sobre o desenvolvimento e tem escopo mais interdisciplinar. Ambos os programas enfrentam os desafios de desenvolver a pós-graduação na UFF Campos, o que é fundamental para a consolidação da universidade na região.

A proposta deste estudo, a princípio, era comparar, em uma abordagem interdisciplinar, documentos produzidos pelos dois programas. Por motivos de ordem administrativa e técnica, o PPG não conseguiu submeter as dissertações até o dia 31 de julho de 2019 no RIUFF, o que foi uma condição de acesso aos documentos para a amostragem. Assim, não tivemos tempo hábil para processar e analisar os documentos produzidos pelo PPG. Portanto, a análise foca o PPGDAP, do ESR. A seleção vai ao encontro de nosso interesse nos ambientes interdisciplinares na universidade.

A criação de uma pós-graduação *stricto sensu* na UFF Campos foi possível após a transformação do Departamento de Serviço Social (DSC) em Instituto de Ciência da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), em 1999. Ainda assim, o projeto da pós-graduação foi postergado por mais de dez anos, quando a unidade expandiu-se após a adesão ao REUNI, em 2009. Com a admissão de novos integrantes no corpo docente do ESR, pesquisadores de diferentes grupos e núcleos de pesquisa tomam diferentes iniciativas que confluem para a apresentação da proposta de criação de um programa de pós-graduação interdisciplinar em 2014 que iniciou suas atividades em 2016. O PPG já havia iniciado as suas atividades em 2014.

Imagem 42. Bicicletário da UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

O projeto justifica-se tanto em razão da demanda regional e da necessidade de análise sobre as transformações sociais, ambientais, econômicas, culturais e espaciais na região Norte Fluminense, quanto dos diálogos estabelecidos entre pesquisadores do ESR com as outras instituições de ensino, pesquisa e extensão na região. O projeto do PPGDAP prevê como objeto de pesquisa

a relação entre ambiente, desenvolvimento e políticas públicas, a partir das perspectivas local, regional e global, buscando produzir conhecimento interdisciplinar sobre os temas em que as ciências humanas e sociais são hoje chamadas a se pronunciar, dados os desafios especificamente observados no Norte Fluminense. A mobilização [...] exprime igualmente o compromisso com a difusão e popularização do conhecimento e a formação profissional que se pretende desenvolver fora das grandes metrópoles do país, buscando sempre reconhecer e levar em consideração as articulações interescares pertinentes (UFF. ESR. PPGDAP, 2014, p. 7).

O projeto do PPGDAP chama atenção para a importância da localização do curso em Campos dos Goytacazes. Os outros dois programas de pós-graduação na

área de planejamento urbano e regional e demografia situados no Estado do Rio de Janeiro estão na capital fluminense, a 280 km de Campos dos Goytacazes e da área de influência do ESR. O projeto reconhece o programa de pós-graduação em planejamento regional e gestão de cidades da Universidade Cândido Mendes (UCAM), em Campos dos Goytacazes, no entanto pondera-se que o curso é classificado na modalidade mestrado profissional.

A escolha da problemática regional como eixo central do projeto de PPGDAP resulta da observação das transformações que ocorrem no Norte Fluminense desde os anos 1970, quando ocorreu a decadência da economia sucroalcooleira e iniciou-se o desenvolvimento da exploração e da produção de petróleo e gás natural na Bacia de Campos. Recentemente, a região recebeu investimentos em infraestrutura portuária e logística vinculados a projetos de inserção internacional da economia brasileira, do campo da produção de petróleo, gás natural e *commodities*.

O PPGDAP reflete o projeto de ampliar a oferta de oportunidades regionais na formação em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Busca-se ampliar, aprofundar e enriquecer o debate sobre as questões em torno do desenvolvimento regional. Espera-se, também, qualificar quadros de pesquisadores, docentes e gestores públicos no interior, contribuindo para a descentralização da formação e a fixação de profissionais capacitados para o estudo, a pesquisa, a docência e a intervenção pública relacionados às questões sociais, ambientais e territoriais.

O corpo docente do PPGDAP se caracteriza pela interdisciplinaridade. As áreas de doutorado dos docentes abrangem a antropologia, ciências sociais, economia, engenharia agrícola, geografia, história, planejamento urbano e regional, psicologia social, sociologia e serviço social. Os docentes estão vinculados a diferentes departamentos do ESR, de modo que o PPGDAP pode ser considerado um dos esforços da unidade em articular saberes interdisciplinares. Os processos seletivos de discentes são abertos a candidatos graduados em qualquer área do conhecimento. Na Tabela de Áreas do Conhecimento da CAPES, o programa está classificado na área Planejamento Urbano e Regional/Demografia, na subárea de Planejamento Urbano e Regional, caracterizada por diálogos interdisciplinares a

partir dos eixos principais planejamento urbano, desenvolvimento regional e demografia.

Até o fim de 2019, o PPGDAP formou 22 mestres em desenvolvimento regional, ambiente e políticas públicas. O perfil do corpo discente do programa é, também, caracterizado pela interdisciplinaridade, abrangendo diferentes áreas de formação na graduação, como arquitetura e urbanismo, artes visuais, ciências econômicas, ciências sociais, design gráfico, direito, filosofia, geografia, história e serviço social. A primeira turma se formou em 2018 e as 13 dissertações defendidas durante esse ano compuseram a amostra desta pesquisa. A análise, portanto, apresenta um levantamento das pesquisas desenvolvidas pelo corpo discente da primeira turma do PPGDAP.

5.3 *Procedimentos metodológicos*

Os procedimentos metodológicos descritos a seguir baseiam-se em Pao (1978) e em Guedes (2010), Santos (2016) e Mello (2017), tanto na forma quanto na linguagem. Não deixamos, porém, de apresentar os resultados de um outro modo e em outras palavras, buscando um quadro explicativo mais amplo a partir da observação das palavras relevantes e mais frequentes nas dissertações de mestrado estudadas.

O universo de documentos analisados abrange a produção científica do PPGDAP, por entender que tais documentos são produtos de práticas documentárias de ensino e pesquisa na UFF Campos e refletem a linguagem da comunidade discursiva desse domínio. Entre esses documentos, selecionamos como amostra as dissertações de mestrado, defendidas em 2018, no PPGDAP/UFF, depositadas no RIUFF até 31 de julho de 2019. As dissertações estão em suporte digital (pdf) e são amplamente acessíveis na internet.

O quadro 12 apresenta as treze dissertações, defendidas no PPGDAP em 2018, selecionadas para composição da amostra. As dissertações foram identificadas com um código alfanumérico seguindo a ordem alfabética de sobrenome de seus respectivos autores.

Quadro 12. Dissertações defendidas no PPGDAP/UFF em 2018			
Autor	Título	Orientadora (o)	Id
Duque-Pereira, I. S.	A produção do discurso imagético nos planos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro	Scotto, M. G.	D01
Durães, R. G. S.	Agricultura familiar e políticas públicas: percepções dos agricultores assentados sobre o PRONAF em Campos dos Goytacazes, RJ	Ney, V. S. P.	D02
Farias, J. E. S. F. G.	Segurança pública municipal: práticas de administração institucional de conflitos em Campos dos Goytacazes – RJ	Mouzinho, G. M. P.	D03
Lima, J. M.	A questão ambiental no plano diretor do município de Miracema/RJ	Siqueira, A. M. M.	D04
Passos, H. S.	Da Usina do Queimado aos bairros residenciais: mudanças e permanências na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes	Miranda, E. A.	D05
Pereira, G. V.	O Porto do Açú e o município de São João da Barra-RJ: impactos na dinâmica socioeconômica - 2007 a 2017	Cruz, J. L. V.	D06
Rosa, W. P. S.	A revalorização do bairro Parque Tamandaré, em Campos dos Goytacazes, RJ, sob a lógica da especulação imobiliária	Rosendo, R. C.	D07
Santos, R. J. F.	A segregação sócio-espacial na cidade de Itaperuna (RJ)	Santos, L. S.	D08
Silva, E. A. F.	Desigualdade educacional e raça no Brasil: análise do período de 2001 a 2015	Santos, V. F.	D09
Silva, L. S.	A gramática do "desenvolvimento" nas políticas públicas e suas (re)significações em Campos dos Goytacazes/RJ	Freire, J.	D10
Silva, P. A. I. F.	Vivências negras e trabalho do cuidado: uma análise consubstancial sobre as trajetórias de mulheres negras no mercado de trabalho em Campos dos Goytacazes/RJ	Almeida, É. T. V.	D11
Viana, A. S.	Periferia segregada: um estudo sobre os processos sócio-espaciais no Jockey Club	Rodrigues, G. B.	D12
Vianna, M. C.	Vozes e o silenciamento das escolas rurais: um balanço da educação do campo em Campos dos Goytacazes/RJ	Malagoli, M. A. S.	D13

Fonte: elaborado pelo autor.

O *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* define a dissertação como “documento escrito, científico, técnico ou literário, apresentado a uma banca examinadora para obtenção, em geral, do grau de mestre” (CUNHA; CALVALCANTI, 2008, p. 130). As dissertações de mestrado são documentos que, por um lado,

desempenham a função de comunicar os resultados de uma pesquisa e, por outro, materializam o resultado de práticas documentárias de formação de mestres na universidade. Sob a perspectiva arquivística, a dissertação pode ser analisada como documento probatório e proveniente de atividades de formação de estudantes de pós-graduação em determinada instituição de ensino superior. Do ponto de vista de seu conteúdo, as dissertações se caracterizam por demonstrar domínio sobre um tema através de uma sistematização sobre determinado assunto.

A preparação do *corpus* seguiu os critérios utilizados por Guedes (2010), que estão de acordo com as sugestões de Goffman ao orientar a pesquisa de Pao (1978). Dessa forma, ficaram estabelecidas as convenções:

1. excluir: títulos dos artigos, nomes, afiliações e títulos dos autores, resumos, palavras-chave, sumários, referências, notas de rodapé, bibliografias, agradecimentos, tabelas, gráficos, ilustrações, diagramas, equações e pontuação, números de páginas.
2. considerar citações como parte dos textos e formas flexionadas das palavras como palavras distintas.

Foi preparado um arquivo de texto (txt) para cada um dos textos analisados. Cada um ao seu turno, todos os textos foram submetidos à contagem de frequências de palavras por meio da utilização do *software Hermetic Word Frequency Counter*, desenvolvido pela empresa Hermetic Systems.

Algumas alterações foram necessárias devido às diferenças dos *softwares* utilizados para contagem de palavras. Pao (1978) não explicita o *software* utilizado para contagem de palavras. Guedes (2010), Santos (2016) e Mello (2017) utilizaram o *RankWords 2.0*, que não está mais disponível para *download*. Sendo assim, procurou-se uma alternativa que atendesse às funcionalidades necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Foi encontrado o aplicativo *Hermetic Word Frequency Counter* (WFC) que produz a contagem e o *ranking* de palavras. Uma das características do WFC é que o *software* não conta palavras com uma ou duas letras. A funcionalidade altera os produtos investigados nos estudos anteriores. Essas características do *software* são tomadas como mais uma variável da pesquisa a ser considerada na análise dos resultados. Urbizagástegui Alvarado e Restrepo Arango

(2011) usam o WFC para processar o *corpus* para aplicação das leis bibliométricas de Zipf e do ponto de transição de Goffman.

O *software* produz três colunas assim distribuídas: (a) palavras; (b) frequência em ordem decrescente de ocorrência e (c) *rank* das palavras. A coluna (a) diz respeito às palavras ocorrentes no texto. A coluna (b) se refere à quantidade de vezes em que as palavras ocorrem no texto. A coluna (c) indica a posição que a palavra ocupa em relação ao total de palavras, considerando a sua frequência. Os resultados foram transpostos para o Google Planilhas para cálculo e aplicação das técnicas bibliométricas.

Efetuaram-se cálculos matemáticos e estatísticos a partir do transporte dos resultados obtidos no WFC para o Google Planilhas, para a projeção dos seguintes produtos:

- total de palavras: calculado mediante a soma da frequência (f) de palavras distintas;
- total de palavras distintas: corresponde ao último número da ordem de série (r);
- o ponto transição: definido pela aplicação da equação de Goffman;
- região de transição: definida pela projeção para baixo do mesmo número de palavras acima da ponto de transição.
- *ranking* das palavras relevantes.

A delimitação da região de transição, pela projeção acima do mesmo número de palavras que ocorreram abaixo do ponto de transição, permitiu a identificação de palavras relevantes aos temas e aos subtemas abordados nos textos componentes do *corpus*. Os substantivos, os adjetivos e os verbos na região de transição foram selecionados para análise por serem mais representativos do conteúdo dos documentos e, por isso, são considerados palavras relevantes. Foram ignoradas todas as palavras pertencentes às classes advérbios, conjunções, preposições e verbos auxiliares. Essas palavras na região de transição não são consideradas relevantes porque não podem representar o conteúdo do documento para efeitos desta pesquisa. Dito de outro modo, não dá para dizer que palavras

muito frequentes nas regiões de transição, como *porém*, *que* e *onde*, podem representar os temas das dissertações analisadas.

Abaixo há um exemplo da aplicação dos procedimentos metodológicos na dissertação de Ives da Silva Duque-Pereira, sob orientação da Profa. Dra. Maria Gabriela Scotto. Duque-Pereira (2018) analisa as imagens fotográficas presentes em três planos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro, entre 2009 e 2020, quando a cidade recebeu muitos investimentos. O quadro 13 apresenta os principais índices calculados em D01: total de palavras; média de repetição de palavras; total de palavras distintas; percentual de palavras distintas em relação ao total; palavras distintas na região de transição; percentual de palavras distintas na região de transição; palavras na região de transição; concentração de palavras na região de transição; e cálculo do ponto de transição.

Quadro 13. Análise bibliométrica na dissertação de Duque-Pereira (2018)

Dissertação 1 - Duque-Pereira (2018)			
16423	Total de palavras	3,57	Média de repetição de palavras
4595	Total de palavras distintas	27,98%	Palavras distintas em relação ao total (%)
32	Palavras distintas na região T	0,70%	Palavras distintas na região de T (%)
3402	Palavras na região T	20,71%	Concentração de palavras na Região T (%)
Ponto T de Goffman			
-1	Elementos da fórmula do Ponto T de Goffman		
1			
2			
2692	Frequência 1		
72,88	Ponto de Transição		

Fonte: elaborado pelo autor.

A dissertação 1 (D01) reúne um total de 16423 palavras, contendo 4595 palavras distintas que equivalem a aproximadamente 27,98% do total de palavras. A frequência média por palavra, isto é, o índice médio de repetição de cada palavra no texto analisado é de aproximadamente 3,57.

Quadro 14. Palavras na região de transição da dissertação de Duque-Pereira (2018)			
Palavra	<i>f</i>	<i>r</i>	<i>c</i>
uma	350	1	350
para	298	2	596
como	272	3	816
cidade	256	4	1024
com	191	5	955
por	164	6	984
imagem	160	7	1120
imagens	132	8	1056
das	111	9	999
rio	106	10	1060
plano	103	11	1133
não	100	12	1200
ser	83	13	1079
sua	77	14	1078
são	76	15	1140
planejamento	73	16	1168
pela	69	17	1173
produção	64	18	1152
assim	62	19	1178
sobre	61	20	1220
marketing	60	21	1260
janeiro	57	22	1254
urbano	55	23	1265
estratégico	50	24	1200
pelo	49	25	1225
entre	48	26	1248
partir	48	27	1296
espaço	46	28	1288
seus	46	29	1334
foi	45	30	1350
fotografia	45	31	1395
nesse	45	32	1440

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro 14, mostra a contagem de palavras, a frequência, o *rank* e a constante na análise de D01. O ponto de transição localiza-se aproximadamente na frequência 73 (72,88). Pela projeção para baixo do mesmo número de palavras que ocorre da frequência 73 (onde ocorre a palavra *planejamento*), um total de 32 palavras é identificado. Na região de transição, são encontrados 18 itens como preposições, artigos, conjunções, pronomes e verbos auxiliares. Essas palavras foram excluídas, uma vez que o objetivo do estudo é a investigação das palavras relevantes na região de transição. Foram encontrados os itens *cidade, imagem, imagens, rio, plano, planejamento, produção, marketing, janeiro, urbano, estratégico, partir, espaço* e *fotografia*. Com exceção do verbo *partir*, as palavras encontradas são relevantes aos temas e aos subtemas abordados no texto em análise e, exceto *fotografia*, integram o título e/ou o resumo e/ou as palavras-chave da D01.

Os títulos, os resumos e as palavras-chave de cada uma das dissertações foram examinados para identificar as palavras na região de transição que integram esses textos documentários. Às palavras que compõem o título, o resumo e as palavras-chave são atribuídos maiores pesos de relevância porque são selecionadas para representar o documento em sistemas documentários. Essas palavras foram sinalizadas para facilitar a visualização das ocorrências com, supostamente, maior peso de relevância.

As palavras relacionadas às expressões “planejamento urbano e regional”, “desenvolvimento”, “ambiente” e “políticas públicas” e suas flexões e derivações foram sublinhadas no sentido de destacar a adesão das dissertações aos eixos temáticos do projeto PPGDAP e da área do conhecimento Planejamento Urbano e Regional e Demografia, da CAPES.

4.4 *Discussão de resultados*

A observação das palavras relevantes em dissertações de mestrado permitiu uma imagem geral da produção discente da primeira turma do PPGDAP. Nesse sentido, são apresentados resultados das análises qualitativas dos totais de palavras no texto completo e na região de transição. Na sequência, apresentam-se as palavras relevantes ocorrentes na região de transição de cada uma das dissertações e então tecemos observações sobre a ocorrência dessas palavras. Para

ir além na análise, as palavras identificadas como relevantes são agrupadas em quatro categorias analíticas, o que permite um quadro explicativo mais amplo sobre a produção discente do PPGDAP, em 2018.

Tabela 3. Total de palavras nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)

	Texto completo				Região de transição				
	Total de Palavras	Palavras distintas	Palavras distintas (%)	Repet. palavras	Ponto T	Total de Palavras	Palavras distintas	Palavras distintas/ total (%)	Concent. de palavras
D01	16423	4595	28,0%	3,6	72,9	3402	32	0,7%	20,7%
D02	15430	3626	23,5%	4,3	60,8	3915	44	1,2%	25,4%
D03	20250	5344	26,4%	3,8	78,1	4228	36	0,7%	20,9%
D04	16560	4489	27,1%	3,7	70,1	3070	36	0,8%	18,5%
D05	15543	4439	28,6%	3,5	70,5	2515	26	0,6%	16,2%
D06	14757	3741	25,4%	3,9	64,5	3118	36	1,0%	21,1%
D07	25330	6153	24,3%	4,1	82,4	4317	44	0,7%	17,0%
D08	20192	4173	20,7%	4,8	65,6	6480	72	1,7%	32,1%
D09	17769	4173	23,5%	4,3	67,0	4694	54	1,3%	26,4%
D10	21166	5140	24,3%	4,1	74,2	4945	44	0,9%	23,4%
D11	35441	6943	19,6%	5,1	84,5	11625	96	1,4%	32,8%
D12	24398	4578	18,8%	5,3	67,8	8080	82	1,8%	33,1%
D13	25800	5323	20,6%	4,8	75,0	7329	60	1,1%	28,4%
Média	20192	4578	24,3%	4,1	70,5	4317	44	1,0%	23,4%

Fonte: elaborado pelo autor.

O total de palavras variou entre 14757 (D06) e 35411 (D11) e manteve uma média de 20192. O total de palavras distintas variou entre 3626 (D02) e 6943 (D11) e a média foi 4578. A concentração de palavras distintas variou entre 18,8% (D12) e 28,6% (D05) e a média foi 24,3%. O índice de repetição de palavras variou entre 3,5 e 5,3 e a média foi 4,1 (Tabela 3).

Os índices na Tabela 3 não permitem identificar nenhuma regularidade a respeito do total de palavras em uma dissertação de mestrado. No entanto, a análise da quantidade de palavras nos permite afirmar que a dissertação é um documento mais extenso que o resumo, a carta e o artigo, gêneros analisados pelas outras pesquisas. Isso trouxe algumas implicações na aplicação dos procedimentos metodológicos para observação da frequência de palavras em textos suficientemente longos.

Gráfico 11 - Totais de palavras nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 12 - Totais de palavras na região de transição nas dissertações de mestrado do PPGDAP/UFF (2018)

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao observar os índices do texto completo e na região de transição, o total de palavras é maior que o total de palavras distintas. Essa ocorrência explica-se porque poucas palavras são utilizadas muitas vezes, de modo que são poucos itens com alta frequência no texto. Tal fato corrobora o princípio do menor esforço, que fundamenta as leis bibliométricas de Zipf (Gráfico 11 e 12).

A sequência de palavras distintas dos artigos apresentam duas modas, 36 (D03, D04, D06) e 44 (D02, D07 e D10). A bimodalidade pode indicar regularidade de 36 a 44 palavras na região de transição em dissertações de mestrado, o que pode caracterizar aspectos intrínsecos do documento. Em outras palavras, esses resultados indicam que é comum que as dissertações apresentem entre 36 e 44 palavras na região de transição. Esse valor pode estar relacionado ao tamanho do texto e/ou às características do programa de pós-graduação.

O índice de palavras distintas na região de transição variou entre 0,6% (D05) e 1,8% (D12) e a média foi 1,0%. O índice de concentração de palavras na região de transição em relação ao total de palavras variou entre 16,2% e 33,1% e a média foi 23,4%. Esses índices corroboram o princípio do menor esforço postulado por Zipf (1949), uma vez que indicam alguma regularidade dos autores ao evitar o uso repetido de palavras em seus textos.

A D11 foi a única dissertação que se distanciou muito da média de total de palavras, de total de palavras distintas, no texto completo e na região de transição. D11 apresenta 35441 palavras no texto enquanto a média de palavras nas dissertações analisadas foi 20192. Logo, a D11 tem 75,6% mais palavras que a média de total de palavras, o que consideramos uma ocorrência incomum. Tal fato nos levou a analisar individualmente a dissertação e a observar que Pauline Aparecida Ildefonso Ferreira da Silva (2018) estuda trajetórias de mulheres negras no mercado de trabalho em Campos dos Goytacazes. No texto da dissertação, há transcrições de trechos de cinco entrevistas semiestruturadas, concedidas à pesquisadora, sobre as vivências em trabalhos de cuidado. A nossa hipótese é que as falas das entrevistadas trazem palavras distintas e não comuns ao gênero acadêmico hegemônico, de maneira que tenham acrescentado uma margem de palavras diferentes das mais comuns em dissertações de mestrado. Vale observar que as convenções de análise de nosso estudo consideram as transcrições de

entrevistas como partes do texto. Talvez seja por isso que o total de palavras e o total de palavras distintas no texto tenham apresentado um desvio em relação às demais dissertações. Essa ocorrência pode ser comum em outros textos acadêmicos que apresentem transcrições de entrevistas.

A observação da frequência de palavras relevantes em textos longos permite identificar os temas presentes nos *corpora*. Em nosso caso, podemos chegar a uma imagem geral das dissertações da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP). O quadro 15 apresenta as palavras relevantes presentes na região de transição em cada uma das dissertações analisadas.

Sublinhamos no quadro todas as palavras com referência à área do conhecimento do programa do PPGDAP. São palavras com referência aos termos *planejamento urbano, planejamento regional, desenvolvimento, ambiente e políticas públicas*. Nas regiões de transição de todas as dissertações, ocorreu, ao menos, uma palavra com referência a algum desses termos. Dessas palavras, *desenvolvimento* é a mais ocorrente (6 ocorrências), o que evidencia a inserção do PPGDAP na disputa da definição de fins e meios para ação humana em escala regional. Considerando as derivações de número e gênero, urbano (*urbano* e *urbana*) é a segunda palavra mais frequente nas regiões de transição (7 ocorrências), seguida de *políticas* (*política* e *políticas*) e públicas (*pública, públicas* e *público*), com 6 ocorrências. A presença dessas palavras evidencia a aderência das pesquisas do PPGDAP ao programa de investigação da área Planejamento Urbano e Regional e Demografia, na CAPES. Entretanto, cabe observar que a questão ambiental, embora seja enfatizada na área de concentração do programa, está presente em apenas uma dissertação (D05) em que ocorrem *ambiente* e *ambiental* na região de transição de palavras relevantes.

Quadro 15. Palavras relevantes na região de transição das dissertações defendidas no PPGDAP/UFF em 2018

D01	cidade , imagem, imagens , rio , plano , <u>planejamento</u> , produção, marketing , janeiro , <u>urbano</u> , estratégico , espaço , fotografia
D02	agricultores , prona , agricultura , familiar , crédito , rural , familiares , programa , produção , acesso , recursos , <u>desenvolvimento</u> , dificuldades , <u>políticas</u> , financiamento , <u>política</u> , social, processo , agricultor, parte, estado, brasil , <u>públicas</u> , agrícola, grande, renda, total, meio
D03	segurança , <u>pública</u> , <u>políticas</u> , local, município , reuniões , estado , campos , polícia, <u>público</u> , municipal , reunião, social, ações , civil , poder , governo, sociedade , instituições
D04	<u>ambiental</u> , município , <u>urbano</u> , <u>ambiente</u> , Miracema , plano , meio , cidade, urbana , processo , planejamento , <u>desenvolvimento</u> , diretor , ocupação, participação, relação, urbanização, lei, municipal, população
D05	paisagem , cidade, usina , campos , <u>urbano</u> , ação , produção , espaço , social, década, bairro
D06	porto , município , são , produção , atividades, petróleo , joão , barra , portos, açu , <u>desenvolvimento</u> , empresas, processo , trabalho , construção , estado , relação, região , período, anos
D07	cidade , espaço , <u>urbano</u> , campos , bairro , modo , <u>região</u> , produção, urbana , poder, capital, segundo , parque , vez , vida , processo , construção, município , áreas
D08	cidade , espaço , itaperuna , bairro, pessoas, centro, segregação , parte, território, zona, classe, social, <u>urbano</u> , área, grande, <u>região</u> , áreas, casas, bairros , município, entrevistado, poder, sociais, moradores, realidade, pobres, processo, rio , produção, santos, segundo, elite, modo, <u>urbana</u> , forma
D09	educação , desigual , <u>desenvolvimento</u> , ensino , pessoas , brasil , nível, negros , renda , anos , forma, social , escolaridade , níveis , racial , população, sociedade , brancos , trabalho, capital, cor , desigualdade , indivíduo , educacional , raça , crescimento , países, aumento, econômico, brasileiro
D10	<u>desenvolvimento</u> , campos , cidade , gente, empresário, momento, trabalho , sociedade, jornais
D11	trabalho , mulheres , relações , negras , mercado , social , classe , sociais , segundo , negra , gênero , mulher , forma , raça , vida , sociedade, <u>políticas</u> , brasil , cidade , campos , sentido, racismo, processo , trabalhadores, <u>públicas</u> , desigualdades , questão, formas, entrevistada , gente, produção , novas, tempo , conceito, força, inserção , pesquisa , negros, relação, trabalhadora , homens, pensar, população, racial, serviços, doméstico, mundo, <u>política</u> , direitos
D12	espaço , condomínios , moradores , bairro, morar , condomínio, cidade, periferia , <u>urbano</u> , segregação , <u>urbana</u> , processo, Jockey , feliz , fechados , partir , áreas, conjunto, dinâmica , habitacional, município, campos , poder, entrevistada, social, sociais , serviços, club , estudo , expansão, agentes , outros, violência, imobiliários , infraestrutura , processos , terra, empreendimentos, acordo, população, <u>público</u> , relação, uso, forma
D13	campo , educação , estado, escola, escolas , <u>política</u> , <u>políticas</u> , rural, sociais , ações , partir , sociedade, ensino , trabalho , <u>pública</u> , <u>públicas</u> , trabalhadores, rurais , terra , movimento , construção , forma , sentido, processo, vida, formação , municípios, campos , <u>desenvolvimento</u> , educadores, projeto

Legenda:

a : palavras que integram o título, o resumo e as palavras-chave da dissertação.

a : palavras que compõem a área de concentração do PPGDAP e área de Planejamento Urbano e Regional e Demografia da CAPES.

Fonte: elaborado pelo autor.

A observação da ocorrência das palavras na região de transição nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave contribui na identificação de temáticas relevantes para as pesquisas. Os resultados, porém, indicaram que os títulos, os resumos e as palavras-chave podem não ser eficazes na representação das dissertações. A D01, por exemplo, apresenta uma análise das imagens fotográficas dos planos diretores da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o título, o resumo e as palavras-chave não integram as palavras *imagem*, *fotografia* e *produção*, as quais estão entre as palavras mais frequentes da dissertação. A ausência dessas palavras no título, no resumo e nas palavras-chave é uma evidência de que a dissertação pode não estar bem representada por esses textos documentários. Por outro lado, o resumo de D01 contém os itens *imagens* e *fotográfica*, que são derivações de *imagem* e de *fotografia*.

É razoável observar que o resumo de D01 contém a palavra *imagens* que é representativa do texto. Os procedimentos metodológicos deste estudo limitam-se ao não prever controle terminológico no *corpus*, de maneira a não considerar casos de homonímia, sinonímia e homografia. A padronização de termos cuidaria dos casos de variações de número e de gênero, como no caso de *imagem/imagens* (D01), de *reunião/reuniões* (D03) e de *negra/negras/negro/negras* (D11).

Observamos no quadro a ocorrência da palavra *gente* em D10 e D11. O caso de D11, mencionado anteriormente pela extensa margem de total de palavras e de palavras distintas em relação à média, possivelmente está associado à transcrição de entrevistas presentes nos textos das dissertações. Uma palavra que pertence a essa margem é *gente*, um substantivo feminino que pode significar grupo de pessoas, um conjunto de pessoas que têm algo em comum, um número indeterminado de pessoas, um povo e ou uma população. Essas definições não se aplicam nas ocorrências nas dissertações em que *gente* aparece precedido de artigo definido (a gente), equivalente ao pronome *nós*. Essa construção muito comum na linguagem coloquial é ocorrente nas transcrições das entrevistas. D10 entrevista empresários da cidade e um entrevistado faz uso de uma série de palavras que, geralmente, não integram o discurso acadêmico, como no exemplo:

[...] Fazia eventos e quase todos daquela época era feito **pela gente**, pelo GranRio. **A gente** fez o maior campeonato de surf de Campos, o "Hot Surf" [...] **a gente** trouxe o Cazuza em um fim de semana, no

Grussaí [...] Motocross Nacional de enduro, beira de areia. Trouxemos os principais surfistas do Brasil. Tinha uma Kombi com computador na beira da praia. Na época existia a garota do fantástico e quem coordenava isso era um campista chamado Denis Jô, muito amigo de Caquinho e nós fizemos um concurso da garota Hot Surf que vieram novos talentos da Globo. Foi uma coisa a nível nacional! [...] (Trecho de entrevista em SILVA, L. S., 2018, p. 56, grifo nosso).

Assim como *gente*, outros itens como *Cazuza*, *enduro*, *fantástico*, *garota*, *motocross* e *surf* são exemplos de palavras distintas em uma dissertação que discute o setor empresarial em Campos dos Goytacazes, na perspectiva da área de planejamento urbano e regional. Observamos que nas transcrições das entrevistas é possível que se abra uma margem de palavras distintas que contenham palavras que não fazem parte do gênero acadêmico hegemônico em determinado domínio do conhecimento. O mesmo pôde ser visto em D11, em que uma assistente social comenta a entrada de pessoas negras nos espaços de formação universitária:

Então, de eu não perder isso, de não deixar isso se perder no dia a dia, nos outros compromissos de trabalho, de conseguir manter essa centralidade lá, de sair e voltar pra lá, porque eu acho isso muito importante, de entender o que minha família passou e aonde **a gente** tá chegando, pra mim é muito importante. Eu estou no mestrado e tenho um primo que está se formando engenheiro esse ano, então assim, são várias conquistas que meus avós estão vendo agora, de coisas que foram lá atrás, na década de sessenta e estar vendo que isso tá frutificando e como que **a gente** vai fazer isso caminhar, porque eu acho que isso tem muita relação com quem responde esse questionário, que é cotista. **Da gente** entender essa importância de como quando **a gente** chega em determinado patamar, **a gente** consegue reproduzir isso pros nossos, sempre com o desejo do mais. E **a gente** consegue fazer isso, por isso que a lei de cotas é tão importante pra fazer minimamente uma geração se formar pra que outra geração consiga se pensar se formando, que é a geração dos filhos, dos netos e que isso se reproduza pra que **a gente** um dia não precise mais ter isso, mesmo num contexto de desigualdade. (Depoimento de M., 24 anos, assistente social em SILVA, P. A. I. F. da, 2018, p. 131).

As palavras diferentes das comuns no gênero acadêmico hegemônico chamam atenção para um efeito da expansão das universidades e a mudança no perfil discente. Como indica o depoimento da entrevistada por Silva (2018), o ingresso de novos grupos sociais na universidade traz a necessidade desses grupos relatarem a sua própria história e falarem de suas próprias vivências. Um dos

resultados disso é a emergência de temas jovens na pesquisa, isto é, temas que ainda são recentes nos programas de pesquisa das universidades.

Na primeira turma do PPGDAP, por exemplo, vemos dois trabalhos que discutem a questão racial. Elvia Alvarenga Fagundes da Silva (2018) analisa a desigualdade educacional brasileira sob uma perspectiva da raça, considerando, também, as diferenças regionais (D10), enquanto Pauline Aparecida Idelfonso Ferreira da Silva (2018) discute vivências de mulheres negras no mercado de trabalho em Campos dos Goytacazes (D11). Vale a pena acrescentar que há uma continuidade dessa discussão no PPGDAP nos anos seguintes. Manuelli Batista Ramos (2020) investiga as resistências e as coexistências dos movimentos negros em Campos dos Goytacazes, sob o prisma do racismo institucional. Os assuntos em torno da raça são novos na universidade e estão relacionados com as políticas educacionais de inclusão que favoreceram o ingresso de pessoas negras na universidade e estas, por sua vez, passam a produzir conhecimento a partir de suas vivências. Essa é uma evidência material das transformações da universidade após as políticas educacionais de expansão e de inclusão, refletida nas temáticas das pesquisas do PPGDAP. Todavia, a expansão das pesquisas sobre questão racial não cresceram apenas em função das políticas de educação, mas também estão associados aos debates levantados por movimentos sociais na esfera pública.

Santos ocorre com frequência na região de transição de D08. Neste caso, *santos* refere-se ao sobrenome do geógrafo Milton Santos, que compõe um dos principais referenciais teóricos da pesquisa. A observação das palavras frequentes poderia contribuir para a identificação de sobrenomes de autores citados em textos acadêmicos. Todavia, apenas em D06 ocorre um nome próprio familiar na amostra analisada.

Os itens são separados do contexto frasal que lhe dá significado após o processamento do *corpus* e da contagem de palavras. Os termos compostos são separados de modo que outras palavras homógrafas podem ser contabilizadas sem que sejam consideradas as nuances da semântica. É o caso do nome do município São João da Barra, em que na contagem aparecem *são, joão, barra*. O item *são* pode ser usado antes do nome masculino de um santo iniciado por consoante, como em São João e São Tomé. No entanto, *são* também é a conjugação da terceira pessoa

do plural do presente do indicativo do verbo ser, que, por se tratar de um verbo de ligação, não é considerada uma palavra relevante para efeitos desta pesquisa. Portanto, algumas ocorrências de *são* não dizem respeito a São João da Barra, mas a outras formas homógrafas.

Como na análise de trabalhos de conclusão de curso, descrita na seção 3, utilizamos quatro categorias para auxiliar uma análise das palavras relevantes mais frequentes. Logo, identificamos na região de transição palavras com referência a lugar, tempo, grupo social e instituições. Dessa forma, chegamos ao quadro 16.

Quadro 16. Distribuição em categorias de palavras relevantes na região de transição nas dissertações do PPGDAP/UFF (2018)				
	Lugar	Tempo	Grupo social	Instituições
D01	cidade, rio, janeiro, urbano			
D02	rural, brasil		agricultores, agricultor	
D03	local, município, campos			polícia, governo, instituições
D04	município, urbano, Miracema, cidade, urbana			
D05	cidade, campos, urbano, bairro	década		usina
D06	município, são, joão, barra, açu, estado, região	período, anos		porto, portos, empresas
D07	cidade, urbano, <i>campos</i> , bairro, região, urbana, parque, município			
D08	cidade, itaperuna, bairro, centro, zona, urbano, região, bairros, município, rio, urbana		pessoas, moradores, pobres, elite	
D09	brasil, países	anos	pessoas, negros, brancos	
D10	<i>campos</i> , cidade		empresário	
D11	brasil, cidade, campos, mundo		mulheres, negras, negra, mulher, trabalhadores, negros, trabalhadora, homens	
D12	bairro, cidade, periferia, urbano, urbana, Jockey, município, campos, club		moradores	condomínios, condomínio
D13	campo, municípios, <i>campos</i>		trabalhadores, educadores	escola, escolas

Fonte: elaborado pelo autor.

A categoria lugar acolheu os substantivos próprios que diziam respeito tanto a lugares específicos, como Itaperuna e Miracema, municípios do Rio de Janeiro, quanto a substantivos comuns que denotam lugares indeterminados como bairro, centro e cidade. Também selecionamos para esta categoria os adjetivos que denotam lugares, como urbano e rural. Todas as variações foram consideradas, como nos casos de urbano e urbana.

Lugar foi a categoria que mais acolheu palavras e a única que apresentou itens em todas as dissertações do *corpus* analisado. Essa ocorrência indica que o recorte geográfico é essencial para as pesquisas em planejamento urbano e regional, no contexto do PPGDAP. Vale a pena observar que tratam-se, em geral, de lugares pouco pesquisados, o que pode caracterizá-los como temas geográficos jovens. São os casos de Açu, Itaperuna, Jockey Club, Miracema, São João da Barra e Parque Tamandaré. Essas dissertações podem representar os estudos pioneiros desses lugares nas perspectivas abordadas.

Assim como nos tcc, a escala regional se caracteriza por concentrar-se no estado do Rio de Janeiro, sobretudo no Noroeste e no Norte Fluminenses. Há trabalhos sobre municípios das duas mesorregiões. Chamamos a atenção para os estudos sobre bairros, como o Jockey Club e o Parque Tamandaré, em Campos dos Goytacazes, e sobre os bairros de Itaperuna. São recortes muito específicos que caracterizam as dissertações pelo ineditismo na sistematização sobre os recortes regionais ainda não investigados ou pouco explorados em pesquisas acadêmicas.

As palavras *bairro*, *cidade*, *países*, *mundo* e seus referentes e variações indicam uma escala que contempla diferentes configurações regionais. O recorte estadual pode ocultar-se na observação de palavras na região de transição, visto que estado pode denotar uma unidade federativa, mas também remete a Estado, palavra-chave nos domínios das ciências políticas e das políticas públicas. A amostra, contudo, não contém nenhuma dissertação cujo recorte de pesquisa seja algum estado da federação ou de qualquer outro país.

Por outro lado, a observação de ocorrência de palavras frequentes mostrou-se insatisfatória para identificar itens relacionados ao tempo. Apenas D05, D06 e D09 apresentaram palavras na região de transição com referência ao tempo

(*década, período, anos* e *anos*). Contudo, essas palavras são imprecisas para representar esses documentos, isto é, pouco dizem sobre o conteúdo das dissertações. Não podemos dizer que a palavra *década* seja eficaz para representar a dissertação D05 e o mesmo pode dizer-se sobre *período* e *anos* para D06. A baixa frequência de marcadores de temporalidade pode ocorrer porque o tempo, em geral, pode vir descrito por numerais e algarismos, os quais não costumam apresentar frequência suficiente para ocorrerem nas regiões de transição de palavras relevantes.

Figura 43. Chaves de armário da BUCG

Fonte: Acervo BUCG.

Algumas das dissertações em análise definem, em seus resumos, o recorte temporal da investigação. D01 avalia a produção de imagens fotográficas dos planos diretores da cidade do Rio de Janeiro, de 2007 a 2020. D07 estuda transformações no espaço urbano no Parque Tamandaré, entre 2000 e 2017. D09 analisa a questão da raça na desigualdade social brasileira no contexto educacional, no período entre 2001 e 2015. D11 examina documentos sobre relações sociais, sob os prismas de raça e de gênero, publicados entre 2005 e 2017. D08 define os “dias

atuais” como recorte, na análise formação urbana de Itaperuna. Em geral, é possível perceber que as pesquisas apresentam recortes temporais relativamente recentes e, de alguma forma, conectados ao presente em que foram desenvolvidas. Esse aspecto desenha-se em paralelo à coleção de tcc da UFF Campos, particularmente, de serviço social, caracterizada por análises de realidades contemporâneas ao desenvolvimento das pesquisas.

No que diz respeito aos grupos sociais, a observação da frequência de palavras relevantes mostrou-se, parcialmente, satisfatória. Foi possível identificar palavras significantes de grupos sociais distintos como agricultores, brancos, educadores, elite, empresários, moradores, mulheres, negros, pobres e trabalhadores. Para todos esses documentos, essas palavras podem ser consideradas relevantes para representação de grupos sociais nas temáticas das dissertações defendidas no PPGDAP. Alguns grupos sociais, contudo, não ocorreram na região de transição. D10 apresenta uma pesquisa junto a empresários, gestores públicos e pesquisadores, estes dois últimos grupos não ocorreram na região de transição. Em D13, *camponeses* não ocorreu na região de transição, apesar de denotar um grupo social relevante para a pesquisa que trata da educação no campo. Por outro lado, D02 inclui *agricultores* na região de transição que é uma palavra que denota o grupo social pesquisado na dissertação. O mesmo ocorre em D09 e D11 em *brancos*, *mulheres*, *negras* e *negros* remetem a grupos sociais analisados nas investigações.

Por outro lado, algumas dissertações prescindem do recorte de grupo social. Por exemplo, D01 e D04 são dois exemplos de pesquisas que dispensam o recorte de grupo social, uma vez que investigam planos diretores dos municípios Rio de Janeiro e Miracena, respectivamente. D03 também prescinde da categoria grupo social ao analisar a administração institucional de conflitos no âmbito da segurança pública em Campos dos Goytacazes. As análises recaem mais sobre o lugar do que as pessoas e os grupos que habitam esse local. Nesses casos, a ausência de palavras que denotam grupos sociais é uma evidência da eficácia da observação de palavras na região de transição.

Por fim, na categoria instituição ocorre uma diversidade de palavras que representam nenhuma organização específica. São os casos de *condomínio*,

empresas, escola, governo, polícia, porto e usina. As palavras permitem mapear o alcance das pesquisas na aplicação em instituições na região sem possibilitar a identificação das instituições investigadas. A palavra *usina*, por exemplo, não deixa preciso de que usina se trata, tampouco o tipo de usina abordado. Em outro caso (D06), é possível associar *porto* ao resultado da categoria *lugar*, em que ocorrem *são, joão, barra e açu*, das quais é razoável a dedução de que a dissertação trata do Porto do Açú, em São João da Barra.

Em geral, as palavras ocorrentes na região de transição não permitiram identificar com eficácia as instituições analisadas pelas pesquisas. São os casos do Conselho Comunitário de Segurança (D03), da Usina do Queimado Açúcar e Álcool Ltda. (D05), do condomínio Morar Feliz (D12) e do Coletivo Educação do Campos (D13). Todavia, D01, D02, D04, D07, D08, D09, D10 e D11 são investigações que não têm uma instituição como objeto de pesquisa.

No Quadro 16, nenhuma das dissertações atendeu a todas as categorias concebidas para análise. As palavras relevantes distribuíram-se de uma a três categorias, sendo *lugar* a única ocorrente na região de transição de todas as dissertações. A leitura em linha, por outro lado, permite identificar as temáticas das dissertações e o escopo das pesquisas no PPGDAP. Como no caso de D12, em que é possível identificar que trata-se de um estudo com moradores de condomínios no bairro Jockey Club, em Campos dos Goytacazes.

5.5 Considerações

Este estudo de dissertações de mestrado apresentou os resultados da observação de aspectos extrínsecos e intrínsecos da linguagem acadêmica nas dissertações defendidas em um programa de pós-graduação. As leis bibliométricas de Zipf e a delimitação do ponto de transição de Goffman, com base na experiência de Miranda Lee Pao (1978), foram utilizadas para investigar as dissertações de mestrado, sob um ponto de vista bibliométrico e documental. A investigação focaliza a contribuição da biblioteconomia e da ciência da informação em contextos interdisciplinares em universidades públicas brasileiras. Além disso, propomos uma narrativa sobre o percurso de investigações sobre as leis bibliométricas de Zipf no contexto brasileiro de pesquisa em ciência da informação.

O contexto de experiência de Miranda Pao (1978) é muito distinto das outras pesquisas mencionadas assim como da presente investigação. Pao desenvolve um experimento bibliométrico, no âmbito da corrente da teoria matemática da informação, com vistas a otimizar os processos de indexação automática e semiautomática. Enquanto isso, tanto Guedes (2010) quanto Santos (2016) e Mello (2017) reproduzem o experimento bibliométrico propondo quadros explicativos fundamentados em teorias derivadas dos contextos institucionais de pesquisa e de acordo com suas hipóteses, questões e aplicações. Não nos cabe aqui reproduzir ou avaliar cada uma dessas pesquisas, mas utilizamos cada uma delas para nos inspirar na análise dos documentos produzidos pela comunidade discursiva do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas da UFF Campos. Nesse sentido, buscamos aproximar as alas mais matemáticas da ciência da informação ao contexto de ciências sociais, de maneira a recontextualizar a utilidade dos estudos métricos em outros quadros explicativos na intenção de envolver outras variáveis.

O experimento bibliométrico de Pao (1978) insere-se no que tem sido amplamente denominado como paradigma físico da ciência da informação. Segundo esse paradigma, a informação é um fenômeno objetivo e pode ser estudada cientificamente, sem considerar as dimensões do sujeito informacional. Araújo (2018a) delinea um presente e indica um futuro em que as dimensões subjetiva e social da informação são consideradas nas pesquisas e nos estudos sobre os fenômenos informacionais. Nesse cenário recente, Guedes (2010), Santos (2016) e Mello (2017) apresentam elementos em diferentes ambientes de informação, pois indicam sujeitos, organizações, documentos e meios e recursos preferenciais de comunicação.

Guedes (2010) examina os artigos de periódicos em dois domínios específicos de conhecimento de modo a identificar variáveis e regularidades do discurso acadêmico de duas comunidades discursivas. A análise da autora recai sobre o domínio e a escrita científica editada em artigos de periódicos, a partir de uma múltipla relação estabelecida entre ambos. Ao focar a análise sobre as palavras do ponto de vista da teoria lexical, percebemos em Guedes uma sugestão

da própria língua como um dispositivo *regulador de e regulado por* agentes nos diversos domínios analisados em sua pesquisa.

Santos (2016) direciona a atenção às correspondências científicas de um ator específico, o cientista Adolpho Lutz, para identificar a rede de colaboração ou o colégio invisível em torno da medicina tropical. As práticas de pesquisa e a documentação e a comunicação de resultados refletem e são refletidas nas correspondências que, na época, consistiam meios preferenciais de informação e comunicação para cientistas. Destacamos em Santos a observação nos indivíduos (agentes), nos discursos produzidos pelos mesmos e nas relações estabelecidas entre si na formação de uma rede de pesquisa de dado domínio do conhecimento.

Por sua vez, Mello (2017) analisa uma instituição de ensino e pesquisa. A autora verifica a relação de dissertações e de teses com outros documentos do programa de pós-graduação analisado. Dessa maneira, a autora indica possibilidades de compreensão sobre um domínio institucional, seus agentes, seus dispositivos, suas práticas documentárias bem como seus meios preferenciais de informação.

Todas as três pesquisas se valem do produto de práticas sociais com documentos que são, respectivamente, artigo de periódicos, cartas científicas e dissertações e teses. Podemos dizer que cada um dos gêneros discursivos analisados pelas autoras em tela representam, dentro de seus contextos, meios e canais preferenciais de informação ou, em outras palavras, documentos privilegiados para registro de atividades e comunicação da informação científica. Os domínios analisados por Guedes (2010) representam comunidades ou agentes coletivos em contexto de informação. Em Santos (2016), o cientista e o colégio invisível representam um agente e uma rede em que transitam os fluxos informacionais por determinados canais, as correspondências científicas, em dado domínio. Em Mello (2017), o programa de pós-graduação e os discentes representam agentes individuais e coletivos neste ambiente de informação.

O olhar na perspectiva dos documentos se diferencia dos focos de Guedes (2010), de Santos (2016) e de Mello (2017). Ao adotarem como referencial teórico a comunicação científica e os gêneros discursivos, as autoras enfatizam mais a manifestação comunicativa dos documentos do que sua manifestação constitutiva.

Nesse sentido, entendemos que nossa análise vai além de observar apenas os aspectos das dissertações como meios de comunicação científica, mas, também, como documentos constituídos a partir de práticas sociais.

Guedes (2010) convida a um olhar atento para os gêneros discursivos no contexto da ciência da informação e, à luz do exposto acima, aqui busca-se associar a discussão com a noção de documento. A autora observa a possibilidade de usar as palavras relevantes como índices temáticos para efeitos de organização do conhecimento. Esta possibilidade nos leva a observar o experimento e seus resultados na perspectiva dos processos de atividades documentárias. Guedes sugere a análise automática de textos como um instrumento de análise de domínio, o que demonstrou-se eficaz para conhecer as unidades lexicais do discurso científico da área da indústria de vinhos e da economia. A produtividade lexical se constitui como um elemento organizador e disciplinador do discurso de uma comunidade institucional.

Observamos em Guedes (2010), em Mello (2017) e em Santos (2016) um esforço primoroso para estabelecer um olhar transversal das ciências em projetos de pesquisa interdisciplinares, além da habilidade para circular diferentes ambientes da universidade. Vânia Guedes, por exemplo, valeu-se de sua experiência profissional na Biblioteca da Escola de Química da UFRJ, quando desenvolveu diferentes atividades com documentos das áreas das engenharias química e de alimentos. A bibliotecária-pesquisadora defendeu um projeto de doutorado em um programa de pós-graduação em linguística, na Faculdade de Letras. O projeto apresentou análises bibliométricas e linguísticas de discursos (documentos) das áreas da engenharia de alimentos e da economia. Além disso, a tese da pesquisadora-bibliotecária foi orientada por uma linguista e coorientada por uma matemática. Soma-se, ainda, durante o doutorado, que Guedes atuou como professora do curso de biblioteconomia e gestão de unidades de informação na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. É um caso em que a interdisciplinaridade não se articula apenas na dimensão epistemológica, mas, também, realiza-se na dimensão política do conhecimento. Tal articulação materializa-se na circulação e na presença em diferentes espaços e áreas da universidade.

Do mesmo modo, Maria José dos Santos pesquisa a vida profissional de um cientista da medicina tropical em uma pesquisa de doutorado em um programa de pós-graduação em história das ciências no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. A pesquisadora valeu-se do conhecimento obtido enquanto atuou na Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional, quando trabalhou com os fundos arquivísticos de Adolpho Lutz. Soma-se, também, que Santos foi colega de Guedes na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis durante sua pesquisa de doutorado e publicaram vários trabalhos em coautoria.

Por sua vez, Paula Mello propõe a pesquisa de doutorado a partir de sua experiência na gestão do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ. A autora dispõe de um olhar privilegiado sobre a universidade, porquanto, por meio das bibliotecas, dos arquivos e dos museus, é possível saber um pouco sobre cada centro e unidade acadêmicos.

Quadro 17. A observação da frequência de palavras relevantes em teses de doutorado brasileiras			
	Guedes	Mello	Santos
Área do doutorado	Linguística	História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia	História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
Domínio	indústria de alimentos economia	HCTE (UFRJ) história das ciências	medicina tropical
Documento	artigo científico	resumo	carta
Quadro teórico	análise de domínio gêneros discursivos morfologia	ciência da informação interdisciplinaridade comunicação científica	análise de redes sociais bibliometria ciência da informação comunicação científica
Corpus	6 artigos	29.348 palavras	Resumos de 99 cartas

Fonte: elaborado pelo autor.

Em todos os casos analisados, é possível perceber a biblioteconomia e a ciência da informação ocuparem e serem aplicadas em diferentes espaços na universidade. Constituem-se, assim, em evidências das possibilidades da participação da biblioteconomia no âmbito universitário, além de serem exemplos de possibilidades de atuação dos profissionais dessa área na instituição em que

atuam. Propomos um quadro comparativo das teses estudadas no sentido de identificar essas possibilidades de articulação interdisciplinar dos saberes acadêmicos. O quadro 17 sintetiza as observações, do ponto de vista teórico e metodológico, a respeito das pesquisas de Guedes, Mello e Santos.

Observamos que a leitura profissional dos documentos é uma forma de conhecer o domínio para o qual o bibliotecário trabalha. As trajetórias profissionais e as pesquisas citadas apresentam casos de bibliotecárias cujo fazer documentário resultou em conhecimento para as profissionais. Em nosso caso, o trato das dissertações propiciou conhecimento sobre os campos do desenvolvimento regional, ambiente e políticas públicas.

Pao (1978, p. 122) define palavra como “uma sequência de caracteres precedida e seguida por um espaço em branco”⁷. Essa concepção de palavra é notoriamente física e retira da análise outras possibilidades de entendimento da palavra. Ao considerar a palavra apenas uma sequência de caracteres entre dois espaços brancos, ficam de fora os planos lexical, semântico, terminológico, conceitual, discursivo, poético, literário e teológico. Enquanto isso, as demais pesquisas contemplam outras dimensões da palavra em suas análises. Guedes considera os usos da língua ao trazer a dimensão lexical da palavra ao integrar a morfologia no quadro teórico da pesquisa. Santos e Mello observam as dimensões semânticas da palavra.

Apesar de outros planos da palavra contribuírem para a compreensão de um domínio, a necessidade de controle de variações torna a profícua a abordagem terminológica em processos de organização do conhecimento. Lara (2004) explica que uma palavra pode ser abordada na perspectiva lexical ou terminológica. Lexicalmente, a palavra pode assumir muitos significados, porquanto são unidades do léxico da língua. Por outro lado, o termo é uma palavra contextualizada que dá nome a um conceito no discurso de um campo do saber de atividade. Segundo a autora, a terminologia oferece referenciais metodológicos eficazes para sustentar a estruturação dos campos lógico-semânticos das linguagens documentárias.

⁷ “A word is defined as string of characters preceded and followed by a blank space” (PAO, 1978, p. 122).

As técnicas bibliométricas de observação de ocorrência da frequência de palavras em textos longos não dão conta da abordagem terminológica da palavra, porque não diferenciam os muitos significados que podem assumir enquanto unidades do léxico da língua. Em outro modo de dizer, ao contar as palavras, não se faz distinção dos significados que podem assumir no texto e no contexto de uso. Tomando como exemplo ocorrências do *corpus* analisado nesta pesquisa, a palavra "campos" pode designar a cidade Campos dos Goytacazes, mas, também, os "campos" de atividade e do conhecimento científico. "Planejamento urbano" e "planejamento regional" são outros exemplos de termos que são fragmentados na contagem de palavras, nos procedimentos adotados nesta pesquisa. A crítica da linguística documentária, ao enfatizar a terminologia como abordagem privilegiada para a elaboração de linguagens documentárias, coloca em questão a eficácia das leis bibliométricas de Zipf e da delimitação da região de transição de Goffman para os contextos de indexação. Nesse caso, ao contrário do que afirmam Pao (1978), Guedes (2010) e outros, essas ferramentas bibliométricas podem não ser eficazes para processos documentários como a indexação.

Entretanto, Pao (1978) propõe a análise automática de textos em contexto anterior à revolução tecnológica provocada pelo advento dos computadores pessoais, da internet 2.0 e hoje dos *smartphones*. As possibilidades de recuperação da informação naquela época eram bastante diferentes das atuais em vista dos recursos tecnológicos disponíveis hoje. A indexação automática, tal como imaginada e proposta nos anos 1970, pode ter pouca aplicação no contexto contemporâneo em que a recuperação dos documentos pode prescindir dos descritores de assuntos, em sistemas documentários. Mesmo as linguagens documentárias, como vocabulários controlados e tesouros, já não são os instrumentos privilegiados para a representação documentária em muitos sistemas de recuperação de documentos. Do mesmo modo, podemos presumir que os instrumentos e as técnicas usados hoje em dia terão outra utilidade em contextos futuros. Por isso, é importante observar que Santos (2016) e Mello (2017) reproduzem a experiência bibliométrica de Pao sem ter em vista os objetivos para a organização do conhecimento. As autoras propõem aplicações diferentes para as leis bibliométricas de Zipf e o ponto de

transição de Goffman, ao contemplarem outras variáveis para propor outros quadros explicativos no domínio da história das ciências.

As experiências anteriores de contagem de palavras utilizaram em seus *corpora* textos razoavelmente longos. Guedes (2010) analisa artigos de periódico, Santos (2017) observa cartas científicas ao passo que Mello (2018) investiga resumos de teses e de dissertações. Santos e Mello aplicam a contagem de palavras em um único arquivo de texto em que estão compiladas, respectivamente, as cartas e os resumos. No entanto, mesmos as compilações são textos pequenos em relação a uma dissertação que, geralmente, possui um total maior de palavras, dada a sua extensão.

A opção por processar 13 textos muito longos trouxe alguns desafios e limites à preparação do *corpus* para a contagem das palavras e para a aplicação dos cálculos bibliométricos. A extensão das dissertações demandou um longo trabalho minucioso para a adequação dos textos às convenções definidas. Não foi possível aperfeiçoar a amostra com um controle terminológico das palavras no *corpus*. A retirada das citações foi uma opção inviável devido à quantidade e, por isso, foram todas consideradas partes do texto. A extensão das dissertações de mestrado inviabilizou o controle de variantes das palavras antes da contagem.

A delimitação da região de transição permitiu a identificação de palavras relevantes nas dissertações defendidas no mestrado em desenvolvimento regional, ambiente e políticas públicas. As palavras na região de transição estão presentes na área de concentração do PPGDAP de pós-graduação e no documento de área, o que nos permite afirmar a adesão das dissertações ao programa de pesquisa da área de planejamento urbano e regional e demografia. Contudo, identificamos que a questão ambiental foi uma temática pouco explorada pelas pesquisas da primeira turma do PGGDAP.

A ausência das palavras relevantes nos títulos, resumos e palavras-chave nos leva a refletir sobre a qualidade desses textos documentários. Ações de ensino podem contribuir para ampliar a eficácia dessas representações documentárias em sistemas documentários. Sugerem-se treinamentos e oficinas com objetivo de capacitar a comunidade do PPGDAP, orientadores e estudantes, para a elaboração de títulos, resumos e palavras-chave, tendo em vista as normas de documentação e

a eficácia da representação das dissertações em sistemas documentários. Dessa forma, é possível que a produção bibliográfica do PPGDAP alcance maior visibilidade pelos usuários desses sistemas.

Figura 44. Trabalhadora terceirizada na UFF Campos

Fotografia: Thulio Gomes. 2019.

A distribuição das palavras relevantes ocorrentes na região de transição nas categorias lugar, tempo, grupo e instituição possibilitou que a análise deste estudo de dissertações compartilhasse alguma homologia com a análise dos tcc, na seção anterior. Percebe-se que a categoria lugar é uma categoria relevante para os estudos do PPGDAP, dada a ênfase em estudos regionais. A observação das palavras mais relevantes, todavia, não trouxe resultados satisfatórios para a categoria tempo. Foi necessário consultar os resumos ou mesmo o conteúdo do documento para reconhecer o recorte temporal das pesquisas. Em algumas dissertações foi possível identificar, na região de transição, o grupo social investigado na pesquisa. Contudo, esta categoria não está presente em todas as pesquisas, o que nos leva a deduzir que não consiste em uma categoria relevante em todas pesquisas desse domínio. A mesma observação pode se estender para a

categoria instituição. Dessa forma, a observação da frequência de palavras relevantes em textos longos responde, parcialmente, à identificação de grupos sociais e instituições investigados no domínio do programa de pesquisa do PPGDAP.

O PPGDAP é um caso de programa de pós-graduação criado após a expansão das universidades federais no território brasileiro, durante as primeiras décadas do século XXI. O programa ainda luta por consolidação frente à UFF Campos e à comunidade acadêmica da região. Essa pesquisa apresenta elementos que permitem afirmar a pertinência do PPGDAP para Campos dos Goytacazes e região, tendo em vista a contribuição para o desenvolvimento regional por meio da formação de pesquisadores e de produção acadêmica sobre a região, suas instituições e seu povo. Outros estudos, com a aplicação de outras abordagens e técnicas, podem trazer resultados que complementem a análise realizada, bem como contribuam ao debate sobre o desenvolvimento regional, na perspectiva do PPGDAP e de sua comunidade acadêmica.

Conclusão

Damn right I got the blues: ovid live in Tomis

1.

I hate to see that Euxine sun go down
I hate to see that Euxine sun go down
Cause Lord it reminds me that for reasons of state
I been exiled and confined to this one-horse Pontic town

2.

Ain't but one way out Caesar, but I just can't go out the door
Ain't but one way out Caesar, from this cell-block on the shore
Waited ten years for your letters, Oh Lord I'm waiting still
Barbarians don't get me the the ennui surely will

(Sean O'Brien, em *The beautiful librarians*, p. 18)

5 Conclusão

A pesquisa foi apresentada em quatro partes. As duas primeiras apresentam o contexto da pesquisa, enquanto as duas últimas abrangem as reflexões sobre sua aplicação. Na primeira parte, apresentamos bibliotecas em chamas no contexto geral da pesquisa. Infelizmente, algumas bibliotecas realmente desapareceram em meio ao fogo nos últimos anos e outras permaneceram fechadas e negligenciadas. Felizmente, outras bibliotecas ardem ao mostrarem sua vitalidade com o engajamento nas questões de sua comunidade. O contexto histórico-social da universidade pública brasileira é marcado por contrastes que, num recorte temporal mais recente, por exemplo, vão desde o incêndio no Museu Nacional da UFRJ até as políticas de expansão das instituições federais de educação superior. Se por um lado, a universidade é vista em um cenário de negligência e falta de apreço por blocos de poder, por outro vive as consequências de um dos maiores projetos de expansão e de crescimento. Os dois lados propõem desafios à universidade contemporânea sobre sua pertinência frente às indagações do presente.

Não podemos dizer que o Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e a lei de cotas vieram para solucionar os problemas já existentes na universidade pública. Talvez seja mais razoável afirmar que essas políticas educacionais vieram para mudar os problemas da universidade que a alteraram profundamente. Entre as transformações que ocorreram em função dessas políticas educacionais, destacamos a expansão da distribuição de universidades no território brasileiro e a mudança do perfil da comunidade universitária.

A ampliação de vagas tornou possível o acesso à universidade pelas camadas mais populares da sociedade. O REUNI trouxe novos usuários à biblioteca universitária, com novos matizes de uso da informação, o que exige adequação e atualização profissional da equipe para o atendimento ao público. É importante lembrar que cada domínio do conhecimento já tem seus próprios critérios de relevância, gêneros de discursos acadêmicos preferenciais e seus próprios hábitos e costumes. Os novos ingressantes na universidade podem sentir dificuldades para

inserir-se nesse contexto para assimilar o *habitus* ou os etnométodos da comunidade universitária através da linguagem e dos códigos que constituem o universo simbólico da universidade, como indicam Antonio José Barbosa de Oliveira e Daniela de Carvalho Cranchi (2017).

O nosso contexto teórico girou em torno das noções de biblioteca e documento. Os estudos críticos da biblioteconomia foram úteis para abordar a biblioteca socialmente, uma vez que é uma instituição social, produto de relações sociais. Sem pretensão de certeza metodológica e de neutralidade científica, este estudo de caso e exploratório trouxe questões e debates a partir de uma biblioteca universitária no contexto de expansão das universidades públicas no Brasil. A biblioteconomia e a ciência da informação foram propostas como áreas que estão na imbricação das mediações, dos documentos e dos saberes. Essa perspectiva contribuiu para avaliar e defender o valor da biblioteca e da universidade, com base em ações realizadas com seu acervo bibliográfico.

O documento, nesta pesquisa, foi compreendido em termos de suas funções comunicativa e constitutiva. A principal base material da pesquisa são os trabalhos de conclusão de curso (tcc) e as dissertações de mestrado. Ambos os documentos desempenham a função de comunicar resultados de pesquisa e são considerados informativos e relevantes pela informação que veiculam. Ambos os documentos também desempenham funções constitutivas nos diversos lugares institucionais que ocupam, seja como prova do percurso formativo de um estudante seja como evidências das atividades de uma universidade e como fonte de pesquisa histórica e bibliométrica. Além disso, observamos as diferentes configurações da fisicalidade do documento, uma vez que trabalhamos com documentos analógicos e digitais.

O contexto geográfico da pesquisa é Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, onde ocorreram mudanças sociais determinantes nos últimos quarenta anos em função da anunciação de atividades da indústria petroleira na região. Um dos efeitos dessas mudanças foi a formação de um polo regional de educação em Campos dos Goytacazes, à medida que a cidade passou a concentrar instituições de ensino e pesquisa no Norte Fluminense. A maioria das bibliotecas em Campos dos Goytacazes está nas faculdades e nas universidades, o que corrobora a afirmação de Briquet de Lemos (2015) que as bibliotecas universitárias

concentram a maior parte dos acervos bibliográficos do país. Na região, durante a última década, agentes ligados às instituições públicas de educação intervieram no campo da cultura com diversas produções e ações artísticas e culturais. Importante destacar que os últimos dez anos foram marcados pela reativação de espaços de cultura na cidade, alguns deles ligados a universidades. Contudo, a cidade ainda carece de políticas públicas para arquivos, bibliotecas e museus.

A segunda parte apresenta a Universidade Federal Fluminense (UFF), a instituição que recebe o foco de nossa análise. Apresentamos um breve histórico da universidade, abordando episódios de sua história e de sua estrutura para contextualizar as questões do presente. A UFF vive um momento que direciona suas atividades para a organização após a expansão, o que demonstra que a instituição reconhece a necessidade de uma nova estrutura após um grande crescimento nas duas últimas décadas. Apresentamos a Superintendência de Documentação em dois momentos na universidade: na criação do então NDC, em que a superintendência esteve muito articulada com o ensino de biblioteconomia e documentação, e, atualmente, com a SDC engajada em propor alternativas para a gestão de documentos e de processos administrativos. Em seguida, apresentamos a UFF Campos que atua por meio da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCCG) e do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR). Mostramos os principais desafios que decorrem da ausência de infraestrutura adequada e da transformação do perfil da comunidade universitária, o que abrange estudantes, professores e técnicos.

A terceira parte dá início ao contexto de aplicação da tese. Apresentamos uma reflexão a partir de uma experiência de mediação de documentos que articulou a biblioteca universitária no tripé ensino, pesquisa e extensão. O foco estratégico da mediação foram os trabalhos de conclusão de curso (tcc) defendidos na UFF Campos. Avaliamos a coleção de tcc no acervo da BUCCG para buscar em seus aspectos documentais evidências para novos e potenciais usos pela comunidade acadêmica. Em seguida, descrevemos a experiência de mediação de documentos na biblioteca e na sala de aula, que envolveu estudantes, professores e técnicos. Esta parte enfatizou a divulgação científica e o ensino de graduação e trouxe muitas evidências das atividades da UFF na região. A mediação dos tcc permitiu propor um

panorama geral das pesquisas realizadas no âmbito da graduação na UFF e contribuiu para o processo de afiliação de estudantes na universidade.

Por sua vez, um estudo de dissertações de mestrado é apresentado na quarta parte da tese. Dessa vez, o foco estratégico são documentos produzidos na pós-graduação e a ênfase é a comunicação científica. A aplicação do estudo métrico da observação da frequência de palavras relevantes nas dissertações de mestrado resultou em um balanço geral das pesquisas da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP), da UFF Campos. A ênfase na ferramenta bibliométrica foi mais um empenho de traçar uma história das leis bibliométricas de Zipf e do ponto de transição de Goffman no Brasil, destacando suas contribuições para o estudo de documentos em domínios especializados. Destacamos que a experiência de Miranda Pao e William Goffman, na Case Western Reserve University, nos EUA, influenciaram a pesquisa e o ensino de ciência da informação no Brasil em diferentes frentes. As aplicações brasileiras da experiência dos pesquisadores de Cleveland são exemplos de atividades de pesquisa em biblioteconomia e ciência da informação em ambientes interdisciplinares nas universidades públicas brasileiras.

Figura 45. Revista Serviço Social & Sociedade

Fotografia: Thulio Gomes.

O objetivo geral da pesquisa foi caracterizar a UFF em Campos dos Goytacazes e seu contexto a partir de intervenções nos documentos bibliográficos da biblioteca universitária, os trabalhos de conclusão de curso (tcc) e as dissertações de mestrado. O pressuposto de que ambos os documentos foram produzidos a partir de práticas documentárias, isto é, práticas sociais com documentos, possibilitou caracterizar os agentes, os grupos e as instituições que fizeram e fazem parte dessas práticas. Durante toda a análise, apontamos agentes, grupos e instituições que compõem a cena universitária da região para caracterizar os fluxos e as dinâmicas locais de informação e conhecimento. Foram indicados, além dos agentes, os temas das pesquisas realizadas pela UFF Campos, tanto de graduação quanto de pós-graduação, tanto no início de suas atividades quanto dos anos mais recentes. A mediação de documentos e o estudo bibliométrico permitiram caracterizar a UFF Campos, indicando temas, documentos e agentes, grupos e instituições que fazem parte dos fluxos locais de informação e conhecimento. Os tcc e as dissertações evidenciaram elementos suficientes para análise da inserção da UFF em seu contexto com base na sua produção acadêmica no tripé ensino, pesquisa e extensão.

O primeiro objetivo específico foi identificar situações em que a biblioteca, a biblioteconomia e seus profissionais contribuíram para a universidade pública alcançar seus objetivos institucionais. Esse objetivo foi alcançado ao mostrar e analisar situações em que a equipe da BUCG contribuiu para que a universidade alcançasse seus objetivos. Porém, a análise não restringe-se a essa biblioteca e à sua equipe, uma vez que mostramos situações em que profissionais de diferentes universidades aplicaram a biblioteconomia e a ciência da informação tanto no campo teórico quanto no prático. Esse objetivo foi alcançado na construção do contexto da pesquisa, quando foram mencionadas diversas situações em que bibliotecários em instituições, épocas e regiões diferentes contribuíram para que universidades alcançassem seus propósitos. Chegamos a esse objetivo nas duas aplicações práticas. Na primeira experiência, revisamos diversos saberes sobre os documentos que contribuem para que estudantes conheçam as regras do trabalho intelectual favorecendo sua afiliação à universidade. Além disso, tomamos como referência algumas experiências de outras bibliotecas universitárias que

representam essas situações também. No estudo das dissertações de mestrado, essas situações são apresentadas durante a revisão sobre as leis bibliométricas de Zipf, em que foram apontados desde os experimentos de Miranda Lee Pao na Case Western Reserve University, às aulas de Gilda Braga na Escola de Comunicação da UFRJ e às experiências de pesquisa de Maria José Santos, Paula Mello e Vânia Guedes, nessa mesma universidade do Rio de Janeiro.

Soma-se a essa observação a relevância de estudos desenvolvidos por técnico-administrativos da universidade. Não apenas bibliotecários, mas também outros técnicos contribuíram com pesquisas para a nossa análise. Especialmente, os técnicos-administrativos na UFF Campos têm protagonizado as reflexões sobre a instituição e contribuído para seu desenvolvimento e gestão. São os casos de Michelli Borowsky (2018) e de Cassiana Simões (2018) que propõem respectivamente abordagens pedagógica e do serviço social no campo das políticas sociais. A esse grupo nosso trabalho vem a somar com uma visão da biblioteconomia e da ciência da informação sobre a UFF Campos.

O segundo objetivo específico foi mediar documentos bibliográficos produzidos pela UFF Campos para lhes atribuir novas camadas de sentido para a comunidade universitária. Alcançamos esse objetivo ao propor ações com os documentos e os inserindo em outras vias institucionais de uso. Esse objetivo foi atingido na experiência de mediação de documentos, uma vez que os tcc foram utilizados de forma diferente por estudantes, docentes e técnicos. A coleção de tcc até então pouco circulada passou a ser utilizada como fonte de pesquisa geográfica e histórica. Os resultados indicam que foram atribuídas novas camadas de sentido e de relevância para esses documentos e estes foram inseridos em novas vias institucionais de uso. Além dos tcc, os estudantes conheceram outros documentos como repositório institucional, o catálogo da biblioteca e outros elementos documentários, como folhas de rosto, resumos, palavras-chave, *etc.* Esse objetivo foi alcançado parcialmente na segunda experiência, uma vez que o estudo trouxe novos significados e possibilidades de uso das dissertações, mas não chegou a uma aplicabilidade que permita dizer que os documentos foram inseridos em outras vias de usos institucionais. Nossa experiência poderia ter buscado uma aproximação com o ensino, assim como Miranda Pao utilizou as leis de Zipf em um curso

introdutório à ciência da informação e Gilda Braga e Tefko Saracevic usaram a observação da frequência de uso de palavras nas aulas da pós-graduação em ciência da informação no IBICT. O ensino de observação de palavras frequentes pode contribuir tanto para que atribuam-se outros sentidos aos documentos para a comunidade assim como para disseminar teorias e métodos da ciência da informação para outras áreas do conhecimento.

Reconhecemos, ao menos, quatro desafios que trouxeram a necessidade de propor estratégias para alcançar os objetivos estabelecidos. O primeiro desafio traduz-se na necessidade de atribuir relevância a saberes locais e não hegemônicos. A estratégia para enfrentar esse desafio foi buscar interpretar o campo de pesquisa com base em autores do sul, estrategicamente, pesquisadores afiliados às universidades públicas brasileiras. Ao priorizar resultados de pesquisas brasileiras, buscamos não apenas indicar a importância das universidades públicas brasileiras, mas, também, divulgar o conhecimento que têm produzido. O leitor foi convidado a aprender que existe Campos dos Goytacazes e pôde conhecer diversas pesquisas que descrevem a cidade sob diferentes aspectos. Dessa forma, esperamos contribuir para que o leitor saiba ir a Campos dos Goytacazes, embora esse lugar já foi e ainda pode ser considerado uma região de portos adversos. Ao apresentar as pesquisas desenvolvidas por pesquisadores e instituições da região, propomos que o leitor possa ter aprendido a partir de e com Campos dos Goytacazes. Por outro lado, ao trazer pesquisas de outras regiões, de outras universidades e de outras áreas do conhecimento, buscamos ir além de Campos dos Goytacazes, em direção a outras escalas e recortes regionais.

O segundo desafio corresponde ao interesse em alcançar as comunidades acadêmicas da biblioteconomia, da ciência da informação e das ciências da sociedade e desenvolvimento regional. Esse desafio é extremamente pretensioso, uma vez que a intenção interdisciplinar demanda passos que eu não consigo dar. Porém, em todo o texto, busquei na interdisciplinaridade uma atividade tradutora, fundada em diversas linguagens e com foco em temáticas. Assim, buscamos trazer vigor para as questões da ciência da informação a partir das questões das ciências da sociedade e desenvolvimento regional e vice-versa. Os resultados esperados são a provocação das imanências disciplinares de cada uma das comunidades

acadêmicas envolvidas, porém não há condições de avaliar se esse desafio foi ou será transposto. A interdisciplinaridade também foi profícua para abordar a biblioteca e a universidade na medida em que estas são concebidas como espaços excepcionais para a pluralidade teórica, metodológica, linguística, lógica e política.

O terceiro desafio diz respeito às características dos documentos institucionais da UFF. Além da dificuldade de analisar produções discursivas que muitas vezes mais reforçam a correção e o controle das instituições sobre sua imagem e suas contradições internas, nós não encontramos esses documentos. A estratégia para superar esse desafio foi exitosa ao trazer o foco da análise para os tcc e as dissertações, uma vez que esses documentos apresentam estabilidade suficiente para analisar a instituição numa perspectiva acadêmica. Por serem documentos bibliográficos e por integrarem o acervo da biblioteca, demonstraram-se muito vantajosos para análise da biblioteca, da universidade e de seu contexto.

O quarto desafio também é bastante presunçoso, uma vez que reconhece a impossibilidade de afastamento do pesquisador da realidade pesquisada. A estratégia de apresentar elementos para o que o leitor possa concordar ou construir seu próprio ponto de vista mostrou-se eficaz à medida em que não lutamos pela universalização de conceitos e de teorias, tampouco pela uniformidade da compreensão do objeto analisado. A análise proposta fornece ao leitor elementos sobre os agentes, os lugares, as histórias, os contextos institucionais, os costumes acadêmicos, a escrita das comunidades discursivas, os programas de pesquisa, *etc.* Sem perder de vista que este trabalho tange a história e a memória das instituições sem debruçar-se sobre esse campo teórico, não ignoramos nem deixamos de participar das disputas de poderes, na dimensão dos embates que definem “o que será lembrado, como será lembrado, e também aquilo que, não sendo lembrado, será esquecido”, em paráfrase a Antonio José Barbosa de Oliveira (2008, p. 42). Ademais, os estudos críticos da biblioteconomia e da ciência da informação nos convidam a analisar as bibliotecas universitárias nos marcos teóricos de forças sociais mais amplas e a rejeitar a concepção de uma biblioteca neutra.

O estudo de caso e o estudo exploratório foram eficazes para responder aos objetivos estabelecidos, além de responder aos marcos teóricos para estudo das bibliotecas e dos documentos. Trouxemos uma metodologia heterogênea que envolveu diferentes tipos de procedimentos, o que contribuiu para a análise de diferentes aspectos da BUCG e de seu contexto. O estudo de caso teve eficácia ao enfatizar a interpretação do contexto e representar diferentes pontos de vista de uma situação, descrevendo a complexidade da conjuntura da UFF Campos. O estudo exploratório foi eficaz ao permitir o levantamento de hipóteses, identificar os agentes do campo e aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente pesquisado.

Figura 46. Intervenção no Bloco C da UFF Campos em homenagem a Marielle Franco

Fotografia: Thulio Gomes. 2018.

A análise dos tcc trouxe elementos que nos motivaram a traçar aspectos do que denominamos programa de pesquisa do serviço social de Campos dos Goytacazes. Esse programa caracteriza-se por um conjunto de estudos de caso sobre as experiências profissionais recentes das estudantes de serviço social. Esses trabalhos preservam uma relação muito grande entre teoria e prática em reflexões investigativas a partir de práticas profissionais. Em uma análise exploratória, identificamos quatro categorias comumente presentes nessas pesquisas: instituição, grupo social, lugar e tempo. Essas quatro categorias demonstraram-se úteis para a análise dos tcc e das dissertações de mestrado, porque permitiram visualizar temáticas de pesquisa e atividades na região onde se encontra a UFF. Dessa forma, também como estratégia interdisciplinar, esta pesquisa buscou nas características do programa de pesquisa do serviço social da UFF Campos quadros referenciais para a interpretação da realidade estudada. Assim, podemos, antes de concluir, autoavaliar a nossa própria pesquisa e seus resultados a partir dessas categorias.

A instituição analisada foi a UFF Campos que desdobra-se em outras duas, a BUCG e o ESR. A análise não reduz-se apenas a essas instituições específicas. A biblioteca e a universidade, concebidas mais extensamente, estão no centro da análise. Então, de uma forma mais estrita, analisamos uma instituição universitária em específico, e, de forma mais ampla, analisamos a biblioteca e a universidade enquanto instituições sociais. Diversas instituições foram exemplos na análise para contribuir para a compreensão da biblioteca e da universidade em um sentido mais amplo. Não é coincidência que foram contempladas principalmente as universidades que fizeram parte do meu itinerário formativo, a UFRJ e a USP. Essa escolha não foi porque as considero os melhores exemplos, mas porque são os que eu conheço. Ao discutir o valor das bibliotecas e das universidades, esperamos estar mais prontos para defendê-las e lutar por elas.

Os grupos sociais analisados são, principalmente, os bibliotecários e os estudantes. Os bibliotecários, que já figuram os objetivos específicos, foram distribuídos em toda parte do texto para ilustrar como profissionais com essa formação podem contribuir com seus conhecimentos para que a universidade alcance seus objetivos. Os estudantes, por sua vez, fizeram parte da discussão

como alunos da universidade, autores de tcc e de dissertações e usuários da biblioteca.

Os professores também participaram da análise, embora de modo mais implícito, uma vez que aparecem mais na condição de autores. A maioria dos autores que compõe o nosso marco contextual e teórico são professores vinculados a universidades públicas brasileiras. O esforço, que fez parte da estratégia de pensar do sul para além do sul em português brasileiro, contribuiu também para explorar interfaces interdisciplinares entre instituições, áreas do conhecimento e regiões tão diferentes entre si. Assim, seguimos uma sugestão de Solange Puntel Mostafa:

reunimos teóricos que conhecemos bem. Teóricos de quem, com o tempo, cada uma de nós se aproximou por gosto e estilo, e de quem, pouco a pouco, ousamos roubar conceitos e aplicá-los a nossas vidas, a nossa prática diária (MOSTAFA, 2011, p. 201).

Encontramos nos professores brasileiros um mosaico de autores que conhecemos bem e que foram e são nossos interlocutores diretos. Buscamos promover um encontro entre professores de diferentes áreas do conhecimento, instituições, épocas e regiões diferentes, estabelecendo algo que pode ser considerado como uma intercessão. E é sobre esses intercessores de que essa tese trata, indiretamente. Não é coincidência também que muitos desses professores fizeram e fazem parte da minha trajetória acadêmica na UFF, na UFRJ e na USP. Nesse encontro, buscamos um impulso de criação ao refletir sobre a própria experiência universitária para propor algo criativo para a biblioteconomia, a ciência da informação e as ciências da sociedade e desenvolvimento regional.

O recorte espacial desdobra o espaço em outras categorias geográficas porque operamos com lugares, paisagens, regiões e territórios. O cenário principal foi Campos dos Goytacazes e este estende-se numa escala que abrange Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Sudeste e Brasil. Usamos diferentes marcadores de espaço para situar a BUCG: uma biblioteca federal, fluminense, campista, brasileira, norte-fluminense, vizinha do noroeste-fluminense e latino-americana, e, também provinciana, interiorana, urbana e regional. Também vale a pena observar que este estudo propõe uma abordagem regional para a biblioteconomia e a ciência da informação, ao trazer diversos elementos sobre a formação desses domínios no

estado do Rio de Janeiro e ao trazer uma discussão sobre as bibliotecas no interior brasileiro.

Observamos que a biblioteconomia e a ciência da informação são áreas do conhecimento um tanto desconhecidas na região onde desenvolvemos a nossa pesquisa. Tal desconhecimento pode se explicar, entre outras razões, pela ausência de escolas de biblioteconomia e pelo número pequeno de profissionais qualificados atuando na região. Observamos também a dificuldade de reter esses profissionais especializados na região. Esse cenário pouco favorece a valorização da biblioteca, do bibliotecário, da biblioteconomia, do livro e da leitura. É claro que esse quadro não é exclusividade do Norte Fluminense. No Brasil, a oferta de cursos de bacharelado em biblioteconomia concentra-se nas regiões metropolitanas, com algumas exceções, como São Carlos (SP), Juazeiro do Norte (CE), Londrina (PR), Marília (SP), Ribeirão Preto (SP), Rio Grande (RS) e Rondonópolis (MT). Vale observar que cidades como Campos dos Goytacazes concentram grande número de IES e de outras instituições em que há ou pode haver demanda por bibliotecas e, em consequência, por bibliotecários. Esse cenário permite afirmar que há uma demanda de formação de bibliotecários ainda não atendida pelas universidades. A oferta de formação em biblioteconomia em Campos dos Goytacazes e outras regiões interioranas pode contribuir para o desenvolvimento informacional em escala regional, nas perspectivas das diversas frentes de atuação da área.

Todavia, não é possível contar com o engajamento voluntário de profissionais como Célia Zaher e Hagar Espanha Gomes, do IBBD, que dedicaram-se à implantação de um curso de biblioteconomia na UFF, em uma cidade onde não havia essa formação ainda. É preciso articular políticas públicas que incentivem iniciativas para atender essas demandas a fim de ampliar o raio de atuação da biblioteconomia no país. Uma ação recente foi o lançamento do curso de biblioteconomia a distância, resultado de uma parceria entre a CAPES, por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Integrante da equipe que elaborou o projeto do curso, Mariza Russo (2016) sinaliza o potencial inovador das propostas de educação em biblioteconomia em EaD, na medida em que traz incremento para o ensino na área, ampliando as

possibilidades de formação de profissionais no país, com vistas a atender às demandas detectadas.

Os recortes temporais da pesquisa foram muitos em vista da complexidade da realidade investigada nos estudos de caso e exploratório. Encontramos no texto recortes que dizem respeito a: realização da pesquisa (2016-2020), observação participante (2018-2019), estudo de dissertações de mestrado (2018), mediação de documentos (2019), análise da atividade da UFF Campos (1962-2020), primeiros tcc da UFF Campos (1973-1992), dez anos de adesão do ESR ao REUNI (2009-2018). São recortes complexos que posicionam a pesquisa em relação ao presente, ao passado e ao futuro.

Outros demarcadores de tempo são utilizados para estabelecer marcos divisórios entre passado e presente, porque o contexto da pesquisa se inscreve na instabilidade dos processos sociais em andamento. Chamamos atenção para o REUNI, considerado um divisor de águas para as universidades federais. Não é exagero dizer que o REUNI revitalizou a vida universitária no país porque trouxe grandes transformações e expansões. No entanto, não foi o REUNI que tornou a universidade pública grande, uma vez que já existia muito trabalho feito antes que deve ser observado atentamente sob critérios regionais e temporais. Este é o caso da UFF Campos que atua no Norte Fluminense desde 1962. Apesar de ainda ser celebrado como uma política do presente, o REUNI, como qualquer política pública, é datado e faz parte da história das instituições universitárias brasileiras. É necessário, então, pensar em um outro tempo que chegou ou chegará após a expansão das universidades.

Não é o caso de fazer exercícios de futurologia. Afinal, ninguém faz ideia do que virá por aí. Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1989) comentou a reabertura democrática no Brasil, quando, segundo o professor, havia euforia e crença de que a democracia traria a solução para todos os males. Carlos Nelson chama atenção para o fato de que o Brasil nasceu há quinhentos anos, sonhando ser o país do futuro e que ainda continua sonhando que o futuro é algo concreto, sem perceber que o futuro é agora. Para Carlos Nelson, nós, brasileiros, sempre fomos o futuro, é claro, e nós não gostamos de ter história, portanto de ter um passado. E esse gosto desvairado pelo futuro levou a uma realização exagerada do ideal de utopia.

A reflexão do professor da UFF nos inspira neste olhar sobre o que passou, o que passa e o que pode vir a passar com as universidades. No contexto da expansão universitária, podemos dizer que também houve nas universidades a crença de que havia ocorrido um milagre e as soluções para os problemas das instituições finalmente haviam aparecido. No entanto, processos sociais não são gratuitos, tampouco rápidos. São antes disso instáveis. Ainda não se passaram dez anos do fim da vigência do REUNI e as universidades federais já se encontram em uma conjuntura de crise. Apesar de serem estimulantes, saltos rápidos podem nos levar a olhar para as pontas das cadeias onde estão os modelos ideais, modernos e desenvolvidos, das grandes universidades. Só que desse modo, tudo pode parecer utópico tendo em vista que as condições do presente são bastante diversas das consideradas ideais.

O contexto das políticas públicas nos sugere a necessidade de uma reflexão sobre os valores atrás de nossas ações e sobre que universidade e que biblioteca estamos construindo, sem cair no exagero das utopias, para, desse modo, garantir a conquista dos espaços já conquistados e, assim, construir outras realidades sociais. As nossas bibliotecas e universidades estão em construção constante e, por isso, nunca estarão prontas. Daí, o presente, com seus desafios e suas questões, provoca-nos a estabelecer uma outra relação com o passado e nos aponta caminhos em direção a uma síntese sobre a pertinência da biblioteca e da universidade para o futuro do bem viver dos povos.

Referências

“Ouvi muitas histórias. Todas verdadeiras. Todas contadas por pessoas que não sabiam mentir e que acreditavam piamente no que contavam. Ouvi outras histórias inventadas por pessoas que não andavam pelas matas e se deparavam com diferentes sentimentos internos. Ouvi gente relatando seu encontro com os encantados da floresta. Ouvi quem encontrou o curupira, a matintaperera, o boto transmutado em gente; quem jura que viu Yara, a deusa das águas, ou cavalgou a destemida mula-sem-cabeça. É claro que ouvi as histórias do princípio do mundo, das tragédias que sempre o acompanharam, do nascimento das coisas da cultura. Ouvi sobre o surgimento da noite e o desaparecimento do medo, entre tantas e tantas histórias que moram dentro de mim.”

(Daniel Munduruku, em *Das coisas que aprendi*, p. 84)

Referências

- ABREU, Estela dos Santos; TEIXEIRA, José Carlos Abreu. **Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso**. 10 ed. rev. atual. Niterói, RJ: EdUFF, 2012.
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ciência da informação**, v. 33, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2004.
- ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação cultural e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da pesquisa em ciência da informação**, v. 1, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2008.
- ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação e informação**, v. 19, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- ALVARENGA, Cláudia Mara Barboza dos Santos; GOMES, Dilecia Pereira. **O vivido existencial do Jardim de Infância Sagrada Família desvelado pelo pelo serviço social em sua essência através de uma postura dialogal**. 1990. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviços Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1990.
- AMICHAÏ, Yehuda. O amor pelo país. In: _____. **Terra e paz**: antologia e paz. Tradução e organização de Moacir Amâncio. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018. p. 55.
- ANDERSEN, Jack. The concept of genre in the information studies. **Annual review of information science and technology**, v. 42, p. 339-367, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da poesia. In: _____. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 11-12.
- ANDRADE, Gaby Carneiro da Silva. **O serviço social integrando a educação**. 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.
- ARAGÃO, Esmeralda Maria de. Problemas das bibliotecas universitárias brasileiras. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, v. 1, n. 1/3, p. 36-38, 1973.
- ARAÚJO, Andre Vieira de Freitas. **Sobre a eminência e o eco da bibliografia**: nos rastros do método bibliográfico gesneriano e dos fundamentos do campo. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, v. 9, n. 1, p. 41-58, jan./dez. 2013.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação**: o diálogo possível. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da informação, 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de rosto**, v. 3, n. 1, p. 68-79, 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Existe um pensamento informacional ibero-americano?. **Logeion**: filosofia da informação, v. 4, p. 30-55, 2018a.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018b.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; VALENTIM, Marta Ligia Pomim. A ciência da informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. **Bibliotecas: anales de investigación** (Cuba), v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019.

ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, [Massachusetts]: The MIT Press, 1976. (Linguistic Inquiry Monographs, 1).

ARONOFF, Mark. **Morphology by itself**: stems and inflectional classes. Cambridge, [Massachusetts]: the MIT Press, 1994. (Linguistic Inquiry Monographs, 22).

ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. **Morphology and the lexicon**: lexicalization and productivity. 2001. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (Eds.) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: O Globo, 1899 [1997].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724**: informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 3. ed. Rio de Janeiro, 2015.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Dos canaviais às usinas**: uma trama de exploração. 1990. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1990.

AZEVEDO, Isabela Sarmet de; CARVALHO, Isabella de Souza. **Metodologia, categoria, instrumentos**: teoria ou discurso do serviço social?. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mikha"lovich et al. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, Mikhail Mikha"lovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBARA, Scheilla Beatriz Alves. **Do mundo natural à construção do real no cotidiano sucro-alcooleiro**. 1989. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1993.

BARRETO, Aldo Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em perspectiva**, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BARRETO, Ketnen Rose Medeiros. **Repensando a terceira idade**: coexistindo juntos aos "Unidos da Penha". 1993. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1993.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. **DELTA**: documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada, n. 15, spe. issue, p. 53-70, 1999.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. **Ilha do Desterro**, n. 47, p. 49-71, jul./dez. 2004.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula; BRAGA, Lilian Maria; PIEROTTI, Maria de Lourdes Carvalho. Estrutura de textos científicos em língua portuguesa: estudo bibliométrico linguístico. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 1979, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 1979.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Jul./Aug, v. 34, n.4, p. 197-204, 1976.

BHATIA, Vijay Kumar. **Worlds of written discourse**. London: Continuum International Publishing Group, 2004.

BOOTH, Andrew D. A law of occurrences for words of low frequency. **Information and control**, v. 10, n. 4, p. 386-393, p. 1967.

BOOTH, A. D. On the geometry of libraries. **Journal of documentation**, v. 25, n. 1, p. 28-42, Mar. 1969.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOROWSKI, Michelli Marques. **"Filhos do REUNI"**: avanços e limites do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais na

formação acadêmica dos estudantes. 2018. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2018.

BOTELHO, Thaynara Moreira. **A questão da identidade e competência da prática profissional do assistente social no âmbito educacional e sua ligação com a visibilidade dos programas institucionais**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 123-155.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOYCE, Bert. Automatic and manual indexing performance in a small file of medical literature. **Bulletin of the Medical Library Association**, v. 63, n. 4, p. 378-385, 1975.

BRADFORD, Samuel Clemens. O caos documentário. In: _____. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.

BRAGA, Gilda Maria. A representação da informação na desconstrução do contexto. **Informare: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 53-57, jul./dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 3.848, de 18 de dezembro de 1960. Cria a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 288, p. 16.118, 20 dez. 1960.

BRASIL. Lei nº 3.958, de 13 de setembro de 1961. Incorpora à Universidade do Paraná a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 214, p. 8.497, 22 set. 1961.

BRASIL. Lei nº 4.831, de 5 de novembro de 1965. Dispõe sobre as novas denominações das Universidades Federais das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 217, p. 11.609, 12 nov. 1965.

BRASIL. Decreto nº 62.414, de 15 de março de 1968. Dispõe sobre a reestruturação da Universidade Federal Fluminense. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 55, p. 2.291, 20 mar. 1968.

BRASIL. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; o Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e

municipais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 241, p. 10.801, 13 dez. 1968.

BRASIL. Decreto-Lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969. Estabelece normas complementares à Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 30, p. 1.409, 12 fev. 1969.

BRASIL. Medida Provisória nº 813, de 1º de janeiro de 1995. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. esp., p. 1, 01 jan. 1995.

BRASIL. Lei nº 10.750, de 24 de outubro de 2003. Altera a denominação da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 208, p. 8, 27 out. 2003.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 79, p. 7, 25 abr. 2007.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 137, p. 5, 20 jul. 2010.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 169, p. 1, 30 ago. 2012.

BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 250, p. 3, 29 dez. 2016.

BRASIL. Decreto nº 9.725, de 12 de março de 2019. Extingue cargos em comissão e funções de confiança e limita a ocupação, a concessão ou a utilização de gratificações. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 49, p. 4, 13 mar. 2019.

BRASIL. Decreto nº 9.739, de 28 de março de 2019. Estabelece medidas de eficiência organizacional para o aprimoramento da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, estabelece normas sobre concursos públicos e dispõe sobre o Sistema de Organização e Inovação Institucional do Governo Federal – SIORG. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 61, p. 2, 29 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Economia. **Manual de estruturas organizacionais do Poder Executivo Federal**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2019. 130 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 21, de 5 de novembro de 2012. Dispõe sobre o Sistema de Seleção Unificada - SisU. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 214, p. 8, 6 nov. 2012.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. **Journal of information science**, v.2, n. 3-6, p. 269-275, 1980.

BUCKLAND, Michael K. Document theory. **Knowledge organization**, v. 45, n. 5, p. 425-436, 2018.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly**, v. 176, 1, p.101-108, 1945.

CAFÉ, Lígia; BRÄSCHER, Marisa. Organização da informação e bibliometria. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, n. esp. 1. sem., p. 54-75, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, [1972] 2003.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CAMPELLO, Bernadete S.; CENDÓN, Beatriz V.; KREMER, Jeannette M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemología y ciencia de la información. **Enl@ace** [Venezuela], v. 4, n. 1, p. 11-29, ene./abr 2007.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. Tradutores Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Achtschin Ferreira, Marco Antônio Azevedo. **Perspectivas da ciência da informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. [2003] 2007.

CARVALHO, Diogo de Azevedo de Poly. **Galpão Cultural**: proposta de uma metodologia participativa para elaboração de um projeto arquitetônico. Campos dos Goytacazes, RJ, 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2019.

CARVALHO, Jonathas [SILVA, Jonathas Luiz Carvalho]; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da Informação, v.17, n.33, p.1-29, jan./abr., 2012.

CARVALHO, Jonathas. **Tópicos em biblioteconomia e ciência da informação**: epistemologia, política e educação. Rio de Janeiro: Agência Biblio, 2016.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Atlas, 2005.

CARVALHO, Maria Auxiliadora de. **O serviço social e a intervenção na problemática sócio-econômica**. 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.

CARVALHO, Waldir Pinto de. **Campos:** depois do centenário. Campos dos Goytacazes, RJ: [s.n.], 1991.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação:** convergências teóricas e lugares de mediação. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

CHRISTOVÃO, Heloisa Tardin. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, p. 3-36, 1979.

COELHO, Maria Clélia Pinto. **Estudo preliminar sobre a formação e o funcionamento do conselho municipal de saúde de Campos dos Goytacazes.** 1996. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1996.

COELHO, Maria de Lourdes. O programa Reuni na UFMG: contexto, adesão, implantação, criação do Giz e suas ações formativas. **Revista docência do ensino superior**, n. 4, p. 3-46, out. 2014.

COELHO, Sandra Lopes; ANDRADE, Marcos Vinicius. Substituição de softwares em bibliotecas: morte programadas ou suicídio coletivo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18, Belo Horizonte, 16 a 21 de novembro de 2014. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

COPE, Jonathan. Librarianship as intellectual craft: the ethics of classification in the realms of leisure and waged labor. **Knowledge organization**, n. 39, n. 5, p. 356-362, 2012.

COPE, Jonathan. Four theses for critical library and information studies: a manifesto. **Journal of critical library and information studies**, v. 1, n. 1, 2017.

COPE, Jonathan. Cuatro tesis para estudios críticos de biblioteconomía y documentación: un manifiesto. Traducción de M. Engracia Martín Valdunciel. **Anales de Documentación**, v. 22, n. 1, 2019.

CORDEIRO, Rose Mary Freitas; FARIA, Sonia Joia. **A mulher no processo de participação na comunidade rural de Santa Cruz.** 1982. Trabalho de conclusão de curso - (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1982.

CORTE, Andrea Tello; MARTINS, Ismênia de Lima (Orgs.). **50 anos da Universidade Federal Fluminense:** 1960-2010. Niterói, RJ: EdUFF, 2010.

COULON, Alain. **A condição de estudante:** a entrada na vida universitária. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

COUTO, Ana Maria de Hollanda Cavalcanti de Sá; NASCIMENTO, Cecília Maria Pereira do; SÁ, Elisabeth Schneider de; GARCIA, Maria Japor de Oliveira; SOUZA,

Rosale de Matos. **NDC 36 anos: um olhar sobre o passado e uma luz para o futuro.** Niterói, RJ: NDC, 2006.

COSTA, Ana Maria Almeida da. **O serviço social frente às políticas sociais e à desarticulação do povo na elaboração dos programas no espaço institucional.** 1987. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1987.

CRUZ, Anamaria da Costa. **Manual de treinamento de pessoa para serviços em biblioteca.** Niterói, RJ: EdUFF, 1992.

CRUZ, José Luis Vianna da. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense.** Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CRUZ, José Luis Vianna da. Novas perspectivas de análise da dinâmica socioeconômica e territorial da região fluminense do extrativismo petrolífero. **Cadernos do desenvolvimento fluminense**, n. 9, Rio de Janeiro, p. 49-67, jan./jun. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. A necessidade urgente de políticas públicas para os arquivos, bibliotecas e museus. **Revista ibero-americana de ciência da informação**, v. 12, n. 2, p. 290-293, maio/ago. 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia.** Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

D'ALMEIDA, Liliane Cardoso. **Dilemas e desafios: uma abordagem sobre a construção da competência no espaço da formação profissional.** 2001. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2001.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. Tradução de Maria Rosário Saraiva. **Prisma.com: revista de ciências e tecnologias de informação e comunicação**, Porto, n. 4, [2003] 2007.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horizontes antropológicos**, v. 25, n. 53, jan./abr. 2019.

DUQUE-PEREIRA, Ives da Silva. **A produção do discurso imagético nos planos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro.** 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

DURÃES, Rafaela Gonçalves da Silva. **Agricultura familiar e políticas públicas: percepções dos agricultores assentados sobre o PRONAF em Campos dos Goytacazes, RJ.** 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FARIAS, Judith Esther dos Santos Ferreira Guedes. **Segurança pública municipal: práticas de administração institucional no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, p. 145-169,

FOLLARI, Roberto. Interdisciplina e dialética: sobre um mal entendido. In: JANTSHI, Ari; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 127-141.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES - 2018**. Brasília: ANDIFES, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [c1969] 2010.

FRANCA, Aline da Silva. **Do cocar ao catálogo: a representação bibliográfica da autoria indígena no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à ciência da informação**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREIRE, Isa Maria. Informação, consciência possível, campo: um exercício com construtos teóricos. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1, p. 1-16, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSHI; Ari; BIANCHETTI, Lucídio. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 25- 49.

FROHMMAN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library trends**, v. 12, n. 3, p. 387-407, Winter 2004.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. Tradução por Laffayette de Souza Álvares Junior. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2008. p. 19-34.

FROHMANN, Bernd. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus**: revista eletrônica em ciências humanas, v. 9, n. 14, p. 227-249, [2004] 2012.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **Datagramazero**, v. 5, n. 4, Art. 01, ago./2004.

FUNDAÇÃO CEPERJ. **Estado do Rio de Janeiro**: Regiões de Governo e Municípios 2019. Rio de Janeiro: CEPERJ, 2019. Mapa.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Pocket, [1989] 2005. (Coleção L&PM Pocket, 465).

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Sociedades do conhecimento: a construção intercultural do saber. In: _____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 225-242.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. Traduzido por Nemézio Amaral Filho. **Transinformação**, v. 18, n. 2, p.103-112, maio/ago. 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, [1967] 1995.

GARVEY, William D. **Communication**: the essence of science; facilitating information exchange among librarians, scientists, engineers and students. Pensilvania: Franklin Book Company, 1979.

GOMES, Hagar Espanha. Entrevista concedida a Rosale de Mattos de Souza, no dia 30/08/2005. In: COUTO, Ana Maria de Hollanda Cavalcanti de Sá; NASCIMENTO, Cecília Maria Pereira do; SÁ, Elisabeth Schneider de; GARCIA, Maria Japor de Oliveira; SOUZA, Rosale de Matos. **NDC 36 anos**: um olhar sobre o passado e uma luz para o futuro. Niterói, RJ: NDC, 2006. p. 16-18.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion**: filosofia da informação, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019.

GOMES, Sandra Lucia Rebel; MENDONÇA, Marília Alvarenga R.; SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Literatura cinzenta. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, maio 1973.

GRIFFITH, Belver C. Understanding science: studies of communication and information. **Communication research**, v. 16, n. 5, p. 600-614, Oct. 1989.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. Estudo de um critério para indexação automática derivativa de textos científicos e tecnológicos. **Ciência da informação**, v. 23, n. 3, p. 318-326, 1994.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. **Nominalizações deverbais em artigos científicos**: uma contribuição para a análise e a indexação temática da informação. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. A bibliometria e a gestão da informação e do conhecimento científico e tecnológico: uma revisão de literatura. **Pontodeacesso**, v. 6, p. 74-94, 2012.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. A função de índice temático da nominalização deverbal na escrita científica: análise léxico-morfológica. **Informação e sociedade: estudos**, v. 25, n. 3, p. 63-74, set./dez. 2015.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; BARBOSA, Maria de Fátima Sousa de Oliveira; MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Produtividade e uso de itens lexicais: o continuum fala/escrita científica. **Caderno seminal digital**, v. 20, n. 22, p. 80-108, jul./dez. 2014.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; BARBOSA, Maria de Fátima de Oliveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa. Investigação da regularidade e produtividade de nominalizações deverbais em cartas científicas em língua portuguesa. In: CONGRESSO ISKO ESPANHA PORTUGAL, 1., Porto, 2013; CONGRESSO ISKO ESPANHA, 11.; RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (orgs.) **Informação e/ou conhecimento**: as duas faces de Jano. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto/ ISKO, 2013. v. 1, p. 276-288.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; BARBOSA, Maria de Fátima Sousa de Oliveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa. Bibliometrics study of the use frequencies nominalizations in Brazilian Portuguese language in scientific letters: contribution to the subject indexing. In: QUALITATIVE AND QUANTITATIVE METHODS IN LIBRARIES INTERNATIONAL CONFERENCE, 7, Paris, 2015. **Proceedings**. Paris: Institut Universitaire de Technologie, Université Paris Descartes, 2015.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; BARBOSA, Maria de Fátima Sousa de Oliveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa; MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Use frequencies of nominalizations in scientific writing in brazilian portuguese language as politeness strategies and their index role in the subject indexing. In: INTERNATIONAL SOCIETY OF SCIENTOMETRICS AND INFORMETRICS CONFERENCE, 14., 15th-9th July, 2013, Vienna. **Proceedings of ISSI**. Viena: ISSI, 2013. v. 2, p. 2174-2177.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; LEAL, Marisa Bezerra. Produtividade léxico-morfológica em artigos científicos em língua portuguesa numa perspectiva interdisciplinar. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA, 16., Alcalá de Henares. **Anales...** Madrid: ALFAL, 2011.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa. Análise de recorrência de nominalizações deverbais em resumos de cartas científicas em língua portuguesa e a indexação temática. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 2011, Natal. **Anais eletrônicos do VI Simpósio...** Natal: UFRN, 2011.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa. Recorrência de nominalizações deverbais em resumos de cartas científicas em língua portuguesa e a indexação temática. **Lingüística** [Madrid], v. 29, p. 37-57, 2013.

GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; SANTOS, Maria José Velloso da Costa; GOMES, Thulio Pereira Dias. Análise bibliométrica e linguística da escrita científica na área de ciência e tecnologia de alimentos e a indexação temática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA IBERO-AMÉRICA E CARIBE, 6, 2017, Belo Horizonte. **Anais do X EDICIC 2016 Belo Horizonte**. Belo Horizonte: ECI/UFGM, 2017. p. 137-161.

GUIMARÃES, Lúcia Maria; MUNIZ, Maria da Graça Trindade; SIMÃO, Maria Giselda Damasceno; BALDI, Regina Cele Ramos. **Uma experiência de implantação do serviço social**. 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Sociologia da ciência, bibliometria e cientometria: contribuições para a análise da produção científica. In: SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E TEORIAS DA EDUCAÇÃO, 4., Campinas, SP, 2012. **Anais eletrônico**. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches: traditional as well as innovative. **Journal of documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

HYLAND, Ken. **Academic discourse**: english in a global context. New York: Continuum International Publishing Group, 2009.

HYLAND, Ken. **Disciplinary discourses**: social interactions in academic writing. Ann Arbor: The University Michigan Press, 2004.

HYLAND, Ken; SALAGER-MEYER, Françoise. Scientific writing. **Annual review of information science and technology**, v. 42, n. 1, p. 297-338, 2008.

IBGE. Coordenação de Geografia. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KELLNER, Alexander W. A. A reconstrução do Museu Nacional: bom para o Rio, bom para o Brasil!. **Ciência e cultura**, v. 71, n. 3, jul./set. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, [1945] 2007. (Setores da evolução fluminense, 1). Edição fac-similar.

LAPA, Reni; CORREA, Renato. Indexação automática no âmbito da ciência da informação no Brasil. **Informação e tecnologia**, v. 1, n. 2, p. 59-76, jul./dec. 2014.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e significação na trajetória epistemológica da ciência da informação. In: FREITAS, Lídia Silva; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói, RJ: EdUFF, 2010. p. 35-56. (Estudos da informação, 1).

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do Grupo Temma. **Informação e informação**, v. 16, n. 2, p. 92-121, jan./jul. 2011.

LATOUR, Bruno; HERMANT, Émile. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas e coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 21-44.

LEHER, Roberto. Ideias, valores e princípios para afirmar o futuro da universidade pública latinoamericana. **Revista del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación**, v. 44, p. 133-146, jul./dec. 2018.

LEMONS, Antonio Agenor Briquet de. **De bibliotecas e biblioteconomias: percursos**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2015.

LIMA, Júlia Maia. **A questão ambiental no plano diretor do município de Miracema/RJ**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

LIMA, Vânia Mara Alves; BOCCATO, Vera Regina Casari. O desempenho terminológico dos descritores em ciência da informação do vocabulário controlado

do SIBi/USP nos processos de indexação manual, automática e semi-automática. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 14, n. 1, p. 131-151, jan./abr. 2009.

LOPES, Viviane Aparecida Siqueira [VENÂNCIO, Viviane Aparecida Siqueira]. **Sociedade capitalista versus P. A. S.:** uma questão em análise. 1986. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1986.

LUBISCO, Nídia M. L. Bibliotecas universitárias, seus serviços e produtos: transposição de um modelo teórico de avaliação para um instrumento operacional: relatório de pesquisa desenvolvida durante estágio pós-doutoral, na Universidad de Salamanca (ES). **Ponto de acesso**, v. 8, n. 3, p. 56-61/ 80-141, dez. 2014.

LUBISCO, Nídia M. L.; SOUSA, Flávia Bulhões de. Avaliação dos cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia: a biblioteca universitária em foco, de 2010 a 2017. **Revista ibero-americana de ciência da informação**, v. 12, n. 3, p. 665-701, set./dez. 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUND, Niels W. Document theory. **Annual review of information science and technology**, v. 43, p. 399-432, 2009.

MACHADO, Regina Maria Muniz. **Juventude e promoção social.** 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.

MAIA, Elza Lima e Silva. Comportamento bibliométrico da língua portuguesa, como veículo de representação da informação. **Ciência da informação**, v. 2, n. 2, p. 99-138, 1973.

MAMFRIM, Flávia Pereira Braga. Representação de conteúdo via indexação automática em textos integrais em língua portuguesa. **Ciência da informação**, v. 20, n. 2, p. 191-203, jul./dez. 1991.

MANHÃES, Ebelcler Ribeiro; CHALHUB, Tania [OLIVEIRA, Tânia Chalhuh]. **Atuação do assistente social no serviço psiquiátrico do Hospital Abrigo Dr. João Viana.** 1982. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1982.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009a.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5. ed. rev. atual. São Paulo: Atlas, 2009b.

MARICATO, João de Melo; NORONHA, Dayse Pires. Indicadores bibliométricos e cientométricos em CT&I: apontamentos históricos, metodológicos e tendências de aplicação. In: HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; LETA, Jacqueline

(orgs.). **Bibliometria e cientometria**: reflexões teóricas e interfaces. São Carlos, SP: Pedro & João, 2012. v.1, p. 21-41.

MARQUES, Antonio Carlos Henriques; CEPÊDA, Vera Alves. Um perfil sobre a expansão do ensino superior recente no Brasil: aspectos democráticos e inclusivos. **Perspectivas**: revista de ciências sociais, v. 42, p. 161-192, jul./dez. 2012.

MARQUES, Geralda Freire. **Serviço social psiquiátrico**. 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da informação**, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação e sociedade**, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009.

MEADOWS, Arthur Jack. **Comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, [1974] 1999.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2012.

MELLO, Paula Maria Abrantes Cotta de. **Interdisciplinaridade na pós-graduação**: estudo de seu impacto na produção de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MENZEL, H. Scientific communication: five themes from social science research. **American Psychologist**, v. 21, n.11, p. 999-1004, nov., 1966.

MERTON, Robert K. The effect Mathew in science. **Science**, v. 159, n. 3810, p.56-63, 1998.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofoletti. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. Traduzido por Camila Mariana Aparecida da Silva. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 21, n. 3, p. 240-253, jul./set. [1981] 2016.

MIKHAILOV, Alexander Ivanovich; CHERNYI, Arkadii Ivanovich; GILYAREVSKYI, Rudhzero. Estrutura e principais propriedades da informação científica. In: GOMES,

Hagar Espanha (Org.). **Ciência da informação ou informática?**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 70-79.

MIKHAILOV, Alexander Ivanovich; CHERNYI, Arkadii Ivanovich; GILYAREVSKYI, Rudhzero. **Scientific Communications and Informatics**. Arlington: Information Resources Press, 1984.

MIRANDA, Elis de Araújo. O edital Mais Cultura nas universidades e a criação de um espaço público cultura: o caso do Galpão Cultural da UFF em Campos dos Goytacazes In: FIGUEIREDO, Silvio Lima [et al]. **Amazônia, cultura e cena política no Brasil**. Belém: NAEA, 2016. p. 177-194.

MIRANDA, Elis de Araújo (org.). **Políticas públicas de educação e as sensorialidades do lugar**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília. O professor do novo milênio. In: **Olhares transversais em pesquisa, tecnologia e inovação: o desafio da educação formal no século XXI**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012. p. 55-72.

MORAES, Carlos Antonio de Souza; ALVARENGA, Claudia Mara Barboza dos Santos; MARTINS, Valter. **Orientações para elaboração do trabalho final de curso**. Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, 2018.

MORAES, Eliane Sans; DELARRY, Maria Carmen. **A utilização do serviço social no trabalho: com indivíduos, com grupos, com comunidades**. 1973. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1973.

MORAES, Marielle Barros de. **Mediação, cultura e tecnologia em currículo dos curso da informação na Ibero-América: repensando diálogos disciplinares**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOSTAFA, Solange Puntel. Os teóricos e nós. In: BOCCATO, Vera Regina Casari; GRACIOSO, Luciana de Souza (orgs.). **Estudos de linguagem em ciência da informação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 201-211.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2000.

MUNDURUKU, Daniel. Procurando a história que me comove. In: ____; PAULI, Alcione. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver**. 2. ed. Lorena, SP: UKA, [2014] 2019.

MYRON, Vicki. **Dewey: um gato entre livros**. Porto Alegre: Globo, 2008.

NUNES, Livia da Silva; COELHO, Maria Clélia Pinto. **Reflexão sobre a importância e aplicabilidade do serviço social escolar, face ao contexto sócio-educacional brasileiro: necessidade de uma opção metodológica**. 1983. Trabalho de conclusão

de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1983.

O'BRIEN, Sean. Damn Right I Got the Blues: Ovid Live in Tomis. In: _____. **The beautiful librarians**. London: Picador, 2015. p. 18.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória SiBI/UFRJ. In: _____ (org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Sistemas de Bibliotecas e Informação, 2008. p. 41-79.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. **A casa de Minerva**: entre a Ilha e o Palácio: os discursos sobre os lugares como metáfora de identidade institucional. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa; CRANCHI, Daniela Carvalho. O papel da biblioteca universitária como espaço de afiliação estudantil e o bibliotecário como educador e agente inclusivo. **Informação & sociedade**: estudos, v. 27, n. 2, p. 35-47, 2017.

OLIVEIRA, Loilce Gomes de. **Biblioteca Setorial de Serviço Social de Campos (BSC)**: dados históricos. Campos dos Goytacazes, RJ: 1988.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Datagramazero**: revista de ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abr. 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, [1935] 2006.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde, Letícia Alves, Virginia Arana, Silvana Arduini, Cristian Brayner, Marcilio de Brito, Magno Evangelista, Maria Yêda de Filgueira Gomes, Guillaume Achilles Clair Marie Isnard Filho, Nair Kobashi, Ana Regina Luz Lacerda, Antonio Agenor Briquet de Lemos, Ercília Mendonça, José Antonio Pereira do Nascimento, Martha Suzana Nunes, Regina Obata, Edmir Perrotti, Ivete Pieruccini, Alice Araújo Marques de Sá, Camila Silva, Max Evangelista da Silva, Johanna Wilhelmina Smit, Rosemeri Bernieri de Souza, Maria Carolina de Deus Vieira. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, [1934] 2018.

PAO, Miranda Lee. Automatic text analysis based on transition phenomena of word occurrences. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 29, n. 3, p. 121-112, 1978.

PASSOS, Hélio dos Santos. **Da Usina do Queimado aos bairros residenciais**: mudanças e permanências na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

PAULA, Maria de Fátima de. **A Universidade Federal Fluminense no cenário do Estado do Rio de Janeiro**. Florianópolis: Insular, 2008.

PEREIRA, Guilherme Vasconcelos. **O Porto do Açu e o município de São João da Barra, RJ: impactos na dinâmica socioeconômica 2007-2017**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007, p. 47-96.

PHILIPPI JR, Arlindo. Apresentação. In: _____; SILVA NETO, Antônio J. (Eds.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri, SP: Monole, 2011. p. xvii.

PIANTADOSI, Steven T. Zipf's word frequency law in natural language: a critical review and future directions. **Psychonomic bulletin & review**, v. 21, n. 5, p. 1112-1130, out. 2014.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Informação: esse obscuro objeto da ciência da informação. **Morpheus**, v. 2, n. 4, 2004.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. In: GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (orgs.). **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: EDUFRN, 2006.p. 111-141.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 59-92.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1, abr. 1995.

PIQUET, Rosélia; GIVIZIEZ, Gustavo Henrique Neves; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. A nova centralidade de Campos dos Goytacazes: o velho e o novo contexto regional. **Rio de Janeiro**, n. 18-19,p. 39-57, jan./dez. 2006.

PIRES, Marília Freitas de. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 2, n. 2, fev. 1998.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. **Ciência da informação**, v. 21, n. 3, p. 243-246, set./dez. 1992.

PRICE, Derek J. Solla. Networks of scientific papers. **Science**, v.149, 1965.

PRICE, Derek J. Solla. Some remarks on elitism in information and the invisible college phenomenon in science. **Journal of American Society of Information Science**, v. 22, n. 2, p. 74-75, 1971.

PRICE, Derek de Solla. **O desenvolvimento da ciência**: análises histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

PRITCHARD, Alan. Statistical bibliography or bibliometrics. **Journal of documentation**, v. 25, n. 4, p.348-349, 1969.

RABELLO, Rodrigo. Informação institucionalizada e materializada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian journal of information studies: research trends**, v. 13, n. 2, p. 5-25, 2019.

RAMOS, Manuelli Batista. **Racismo institucional e movimentos negros**: resistências e coexistências em Campos dos Goytacazes/RJ. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RED, Alexandre Silva. **A "cultura" e seus públicos**: o atendimento e as relações de serviço na Fonoteca da Villa Maria. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

RIBEIRO, Laís A. Aplicação dos métodos estatísticos e da teoria da informação e da comunicação na análise lingüística: estudo da linguagem jornalística. **Ciência da informação**, v. 3, n. 2, p. 151-154, 1974.

ROCHA, Paulo Ernesto Diaz. Trajetórias e perspectivas da interdisciplinaridade ambiental na pós-graduação brasileira. **Ambiente & sociedade**, v. 6, n. 2., p. 156-182, jul./dez., 2003.

ROUAULT, Jacques. **Linguistique automatique**: applications documentaries. Berne: Peter Lang, 1987.

ROSA, Walkirya Pereira da Silva. **A revalorização do bairro Parque Tamandaré, em Campos dos Goytacazes, RJ, sob a lógica da especulação imobiliária**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas), Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

RUSSO, Mariza. Inovação no ensino da biblioteconomia no Brasil: implantação do bacharelado na modalidade de educação a distância. **Informação & sociedade: estudos**, v. 26, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2016.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, n. 12, p. 1-5, 29 nov. 2018.

SÁ, Maria Irene da Fonseca e. **Bibliotecas digitais: uma investigação sobre características e experiências de desenvolvimento**. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SÁ, Nysia Oliveira de. **Repositórios de recursos educacionais livres: desafios para implantação em instituições públicas de ensino superior (IPES) a partir da perspectiva de professores conteudistas em EaD**. 2013. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SALDANHA, Gustavo Silva. Transgramáticas: filosofia da ciência da informação, linguagem e realidade simbólica. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 6, n. 1, p. 1-30, 2013.

SALGADO, Livia Mara Mattos Pinto. **Determinantes da criminalidade: uma análise sobre as regiões Norte e Noroeste Fluminense e Baixadas Litorâneas**. 2017. Trabalho de conclusão de curso - (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Entrevista com Carlos Nelson. In: COSTA, Maria de Lourdes; AZEVEDO, Marlice (orgs.). **Visões inovadoras em arquitetura e urbanismo**. Niterói, RJ: UFF/PPGAU; Casa 8, [1989] 2012.

SANTOS, Maria Inês Rodrigues dos. **O serviço social como instrumento e reflexão e questionamento da mulher rural - Mussurepe - sobre o seu papel no controle da sexualidade e reprodução**. 1985. Trabalho final de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1985.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. Correspondência científica de Bertha Lutz: um estudo de aplicação da lei de Zipf e ponto de transição de Goffman em um arquivo pessoal. **Pontodeacesso**, v. 3, n. 3, p. 317-326, 2009.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. **Adolpho Lutz e a medicina tropical: análise bibliométrica de cartas como gênero do discurso científico**. 2016. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Correspondência científica de Adolpho Lutz: um estudo da aplicação do Ponto de Transição de Goffman em um arquivo pessoal. In: CONGRESSO SCIENTIARUM HISTORIA, 6, 2013, Rio de Janeiro. **Anais do Scientiarum Historia VI: filosofia, ciências e artes: conexões interdisciplinares**. Rio de Janeiro: HCTE/UFRJ, 2013.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; ESTEVÃO, Silvia Ninita de Moura. A preservação do acervo arquivístico do Museu Nacional e sua importância para a memória da instituição. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). **A universidade e os múltiplos olhares sobre si mesma**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (Memória, documentação e pesquisa, 1).

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. Cartas como gênero do discurso científico na área de medicina tropical: análise bibliométrica e mapeamento de rede terminológica. In: CONGRESSO ISKO ESPANHA-PORTUGAL, 3., 2017, Coimbra. **Tendências atuais e perspectivas futuras em organização do conhecimento**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. v. 1, p. 737-746.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira. Colégio invisível do cientista Adolpho Lutz na área de medicina tropical: análise cientométrica e análise de conteúdo. **Informação & sociedade: estudos**, v. 28, n. 3, p. 205-224, 2018.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; GUEDES, Vânia Lisbôa da Silveira; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Análise da correspondência do cientista Adolpho Lutz como contribuição para a história da medicina tropical no Brasil: mapeamento da rede semântica em cartas trocadas com seus contemporâneos. **Pesquisa brasileira em ciência da informação e biblioteconomia**, v. 10, n. 2, p. 320-330, 2015.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 2, n. 1, 2009.

SANTOS, Rui Junio Fonseca. **A segregação sócio-espacial na cidade de Itaperuna (RJ)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

SARLO, Adna Motta Cruz. **Ação reflexiva do serviço social no sentido de elevar ao nível da consciência da mulher rural**: L. B. A. - São Fidélis. 1989. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1989.

SETTA, Carmen Rodrigues Ferreira. **Os pipoqueiros de Campos**: relatos de um ofício urbano. 2017. Trabalhos de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

SGARBI, Paulo. "Uma imagem vale mais do que mil palavras?". **A página da educação**, v. 17, n. 174, jan. 2008.

SILVA, Renata Maldonado da; NÓBREGA, Ricardo André Avelar da; PEDLOWSKI, Marcos. A.; SILVA, Luciane Soares da. Analisando a crise das universidades estaduais do Rio de Janeiro como parte de um desmanche programado: o caso da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. **Universidade e sociedade**, v. 28, n. 62, p. 88-101, jun. 2018.

SHERA, Jesse Hauk, CLEVELAND, Donald B. History and foundations of information science. **Annual review of information science and technology**, v. 12, p. 249-275, 1977.

SILVA, Aristides Pereira da. **Aqui somos todos iguais?:** usos e apropriações do Cemitério do Caju como espaço público urbano. 2016. Trabalhos de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2016.

SILVA, Elvia Alvarenga Fagundes da. **Desigualdade educacional e raça no Brasil:** análise do período de 2001 a 2015. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

SILVA, Luciêr de Souza e. **A gramática do "desenvolvimento" nas políticas públicas e suas (re)significações em Campos dos Goytacazes/RJ.** 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

SILVA, Maria José dos Passos Coquito. **Das lutas dos movimentos negros ao acesso no ensino superior pelo sistema de cotas:** as percepções dos alunos cotistas na UENF. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2013.

SILVA, Osório Peixoto. **Momentos decisivos da história dos Campos dos Goytacazes.** Rio de Janeiro: Petrobrás, Serviço de Comunicação Social, 1984.

SILVA, Pauline Aparecida Ildefonso Ferreira da. **Vivências negras e trabalho do cuidado:** uma análise consubstancial sobre as trajetórias de mulheres negras no mercado de trabalho em Campos dos Goytacazes/RJ. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

SIMÕES, Cassiana Ferreira. **Da democratização do acesso ao desafio da permanência:** a experiência dos cotistas sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense - ESR/UFF. 2018. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2018.

SMIRAGLIA, Richard P. The progress of theory in knowledge organization. **Library trends**, Chicago, v. 10, n. 3, p. 330-349, Winter 2002.

SMIT, Johanna Wilhelmina; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Ciência da informação: uma ciência moderna ou pós-moderna?. In: LARA, Marilda Lopes Ginez; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e contemporaneidade:** perspectivas. Recife: Néctar, 2007. cap. 2. p. 27-45.

SOFFIATI, Arthur. **A planície do Norte do Rio de Janeiro antes e durante a ocidentalização do mundo:** três estudos de eco-história. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

SOUZA, Edivanio Duarte de; DIAS, Eduardo José Wense; NASSIF, Mônica Erichsen. A gestão da informação e do conhecimento na ciência da informação: perspectivas teóricas e práticas organizacionais. **Informação & sociedade**, v. 21, n. 1, p. 55-70, jan./abr. 2011.

SOUZA, Queila R.; QUANDT, Carlos O. Metodologia de análise de redes sociais. In: DUARTE, F.; QUANDT, Carlos O.; SOUZA, Queila R. (orgs.) **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 31-63.

SOUZA, Rosali Fernandez de [FERNANDEZ, Rosali Pacheco]. **Patterns of communication in Brazilian condensed matter physics**: bibliometric and other investigations for the period 1950-1980. 1984. Thesis (Doctor of Philosophy) - Polytechnic of North London, London, 1984.

SOUZA, Rosali Fernandez de; STUMPF, Ida Regina Chitto. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 4, n. esp., p. 41-58, 2009.

SOUZA, Rosany Barcellos de. **Serviço social de empresa**: um desafio que deve ser repensado enquanto espaço de ação transformadora. 1989. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 1989.

SPENCER, Andrew. Morphology. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (eds.) **The handbook of linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003. cap 9.

SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (Ed.) **The handbook of morphology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

SWALES, John Malcom. **Genre analysis**: english in academic and research settings. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.

TAGUE-SUTCLIFFE, Jean. An introduction to infometrics. **Information Processing and Management**, v. 28, n.1, p.1-3, 1992.

TARAPANOFF, Kira; ALVARES, Lilian. **Perspectivas em inteligência organizacional e competitiva na Web 2.0**: uma visão geral. In: _____. (org.). **Análise da informação para a tomada de decisão: desafios e soluções**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: estudos, v. 10, n. 2, p. 37-85, 2000

TEIXEIRA, Josemir Nogueira. **Kant atormentado**: o lugar de Deus no pensamento kantiano (1755-1781). 2004. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, n. esp., p. 75-91, 2006.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora da UnB, 1962.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Museu Nacional. **Relatório anual do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Estatuto e regimento da Universidade Federal Fluminense**. Niterói, RJ: 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Instrução de serviço SDC, N. 01, de 10 de setembro de 2014. Dispõe sobre a aplicação da tabela de temporalidade e destinação de documentos de arquivo relativos às atividades-fim das instituições federais de ensino superior (IFES) na Universidade Federal Fluminense (UFF). **Boletim de Serviço da UFF**, v. 45, n. 003, seção II, p. 017, 07 jan. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Norma de Serviço N. 655, de 03 de janeiro de 2017. Institui a política para depósito de produção técnico-científica no Repositório Institucional da Universidade Federal Fluminense - RIUFF. **Boletim de Serviço da UFF**, v. 51, n. 003, seção IV, p. 49, 05 jan. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Plano de desenvolvimento institucional: PDI UFF 2018-2022**. Niterói, RJ: UFF, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas**: projeto de mestrado *strictu sensu*. Campos dos Goytacazes, RJ: UFF, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Superintendência de Documentação. Regimento interno da Superintendência de Documentação. **Boletim de Serviço da UFF**, v. 54, n. 30, seção III, p. 28-35, 17 fev. 2020.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. Las posibilidades de la ley de Zipf. In: ENCUESTO INTERNACIONAL DE INVIERNO, 2004, Lima. **Anais...** Lima: ECI, 2004.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén; RESTREPO ARANGO, Cristina. La ley de Zipf y el punto de transición de Goffman en la indización automática. **Investigación bibliotecológica**, v. 25, n. 54, p. 71-92, mayo/ago. 2011.

VIANA, Aline da Silva. **Periferia segregada**: um estudo sobre os processos sócio-espaciais no Jockey Club. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

VIANA, Lilian; PIERUCCINI, Ivete. Informação e educação no ensino superior. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, v. 13, n. esp., p. 41-45, set. 2017.

VIANA, Lilian; PIERUCCINI, Ivete. Informação e educação no ensino superior: a biblioteca universitária como espaço formativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Londrina, PR, 22 a 26 de outubro de

2018. **Sujeito informacional e as perspectivas atuais em ciência da informação.** Londrina, PR: ANCIB, 2018. p. 3429-3437.

VIANA, Lilian; PIERUCCINI, Ivete. Biblioteca universitária e formação de produtores do conhecimento: mediações do patrimônio científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Florianópolis, 21 a 25 de outubro de 2019. **A ciência da informação e a era da ciência de dados.** Florianópolis: ANCIB, 2019.

VIANNA, Marcelo Cavalcanti. **Vozes e o silenciamento das escolas rurais:** um balanço da educação do campo em Campos dos Goytacazes/RJ. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

WASSERMAN, Stanley, FAUST, Katherine. **Social network analysis:** methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ZAHER, Célia Ribeiro. Entrevista concedida a Rosale de Mattos de Souza, no dia 09/08/2005. In: COUTO, Ana Maria de Hollanda Cavalcanti de Sá; NASCIMENTO, Cecília Maria Pereira do; SÁ, Elisabeth Schneider de; GARCIA, Maria Japor de Oliveira; SOUZA, Rosale de Matos. **NDC 36 anos:** um olhar sobre o passado e uma luz para o futuro. Niterói, RJ: NDC, 2006. p 13-16.

ZIMAN, John. **Conhecimento público.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

ZIPF, George. **The psychobiology of language.** London: Routledge; 1936.

ZUCCALA, Alesia Ann. **Revisiting the invisible college:** a case study of the intellectual structure and social process of singularity theory research in mathematics. 2004. Thesis (Doctor of Information Science) - University of Toronto, Toronto, 2004.

Anexo

Dados históricos da Biblioteca Setorial Setorial de Campos (BSC)

"Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor à força da repetição."

(Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, c. 31).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
BIBLIOTECA SETORIAL DE SERVIÇO SOCIAL DE CAMPOS

BIBLIOTECA SETORIAL DE SERVIÇO SOCIAL DE CAMPOS (BSC)

- dados históricos -

A história da BSC é o reflexo das condições políticas, econômicas, sociais e culturais que vimos testemunhando, a cada dia mais asustadoras.

Desde o início de sua organização nos moldes biblioteconômicos, o problema crucial com que sempre se defrontou - e que no momento presente se encontra bastante agravado - diz respeito ao espaço físico, o qual em época alguma esteve condizente com seu "status" de biblioteca universitária.

De 1974 a meados de 1975, encontrava-se instalada, juntamente com todo o Departamento de Serviço Social de Campos (DSSC), em dependências de um hospital de câncer. A saleta destinada à Biblioteca, de 12 m², continha como mobiliário não mais do que 4 estantes altas simples, 1 mesa de reunião com 8 lugares (destinada aos leitores) e 2 mesas e cadeiras para os funcionários.

Em julho de 1975, tendo sido adquirida e reformada pela UFF, uma antiga residência, para abrigar o Departamento de Serviço Social de Campos, à Biblioteca foi destinada uma sala, nos altos de um pequeno prédio isolado do edifício do DSSC, medindo 42,7 m². O número de estantes ampliou-se para 6 e a mesa de reunião foi substituída por 6 mesas para datilografia cedidas pelo DSSC, juntamente com 2 armários.

Tendo sido rebaixado o teto, as goteiras provenientes do telhado cedo afetaram a cobertura de gesso, ameaçando-a de desabamento. Nos pontos onde a chuva abria buracos coincidentes com a posição das estantes, todos os dias, por precaução, ao término do expediente, os livros eram retirados das prateleiras para local mais seguro. As noi-

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
BIBLIOTECA SETORIAL DE SERVIÇO SOCIAL DE CAMPOS

-2-

tes chuvosas obrigavam a que, no dia seguinte, enorme quantidade de água acumulada no chão fosse retirada para que se pudesse entrar no recinto.

Agravando-se a situação no teto de gesso, já com enormes rombos provenientes dos sucessivos desabamentos, que ameaçavam não só a integridade física dos funcionários e usuários bem como a conservação de todo o acervo, constrói-se, em 1979, uma sala de 53,35 m² para a Biblioteca. É necessário chamar a atenção para o fato de que em nenhum momento dessa providência o bibliotecário foi chamado a opinar sobre o que quer que fosse na elaboração da planta. Sequer foi aceito o seu pedido de colocação de um diminuto lavatório - existente na Biblioteca anterior - em local onde já havia uma instalação d'água.

Com a ampliação da área, tornou-se possível o aumento do espaço destinado à leitura. Foi atendida pelo NDC a solicitação de mais 2 estantes simples e de 5 mesas redondas com 5 lugares. Todavia, as 25 cadeiras remetidas, estofadas, encontravam-se em péssimo estado de conservação - estofamento rasgado - e foram, por isso, recusadas. O socorro veio através da L.B.A., com o empréstimo de cadeiras de madeira, que permanecem até hoje. O DSSC concedeu mais um armário, 6 carteiras, 6 cadeiras e 2 arquivos de aço.

O projeto de construção deste prédio não previu a expansão do acervo. Em 1986, a BSC já não podia receber nenhuma estante a mais: todo o espaço se encontrava completamente ocupado.

Em novembro desse mesmo ano, para cumprimento de um projeto de construção de 8 salas de aula, a BSC vê-se obrigada a desocupar o seu exíguo prédio, que é derrubado. Como neste projeto estava estabelecido que a parte térrea do edifício a ser construído seria destinada à BSC e que a obra se concluiria dentro de um prazo de 5 meses, a Biblioteca se transfere para um prédio vizinho, onde ocupa 3 salas cedidas por empréstimo pela Associação dos Servidores da Caixa Econômica Federal (ASCEF).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
BIBLIOTECA SETORIAL DE SERVIÇO SOCIAL DE CAMPOS

-3-

A planta da nova Biblioteca, desta vez, foi cuidadosamente estudada pelo bibliotecário e pelo Diretor do NDC. Previam-se salas de estudo em grupo, uma mini-cozinha e um pequeno banheiro.

O ano de 1987 transcorre em meio às conseqüências do Plano Cruzado. Problemas de ordem técnica, financeira e administrativa sustentam o projeto existente e um novo projeto surge na esteira de um impasse: constroem-se no presente imediato apenas as salas de aula e joga-se a solução do problema da BSC para o futuro, até o momento, incerto.

1988: 1 ano e 7 meses são passados desde que um acervo de cerca de 5200 volumes - destinado a um público de 400 usuários em potencial e atendendo a 306 inscritos (1056 usuários utilizaram a Biblioteca no mês de maio) - se encontra despojado de um local permanente de guarda, uso e conservação, sofrendo ameaças constantes - já manifestadas - não só de despejo como também do assédio de traças, cupins, ratos, baratas e morcegos - habitantes perfeitos para um velho prédio semi-abandonado, em precárias condições de conservação, sem falar nas condições de segurança, praticamente inexistentes: vidraças quebradas, portas - à exceção de uma - fechadas à base de trancas de madeira.

Campos, 08 de junho de 1988

Lóilce Gomes de Oliveira
- Chefe da Biblioteca -